

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO AGRÍCOLA E EXTENSÃO RURAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Amábile Tolio Boessio

**GÊNERO, PERFORMANCE E EXPERIÊNCIA: UM DESCORTINAR
DA PESQUISA EM CONTEXTOS RURAIS MEDIADA POR AFETOS**

Santa Maria, RS
2021

Amábile Tolio Boessio

**GÊNERO, PERFORMANCE E EXPERIÊNCIA: UM DESCORTINAR DA PESQUISA
EM CONTEXTOS RURAIS MEDIADA POR AFETOS**

Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andréa Cristina Dörr

Santa Maria, RS
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Boessio, AmáBILE Tólio
GÊNERO, PERFORMANCE E EXPERIÊNCIA: UM DESCORTINAR DA
PESQUISA EM CONTEXTOS RURAIS MEDIADA POR AFETOS /
AmáBILE Tólio Boessio.- 2021.
212 p.; 30 cm

Orientadora: Andréa Cristina Dórr
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós
Graduação em Extensão Rural, RS, 2021

1. Mulheres rurais 2. Extensão Rural 3. Virada
estética 4. Reconhecimento I. Dórr, Andréa Cristina II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

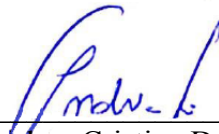
Declaro, AMÁBILE TOLIO BOESSIO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Amábile Tolio Boessio

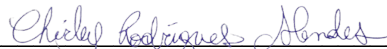
**GÊNERO, PERFORMANCE E EXPERIÊNCIA: UM DESCORTINAR DA PESQUISA
EM CONTEXTOS RURAIS MEDIADA POR AFETOS**

Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**.

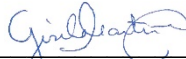
Aprovado em 05 de agosto de 2021:



Andrea Cristina Dörr
(Presidente/orientadora)



Chirley Rodrigues Mendes



Gisele Martins Guimaraes



Rennan Lanna Martins Mafra



Sônia Caldas Pessoa

Santa Maria
2021

DEDICATÓRIA

Para vó Nely, minha mãe, Aline, Azaleias, Margaridas, Flores do Campo, Joias, Girassóis e todas as mulheres que me habitam e que me permitem nelas habitar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço por estar viva!

Agradeço por não ter sido uma das mais de 539 mil mortes ocorridas em decorrência da COVID-19 e sinto profundamente por cada vida que perdemos para uma doença da qual já havia vacina.

Sou grata por não ter desistido! Agradeço à Aline Barasuol, minha família, que esteve comigo em todos os momentos, que me fez acreditar que seria possível. Em alguns dias, se não fosse por ti, eu teria encontrado outros rumos, gratidão por ser meu alicerce e por me nutrir sempre quando eu mesma esquecia de mim.

Guilherme, Sirius (que partiu), Gaia, Lancelot, Aurora, Marcelo, Mel e Mitú, minha família felina, agradeço a alegria diária, por terem chegado um por um ao longo dos últimos três anos.

Agradeço a compreensão de minha família, em especial minha mãe e minha avó (que não está mais aqui) por todas as minhas ausências. E agradeço por vocês duas terem me ensinado a importância de estudar e de sonhar. Sou grata pela chegada do Florêncio, gatinho da Dona Nely que com sua partida faz companhia para minha mãe e nos proporciona momentos felizes e de muita fofura.

Pai, Jocelaine e Roger, gratidão pelo afeto e por acreditarem sempre em mim.

Aos demais familiares eu agradeço em especial a tia Marléte e o tio Nuca por estarem sempre presentes. Agradeço também a Marta e o João por serem presentes.

Agradeço a Carol minha prima, que mesmo a muitos e muitos quilômetros de distância está sempre em conexão comigo, acreditando, me animando e sendo família.

Família Barasuol, muita gratidão por tudo, sempre! Gratidão Eduardo, em especial por ajudar muito em nossas mudanças. Agradeço a Elenir, ao Antonio e ao Adriano, vocês são muito importantes para mim e acolheram a Betina, nossa cachorra dinossauro e cuidam dela com muito amor.

Ao meu amigo Camelo que sempre esteve presente apesar da distância, minha gratidão. Agradeço também à Bel por sermos confidentes nas angústias acadêmicas e em sonhar novos mundos. Tayse e Thácyra que com seus sotaques e presença poética nordestina me ensinaram muito sobre a vida, sobre o amor, sobre amizade e parceria, muito grata amigas!

Agradeço à minha amiga Bianca por ter me acolhido em viagens de campo à Porto Alegre e por seus aparatos bruxísticos, me mantinham confiante e perseverante.

À Carol Ferreira que com suas medicinas me auxiliou no processo de finalizar esse ciclo de forma amorosa, minha gratidão irmã!

Agradeço à minha amiga Renata por cuidar dos meus corpos com suas taças por meio de massagens do som.

Tenho muita gratidão pela Luísa que me introduziu no Ayurveda, medicina milenar que foi profunda e se tornou presença.

Meu muito obrigada à Reginalda que com suas gotinhas que geram profundezas me ampara na caminhada acadêmica desde os tempos do mestrado.

E sou grata as tantas outras formas medicinas que estiveram comigo ao longo dessa trajetória.

Às amigas, amigos e amigues eu agradeço por compreenderem minhas ausências. Imagino outros tantos agradecimentos que nesse momento me escapam.

Agradeço a Lígia, psicóloga que deu todo suporte para que eu continuasse no doutorado, sem ela, esse texto não poderia existir. Assim como ao Joel com quem iniciei acompanhamento quando precisei mudar de cidade, quem me colocou em contato com a psicologia profunda.

Tenho muita gratidão à Jacqueline Moraes por ter me ensinado sobre o pensamento de Judith Butler e por ter me indicado a Chirley para compor a banca, sem isso talvez eu não tivesse tido coragem de finalizar o texto.

Agradeço a Chirley, Gisele, Rennan e Sônia pela grata alegria em tê-los no momento do rito da defesa. Agradeço em especial o Rennan por, mesmo que distante fisicamente, e com conversas espaçadas, me acolher e entender tão bem o que eu nem mesma conseguia dizer.

Agradeço às e aos docentes do PPGExR por todas as trocas, por todos os ensinamentos e desconstruções. Sou grata em especial à minha orientadora, Andrea, pelo apoio, diálogos e confiança.

Agradeço todas as mulheres das Comissões de Mulheres do Movimento Sindical, pela presença, pelas partilhas, afetos, possibilidades, por todo o reconhecimento e construção, essa tese é por e com vocês. Agradeço aos STRs municipais, às centrais regionais, à FETAG/RS e à CONTAG, me senti em casa com vocês!

À CAPES¹ pela concessão de 36 meses de bolsa. E à Universidade Federal de Santa Maria – UFSM pelo apoio institucional. Também à Universidade Federal do Rio Grande – FURG pela oportunidade de atuar como docente enquanto realizava o doutoramento. Só assim foi possível a realização desta pesquisa.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Viva as universidades públicas!

Viva a educação pública e de qualidade!

“As inquisições não são monopólio das igrejas e não se fazem só com lenha e fogo. É muito difícil viver na universidade e continuar a cultivar os próprios pensamentos. É muito mais seguro ficar moendo os pensamentos dos outros”.

“A educação é incompatível com a pressa. O tempo da alma é vagaroso”.

(Rubem Alves)

RESUMO

GÊNERO, PERFORMANCE E EXPERIÊNCIA: UM DESCORTINAR DA PESQUISA EM CONTEXTOS RURAIS MEDIADA POR AFETOS

AUTORA: Amábile Tolio Boessio
ORIENTADORA: Andrea Cristina Dörr

É tarefa difícil escrever a sinopse de um texto que se propõe ser uma experiência. Se faz necessária a recusa em revelar, por meio de uma narrativa esmiuçada, os detalhes do desfecho da obra. Há, no entanto, que informar que esta tese é mediada pelos afetos, assim como foi afetada pelas e pelos sujeitos que entrecruzaram seu processo gestacional e de concretude, afetou e continuará afetando por meio deste texto-experiência. Talvez agora, eu possa introduzir a temática: mulher, sujeito não reconhecido em tantos espaços, menos ainda no rural, menos ainda nos espaços que a ela não foram pensados e autorizados. O que uma mulher é autorizada a ser? Qual é o espaço que compete à uma mulher? O que é ser mulher? Reflito e considero também que esta tese não apresenta como temáticas somente o gênero, o rural, a experiência estética, os afetos, a performance, o reconhecimento, mas também os atravessamentos que estão para além do encontro entre sujeito que pesquisa e sujeito que é voz da pesquisa. Por isso anuncio que a tentativa neste texto-experiência foi de permitir a expressividade que a própria experiência afetiva pulsava, sem que eu pudesse determinar os ditos, sem que minhas limitadas lentes pudessem abafar as histórias contadas por vozes plurais com toda sua individualidade que importa. O texto é vivo e pulsante de narrativas de si, esse que foi escrito com e não sobre elas. Um texto que dá protagonismo as experiências de vida de mulheres vinculadas à contextos rurais e que se fazem presentes no movimento sindical, com centralidade nas comissões de mulheres vinculadas à FETAG/RS. O texto nos provoca ainda, em seu reconhecimento como performativo, a refletir, a partir do nosso encontro também com o que Judith Butler vem nos apresentando com seus escritos e contribuições teóricas no pensar os corpos, no pensar gênero enquanto performativo a partir da luta por reconhecimento. Convido para que com Paulo Freire, olhemos para a educação e a Extensão Rural com outros olhos, olhos esses da comunicação e do diálogo. Entendo que vincular às pesquisas na Extensão Rural com a proposta de pesquisas mediadas por afetos, pode ser um caminho, não só possível, mas que amplie nossos horizontes investigativos. Estou aqui em posição de comunicação, em uma nova partilha do sensível, apresentando um texto-experiência permeado pelos afetos e encorajado pela virada afetiva. Esse texto-experiência dá seus primeiros passos, e se alinha à elaboração de um texto que dialoga com quem lê, com quem entra em contato com a experiência recriada. É por isso que convido quem até aqui chegou, a permitir-se afetar, a adentrar este texto-experiência como alguém que comigo o tece.

Palavras-chave: Mulheres rurais. Extensão Rural. Virada estética. Reconhecimento.

RESUMEN

GÉNEOR, PERFORMANCE Y EXPERIENCIA: UN DESCORTINAR DE LÁ INVESTIGACIÓN EN CONTEXTOS RURALES MEDIADA POR AFECTOS

AUTORA: Amábile Tolio Boessio
ORIENTADORA: Andrea Cristina Dörr

Es una tarea difícil escribir la sinopsis de un texto que pretende ser una experiencia. Se hace necesario la negativa en revelar, a través de una narrativa detallada, los detalles del resultado de la obra. Sin embargo, es necesario informar que esta tesis está mediada por los afectos, así como también fue afectada por las y los sujetos que entrelazaron su proceso gestacional y de concreción, afecto y seguirá afectando a través de este texto-experiencia. Quizás ahora yo pueda introducir el tema: mujer, sujeto no reconocido en tantos espacios, menos aún en el medio rural, menos aún en los espacios que no fueron pensados y autorizados para ella. ¿Qué se autoriza a la mujer ser? ¿Cuál es el espacio que compete a la mujer? ¿Qué es ser mujer? Reflexiono y también considero que esta tesis no solo presenta como temas el género, lo rural, la experiencia estética, los afectos, la performance, el reconocimiento, sino también los cruces que van más allá del encuentro entre el sujeto de investigación y el sujeto de voz. de la investigación. Por eso anuncio que el intento en esta experiencia-texto fue permitir la expresividad que la propia experiencia afectiva pulsaba, sin que yo pudiera determinar los dichos, sin que mis limitados lentes pudieran sofocar las historias contadas por voces plurales con toda su individualidad que importa. El texto está vivo y palpita con narrativas de sí mismo, que fue escrito con ellas y no sobre ellas. Un texto que da protagonismo a las experiencias de vida de mujeres vinculadas a contextos rurales y que están presentes en el movimiento sindical, con centralidad en las comisiones de mujeres vinculadas a FETAG/RS. El texto también nos provoca, en su reconocimiento como performativo, a reflexionar, a partir de nuestro encuentro con lo que Judith Butler nos ha venido presentando con sus escritos y aportes teóricos en pensar los cuerpos, en el pensamiento del género como performativo desde la lucha por el reconocimiento. Con Paulo Freire, los invito a mirar la educación y la Extensión Rural con nuevos ojos, ojos de comunicación y diálogo. Entiendo que vincular la investigación en Extensión Rural con la propuesta de investigación mediada por afectos puede ser un camino que no solo es posible, sino que amplía nuestros horizontes investigativos. Aquí estoy en una posición comunicativa, en un nuevo compartir de lo sensible, presentando un texto-experiencia permeado por los afectos y animado por el giro afectivo. Este texto-experiencia da sus primeros pasos, y se alinea con la elaboración de un texto que dialoga con quienes leen, con quienes entran en contacto con la experiencia recreada. Por eso invito a los que han llegado hasta aquí, a dejarse afectar, a entrar en este texto-experiencia como quien lo teje conmigo.

Palabras-clave: Mujeres rurales. Extensión Rural. Giro estético. Reconocimiento.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
ABERTURA	13
PARA ADENTRAR ESTA EXPERIÊNCIA	18
PRIMEIRO ATO	23
1.1 CENA – O FAZER DOUTORAL – UMA CAMINHADA TECIDA EM UMA DIVERSIDADE NÃO LINEAR.....	23
1.2 CENA – ESTAMOS EM CRISES (NO PLURAL) – MEU DESLOCAMENTO DAS FERRAMENTAS CONHECIDAS AOS AFETOS E A ADMISSÃO DO SENSÍVEL	41
SEGUNDO ATO	62
2.1 CENA – PATRIARCADO, GÊNERO E UNIVERSALIDADE: A REALIDADE QUE VIVEMOS NÃO É AO ACASO.....	62
2.2 CENA – NO RURAL NÃO É DIFERENTE.....	70
2.3 CENA – PASSOS LENTOS, CAUTELA E RECEIO: ME ENTENDENDO EM MEIO AO GÊNERO, ME RECONHECENDO FEMINISTA	77
2.4 CENA – AGORA A PESQUISA PODE ACONTECER: QUERERES QUE DÃO POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA A ESTA EXPERIÊNCIA.....	79
TERCEIRO ATO	83
3.1 CENA: MEU INESPERADO ENCONTRO COM AZALEIA, MULHER PULSANTE EM PRESENÇA	83
3.2 CENA: E EU VIM GURIA! SAÍ DE CASA, DA RODA DOS MEUS TACHOS.....	85
QUARTO ATO	104
4.1 CENA – MEUS MUITOS ENCONTROS COM MARGARIDA.....	104
4.2 CENA – A GENTE VAI APRENDENDO, MINHA FACULDADE DA VIDA FOI POR AÍ.....	106
QUINTO ATO	125
5.1 CENA – E EU SÓ PENSAVA: PRECISO, MUITO, CONHECER ESSA MULHER!	125
5.2 CENA – NOSSA! ISSO AQUI É MUITO MAIS DO QUE EU IMAGINAVA!	127
SEXTO ATO	147
6.1 CENA – PLURAIS E EM MOVIMENTO: MEUS ENCONTROS COM JOIA.....	147
6.2 CENA – TÔ EM CONSTRUÇÃO! NA REALIDADE, EU AINDA NÃO CHEGUEI A LUGAR NENHUM, EU AINDA TÔ INDO.....	148
6.3 CENA – TUDO AO MESMO TEMPO: DETALHES DELA MESMA, GENEROSIDADE E DISPONIBILIDADE AFLORANDO POR SEUS POROS.....	157
6.4 CENA – O NÃO JÁ TEM, ENTÃO VOU EM BUSCA DO SIM, EU VOU GUERREANDO, EU VOU INDO, EU VOU INDO E PODEM DIZER QUANTOS NÃO QUISEREM EU VOU TENTAR O SIM, ATÉ QUE EU CONSIGO!.....	158
6.5 CENA – ENCONTROS QUE ECOAM: AÇÕES CONSTANTES PARA ALÉM DO IMAGINADO	168
SÉTIMO ATO	178
7.1 CENA – RESISTI! FUGI, ATÉ QUE ME PERMITI ENTENDER: O MEU ENCONTRO COM JUDITH BUTLER	178
7.2 CENA – RECONHECIMENTO, SUJEITO, PROBLEMA, GÊNERO, PERFORMANCE! TENSIONAMENTOS EM MEIO AOS CAMINHOS COM JUDITH BUTLER.....	179

7.3 CENA – O VIVIDO E O CONTADO: REFLEXÕES QUE EMERGEM EM MEIO AOS DESCONFORTOS.....	190
EPÍLOGO	194
CENA FINAL – O COMEÇO DO FIM OU ENFIM O COMEÇO? UM TEXTO- EXPERIÊNCIA ATRAVESSADO POR AFETOS	194
POSFÁCIO	206
REFERÊNCIAS	208

PRÓLOGO

[Olá! Peço a gentileza que nesse momento mantenha seu celular, e qualquer outro artifício que possa roubar sua atenção, distante. O convite é para adentrar este texto-experiência com presença, com espaço e em silêncio. Então inspira, expira e silencia...]

ABERTURA

Leva tempo...

Leva tempo pra entender que talvez eu não seja o que penso sobre mim

*Leva tempo até que eu passe pelo processo de aceitar o fato em si de que
leva tempo*

*Leva tempo pra a partir daí, eu andarilhar mundos à fora conhecendo o
que não sou eu e abrindo espaço pra o que talvez eu possa, então ser*

Leva tempo, passa água, são muitas pontes, barcos e braçadas

O rio da vida leva tempo

Quanto tempo?

*Talvez nem o tempo saiba quanto tempo leva pra que nos entendamos em
meio ao tempo*

*– Devaneios com, e entre, aos tempos que perpasso em meio ao devir da
própria existência enquanto humana que digo, por meio da palavra, que sou ou que
busco saber o que não sou –*

*(Santa Maria, 9 de novembro de 2020, de frente para um belo e
crepuscular pôr do sol)*

Bem vinda, bem vinde, bem vindo!

Estamos atravessadas, atravessades e atravessados por uma pandemia que marcará nosso tempo. Gostaria de começar este texto com outra fala, mas enquanto o escrevo é exatamente o que nos ocorre. Mudança profunda de quase tudo que conhecemos, em um presente alongado que parece sem fim, nos distanciando da ideia de um futuro, que parece não chegar. Em um exercício metodológico, vinculado ao nosso pensar identitário da INEESOL – Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) de São Lourenço do Sul/RS –, à qual fiz parte nos últimos dois anos durante minha experiência enquanto docente dessa universidade, apelidei de presente alongado, algo que depois descobri, por meio do professor Rennan Lanna Martins Mafra¹, o que dialoga com um conceito de Hans Ulrich Gumbrecht trabalhado em seu livro, publicado no Brasil em 2015, que leva o nome justamente de *Nosso amplo presente – o tempo e a cultura contemporânea*.

No exercício, de forma sintética aqui, a proposta era que a partir das nossas habilidades individuais e, em especial, nossas vontades com relação ao nosso tempo disponível e desejo de aprender e compartilhar com o grupo maior, pensássemos o que era possível de ser realizado, com apoio no que carregamos da história vivida na Incubadora – no passado –, considerando nosso momento em plena pandemia de 2020, que em maio não se sabia quanto tempo a enfrentaríamos. Com isso o exercício em si era olharmos para nosso planejamento, não pensando no futuro que não saberíamos quando chegaria, mas que interagíssemos com esse futuro, o considerando parte desse presente que não se sabia o fim. E então, esse autor que nos provoca pensar a linguagem não como linguagem, mas sim como presença, e que neste livro que recentemente mencionei, nos estimula a refletir sobre o presente na contemporaneidade como atrelado ao passado. “Entre os passados que nos submergem e o futuro ameaçador, o presente se tornou uma dimensão de simultaneidades expandidas” (GUMBRECHT, 2012, p. 85). Nas palavras de Gumbrecht:

o presente comprimido dessa “história” [se referindo ao que propõe Koselleck, de que a humanidade é “historicamente consciente”] acabou por fornecer ao sujeito cartesiano seu habitat epistemológico. Foi neste lugar em que o sujeito, adaptando experiências do passado ao presente e ao futuro, fez escolhas entre as possibilidades oferecidas pelo último. Escolher opções entre as coisas que o futuro aguarda é a base e moldura para o que chamamos “ação” (GUMBRECHT, 2012, p. 85).

¹ Professor do Departamento de Comunicação Social e docente permanente vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Talvez eu sinta que o texto pede para iniciar assim, em respeito ao que estamos experienciando, de forma coletiva e profunda, pois para além de ampliações de tempo específicas a mim, a feitura desta tese se ampliou temporalmente, de forma inevitável, aos complexos desdobramentos, em especial, psíquicos tanto vinculados à pandemia quanto as dores do nosso tempo. Ser brasileira, no Brasil, em 2019, 2020 e mais ainda em 2021 é desafiador, é dilacerador e este texto pode exprimir em suas veias a dor que é ver de tão perto os efeitos de uma modernidade transbordada em efeitos na contemporaneidade.

Talvez agora, eu possa introduzir o tema: mulher, sujeito não reconhecido em tantos espaços, menos ainda no rural, menos ainda nos espaços que a ela não foram pensados e autorizados. O que uma mulher é autorizada a ser? Qual é o espaço que compete à uma mulher? O que é ser mulher? No gênero, quem sofre os mandes e desmandes de uma sociedade que é pensada, projetada por e para homens, é na mulher, a tal não homem, pensando com Simone de Beauvoir, que recai o peso, o sobrepeso.

Escolho falar como mulher, como pós-graduanda que não teve a garantia de manutenção da vida assegurada pelos órgãos de fomento, pois o tempo concedido de bolsa é inferior ao tempo disponível para elaboração de todo o doutorado. Assim como tantas outras, outres e outros colegas, que vivem na angústia de não saber se o trabalho final teria ou terá condições de acontecer, por inúmeros fatores, de ordem subjetiva, ou ainda da vida prática e cotidiana, tal qual por exemplo se estaremos com saúde e com vida considerando o cenário e as prioridades demandadas pelo governo e instituições que nos hierarquizam.

Então, considero que esta tese não apresenta como temáticas somente o gênero, o rural, a experiência estética, os afetos, a performance, o reconhecimento, mas também os atravessamentos que estão para além do encontro entre sujeito que pesquisa e sujeito que é voz da pesquisa. Ao longo do processo de traduzir as ideias e os sentimentos em texto, em palavra que simboliza significados, percebia minha necessidade de expor mais que um “produto” acadêmico de finalizar de um doutoramento, mas uma espécie de um manifesto inclusive metodológico, pensando a caminhada, as interfaces, os desdobramentos velados que quem vive da e na pesquisa é submetido e, quase sempre, é convidado a não mencionar, afinal aquilo pode ser interpretado como um erro metodológico e isso na ciência é heresia.

E então evoco a Arte, faço a mística, tão inspirada pelas mulheres que dão vida ao texto, que me tocaram, me afetaram em suas presenças e ausências cotidianas e me oportunizaram, também, entender as tantas outras possibilidades de ser mulher que nunca nos foram contadas,

que sempre foram produzidas nos encontros com outras como nós. A fala da Azaleia², sobre a mística, ilustra o que é esse momento tão singular, conectivo e característico no Movimento sindical³, sempre onde se encontram mulheres que dão e são corpo das Comissões de Mulheres⁴ espalhadas pelo território, não só gaúcho, mas das organizações de mulheres trabalhadoras rurais, trabalhadoras do campo, da floresta e das águas de toda extensão de nosso país.

Entra Azaleia, vem nos contar, o que é, para ti, a mística?

A gente faz a mística assim óh! Porque tu tem que te ligar naquilo, né? Então tem que ter o simbólico, tem que ter aquilo que te traz pra realidade. O que te traz pra realidade, porque no nosso entendimento a gente não pode começar nada simplesmente por começar. E faz a diferença. Quando tu chama as pessoas pra refletir antes de começar elas se concentram melhor e tu dá o início da coisa, tu dá o motivo pelo qual tu tá ali! E essa coisa mística é muito humano, né?! É muito assim... pra mexer com o individual de cada um, por isso que a gente faz. E a formação⁵ nos traz muito isso, do místico, daquela coisa que não tá se enxergando, daquela coisa invisível, mas que tá presente, sabe?! Pra que a gente se sintonize melhor. Eu, pra mim, a mística é isso. É pegar o fio da meada, né?! Começar a coisa bem feita. Porque assim óh, a gente nota nitidamente, que nem nós aqui, o departamento, a gente tem essa preocupação e daí quando tu vai numa outra área que não é da nossa, que não tem, que tem pessoas que não tem esse conhecimento, que aí começam um evento do nada! Parece que não se liga as coisas né?! Então a mística é pra fazer a ligação (AZALEIA, 2020).

Neste instante convido você a sentir a mística de abertura desse nosso encontro que se dará a cada palavra, frase, parágrafo, página, histórias, trajetórias, conceitos, dentre outras possibilidades. Para essa ocasião, escolhi uma música que ouvi em alguns eventos das Comissões de Mulheres, em níveis regional, estadual e nacional, em especial, já no formato online por conta da pandemia.

² Azaleia é uma das mulheres que corporificam o texto. E desde aqui informo que os nomes utilizados foram sugeridos por cada uma das mulheres com quem tive a oportunidade de aprofundar prosas.

³ “O Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais, é fruto direto da articulação de lutas pela posse de terra, pela conquista do direito ao trabalho e à dignidade humana protagonizadas por sujeitos que buscavam a inclusão e a transformação sociais. [...] Estas lutas culminaram em organizações que forjaram lideranças, projetaram utopias e sonhos, dinamizaram movimentos sociais e formaram cidadãos que perceberam, a partir de então, que o ser humano pode parar de morrer num país eivado de injustiças estruturais, administrado secularmente por tradicionais oligarquias que antes e acima de tudo visavam sempre o próprio bem. [...] Já desde sua origem, o Movimento Sindical alicerçou sua existência a partir do pressuposto intransferível de que veio para “por em movimento” ou dar maior dinamicidade e consistência às lutas, aos esforços e às buscas dos movimentos sociais do campo daquele tempo. Sua capacidade organizativa transformou-o num grande agente catalisador que fez emergir muitas mobilizações, muitas conquistas, muitas organizações comunitárias, associativas e solidárias. Segundo José de Souza Martins, o surgimento dos movimentos sociais, urbanos e rurais, fora de enquadramentos partidários, foi de certo modo uma grande novidade na sociedade brasileira, uma nova forma de expressão social que se combinou com o florescer de novos sujeitos sociais e políticos” (FRITZEN, 2019, p. 1).

⁴ A FETAG/RS – Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul –, bem como as unidades sindicais e regionais vinculadas a ela, dentro de sua estrutura organizacional conta com três comissões, sendo elas: de Mulheres, de Jovens e de Aposentadas e Aposentados.

⁵ Ao dizer formação, Azaleia se refere à ENFOC – Escola Nacional de Formação da CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, que retornará ao texto ao longo das páginas.

A música é de Flaira Ferro e é intitulada Germinar⁶

*Nascemos imensidão
Perdemos a conexão
Pela doença de ouvir
A voz da falsa razão*

*Abrindo os olhos sem acordar
Fechando o olho da intuição
Abrimos mão de enxergar
O desabrochar da vida*

*Obedecer, entristecer
Procrastinar
Sem tempo de ser
O que a nossa alma pede*

*Dentro de nós acumulamos pesos cruéis
Acreditando que é assim que a vida é*

*Tá na hora de reagir
Entender que somos gigantes
Ocupar o nosso lugar
Acolher nossas almas*

*Nunca é tarde pra replantar
Nossa terra é de amor infindo
A semente vai germinar
É assim que a vida é*

Esse texto, que já iniciou, começa contando a própria história, como ele passa a ser quem ele é, pois de início se pensava que ele seria uma outra coisa. Enquanto traduzo meus pensamentos em abertura, as reflexões que o texto e o experienciar das múltiplas realidades sociais, faz pensar nos chás de revelação do sexo do bebê ou seria do gênero? Tão atuais e ao mesmo tempo nada atuais, pois só revelam o quanto insistimos em alocar os corpos de outras pessoas em papéis sociais predeterminados por textos pretéritos advindo de uma lente de ler e fazer mundo.

Judith Butler que oportuniza pensar o que acabo de dizer, pois é em seu livro *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, – lançado nos EUA em 1990 e é o primeiro livro dela traduzido no Brasil em 2003 – que tensiona sexo/gênero. Na obra mencionada, na subseção *Gênero: as ruínas circulares do debate contemporâneo* ela diz:

Haverá “um” gênero que as pessoas *possuem*, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa *é*, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?” Quando teóricas feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? Porventura a noção de

⁶ Convido você nesse momento a apreciar a atuação de Flaira: <https://www.youtube.com/watch?v=tZ3Vtvo1vI0>

“construção” sugere que certas leis geram diferenças de gênero em conformidade com eixos universais da diferença sexual? Como e onde ocorre a construção do gênero? Que juízo podemos fazer de uma construção que não pode presumir um construtor humano anterior a ela mesma? Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2019, p. 28).

Mas por que redigir o texto me remete a isso? Pois bem, me sinto ao entrar no doutorado, tendo revelado o que eu entendia que o texto viria a ser, e em meio ao convívio, aos momentos cotidianos experienciados nos anos que envolvem a formação do doutorado, percebi o que ele queria ser, ou talvez o que ele mesmo já era. Tudo isso me faz lembrar da minha entrevista de doutorado, onde um dos professores insistia em me perguntar qual era a minha “tese”. Abraçado e imbuído de seus paradigmas me pedia pela minha tese central, me questionava as hipóteses, sem sequer ter a sensibilidade de perceber que de onde eu falava isso não ocorria dessa maneira, diferente de suas bases que considera “o método”, aquele único, centralizador e universal que determina o que é válido ou não no mundo da pesquisa. O que me parece que ele sugeria naquele momento, é que eu, assim como os chás de revelação, determinasse o destino da minha escrita final, o que só poderia ocorrer com o passar do tempo em experiência vivida na trajetória do curso. E então, somente agora, posso perceber que ele, o texto, não era mais o que eu o predefinía dentro das minhas limitações, mas sim me ensinava, expandia e passou a ser encontro. Passou a ser afeto. Passou a ser manifesto.

PARA ADENTRAR ESTA EXPERIÊNCIA

“Aceitar ser desformado, primeiro nosso corpo, e então nosso pensamento, pelos fetos sutis, é a aprendizagem, que é a saborear e a transmitir” (MORICEAU, 2019, p. 46).

Quando iniciamos um texto, em especial os acadêmicos, temos uma tendência naturalizada em utilizar de estratégias que levem o leitor a defini-lo como tal, temos em si o “dever” de oportunizar ao expectador uma facilidade em colocar o, enfim produto, em uma caixinha confortavelmente, de tal forma que ele, o texto, se sinta à vontade naquele espaço que lhe cabe. Porém, as palavras aqui já ditas, assim como as próximas linhas e páginas que seguem, de forma alguma têm por intuito trilhar esse modelo estipulado e esperado, pois o texto segue com linguagem assim como acadêmica, por vezes resvalando e a deixando de ser. Aviso de antemão que o texto é em primeira pessoa do singular, entretanto em alguns momentos será

possível avistar um ou alguns “nós”, afinal que pensamentos são construídos de forma individual? Sendo assim, a primeira pessoa do plural será percebida e sentida no decorrer das páginas.

Enquanto escrevia e refletia sobre a escrita, sabendo que este texto está alocado em uma área, que por mais que “pertença” às ciências agrárias, na prática é interdisciplinar, e mais ainda transdisciplinar. E por isso, quem entrar em contato com essa experiência textual pode pensar, por diversos momentos, que alguns fragmentos dessa narrativa estejam demasiados ou que pareçam óbvios, mas lembremos que nem tudo o que eu, dentro da minha área específica sei, é sabido, apropriado e/ou compreendido por outras áreas do conhecimento. Assim como pretendemos, esse texto e eu, dialogar não apenas com o mundo acadêmico, das cabeças já (supostamente) pensantes e sim ser ponte para quem se quer pensou que um texto acadêmico poderia ter tal forma comunicativa.

“Falar do mundo a partir da experiência”, como nos diz Eduardo Duarte (2014, p. 37), professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, com “o que parecia ser um sacrilégio de ser mencionado nos círculos científicos, a cada dia ganha uma maior permissividade nesses ambientes, como se o caminho que a ciência percorreu nos seus tempos modernos encontrassem limites para conseguir dizer mais do seu fazer”.

olhar o mundo a partir da experiência é um exercício que o pensamento faz desde tempos mais remotos, pondo o homem [leia-se: humanidade] em constante procura sobre as causas e as regularidades dos fenômenos, para em seguida investigar suas consequências e regras internas (DUARTE, 2014, p. 38).

O texto de Jean-Luc Moriceau, professor do Institut Mines-Télécom – Évry, França – *A virada afetiva como ética: nos passos de Alphosos Lingis*, que retornará nessas páginas quando do momento em que os deslocamentos paradigmáticos se mostram nessa narrativa, por si só mostra o vigor que faltava para que eu mesma compreendesse o que já me atravessava por meio da pesquisa e que também permeava a própria materialização da tese. Aqui, informo que as pesquisas de Moriceau são alocadas na comunicação organizacional e que tem sido profundamente estudadas pelos estudos na área da comunicação, por exemplo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais – PPGCOM/UFMG, há o Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidade.

Assim como Paulo Freire me alinho ao termo *comunicação* ao invés de *extensão* quando nos referimos à prática educadora com as populações rurais, que em grande parte ocupa

centralidade nas pesquisas vinculadas à Extensão Rural. Em seu livro *Extensão ou Comunicação?* – que observaremos mais apropriadamente no decorrer da experiência – responde de forma negativa à *extensão*, afirmando que para ele o termo mais adequado é *comunicação*, pois o fazer educativo de forma verdadeira estaria contido na ação comunicativa e essa está a léguas do primeiro termo (FREIRE, 2002). Paulo Freire foi um educador brasileiro, conhecido e respeitado mundialmente, em primeiro momento por seu método de alfabetização de adultos e posteriormente por sua pedagogia que prioriza a práxis e a autonomia no processo de ensino e aprendizagem. Freire nos proporciona olhar a educação com outros olhos, o da comunicação, do diálogo, pois pauta toda sua contribuição pedagógica na dialogicidade. Logo, entendendo que vincular às pesquisas na Extensão Rural com a proposta de pesquisas mediadas por afetos, pode ser um caminho, não só possível, mas que amplie nossos horizontes investigativos.

Moriceau (2019, p. 41) nos diz que pela nossa capacidade de afetarmos e sermos afetados enquanto pesquisadores, nos coloca em uma posição de comunicação e que esta necessita “ser considerada eticamente”, nessa interação permeada por afetos “o que é comunicado são primeiro antes de ser (possivelmente) transformado em conceito”. E ainda, “o corpo e o narrar de si do pesquisador são a mídia dos afetos, eles são importantes”. Como veremos ao longo do texto, “o pesquisador tem gênero, raça, posição social, história, conhecimento. Mas um si imerso em um mundo, afetado e afetando, sensível e sentindo, plural singular mas opaco, um si capaz de aprender, de revisar sua narrativa de si” (MORICEAU, 2019, p. 42).

O dito até aqui enuncia o que compreendemos por *virada estética*, o que significa dizer que aqui temos uma nova partilha do sensível permeada pelos afetos e mediada pela própria biografia de quem escreve. Moriceau (2017) ao citar Rancière (2008) nos sinaliza a não oposição entre os regimes estético e representativo, pois não é intenção tornar o regime representativo obsoleto, mas sim fazer uma reviravolta e uma reinterpretação dos códigos, regras e lugares. Camila Alves Mantovani, Sônia Caldas Pessoa e Stephanie Boaventura (2019, p. 87), integrantes do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades, em artigo publicado no livro *Afetos: Pesquisas, reflexões e experiências em 4 encontros com Jean-Luc Moriceau*, ao refletirem sobre os afetos nas ciências e a crise da representação, discorrem que,

as convenções, sejam elas acadêmicas ou sociais, quando naturalizadas, podem engessar o movimento do pensamento. Um exemplo disso é como tendemos a esconder, no relato dos processos de pesquisa, os erros, as falhas, simulando uma linha de progresso contínuo que teria desaguado na própria representação. Mas como

contabilizar, nesse registro, a responsabilidade do acaso em nossas pesquisas? Como visibilizar o papel desempenhado pelos afetos, por aquilo que escapa à razão, ou mesmo pelas tiranias do nosso próprio ponto de vista, marcado por tantas experiências singulares e coletivas?

O fio invisível, sempre ignorado, que liga àquelas e àqueles que pesquisam com quem é pesquisado e/ou pesquisada, e até mesmo com os objetos que se pesquisa, nesse momento passa a ser convidado a compor o corpo textual. Aqui, nessa outra forma de viver a pesquisa e de reavivar a experiência por meio da partilha escrita, temos o compromisso de expor, de relatar, de desenhar, de (de)compor o processo que forma o arranjo do fazer investigativo, em conexão afetiva com tudo o que circunda essa prática. A composição de tal forma textual se dá em performance, dito de outra forma, o fazer investigativo aqui narrado é comunicado através da escrita performativa. Acerca disso, Mantovani, Pessoa e Boaventura (2019, p. 89) discorrem que,

a escrita performativa, em vez de partir da distância arbitrária entre sujeito e objeto, e entre pesquisador e leitor deixa brotar o inesperado do contato afetivo entre eles. Essa escrita nos permite inserir novos movimentos entre esses sujeitos, num esforço contínuo de reflexividade que, ao recuar e colocar em perspectiva seus próprios pressupostos, abre o texto para leituras criativas, sensíveis, afetadas. Assim, tomar uma nova distância da representação, como modelo absoluto de comunicação científica, pode ativar nosso potencial para afetar o mundo. Mas estamos aptas a enfrentar tais desafios?

A resposta para essa pergunta que desperta intensa reflexão, faz-me pensar o quanto ainda nos mantemos engaioladas e engaiolados, resultado do enraizamento dessa forma homogeneizante de educação, de pensar mundo, de reproduzir a realidade e de experienciar a vida. E ao refletir com as autoras quando essas compartilham que “o caminho tradicional é conhecido: afastar-se para melhor compreender, articular, inferir e propor. É preciso não se deixar contaminar, a ciência pede assepsia. Mas queremos mesmo ser assépticas? Esse lugar conhecido, testado e verificado, não é mais opção”. Com isso dito, respondo à pergunta feita por elas e digo que não tenho outra escolha se não me lançar nesse mar desconhecido e reconhecer-me imersa no caminho da pesquisa afetiva, mesmo com todos os riscos explícitos e todos os outros que, nesse momento, sou incapaz de perceber. E digo, com elas, “do porto seguro da representação, tomamos distância, nos lançamos aos mares da afetação, um exercício mútuo, complexo e revelador” (MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 90).

Nesse exercício retorno à Moriceau (2017), quando este interconecta a nova forma de compreendermos o papel de quem é pesquisada e pesquisado e das leitoras e dos leitores da pesquisa. A partir disso Moriceau e Paes (2014) entendem que, nós enquanto quem pesquisa precisamos nos aproximar

de uma expressão mais bruta de seus [de quem é pesquisada e pesquisado] enunciados, se atrelar à justiça e à justeza de seu modo de se representarem, escutar suas opiniões e suas exigências a respeito da representação, sem necessariamente buscar revelar os paradoxos ou as contradições nela presentes. É possível, de outro lado, deixar uma maior parte aos destinatários da representação, sem buscar fechar ou esgotar o sentido. Em vez de buscar a “boa” representação, é mais importante esforçar-se intencionalmente para conduzir os receptores a co-produzir o sentido, almejar uma obra aberta a várias interpretações. Ao dirigir a eles não o sentido pronto, mas propostas de sentido, inícios de explicação e compreensão, expressões produtivas e poéticas, uma representação inacabada, repleta de vários acabamentos possíveis, trata-se de conduzir o espectador a partilhar o trabalho de compreensão, a multiplicar e entrelaçar as representações, a fazer seu próprio “poema” (MORICEAU, 2017, p. 217).

E então, ao concordar com Moriceau (2017) quando ele nos faz refletir acerca do nosso papel enquanto pesquisadoras e pesquisadores, que ao construirmos as representações estamos em um lugar de autoridade que não permite aos leitores e receptores do texto participarem da construção das diversas reflexões possíveis; ao me alinhar a essa proposta de abertura para a elaboração de um texto que dialoga com quem lê, com quem entra em contato com a experiência recriada, convido quem aqui chegou, a permitir-se afetar. Chamo a adentrar o texto como quem comigo o tece, e para quem além da leitura participa da avaliação deste, faço um chamado para compor o texto quando este deveria se encerrar. Esse convite é mais bem explicado após o que chamamos de fim do texto. Por ora desejo uma leitura permissível aos afetos.

PRIMEIRO ATO

Li muitas teses e dissertações, ou ao menos fragmentos de algumas e outras, que me inspiraram, que seus corpos textuais informavam outras possibilidades das quais eu desconhecia ou conhecia muito pouco (talvez ainda conheça muito pouco). Rennan Lanna Mafra, Márcia Eliana Martins, Franciele Coghetto, Jimena Sol Ancin, Rayza Sarmento, Stephanie Boaventura, Chirley Mendes, alguns, que me recordo de pronto, dos nomes dentre tantas e tantos outros, que com suas coragens me inspiram, me mostram ser possíveis outras condições de fazer pesquisa, de tecer texto, de pensar mundos, de desconstruir e também criar e compor.

Pessoas em texto, que me inspiraram profundamente tanto na forma quanto no conteúdo, mas o que elas têm em comum que me tocaram tanto tem relação com o rompimento da estética acadêmica convencional. Enquanto as leio, esqueço que as palavras desenhadas naquelas páginas compõem algo que em primeiro momento nos remetem a uma certa rigidez não poética ou viva, por tanto tempo nos deparamos com “produtos finais” adaptados às caixas com nomes pré-definidos. Outra coisa que esses corpos textuais concordam em suas entregas às leitoras e aos leitores é rigor científico, e ainda é ciência com um texto vivo e pulsante. De antemão agradeço as inspirações, e justamente por me inspirar em tecituras textuais assim é que iniciei a partilha da pesquisa indicando o caminho estético escolhido para percorrer a escrita.

1.1 CENA – O FAZER DOUTORAL – UMA CAMINHADA TECIDA EM UMA DIVERSIDADE NÃO LINEAR

Parte importante e fundamental em um trabalho acadêmico, o problema de pesquisa aparece explanando por vezes de forma mais teórica e em outras mais atrelado ao campo, ao fenômeno, à empiria, acerca de como se chegou até a pergunta central que guiará e conduzirá o caminho das possíveis respostas que encontraremos ao trilhar o feitiço mais concreto da investigação. No entanto, antes mesmo de adentrar ao problema de pesquisa em si, me pergunto: como deixar de explicar o porquê escolhi, ou fui escolhida, pelas temáticas e pela forma como a pesquisa foi desenhada e corporificada? Para responder tal questão me permito recheiar as próximas páginas deste texto com o que costumeiramente se denomina de justificativa, muito embora eu não reconheça que tais elementos que se seguem correspondam somente a essa função.

Como uma pesquisa que tem profundo enlace com a experiência estética percebo que de forma mais intensa os processos experienciados ao longo do trajeto precisam ser escritos, informados, partilhados, (re)desenhados e sentidos, tanto no corpo quanto na produção desses, de uma forma mais extensa, mais orgânica, menos metódica e menos endurecida, muito embora aqui nessa pesquisa possamos perceber processos metodológicos desde o início dessa tecitura. Dessa forma, ao adentrar os motivos que geraram estímulos para o fazer desta tese, começo relatando o meu percurso acadêmico até aqui, e principalmente, a guinada que a vida acadêmica me proporcionou no cursar de meu doutoramento.

O processo do fazer investigativo exige um constante vestir e despir de nós, e a construção desta tese passou de forma intensa por essas etapas em um eterno ir e vir, que inclusive foi experienciado em dilatação de prazos, por duas vezes na qualificação e por mais algumas vezes na defesa final, sendo as últimas prorrogações acompanhadas e justificadas pela presença da pandemia da COVID-19 que tanto nos tem afetado nos níveis individuais e de forma coletiva. Esse processo do gestar e parir que buscou respeitar o tempo das trocas de vestes exigidas por essa elaboração textual, nos faz perceber o quanto o mundo acadêmico delimita os termos e os tempos em que isso deve se dar, tempos estes que por vezes fazem com que os recém-nascidos se pareçam mais com as “avós” e os “avôs”, do que com as próprias “mães” e “pais”. Ou em alguns casos nasçam prematuros necessitando de aparelhamento especializado para seguir a caminhada.

Quando adentrei no doutorado (retornando para minha cidade natal e universidade onde iniciei a trajetória acadêmica) vinha de uma formação com origem no curso de Gestão de Cooperativas⁷, com o trabalho final do curso focado na educação cooperativista – somado ao desafio de ser orientada por um economista clássico – e um grande encanto pelo novo campo que se abria a minha frente, oportunizado pela mobilidade acadêmica no curso de bacharelado em Cooperativismo na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. Nessa oportunidade foi onde o rural se apresentou, naquele momento percebi os novos horizontes possíveis, tanto academicamente quanto de forma pessoal. Ao findar a graduação iniciei o mestrado em Extensão Rural na universidade que me acolheu por um semestre, o qual mudou completamente o rumo que minha formação tomara até ali, a oportunidade de ser orientada por uma antropóloga

⁷ Sou egressa da 1ª Turma do Curso Superior em Tecnologia de Gestão de Cooperativas, o qual tem duração de 3 anos e meio de formação, e até o ano de 2018 não dispunha em sua formação disciplinas e discussões acerca da Economia Solidária, ONGs e outras formas associativas, a não ser por algum projeto ou outro vinculado ao Projeto ESPERANÇA/COESPERANÇA.

foi um grande e incrível desafio que mudou a lente com que eu havia sido ensinada a ver o mundo.

Durante o mestrado tudo era completamente novo e o que eu não abria mão era de fazer o link com minha formação de origem, com isso estudei os processos de sucessão em cooperativas agropecuárias, tendo contato com o cooperativismo mineiro, vinculado à Organização das Cooperativas do Brasil – OCB, e compreendendo a fundamental importância do núcleo familiar para a possibilidade de reprodução social das famílias, das pessoas, dos sujeitos no meio rural. Entretanto, questionamentos surgiam de forma expressiva à medida que alguns assuntos se aprofundavam, a forma de produção convencional da agricultura me inquietava, o fazer cooperativo mencionado acima se tornava cada vez mais contraditório em si e a cada dia eu me reconhecia menos nesse cenário.

Ao iniciar o doutoramento, o projeto ao qual fui aprovada na seleção, pretendia uma imersão em um contexto de jovens sucessores rurais em cooperativas de café no estado de Minas Gerais, era uma continuação e ampliação do que até então eu vinha fazendo, e sabia fazer. O desafio nessa proposta estava em fazer uma pesquisa quanti-qualitativa (seria a primeira vez que me arriscaria nesse formato metodológico, especificamente na pesquisa quantitativa) e uma análise amplificada considerando contextos geográficos. Porém, o primeiro semestre (2016/I) de disciplinas do doutorado, e o retorno ao “lar”, mexeu nas profundezas dessa pesquisadora que vos fala, o que fez com que eu necessitasse romper com a ideia inicial.

Com as lentes que adquiri no mestrado somadas as novas oportunizadas pelo doutorado, pude, e precisei (re)ver o meu Estado de origem com outros olhos, além de conhecer a Extensão Rural por uma outra perspectiva, não tão próxima das cooperativas e às juventudes rurais, lugares habituais às minhas análises. Todas as disciplinas foram impactantes nesse processo, a primeira que consigo perceber que mudou completamente o rumo de investigação de minha vida acadêmica foi “Política e legislação agroambiental” onde eu entendi o que é sustentabilidade, de onde surge todo o debate ambiental, as desconexões com muitas noções pré-existentes em mim, de como deveria ser o desenvolvimento, em especial o rural, e o nosso agir no mundo e sua influência nos resultados desastrosos que se têm visto no impacto da natureza. Nesse mesmo semestre conheci uma comunidade quilombola – Comunidade Júlio Borges no Alto do Jacuí, região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul – e me (re)descobri com características extensionistas que eu desconhecia, revisei os clássicos da sociologia – em outra disciplina – e compreendi o que havia ficado vago durante o mestrado. Nesse momento decidi que meus próximos passos enquanto pesquisadora estariam firmados nos grupos de consumidores de orgânicos, as motivações e tudo que abrange as transições de hábitos de

consumo, pois compreendi que esse caminho é chave para o futuro da Extensão Rural, assim como dos rumos do desenvolvimento.

No semestre seguinte (2016/II), e nos subsequentes, profundas afetações me esperavam. Outras viagens de campo me levaram a mais mudanças de rota, a primeira do semestre foi para Misiones na Argentina – com o intuito de conhecer o Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA, Argentina) e compreender como se deu a implementação da Política Territorial naquele país –, e um mês depois observar a pampa⁸ gaúcha – lugar tradicionalmente conhecido pela produção de pecuária em campo nativo – sob uma lente de pesquisa com foco nas paisagens.

No mês de outubro de 2016 participei da organização do Seminário de Formação em Agroecologia – SEMFA, organizado pelo Grupo de Agroecologia Terra Sul – GATS, grupo ao qual ingressei no ano seguinte e que seus encontros foram fundamentais para a minha transformação acadêmica e pessoal, mas dou destaque para esse evento que, sem que eu soubesse, durante a exposição intitulada *O papel das mulheres na construção do Conhecimento Agroecológico* da Patrícia Lovato⁹, estava sendo plantada uma semente em mim, as mulheres e sua relação com a natureza começava de alguma forma a fazer sentido mesmo que despercebido a olho nu.

Esse segundo semestre aliado à Escola de Verão da AUGM – Asociación de Universidades Grupo Montevideo, com temática: Cooperativismo e Associativismo como Estratégia para o Desenvolvimento Rural – que participei em fevereiro do ano seguinte (2017); deram outra guinada nas ideias sobre a tese. A escola ocorreu em Curitiba/PR, e lá conhecemos o Vale do Ribeira, cooperativas e associações com suas bases na Economia Solidária, dentre elas a COOPERAFLORISTA¹⁰.

Ainda na Escola de Verão, outra experiência significativa foi conhecer a Família Marfil, com a propriedade localizada no município de Bocaiúva do Sul/PR, que comercializa todos os sábados na Feira Orgânica do Passeio Público, em Curitiba/PR. A questão da sucessão, em especial das mulheres ficou evidente, e, a partir daí mais um processo de desconstrução se

⁸ Pampa é bioma, ou seja, é masculino ao considerarmos a questão de gênero linguístico. Porém, escolho utilizar A pampa que é uma construção de debate acerca da importância das mulheres na sua conservação e perpetuação natural e cultural, pois tanto a agricultura como a pampa são consideradas femininas a partir do que vem sendo perpetuado pelo Projeto Pampa da Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

⁹ Graduada em Ciências Biológicas (UNISC/2002), Mestra em Desenvolvimento Regional (UNISC/2007) e Doutora em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (UFPEL/2012). Atualmente é docente do Curso Bacharelado em Agroecologia da FURG – Universidade Federal do Rio Grande em São Lourenço do Sul.

¹⁰ Cooperativa de produtores agroflorestais Areia Branca, composta por membros de uma Comunidade Quilombola, localizada no município de Barra do Turvo, no Estado de São Paulo (Território Vale do Ribeira); fundada em 1996, atualmente (2017) formada por cerca de 110 famílias, organizadas em 22 grupos e chegando a envolver 322 pessoas dos municípios de Barra do Turvo em São Paulo e de Bocaiúva do Sul no Paraná.

iniciava, imersa em debates sobre consumo, produção, sucessão, políticas públicas, com diversos olhares sobre o tema iniciava o que se apresentou como projeto de pesquisa para o processo de qualificação.

(Escolho mencionar aqui, que durante a escola de verão passei por um acontecimento, que nunca antes eu havia passado ou presenciado com alguém, que foi o fato de ter sofrido uma picada de uma aranha marrom no meu pé esquerdo. Digo isso, pois a aranha, em diversas culturas além de, por meio de sua teia, conectar a ideia de multiversos, de múltiplas realidades é conhecida por estar ligada aos arquétipos femininos, sendo eles vinculados às mulheres ou não.

Também, nesse espaço-tempo iniciei processos de mudança alimentar – mais profundos – trazendo uma maior consciência de quem produz e como o faz, e entrei na fila para participar de uma CSA – Comunidade que Sustenta a Agricultura – em Santa Maria/RS, denominada Ressignificar a Vida. Entendi que a minha necessidade de compreensão e envolvimento com o tema eram muito mais parte de minhas mudanças pessoais do que propriamente uma temática que me encantava em pesquisar. Muito embora minhas características de pesquisadora e extensionista auxiliem em processos específicos do grupo que, mesmo tendo ficado afastada por cerca de um ano e meio por ter residido em São Lourenço do Sul, ao sul do estado do Rio Grande do Sul, enquanto me experienciava como docente na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) (de maio de 2019 até maio de 2021), nunca deixou de me afetar, mesmo à distância. Minha vinculação afetiva com o tema como também com a família que cultiva os alimentos e que nos permite a experiência da partilha do cultivo, tornou o retorno ao centro do Estado mais gentil e feliz, quando em meio ao ensino remoto, exigido pela pandemia, necessitei retornar à Santa Maria, ainda como professora substituta da FURG.

(O motivo central do retorno foi o processo de findar da vida concreta, mais acelerado em 2020, de minha avó materna, pessoa com quem residi, junto de minha mãe, dos meus 3 anos até os 20. Dia 25 de agosto cheguei em Santa Maria, com minha mudança e meus até então quatro gatos, e passei todas as noites seguintes, a pedido dela, como acompanhante no hospital, até que em 31 de agosto, próximo ao meio-dia, ela se despediu de nós. Em meio a esse vazio que quando olhava em volta, percebia que se instava na vida de pessoas próximas, ocasionado, em especial pela pandemia, me congelou por instantes que desconheço o quanto).

Retornando ao relato, quando iniciei o semestre de março de 2017, a disciplina que tornaria o processo de doutorado ainda mais desafiador – Teorias do Desenvolvimento – iniciou já fazendo reviravoltas em tudo que eu pensava, complementando as noções despertadas até ali. Na Escola de verão havia ficado evidente para mim o pulsar da presença e ausência das

mulheres em diversos espaços cotidianos, senti a emergência e percebi a urgência do tema. Esse assunto borbulhava conforme eu me aproximava dos discursos da Agroecologia e da Economia Solidária. E foi nesse semestre que tive um afastamento das atividades do doutorado, por motivo de saúde mental, toda essa mudança em conjunto de questões pessoais latentes pelo retorno à minha cidade natal pediram cautela e um momento de reclusão.

(Esse afastamento, não foi ocasionado, mas se efetivou por um evento ocorrido em sala de aula, onde congelei ao ser interpelada sobre o que pensava acerca de um determinado texto, que havia lido e relido, que me fizera refletir muito inclusive, não consegui juntar as palavras soltas que voavam bem diante dos meus olhos. A respiração ficou quase que sufocante, o ambiente escuro e sentia que todas as palavras que eu conhecia formavam um redemoinho em minha frente e eu sequer reconhecia as palavras que, em tese, eu conhecia. A voz do professor ficou distante, a sala se ampliou de tamanho ao mesmo tempo que eu me sentia sufocada. Esse era o meu, já passado, e muito, limite. Em minha cabeça ecoava um mantra, mais ou menos assim: assim não dá mais, desse jeito eu não consigo! Saí de lá, encontrei um colega que me abraçou e chorei. Encontrei outra colega, que é amiga, que é companheira de vida e então ela, a Aline Barasuol, me levou até a coordenação do curso, na época o professor Vicente Celestino Pires Silveira, que me acolheu e me auxiliou no processo de me afastar, e ter a possibilidade de me reorganizar por dentro, por fora e de todas as formas que pudessem me fazer seguir o caminho, ou redefinir a rota).

Oficialmente afastada do doutorado, outras atividades permaneceram, uma delas foi o curso de formação de professores – Programa Especial de Graduação (PEG) de Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica – e a presença em congressos e eventos. Em julho de 2017 tive três eventos marcantes: um deles, já frequentado por mim em outros anos, a Feira Internacional do Cooperativismo – FEICOOOP, que nesse ano pude participar como voluntária na organização e posteriormente (2018) comoicineira nas oficinas: *É hora de respirar*, com o objetivo de conduzir e experienciar momentos de presença e meditativos, e *Autocuidado corporal* com foco no preparo de desodorante e hidratantes corporais com produtos naturais.

Outro acontecimento, foi o primeiro contato com as mulheres que em breve vocês conhecerão por meio deste texto, onde fui convidada para conduzir a oficina *Conhecer a si: o desabrochar do feminino sagrado*, com temática central do Sagrado feminino, no segundo módulo da I ENFOC¹¹ Mulher, organizada pela FETAG/RS, que foi realizada em Ijuí, Rio

¹¹ Escola Nacional de Formação da CONTAG.

Grande do Sul. Nessa oportunidade participaram um total de 43 mulheres – uma das participantes das 44 não pôde estar presente nesse dia – oriundas de todas as regiões do estado do Rio Grande do Sul, discutindo temas relacionados à luta e à organização das mulheres na sociedade e no Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais (MSTTR).

Essa formação foi inspirada na Escola Nacional de Formação da CONTAG – ENFOC, criada em 2006, que se consolida como espaço de reflexão crítica da prática sindical. Sua pedagogia e formação política são fundamentadas pelas matrizes discursivas da educação popular: Teologia da Libertação e Freiriana, Marxista e Gramsciana. Com isso, a ENFOC busca estimular o desenvolvimento de processos formativos continuados em diversas áreas temáticas, possibilitando diálogos, interações e aprofundamento das reflexões sobre o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS, do MSTTR (Movimento Sindical de trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) (ENFOC, 2018). Ou seja, todas as formações da ENFOC são alicerçadas no discurso do Desenvolvimento Rural em uma perspectiva Sustentável e Solidária. Com base nos materiais da Escola é possível compreender que a fundamentação de suas formações está tanto na Agroecologia quanto na Economia Solidária, isto é o que sustenta as narrativas da Escola.

Esse primeiro encontro foi um acontecimento marcante, era a primeira vez que eu falava com mulheres de idades tão variadas sobre um assunto que até então era partilhado, por mim, somente com pessoas da minha “bolha”. O tema que foi solicitado para a oficina tem sido interpretado de maneira essencialista por vários grupos de mulheres, tanto que facilmente se observa um movimento contrário ao “sagrado feminino” advindo de mulheres trans e de homens trans; com razão, pois quando estamos falando de ciclicidade não é algo presente apenas em mulheres cis, assim como não é algo que ocorre somente em quem tem útero. Digo isso, afinal a depender de que corrente e de qual ângulo observamos essa temática, pode, assim como se percebe que é compreendida, de maneira segregadora e como dito, essencialista.

O dia dessa oficina foi uma escola, jamais imaginava que seria afetada da maneira que fui, e ao observar os rostos, os corpos em movimento e lágrimas que escorriam pela face de algumas mulheres presentes, senti que havia encontrado algo. A oficina foi conduzida, como todas que sempre fiz, independente do tema, ouvindo, vendo e sentindo o significado das palavras por essas mulheres. Eram livres para desenhar, escrever, ou qualquer outra ação que nos informasse o que para elas era o tal tema pedido por muitas. Foram diversas as formas de exprimir, mas teve uma que me tocou diferente, uma senhora de 76 anos de idade, desenhou uma flor, na verdade duas cachopinhas de flores, o desenho ornava com galinhos verdes e as flores em tons de rosa e vermelho.

Tá, mas o que tem de especial nisso? Ela foi falando o que ela sentia, partilhando que para ela, sagrada era a natureza e que o feminino também estava na natureza, e que a sutileza das flores fazia ela sentir essa energia do sagrado feminino, mas para além da fala, o que me deixou hipnotizada foi que o desenho era a representação perfeita do útero, trompas e ovários.

Aquele desenho perfeito ficou ecoando em minha mente, fui amplamente afetada. E o que fazer com isso? Até então eu só estava observando que aquele grupo iria compor minha pesquisa de doutorado, a chave que eu precisava de acesso estava aberta e os tensionamentos do feminismo já me sacudiam por dentro, assim como na própria corporeidade externa.

O tema proporcionava uma profunda reflexão acerca dos apagamentos da ciclicidade natural, de nós mulheres cis em conexão com nossos úteros, inseridas na lógica de vida moderna, com características predominantes de um sistema patriarcal. Na oportunidade, como em toda a pesquisa, as mulheres com as quais dialoguei e convivi são todas mulheres cis, ou seja, pessoas que nasceram em corpos categorizados como femininos e foram identificadas como mulheres ao nascer, e se reconhecem nessa classificação. Conduzir esse momento foi uma das sensações mais transformadoras! Presenciar e experienciar com mulheres, em sua maioria, entre a idade da minha mãe e minha avó materna, desenhando, meditando (em respiração consciente) ouvindo a própria respiração e as batidas do coração. E também, percebendo o quanto somos natureza, uma percepção de que não fazemos parte, mas sim somos como a própria terra. Ali eu soube, são elas! São essas as mulheres que transbordam e traduzem, do lado de fora de mim, muito do que eu mesma observava, naquele momento, o que aqui dentro se passava.

Um ponto que poderia passar sem ser dito, mas que atravessa o que descrevi a pouco, e ainda, que foi questionado durante a banca que avaliou o projeto quando da qualificação, pela professora Tatiana Aparecida Balém – professora no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), Campus Júlio de Castilhos, é o fato de que sou, além de professora e pesquisadora, terapeuta holística. Isso para ela era evidente nas minhas falas e na própria proposta da pesquisa, muito por termos nos conhecido pessoalmente em um espaço de práticas holísticas que co-fundei e co-gesteei com outra colega. Inclusive, tocando nesse assunto, resisti muito em dar a oficina sobre Sagrado feminino, muito pelas distorções que presenciamos em diversos grupos e mulheres que trabalham com a temática, por vezes fantasiando e excluindo outras mulheres, assim como pessoas que mesmo não se identificando com esse gênero menstruam, ou que querem se conectar com outras perspectivas de estar no mundo, a partir de um olhar cíclico e que respeita as estações de fora e de dentro de cada corpo.

Falar de ciclicidade com as 43 mulheres, e não para elas, havia aberto um canal comunicativo que se expandia, e após o último evento mencionado, esse que resisti e que de forma tão visceral me afetou, fui convidada para outro evento, de mesma temática, com algumas dessas mesmas mulheres, mas para mais, em um número aproximado de 365. Como fazer isso? Não fazia ideia, e ao mesmo tempo que não podia dizer que não faria essa oficina, com a mesma temática da anterior, mas em um cenário bastante diferente – ou seja, o próprio “texto” necessitava de adaptação – buscava compreender qual era a minha questão nesse lugar, nesse campo. Como já dito o reconhecimento saltava de boca em boca, a todo momento era essa a palavra que eu ouvia, palavra que só saiu da névoa após conhecer Judith Butler.

A condução da oficina foi no município de São Martinho, no IV Encontro Regional de Mulheres da Regional Sindical de Três Passos, no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, que foi realizado em outubro do mesmo ano. O evento iniciou com um café da manhã disponibilizado por cada uma das 13 Comissões de mulheres da Regional, todas com caracterizações confeccionadas por elas próprias. Os grupos eram identificados por cores, modelos de adereços e inclusive pelos sabores das receitas que acompanham essas mulheres desde gerações passadas. Após esse momento de recepção, houve a abertura e uma mística – neste momento, segunda parte da abertura, as representantes de cada comissão adentraram com um símbolo que fazia alusão ao tema central do evento, que no caso do IV Encontro foi o Sagrado Feminino. Em seguida, iniciou a oficina ministrada por mim em conjunto de uma colega e no decorrer do dia tivemos um almoço festivo, atividades de recreação e a fala da Coordenadora de Mulheres a nível estadual.

Quando planejamos esse momento tão diverso de tudo que já havíamos feito antes, afinal como realizar uma oficina tão íntima com tantas mulheres reunidas? Mas algo, que penso ser inusitado ocorreu logo no início, aquele salão com centenas de mulheres, ao serem convidadas a fecharem os olhos, silenciou. Todas com uma mão no coração e a outra no ventre sentindo o próprio corpo e ouvindo com tantos sentidos para além do ouvido, os sons de seus corpos que durante toda uma vida fora silenciado. De toda a oficina, sem dúvidas esse foi o momento mais marcante e que permanece vivo em minhas memórias. Isso foi tão forte que logo após a oficina, as duas organizadoras principais do evento nos perguntaram como havíamos feito aquilo, pois isso nunca ocorrera antes. Outros momentos que me tocaram foram as conexões no olhar, a cumplicidade em se sentir acolhida, em se sentir parte, em se perceber vista, reconhecida. Os corpos em movimento oportunizado por músicas, os olhos fechados e a corporeidade se fazendo presente, em movimentos até mesmo cuidadosos para não se esbarrar

umas nas outras, mas até mesmo esses movimentos mais contidos acabavam por se amparar no movimento com outras.

Ao se aproximar da oportunidade de realização dessa segunda oficina, convencida de que esse, terceiro projeto, seria enfim o que me levaria para a elaboração da investigação do doutoramento, em diálogos com minha orientadora, e por sua sugestão optamos por realizar um “pré-campo” – isso se deu no período entre outubro de 2017 e abril de 2018, quando ainda construíamos o texto submetido à qualificação. Preparamos questionários – na época – com o intuito de conhecer as mulheres, suas percepções acerca da temática que até então meu olhar acadêmico me permitia ver, e que se compreendia como central na pesquisa. O intuito era observar e entender suas representações sobre Agroecologia e Economia Solidária, mas por quê? Porque até então, tudo que eu havia presenciado e lido, por meio dos discursos sobre as formações da ENFOC e até mesmo da CONTAG, esses temas eram centrais em todos os eventos.

A ideia inicial era a partir desses resultados selecionar qual grupo/comissão de mulheres seria acompanhado para a análise mais aprofundada. Nesse momento de distribuição dos questionários, o planejado de explicar e dialogar com as coordenadoras de cada município já não foi possível e os questionários foram entregues quase que sem diálogos. A coordenadora da regional se ofereceu para recolher nas reuniões que ocorreriam dois meses após esse encontro, e aí a partir desse reencontro eu, na minha inocência, teria elementos para pensar os próximos passos. Porém, aquilo que eu, como pesquisadora qualitativa já sabia, os questionários, sem acompanhamento, sem diálogo, foram respondidos em partes e com certa dificuldade, afinal estamos falando de um grupo composto por mulheres com pouco grau de escolarização, devia eu ter refletido à época que aquela ferramenta não era adequada para o público que havia tão delicadamente, e ao mesmo tempo profundamente, me afetado.

Tínhamos a intenção de aplicar o máximo de questionários possíveis durante o evento e em especial ao final do dia. Porém, como nem tudo em campo ocorre como desejamos e planejamos, no andar da carruagem as abóboras não se acomodaram, e a opção que nos restou foi aceitar a sugestão das organizadoras do evento e distribuir os questionários, o que resultou em não estar junto das mulheres quando seriam respondidos. Assim, ao findar do dia distribuimos os questionários para cada coordenadora de comissão e explicamos para todo o grupo como responder e que este seria devolvido – respondido – na reunião de avaliação do evento. Imaginem no final de um evento de dia todo, mulheres que acordaram antes mesmo do sol nascer e se deslocaram para um município vizinho, que passaram dois turnos em êxtase com tantas outras mulheres que só se encontram vez ou outra em eventos como o que descrevi,

interessadas em saber como preencher um questionário! Às vezes me pego rindo sozinha quando me recorda desse feito.

Continuando, em alguns municípios a reunião pós-evento ocorreu no mês seguinte e em outros casos o tempo entre o evento e a reunião foi um pouco maior, e ainda, alguns grupos esqueceram de pedir o retorno dos questionários, sendo esses devolvidos com mais tempo, cerca de 3 meses. A ideia do questionário, como dito anteriormente, era ter uma base de compreensão do que era apropriado pelas mulheres acerca dos termos Agroecologia e Economia Solidária e suas conexões com o termo “mulher”, pois até então se pretendia seguir esse caminho de pesquisa. Caminho esse, que só percebi ser, muito, acadêmico e atender uma leitura observada dos altos da cátedra sobre o que ocorre entre nível discursivo e vida concreta dos sujeitos. E nesses momentos percebo o quanto, por mais que tentemos não falar por, não impor o que nossa lente limitada (por ângulo de observação) vê, vez ou outra caímos nas armadilhas impositivas e reducionistas.

Bom! Retomamos então a trajetória, ainda no mês de julho do mesmo ano (2017) participei da organização do 55º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER, congresso que fez parte da minha trajetória acadêmica desde a graduação e que auxiliou na construção das pesquisas que participei tanto na graduação quanto no mestrado, assim como na intenção de pesquisa proposta na seleção de doutorado. Mas nessa edição, em especial, após as mudanças citadas até aqui, me percebi buscando espaços diferentes dentro do congresso, dentre eles onde estavam as discussões de gênero, a presença das mulheres, da Economia Solidária e de uma outra forma de produzir; foi assim que fui parar em uma sessão organizada denominada “O fortalecimento dos Núcleos de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica – NEAs”.

Nesse exato momento foi que se definiu de forma mais pontual a proposta de projeto de pesquisa qualificado em 2018. Pois pipocava em meus pensamentos o cotidiano, os papéis sociais, a produção convencional da agricultura, a transição, como isso se dava, por que se dava, os agentes envolvidos, as instituições, como se comercializa, quem consome, e quando me recordei do grupo de mulheres ao qual já havia uma conexão e essas questões estavam postas, em processo de formação quando as conheci, me recordei de um verbo utilizado em muitas falas: o (re)conhecer – o qual me remeteu a memória à uma disciplina cursada no mestrado denominada “Comunicação e Práticas Sociais”. Disciplina que foi ministrada pelo professor Rennan Lanna Martins Mafra, onde entrei em contato com teorias da comunicação, onde fui

afetada pela Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth¹² até então seria o caminho proposto para dialogar com o que estava sendo encontrado nos encontros com as mulheres.

O reconhecer passou a me acompanhar nos próximos eventos e na construção da pesquisa. No terceiro evento marcante do mês de setembro de 2017 tive a oportunidade de apresentar o caso experienciado na Escola de verão no Congresso Brasileiro de Agroecologia – CBA¹³, que ocorreu em Brasília em conjunto com o Congresso Latinoamericano de Agroecologia. Lá de fato experimentei as novas lentes de ver o mundo, até então durante minha formação acredito que não tenha sentido tudo que lá senti, pois era como se um novo mundo fosse de fato possível, e eu muito impressionada, pois estava caindo a ficha de que isso é e será via alimentação e formas de consumir. Nesse evento escolhi os espaços ainda com vinculação aos jovens, objeto de estudo do mestrado, mas também estava desperta para o caminho de pesquisa que estava sendo construído. Fui às mesas e explanações onde o tema do feminismo, tão recente na minha vida, estava presente de forma central e nos momentos em que ele era a força da reivindicação. Como por exemplo quando, nós, mulheres, adentramos, mobilizadas, o auditório onde ocorria o Painel “Memória da Agroecologia”, realizando uma intervenção nesta atividade em que só havia homens brancos falando sobre o tema, sem representatividade de mulheres, da juventude, de grupos indígenas e quilombolas. Destaco que esse painel era concomitante com outro intitulado “Sem Feminismo não há Agroecologia”. Nesse momento muito se desconstruía em minha mente, que assim como grande parte da ciência que me construiu academicamente, vem sendo paulatinamente desconstruída.

Antes de continuarmos a compreender o que me trouxe até aqui, conto sobre a experiência de participar, no mês seguinte, novembro de 2017, do IV Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo – EBPC, vinculado à OCB realizado também em Brasília. Retornei à capital federal, agora, com uma outra perspectiva e com o intuito de, enfim encerrar as participações, publicações e trocas mais profundas com relação à minha pesquisa de mestrado. Assim o fiz, mas como eu já estava transformada pelo novo tema, junto de outras mulheres, ao nosso modo, dentro do possível, fizemos menções ao fato de não nos sentirmos representadas em um evento sem representatividade alguma de mulheres, jovens, negras e

¹² Filósofo e sociólogo alemão, Axel Honneth, nasceu em 1949 na cidade de Essen na Alemanha. Atualmente é professor e diretor do Instituto de Pesquisa Social (conhecido como Universidade de Frankfurt), e ocupa um lugar notório entre os pensadores da Teoria Crítica, um dos principais nomes da chamada terceira geração da Escola de Frankfurt. É reconhecido mundialmente no âmbito da filosofia moral contemporânea, em particular, nas relações entre poder, reconhecimento social e respeito. Uma de suas principais obras é “Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais”.

¹³ Evento onde pude conhecer e dialogar com pessoas de várias partes do Brasil e da América Latina.

negros, dentre uma gama de diversidades ausentes nos palcos. Fato que não surpreende, considerando o processo histórico de formação do movimento cooperativista no Brasil.

O ano de 2018 foi bastante desafiador, em vários sentidos, pois eu estava retornando para a disciplina que eu havia sido afastada da forma já mencionada, a finalização do curso de formação de professores, me experienciando na docência, oportunizada tanto por esse curso quanto pelo doutorado, e, em meio a isso, assumindo que eu necessitava de tempo para digerir tudo o que havia mudado, mais uma vez. Precisei fazer um esvaziamento para poder usar o espaço com essa nova bagagem, nesse período dialoguei de forma mais aprofundada com as mulheres responsáveis pelas comissões de mulheres da FETAG/RS.

A qualificação do projeto de tese foi em dezembro de 2018, sendo que inicialmente pretendíamos, e inclusive agendamos, para fim do mês de junho, o que não foi possível. Como, apesar da situação, o tempo da universidade corria, e mesmo após ampliação de prazo, eu precisava qualificar, “fechei” o texto com não só a mazela advinda do pré-campo, mas tantas outras que só encontraram alguma organicidade em meio ao caos, após o acontecimento que atesta a qualificação.

O projeto apresentado na qualificação questionava em que medida sujeitos mudam suas trajetórias e assumem novos papéis sociais a partir do contato com determinado discurso, e a partir disso mais questões específicas como: após formações/capacitações pensadas através das lentes oportunizadas pelos discursos da Agroecologia e Economia Solidária, como mulheres rurais passam a se reconhecer enquanto mulheres em contextos de produção agrícola convencional? E de que forma esses discursos interferem nas trajetórias de vida dessas mulheres rurais? Quando questionava o reconhecimento enquanto mulher, era no sentido de compreender outras possibilidades do próprio termo que antes dessas formações, eu entendia que eram desconhecidas. Com isso o objetivo que propunha o projeto era compreender como as mulheres rurais participantes da 1ºENFOC MULHER (FETAG/RS) passam a se reconhecer enquanto mulheres após formações alicerçadas nos discursos da Agroecologia e Economia Solidária.

O rito que aqui retomo, não antes de me remexer na cadeira e sentir meus ombros tensos, muito embora me cause esses movimentos e sensações corporais, foi um momento muito agradável, gentil, permeado de afetos em diversas direções e o resultado foi como se tivéssemos olhado para o projeto como um quebra-cabeças que estava montado em algumas partes invertido e em outras tantas com peças que não eram de uma mesma imagem. Saí daquele dia muito feliz com toda a amorosidade presente em um rito tão temido e tão complexo. Relatos das pessoas presentes, inclusive das professoras e do professor me faziam acreditar em uma outra forma do fazer acadêmico, afinal, mesmo com as mazelas existentes, o olhar era de

construção, de partilha, de auxílio, de amparo, de pensar com, de vislumbrar as possibilidades que justamente as falhas da minha performance acadêmica estavam a revelar, todos os não ditos e até mesmo os escondidos.

Toda a generosidade de quem compôs a banca e o amparo que sempre tive de minha orientadora, foram nutrição para que eu tivesse condições de continuar a trilha, que para mim, era um tanto quanto sinuosa. Após qualificar, precisei tomar uma decisão importante. Pouco antes da data da defesa, havíamos decidido que eu faria um período de estágio doutoral no México com o professor Peter Rosset no El Colegio de la Frontera Sur (ECOSUR) – Unidade San Cristóbal, em Chiapas, um Centro Federal de Pesquisa e Pós-Graduação. Mesmo com o aceite em mãos, por motivos que talvez não caibam ser mencionados, optei por recusar essa oportunidade, mesmo com certa dor.

Adentro 2019, sabendo que minha bolsa de doutorado seria encerrada no mês de março, com a decisão de não mais ir para o México e com todo o projeto em pedaços, partes que seriam dispensadas, outras que faziam muito sentido, algumas que sem sentido para a pesquisa aí sim que faziam sentido permanecerem na pesquisa, afinal revelavam o processo do que é o fazer da pesquisa. Com tudo, com tanto, precisei respirar. Tentava me aproximar do refazimento do caminho, mas meu corpo se afastava de tudo isso, e o curioso é que mesmo em meio ao meu desconforto com o recompor do projeto, eu continuava conectada com as mulheres da pesquisa, inclusive participando de eventos não vinculados ao sindicato. Além disso, nosso contato via mídias sociais nunca cessou, sempre foi afetuoso e em certa medida presente.

Nesse período, chegou até mim um edital da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) com a oportunidade de ser docente, por meio de um contrato temporário, no Curso de Gestão de Cooperativas alocado no Campus de São Lourenço do Sul, cidade já mencionada neste texto. Um mês após findar a bolsa, eu já estava com o contrato assinado, pois tinha sido aprovada no concurso, com apoio e anuência de minha orientadora, que sempre me incentivou nas experiências de expansão intelectual e pessoal. Evidentemente eu tinha menos tempo, o contrato era de 40 horas e um mundo novo se abria, inclusive, literalmente uma cidade nova. Mas ao longo do contrato que durou 24 meses, eu flertava de maneira tímida com minha tese, mas ela estava ali, sempre tentando me dizer coisas que talvez eu tivesse até medo de ouvir.

O “trabalho de campo” continuou e expandiu, os encontros com as mulheres deixaram, já não eram tanto, de ser só institucionais, inclusive recebi visita em São Lourenço do Sul, em minha casa, que ainda nem pia tinha instalada, de três dessas mulheres. Mas o meu medo mesmo era teórico, eu havia começado a estudar as indicações da banca, as afetações da pesquisa me encantavam, mas ter coragem de expor as entranhas do processo era outra história. Me

aproximar da teoria de Judith Butler, ou melhor, de seus escritos sobre problema de gênero, sujeito, reconhecimento, desejo e tudo que com o pensamento dela nos mexe, nos remexe, nos tira do nosso próprio lugar (nem sei se temos um lugar nosso), fazia eu correr distâncias de continuar escrevendo a tese.

Mas então, aos poucos, sem que eu pudesse perceber, eu me aventurava em profundezas que partes minhas distraídas nem percebiam que estavam cedendo e então as conexões foram acontecendo. Enquanto vivia a experiência com as mulheres, um fazer docente, a vida em uma cidade tão fria que eu não tinha roupas adequadas e demorei para perceber, até adoecer o corpo físico, ia percebendo cada nó da tese sendo desamarrado.

E ao encontrar com Jean-Luc Moriceau e Judith Butler, me realocando na discussão da luta por reconhecimento, não mais em Honeth e sim a partir do enlace necessário entre reconhecimento e performatividade no pensamento Butleriano, assim como da virada afetiva e a oportunidade de repensar o ser pesquisadora com sujeitos pesquisados e pesquisadas e não mais como objeto, *outro*, representado a partir do *estar aqui* (retomarei esse termo com Geertz, logo mais adiante).

Como a própria pesquisa ia indicando e com a ruptura oportunizada no ato da qualificação, o rumo teórico-metodológico se ressignificou. Não considero que uma nova pesquisa tenha nascido, ao contrário, penso que tudo que descrevi ao longo das páginas, que tentam com imensa limitação, performar o experienciado que é o próprio percurso natural de uma desconstrução, que por si só é o que sustenta essa pesquisa. Pensando com Duarte (2014, p. 41)

[...] a vida é o repertório onde se faz ciência. A vida com todas as experiências possíveis compõe nosso repertório de conhecimentos que se entrelaçam, nos dispendo a vislumbres e descobertas que podem ser formalizadas em campos estéticos, científicos, políticos, religiosos. Qualquer forma de conhecimento participa direta ou indiretamente da emergência de qualquer formalização do pensamento. Trata-se de um conjunto complexo de inter-relações causais que promovem as aparições de nosso pensamento no mundo.

Cada vez mais percebo que situações incomuns, em especial no nosso caminho de pesquisa, ocorrem e compõem um fazer acadêmico peculiar aos olhos de muitos, mas ao mesmo tempo, contemplando os autores e autoras que nos trazem inspiração e que também contribuem para que essa pesquisa tenha vida, percebo viva essa subjetividade que permeia o universo de enlaçamento entre pesquisadoras e pesquisadores com seus “objetos de análise”.

Mas afinal, por que estudar o subjetivo no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural? Em um lugar que de forma geral se centra nas instituições, políticas públicas e atores,

esses últimos por vezes sem muito tencionar que ao terem historicidade, cultura, vontades, desejos, atuam à medida do encontro com, em relação à e não de algo puro e estático que os acompanha desde o primeiro respiro aqui nesta vida.

No meu histórico acadêmico, sempre, dei quase que o mesmo espaço para as cooperativas quanto para os sujeitos envolvidos no processo, mesmo que de forma inconsciente. Ao longo dessa caminhada acadêmica me parecia incompleto o caminho de não mergulhar nas profundezas das palavras não ditas e das transformações que vem, a nível individual, a partir das afetações ocorridas nos ambientes institucionais e que transbordam quando em coletivos. Talvez, a partir da conexão com as práticas terapêuticas e minha aproximação com a psicanálise tanto em Sigmund Freud como em Jacques Lacan, como a psicologia analítica ou profunda de Carl Gustav Jung, muito do que me faz querer compreender os processos e afetações sentidas e experienciadas pelas mulheres, vem deste lugar de onde podemos falar de nós, um falar de si, um refletir sobre si, um narrar de si em contato com o Outro.

E então, ao mesmo tempo, que minhas experiências acadêmicas, de locais de trocas (com)partilhadas, eu me (re)organizava internamente e desvelava novas e por vezes velhas, formas de performar fui me entendendo extensionista, educadora popular, professora, docente, terapeuta, estudante e experienciadora de filosofias de povos originários, a partir de práticas e estudos do xamanismo, ayurveda e ainda outras práticas holísticas orientais. (Aqui saliento que me desloco de uma perspectiva conectada ao movimento New Age, que atua interligado e fortalecendo o neoliberalismo e em grande medida se alicia à movimentos negacionistas).

Tudo isso foi se tornando parte de mim, e ao mesmo tempo eu ia me sentindo deslocada. Isso foi se tornando, mais latente quando observava esse mesmo processo fora de mim, e acredito que não ao acaso esse grupo de mulheres me afetou, e se permitiu ser afetado por e com minhas partilhas. Os caminhos que percorri metodologicamente e intenções teóricas, ao longo das imersões com as mulheres, iam se distanciando e outros pulsando cada vez mais forte e em processo de aproximação.

Algo que já estava presente em mim, por minhas experiências vividas desde a graduação, e que emergiram nesse desconstruir de mim mesma e de minhas perspectivas de estar no mundo, mediada pelo curso de formação de professores e pela oportunidade docente de ministrar uma disciplina de educação cooperativa, a pedagogia proposta por Paulo Freire que sempre me afetou e inspirou retorna e passa a ser ponte na pesquisa que aqui comunico. Como já dito, Freire é um educador brasileiro respeitado no mundo todo e, em vida, sempre lutou por justiça e igualdade mediadas pela educação. Sua pedagogia que nos faz pensar da não neutralidade dos projetos de educação, que são vinculados aos projetos políticos, no nosso caso

interesses desenvolvimentistas, como vemos de forma explícita no surgimento da própria Extensão Rural.

Paulo Freire é quem me ajuda nesse momento de justificar a existência dessa pesquisa em nossa disciplina, com sua obra já anunciada, *Extensão ou Comunicação?* que ao longo das páginas faz um caminho de tensionar o termo *extensão* e nos propõe uma reflexão profunda, e de antemão reconheço o tempo e o espaço em que foi escrita, e que seu texto tem como incomodo o caminho que o agrônomo passa a ser chamado de “extensionista”. Em meio ao seu contexto, de exílio político no Chile, ocasionado pelo golpe militar na década de 1960 e em consonância com o grande (e desastroso) momento modernizante da agricultura em mesma época, é que essa provocativa reflexão nos é pedida. Atualmente, ao menos dentro dos programas de pós-graduação em Extensão Rural, tem-se, quase que consenso do nosso caráter interdisciplinar, o que nos auxilia a construir uma outra visão, diferente do que ele relata e do que falarei adiante.

Dito isso, a atualidade do chacoalhão de Freire me parece, inclusive, assustadora, pois sabemos a forma como a Extensão Rural tem sido proliferada no largo do território brasileiro, me refiro aqui não aos programas de pós-graduação, mas as disciplinas nos cursos de graduação das ciências agrárias, assim como, em consequência disso a atuação dos técnicos de campo. Inclusive, em meio a pandemia, tive a oportunidade de ouvir a professora, hoje aposentada, France Maria Gontijo Coelho em um encontro de ex-alunas, alunes e alunos, e também ex e atuais docentes do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa – UFV, onde ela nos provocou acerca do nosso olhar crítico sobre a Extensão Rural. France, que é uma historiadora muito competente que, infelizmente, tive a alegria de ouvi-la partilhar trajetória de conhecimento apenas uma vez em sala de aula, se mostrou surpresa e também impactada ao participar de uma reunião com professores dessa nossa disciplina (reunião realizada virtualmente). Qual sua preocupação? Precisamente a presença do discurso difusionista e o estereótipo do agrônomo extensionista, aquele que leva o conhecimento para àqueles e àquelas que nada, ou pouco, sabem.

Nesse sentido, muito embora tenhamos, em alguma medida, esse discurso desconstruído nos programas de pós-graduação, considero necessário chamar Paulo Freire para me auxiliar nessa tarefa de elucidar a relevância da presença dessa pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural na UFSM. Ao tensionar o que acabo de dizer, Freire nos diz que, ao que parece “a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la””. E isso com a intenção de tornar esse “lugar” o mais próximo

do mundo daquele que se desloca até lá para levar algo que lá não tem e que de acordo com o sujeito que sabe, julga o “não saber” do outro. Este é o sentido que problematiza Freire (2002, p. 20) “transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação”.

E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais coisas (FREIRE, 2002, p. 20).

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. E é o pensamos que estabelece o “penso”, e não o contrário” (FREIRE, 2002, p. 87). É justamente nesse processo conjunto, na coparticipação dos sujeitos no agir pensante que, de acordo com Paulo Freire, só é possível na comunicação.

Paulo Freire em toda sua extensa contribuição e esforço teórico nos explica, sugere, convida à uma educação libertadora, dentro de uma perspectiva verdadeiramente humanística, e nesse contexto que ele nos auxilia na desconstrução dessa educação que, desde sua época, é de caráter amplamente mecanicista. É justamente nesse ponto em que ele, mais uma vez, assim como o faz em diversas obras, critica o que ele denominou de educação bancária.

A educação bancária seria aquela onde os alunos se comportam como receptáculos vazios, o que para ele era uma maneira de armazenamento e reprodução, oprimindo o sujeito sua criatividade e inventividade (FREIRE, 2011). Nesse modelo, a educadora e o educador são agentes cuja tarefa é “encher” as educandas e os educandos dos conteúdos de sua narração, conteúdos que são cortados da realidade e desconectados do seu entorno (FREIRE, 2011, p. 33). A educação “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica, já a educação problematizadora parte do lugar da dialogicidade e se faz dialógica. A dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade, sendo necessário ocorrer o diálogo, as trocas, entre educandas e educandos com educadoras e educadores, se não houver esse diálogo, sem a curiosidade que move educandas e educandos, que inquieta, não se aprende nem se ensina (FREIRE, 2011).

É importante dizer que na perspectiva proposta por Paulo Freire, a educação precisa dialogar com a realidade daqueles que estão passando pelo processo de aprendizagem, deve ser a partir do mundo que o sujeito conhece, percebe, está inserido, que se começa o processo de diálogo. É no momento que o sujeito tem a oportunidade de refletir sobre a realidade que lhe cerca que a educação para a liberdade tem sua possibilidade de existir.

Ao longo da trajetória que percorri com essas mulheres, ouvi elas falarem de si mesmas em diversos momentos e espaços. Em espaços públicos, nos eventos com outras mulheres, em momentos mais íntimos com algumas, seja dividindo a casa, refeições, quarto, passeios, indignações e prosas com muito chimarrão. Um desses momentos foi gravado e conduzido por mim, o que chamamos de entrevista, que nesse caso foi mais aberta e dialogável possível, isso foi feito com cinco mulheres. Reuni em minhas anotações de campo, em minha memória e em sensações do meu corpo esses tantos encontros que em cada oportunidade mostravam um pouco mais dessas mulheres – não só cinco, mas incontáveis mulheres – aos poucos cada uma descortinou algo de si, seja em palavras ditas, palavras escritas, gestos e até mesmo nos não gestos e nos silêncios.

É com essa experiência abundante que essas páginas estão e continuarão a serem recheadas. Na presença das narrações de si, as mulheres oportunizaram profundidade em relatos de suas histórias de vida, que a cada capítulo sentia um pedido de escrita detalhada, de patilha fiel e menos analisada e sim refletida e com os momentos recriados na minha narrativa, tal qual as provocações já descritas, e que ainda serão aprofundadas, sobre esse fazer comunicacional da pesquisa em meio aos afetos.

1.2 CENA – ESTAMOS EM CRISES (NO PLURAL) – MEU DESLOCAMENTO DAS FERRAMENTAS CONHECIDAS AOS AFETOS E A ADMISSÃO DO SENSÍVEL

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeitos, que o homem [leia-se: humanidade] pode realmente conhecer (Paulo Freire, Extensão ou Comunicação, 2002, p. 29).

Ao considerar os primeiros passos de encontro e compreensão do processo que compôs a trajetória da pesquisa, fui trilhando esse caminho a partir de trilhas conhecidas. Peguei as ferramentas disponíveis na bagagem. O conteúdo disponível que até então estava em um aporte metodológico com base nas ciências sociais, em especial na antropologia. O antropólogo Clifford Geertz (1998) me ajudou a compreender que o trabalho de pesquisa de cunho antropológico perpassa por um dilema: o *estar lá* que é o estar em campo, observando, sentindo, vivendo e dialogando com a realidade do que se é estudado, e o *estar aqui* a escrita do *estar lá*.

O *estar aqui*, assim dito, isto é, um trabalho munido das anotações e memórias, se produzindo uma redação a partir destas realidades, ou seja, o texto “descreve” por meio da interpretação o *estar lá*. Nesse tipo de pesquisa, quando nós, pesquisadores estamos em campo, a sensibilidade e intuição são de suma importância para que se consiga ter o entendimento da

cultura *do outro*, e é necessário que se encontre uma “chave” para dialogar com esta outra cultura. E a partir desse momento construir interpretativamente o texto da cultura/grupo estudado.

Aqui percebo que pela trilha que eu conhecia, entendo que a relação de confiança com o grupo de mulheres que pude apreciar companhia, trocas e afetos por quase quatro anos, foi estabelecida por meio dessas “chaves” a que Geertz se refere. O contato inicial com parte do grupo foi a partir da articulação da oficina inserida na programação de um dos módulos da 1ºENFOC MULHER, em 2017. Cerca de um mês depois foi realizada a oficina onde pude conhecer todas as mulheres que estavam realizando a formação. Com essa oportunidade da oficina, de atividade recreativa e almoço coletivo foi possível estabelecer um vínculo de confiança com esse grupo de mulheres em formação, assim como estreitar o laço com as coordenadoras.

Ainda buscando em minha bagagem de ferramentas teórico-metodológicas, ao adentrar na especificidade pesquisadora e pesquisadas, um ponto crucial é o fato de que ambas possuem a mesma natureza. Nós, pesquisadoras e pesquisadores temos a nossa própria cultura e ao estudar uma determinada cultura e ao realizar sua interpretação não conseguimos nos separar de certas convicções já pré-existentes em nós, assim o texto que descreve e interpreta, certamente vai ser apresentado a partir dessas lentes pré-existentes e que não se separa da biografia de quem o tece. Relacionado a essa discussão, François Laplantine (2007) aborda em um dos capítulos do livro *Aprender Antropologia*, a questão do observador como parte integrante de seu estudo. Segundo o autor, é “insuficiência” da prática da pesquisadora e do pesquisador pretender alcançar a neutralidade absoluta e recolher fatos objetivos, e isso, porque o observador

esquece [...] do princípio da totalidade [...], pois o estudo da totalidade de um fenômeno social supõe a integração do observador no próprio campo de observação. Se é possível, e até necessário, distinguir aquele que observa daquele que é observado, parece-me, em compensação, impensável dissociá-los. Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos (LAPLANTINE, 2007, p. 169).

Vagner Gonçalves da Silva (2000), em seu livro *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*, compartilha desta discussão quando faz referência ao envolvimento subjetivo tanto do antropólogo e da antropóloga, quanto de quem é pesquisada e/ou pesquisado em campo, para o autor “no trabalho de campo, além da imponderabilidade existente na definição e aplicação das técnicas “adequadas” de pesquisa, outros fatores atuam, como as subjetividades dos envolvidos

no diálogo etnográfico” (SILVA, 2000, p. 66). Em especial, referindo-se as subjetividades de quem pesquisa, Silva (2000, p. 67) cita as palavras de Evans Pritchard (1985, p. 84), “fundamentalmente, ao ocupar-se de um povo primitivo, o antropólogo não está apenas a descrever a vida social dessa comunidade o mais corretamente possível, mas antes a expressar-se a si mesmo”. Com isso, novamente é possível relacionar Laplantine nestas colocações:

[...] nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ali ou se os sujeitos da observação fossem outros. Além disso, se o etnógrafo perturba determinada situação, e até cria situação nova, devido a sua presença, é por sua vez eminentemente perturbado por essa situação. [...]. Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível (LAPLANTINE, 2007, p. 170).

Nesse aspecto, adornada com as ferramentas já mencionadas aqui, entendia que o exercício de distanciamento e o esforço em conhecer esse *outro* a partir da lente do próprio sujeito a ser pesquisado, tinha como certo, que por ser um exercício requisitado, porém complexo, exigiu e exige um olhar despretensioso de minha formação, pois a realidade em que estava imersa era, ao mesmo tempo que muito próxima de mim, desconhecida em diversos aspectos. Julgava eu, que havia aqui a necessidade de um esforço fundamental em construir um ambiente em que as donas das vozes que oportunizam a pesquisa, pudessem se sentir à vontade para traduzir suas percepções de si em falas, gestos e apontando imagens, lembranças, possibilidades.

Ainda, ao dispor dos apetrechos sobre a pesquisa de cunho antropológico, me alicercei em Geertz (2004) que afirma que os pesquisadores mesmo que atravessem os muros das academias para que encontrem seus objetos de investigação o texto que será produzido, os relatórios que apresentam os resultados de sua investigação, são escritos dentro desses muros acadêmicos. “Em si, o Estar Lá é uma experiência de cartão postal. Mas é o Estar Aqui, como um estudioso entre estudiosos, que faz com que o texto antropológico de alguém seja lido... publicado, criticado, citado e ensinado” (GEERTZ, 2004, p. 170).

Geertz, assim como outros antropólogos (Clifford e Markus por exemplo) eram perturbados pela existência oculta de autoridade por detrás de quem escreve e ainda as consequências desta escrita. Essa perturbação presente na antropologia, recai também na exclusividade com que se estabeleceu um acordo para com as representações, impossibilitando o acesso sem desvios da experiência vivida. Dessa forma, “mais do que nunca a legitimidade de se falar em nome do outro foi posta em dúvida, assim como o etnocentrismo das descrições, das teorias e mesmo da atividade etnográfica, etc.” (DENZIN; LINCOLN, 2005 apud MORICEAU; PAES, 2014, p. 1).

Aqui, com o que digo a seguir, já me remexia ao meio de discordâncias corpóreas em negação, e ao qualificar a intenção de pesquisa disse: “aqui, saliento que, muito embora essa proposta de investigação que já está em processo de realização, se resulte em breve em um documento acadêmico que denominamos de *tese*, já existe um trabalho sendo realizado com essas mulheres de forma voluntária, resultado de uma demanda delas no que tange a articulação e execução da construção de 12 hortos medicinais comunitários”. E para além desse dito, eu já estava imersa em compreender o que esse corpo, formado por mulheres tão distintas e ao mesmo tempo tão próximas entre si, também de mim, falava, tanto em palavras, quanto em silêncios e movimentos encenados em um corpo de dança e também em solos belíssimos que me eram oportunizados assistir diretamente das coxias. E aqui ousou mencionar o meu privilégio em poder acompanhar muitos dos espetáculos desde o escrever dos textos, formação do elenco, ensaios e apresentações finais, que não se encerravam em significados ali e sim ampliavam as possibilidades de compreensão do próprio corpo textual que se anunciava, e hoje percebo o quão pouco entendia com minha consciência limitada naqueles momentos.

Com isso exposto, talvez seja este o lugar que me oportuniza retomar o fato de que durante o “exame de qualificação” fui apresentada ao que se denomina “virada afetiva” dentro da construção do conhecimento, o que me contemplou de forma muito feliz. No entanto, antes disso, compreendo a importância de expressar o caminho que tem me levado há uma maior maturidade intelectual, questionando aqui as armadilhas da objetividade que a ciência moderna consolidou. Ao afastar-se da subjetividade, o pensamento científico aprisiona-se em definições refletidas de suas próprias representações. Conforme atenta Duarte (2014), ao refletir sobre a experiência sensível no pensar científico,

[...] há pouco mais de um século, a ciência tem efetuado críticas sobre os limites dos seus conjuntos de práticas: sobre a validade enquanto verdade de seus conjuntos de procedimentos de investigação que tentam se colocar como isentos da própria experiência, pois se considera transcendente, pela lógica, a contaminações subjetivas. [...] O pensamento se efetua construindo mundos, que por sua vez constroem as estruturas e limites de percepção desse pensamento. Noutros termos, damos-nos conta de que o exercício de produção de conhecimento que nos levou à criação da ciência, em seguida, legitimou-a como sistema único dessa produção, autorizando-a a deslegitimar outros campos do conhecimento (DUARTE, 2014, p. 39).

Portanto, há que se percorrer, mesmo que curto, o caminho de reflexão em forma de desconstrução do pensamento hegemônico persistente dentro e fora dos muros acadêmicos. Aqui, meu convite é que façamos esse percurso não por uma única trilha, afinal, tantas são as possibilidades, mas também, há que se concentrar naqueles que em alguma ou grande medida dialogam com nossa área específica, a Extensão Rural. Isto posto, nossa trajetória percorrerá os

caminhos de pensamento de Edgar Morin e, em seguida, Boa Ventura de Sousa Santos, dois pensadores contemporâneos que com suas apreciáveis e valiosas contribuições, impactam significativamente o pensar da Extensão Rural incluindo os estudos que consolidam esta disciplina.

Pesquisador, sociólogo, antropólogo e filósofo francês, Edgar Morin, nos provoca a pensar acerca da crise que vivemos. Para ele estamos vivendo, uma crise do pensamento, uma crise da humanidade que não consegue se tornar de fato humanidade. Uma crise que está para além de uma crise econômica, e que está atrelada a um processo de ocidentalização, como uma máquina de ocidentalizar, que é o desenvolvimento. Morin nos sensibiliza no caminho de um pensamento que vai além das necessidades materiais, mas que evidentemente precisam ser atendidas, no entanto não são em si suficientes. Há um mal-estar civilizatório ocidental e as pessoas buscam por um bem-estar moral, psicológico e afetivo.

Em *Introdução ao Pensamento Complexo*, Morin (2015) tensiona o processo da construção do conhecimento apontando “a patologia do saber, a inteligência cega”, indicando um “pensamento simplificador”, que suprime a multiplicidade em detrimento à unicidade, ou mesmo, que revela a diversidade impondo-a sobre a unidade. “[...] o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unitat multiplex*). [...] [E] destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente” anuncia Morin (2015, p. 12), pois enquanto “inteligência cega”, dilacera a conexão inerente entre quem observa e o que ou quem é observado, desintegrando-os de seu contexto e realidade.

Vivemos sob o império dos princípios de *disjunção*, de *redução* e de *abstração*, cujo conjunto constitui o que chamo de o “paradigma de simplificação”. Descartes formulou este paradigma essencial do Ocidente, ao separar o sujeito pensante (*ego cogitans*) e a coisa entendida (*res extensa*), isto é, filosofia e ciência, e ao colocar como princípio de verdade as ideias “claras e distintas”, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo. Esse paradigma, que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII, sem dúvida permitiu os maiores progressos ao conhecimento científico e à reflexão filosófica; suas consequências nocivas últimas só começaram a se revelar no século XX (MORIN, 2015, p. 11).

Para Morin, o arcabouço explicativo da ciência “ainda é o da física do século XIX, e sua ideologia implícita continua sendo a do cristianismo e do humanismo ocidental: a natureza sobrenatural do Homem” (MORIN, 2015, p. 17). E é nesse sentido, que o autor salienta a necessidade de reformulação na forma de pensar de pesquisadores e cientistas, da comunidade científica como um todo. Morin propõe um novo método com um singular princípio, o da complexidade. Justamente pela necessidade de um princípio mais rico que o da simplificação, sendo este pela necessidade da explicação. Com o método da complexidade se observa,

distingue e analisa assim como outros métodos, no entanto, este comunica a partir de um lugar que reconhece a existência tanto do que se observa quanto de quem observa. Segundo Morin,

Não existe uma única rede formal de relações, há *realidades*, que não são essenciais, que não são uma única substância, são compósitos, produzidos pelos jogos sistêmicos, mas, entretanto, dotados de uma certa autonomia. Enfim, sobretudo o que tentamos e acreditamos encontrar foi este lugar de cruzamento para as pesquisas fundamentais, um conjunto teórico/metodológico/epistemológico ao mesmo tempo coerente e aberto. Nós o consideramos muito mais coerente do que todas as outras teorias que se estendem sobre um campo tão vasto que se limitam a repetir incansavelmente suas generalidades (MORIN, 2015, p. 49).

A respeito do paradigma simplificador que Morin (2015) expressa em seu livro, o autor nos faz pensar a respeito do ser humano, que incontestavelmente se apresenta como um ser biológico e simultaneamente cultural e metabiológico. Um ser que compartilha as suas vivências em um mundo de linguagens, ideias e consciência. Todavia, ao refletirmos acerca disso a partir do paradigma da simplificação, nos é compulsório separar ou reduzir a complexidade que atravessa ambas as realidades, biológica e cultural. E é aí, com um ar irônico que Morin afirma,

vamos, pois, estudar o homem biológico no departamento de biologia, como um ser anatômico, fisiológico etc. e vamos estudar o homem cultural nos departamentos das ciências humanas e sociais. Vamos estudar o cérebro como órgão biológico e vamos estudar a mente, *the mind*, como função ou realidade psicológica. Esquecemos que uma não existe sem a outra, ainda mais que um é a outra ao mesmo tempo, embora sejam tratados por termos e conceitos diferentes (MORIN, 2015, p. 59).

Todo o sistema científico, desde seu início, reduz por meio da fragmentação, limitando seu conhecimento a partir de um conhecimento pré-estabelecido, uma vez que na natureza, tudo segue as leis da própria natureza. Nesse dinamismo, o método científico se encerra em um reduto reducionista e quantitativista. “Reducionista, já que era preciso chegar às unidades elementares não decomponíveis, as quais só podiam ser circunscritas clara e distintamente; quantitativista, já que essas unidades descontínuas podiam servir de base a todas as computações” (MORIN, 2015, p. 54). Ao buscar a simplificação,

o conhecimento científico tinha por missão desvelar a simplicidade escondida por trás da aparente multiplicidade e da aparente desordem dos fenômenos. Talvez isso se desse porquê, privados de um deus em que não podiam crer, os cientistas tinham necessidade inconsciente de ser tranquilizados. Ainda que se reconhecendo viver num universo materialista, mortal, sem salvação, eles tinham necessidade de saber que havia alguma coisa de perfeito e de eterno: o próprio universo. Essa mitologia extremamente poderosa, obsessiva ainda que escondida, animou o movimento da física. É preciso reconhecer que essa mitologia foi fecunda porque a pesquisa da lei maior do universo conduziu às descobertas de leis importantes tais como a gravitação, o eletromagnetismo, as interações nucleares fortes e depois fracas. [...] Hoje, ainda, os cientistas e os físicos tentam encontrar o elo entre essas diferentes leis que fariam delas uma lei única verdadeira. A mesma obsessão conduziu à busca da peça elementar com a qual se constituiria o universo (MORIN, 2015, p. 60).

No entanto, conforme nos atenta Morin em seu livro *Ciência com Consciência* (2005), todas as ciências incluindo as físicas e biológicas são sociais, pois a ciência é inseparável da sociedade. E não podemos esquecer que tudo o que é antropossocial tem suas origens enraizadas em componentes biofísicos. Morin, assim como Husserl, reflete que a ciência não tem meios e métodos para pensar a si mesma. A ciência positivista ao tornar os objetos reais e concretos, essencializa-os, a partir do método científico essencializa-se os objetos e produz a disfunção dos sujeitos e dos objetos. Em Husserl ao perguntarmos o que é a ciência, temos como resposta que essa pergunta não pode ser respondida por nenhum cientista, pois o método científico carece de um autoconhecimento do conhecimento científico que, em grande parte, é um produto do sujeito que observa, que concebe e que está vinculado às instituições desprovidas de isenção de interesses, sejam eles, econômicos, privados e estatais. Também, Adorno e Habermas nos alertam que uma grande massa de saber quantificável, usado de forma técnica não é mais que veneno se não for utilizado com processo reflexivo para liberdade (MORIN, 2005).

Ao expor sua crítica à ciência moderna, Edgar Morin afirma que a complexidade para ele, trata-se de um desafio, não a solução para a ciência, pois “a simplificação é necessária, mas deve ser relativizada. Isto é, eu [Morin] aceito a redução consciente de que ela é redução, e não a redução arrogante que acredita possuir a verdade simples, atrás da aparente multiplicidade e complexidade das coisas” (MORIN, 2015, p. 102). Ainda, sobre isso, manifesta Morin:

Para mim, a ideia fundamental da complexidade não é a de que a essência do mundo seja complexa e não simples. É que essa essência seja inconcebível. A complexidade é a dialógica ordem/desordem/organização. Mas, por trás da complexidade, a ordem e a desordem se dissolvem, as distinções se diluem. O mérito da complexidade é o de denunciar a metafísica da ordem. Como dizia muito justamente Whitehead, por trás da ideia de ordem havia duas coisas: havia a ideia mágica de Pitágoras, de que os números são a realidade última, e a ideia religiosa ainda presente, em Descartes como em Newton, de que a inteligência é o fundamento da ordem do mundo. Então, ao se retirar a inteligência divina e a magia dos números, o que resta? Leis? Uma mecânica cósmica autossuficiente? Será a verdadeira realidade? Será a verdadeira natureza? A essa frágil visão eu oponho a ideia da complexidade (MORIN, 2015, p. 104).

Em vista disso, Morin (2005; 2015) enfatiza a necessidade de repensar a verdade da ciência como verdade científica objetiva, com um marco de uma ética científica de um lado e uma ética humana por outro lado. E nesse sentido, pensar que a ciência é capaz de replicar ou conhecer o real é uma ilusão, como já mencionado anteriormente, aqui, em Morin também, sabemos que a ciência se encarrega somente de representar o real. Para o pesquisador, coproduzimos a objetividade quando traduzimos as realidades exteriores, pois a partir de sua perspectiva “somos produtores do objeto que conhecemos; cooperamos com o mundo exterior e é essa coprodução que nos dá a objetividade do objeto. [...] Por isso faço da objetividade

científica não apenas um dado, mas também um produto. A objetividade concerne igualmente à subjetividade” (MORIN, 2015, p. 111).

É com isso que Morin se revela como “um autor não oculto”, aquele que não dissimula uma ilusória objetividade, que abraça suas ideias com todas as suas implicações e subjetividades, em suas palavras: “Entrego minha dimensão subjetiva, coloco-a na mesa, dando ao leitor a possibilidade de detectar e de controlar minha subjetividade” (MORIN, 2015, p. 116). Nesta latente virada paradigmática, propiciada pelas reflexões de Morin, nosso olhar recai para o cotidiano dos sujeitos, pois “Não se deve acreditar que a questão da complexidade só se coloque hoje em função dos novos progressos científicos. Deve-se buscar a complexidade lá onde ela parece em geral ausente, como, por exemplo, na vida cotidiana” (MORIN, 2015, p. 57).

Entrevê-se, pois, de fato a radicalidade e a amplitude da reforma paradigmática. Trata-se, num certo sentido, do que há de mais simples, de mais elementar, de mais “infantil”; de mudar as bases de lançamento de um raciocínio, as relações associativas e repulsivas entre alguns conceitos iniciais, mas dos quais dependem toda a estrutura do raciocínio, todos os desenvolvimentos discursivos possíveis. E é, bem entendido, o mais difícil a partir de premissas simples admitidas ao mesmo tempo pelo locutor e pelo ouvinte, nada mais simples do que perseguir um raciocínio sutil por vias comportando as mesmas engrenagens e os mesmos sistemas de sinais. Mas nada mais difícil do que modificar o conceito angular, a ideia maciça e elementar que sustém todo o edifício intelectual (MORIN, 2015, p. 55).

É neste ponto que Morin indica o aparelhamento racional capaz de possibilitar o conhecer da complexidade do universo. No entanto, “[...] é preciso fazer uma autocrítica complexa da noção de razão” (MORIN, 2015, p. 69). “A razão corresponde a uma vontade de ter uma visão coerente dos fenômenos, das coisas e do universo. A razão tem um aspecto incontestavelmente lógico. Mas, aqui também, é possível distinguir entre racionalidade e racionalização” (MORIN, 2015, p. 70).

A racionalidade é o jogo, é o diálogo incessante entre nossa mente, que cria estruturas lógicas, que as aplica ao mundo e que dialoga com este mundo real. Quando este mundo não está de acordo com nosso sistema lógico é insuficiente, que só encontra uma parte do real. A racionalidade, de todo modo, jamais tem a pretensão de esgotar num sistema lógico a totalidade do real, mas tem a vontade de dialogar com o que lhe resiste. [...] [Já] A palavra racionalização é empregada, muito justamente, na patologia por Freud e por muitos psiquiatras (MORIN, 2015, p. 70).

Morin (2005; 2015), nos traz a percepção de uma razão evolutiva com base nas tomadas de consciência e ao se considerar um racional indica as implicações desastrosas da racionalização. O mesmo, nos chama atenção para os escritos de Horkheimer, Adorno e Marcuse acerca da razão, segundo ele: “A razão não é dada, a razão não corre sobre trilhos, a razão pode se autodestruir, por processos internos que são a racionalização. Esta é o delírio

lógico, o delírio da coerência que deixa se ser controlada pela realidade empírica” (MORIN, 2015, p. 118). Pela concepção de Morin, “as tomadas de consciência necessitam da autocrítica, mas esta tem necessidade de ser estimulada pela crítica. Há, infelizmente, no universo dos cientistas um conformismo, uma satisfação tanto maior porque ela lhes mascara a questão cada vez mais terrível: para onde vai a ciência?” (MORIN, 2015, p. 113).

Com essa postura, o pesquisador propõe as fundamentais e urgentes reformas: na ciência, na economia, na justiça, na burocratização das administrações públicas e privadas, no consumo, na agricultura, e ainda mais a profunda transformação na educação. Ao citar Jean-Jacques Rousseau quando esse, em seu livro do fim do século XVIII a respeito da educação, diz que “eu quero ensiná-los a viver”, pois também para Morin “educar é ensinar a enfrentar os problemas da vida”. Para Morin precisamos ensinar a desarmar as armadilhas do conhecimento, e como citado por ele, Descartes dizia que o problema do erro é que ele não sabe que o é. E na urgência dessa reforma da educação, se reconhece a fundamental reforma do pensamento e de forma conjunta do pensamento político, pois esse se encontra vazio de concepções sobre o mundo que deem conta da complexidade em que estamos inseridos (MORIN, 2005).

Dialogicamente, ao expor as reflexões de Edgar Morin, percebo a convergência, apesar de algumas divergências, no pensamento de Boaventura de Souza Santos, pois ambos deságuam na necessidade de descolonizar a mente e reformular a centralidade da ciência, seu paradigma científico moderno e dominante. Professor, pesquisador, sociólogo, Diretor Emérito do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça, Santos também direciona o seu pensar para a urgente reinvenção do Estado, frente às atuais crises planetárias do nosso tempo.

Em seu livro, *Um discurso sobre as Ciências* (1ª edição publicada em 2003 no Brasil, pela Editora Cortez), Boaventura de Souza Santos (2010) engendra uma astuta crítica à epistemologia positivista que regulou as ciências modernas físico-naturais, bem como as sociais, desde o século XVII nas sociedades ocidentais. De acordo com o pesquisador, esse paradigma dominante, que influenciou e direcionou nossos olhares científicos, está em crise. Efeito de uma profusão de circunstâncias.

Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade. A nossa diferença existencial em relação a Rousseau é que, se as nossas perguntas são simples, as respostas sê-lo-ão muito

menos. Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica (SANTOS, 2010, p. 18).

Para Santos (2010, p. 41), o nosso questionar é ainda mais complexo e distinto ao se ter consciência das circunstâncias sociológicas e psicológicas do nosso tempo. No entanto, é válido observar “que a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda”. A respeito do paradigma científico dominante e seus alicerces, Santos (2010, p. 21) expõe que:

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constitui-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos).

Para o pesquisador, a racionalidade científica posta no paradigma dominante como padrão e norma universal reflete “um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas”. Para ele, a “preocupação em testemunhar uma ruptura fundante que possibilita uma e só uma forma de conhecimento verdadeiro está bem patente na atitude mental dos protagonistas [Copérnico; Kepler; Galileu; Newton; Bacon; e em especial Descartes]” (Santos, 2010, p. 21-22).

Santos, ainda indica a influência subjetiva direta, que desponta no pensamento desses protagonistas, apesar de seu esforço aparente de afastamento, na construção das teorias bases que consolidaram o pensamento científico moderno, indicando até mesmo uma presunção de seus métodos em relação aos seus contemporâneos. Sobretudo “Descartes, por seu turno, vai inequivocadamente das ideias para as coisas e não das coisas para as ideias e estabelece a prioridade da metafísica enquanto fundamento último da ciência” (Santos, 2010, p. 26). O autor nos possibilita observar a posição de Descartes em o *Discurso do Método e as paixões da Alma*, que Santos chama de “maravilhosa autobiografia espiritual” onde Descartes ao se referir ao seu método descoberto afirma:

[...] embora, olhando com olhar de filósofo as diversas acções e empreendimentos de todos os homens, não haja quase nenhuma que não me pareça vã e inútil, não deixo de receber uma extrema satisfação com o progresso que julgo ter feito em busca da verdade e de conceber tais esperanças para o futuro que, se entre as ocupações dos

homens, puramente homens, alguma há que seja solidamente boa e importante, ousar crer que é aquela que escolhi (DESCARTES, 1984, p. 6 apud SANTOS, 2010, p. 23).

Nesta lógica de pensar se estabelece a centralidade nas abstrações matemáticas, que vai produzir a relação conhecimento e quantificação, onde seu rigor científico se dará pelas medições feitas, ou seja, “o que não é quantificável é cientificamente irrelevante”, além de reduzir a complexidade do conhecer. Sendo assim, “conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou” (Santos, 2010, p. 28). Dessa forma, para Santos (2010, p. 26) “a matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria”. Ainda para o autor,

a divisão primordial é a que distingue entre “condições iniciais” e “leis da natureza”. As condições iniciais são o reino da complicação, do acidente e onde é necessário selecionar as que estabelecem as condições relevantes dos factos a observar; as leis naturais são o reino da simplicidade e da regularidade onde é possível observar e medir com rigor. Esta distinção entre condições iniciais e leis da natureza nada tem de “natural”. Como bem observa Eugene Wigner, é mesmo completamente arbitrária. No entanto, é nela que assenta toda a ciência moderna (SANTOS, 2010, p. 28).

Assim, com base na estabilidade e na ordem do mundo, suas suposições epistemológicas, bem como seus preceitos metodológicos já revelados se repetem no futuro. Dito de outra forma, “é um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos” (SANTOS, 2010, p. 29).

Um conhecimento baseado na formulação de leis tem como pressuposto metateórico a ideia de ordem e de estabilidade do mundo, a ideia de que o passado se repete no futuro. Segundo a mecânica newtoniana, o mundo da matéria é uma máquina cujas operações se podem determinar exatamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar num espaço vazio, um mundo que o racionalismo cartesiano torna cognoscível por via da sua decomposição nos elementos que o constituem. Esta ideia do mundo-máquina é de tal modo poderosa que se vai transformar na grande hipótese universal da época moderna, o mecanicismo. Pode parecer surpreendentemente e até paradoxal que uma forma de conhecimento, assente numa tal visão do mundo, tenha vindo a constituir um dos pilares da ideia de progresso que ganha corpo no pensamento europeu a partir do século XVIII e que é o grande sinal intelectual da ascensão da burguesia. Mas a verdade é que a ordem e a estabilidade do mundo são a pré-condição da transformação tecnológica do real. O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar. No plano social, é esse também o horizonte cognitivo mais adequado aos interesses da burguesia ascendente que via na sociedade em que começava a dominar o estágio final da evolução da humanidade (o estado positivo de Comte; a sociedade industrial de Spencer; a solidariedade orgânica de Durkheim). Daí que o prestígio de Newton e das leis simples a que reduzia toda a complexidade da ordem cósmica tenham convertido a ciência moderna no modelo de racionalidade hegemónica que a pouco e pouco transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade. Tal como foi possível

descobrir as leis da natureza, seria igualmente possível descobrir as leis da sociedade (SANTOS, 2010, p. 31-32).

Nesse sentido, Santos (2010, p. 36) observa que por essa perspectiva paradigmática os fenômenos sociais acabam por ser reduzidos (em dimensões externas, observáveis e mensuráveis) como o fez Durkheim, um dos expoentes da sociologia, ao tomar a ideia dos fatos sociais como coisas e compatibilizá-los aos parâmetros da cientificidade das ciências naturais. No entanto, “[...] essa redução nem sempre é fácil e nem sempre se consegue sem distorcer grosseiramente os factos ou sem os reduzir à quase irrelevância”. Para Santos (2002, p. 22),

o comportamento humano, ao contrário dos fenômenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objetiváveis, uma vez que o mesmo ato externo pode corresponder a sentidos de ação muito diferentes. [...] tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e dos sentidos que os agentes conferem as suas ações.

E é com isso, que o autor revela a dissolução da separação entre ciências sociais e naturais, indicando no processo o afastamento por parte das ciências sociais de “todas as formas de positivismo lógico ou empírico ou de mecanicismo materialista ou idealista com a consequente revalorização do que se convencionou chamar humanidades ou estudos humanísticos” (SANTOS, 2010, p. 20). Dessa forma, em seu feito argumentativo, Santos (2010, p. 20) deixa transparecer a hierárquica discrepância meio aos conhecimentos, científico e vulgar dirigindo-se ao caminho de extinção dessa distinção onde “a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”. É relevante destacar que, Santos descreve duas direções principais pelas quais seguiram as ciências sociais ao assumirem o modelo mecanicista no pensar:

a primeira, sem dúvida dominante, consistiu em aplicar, na medida do possível, ao estudo da sociedade todos os princípios epistemológicos e metodológicos que presidiam ao estudo da natureza desde o século XVI; a segunda, durante muito tempo marginal mas hoje cada vez mais seguida, consistiu em reivindicar para as ciências sociais um estatuto epistemológico e metodológico próprio, com base na especificidade do ser humano e sua distinção polar em relação à natureza (SANTOS, 2010, p. 34).

Ao citar ambas as vertentes, Santos expõe a crise desse paradigma, pois, esta última direção, mesmo que ainda dentro do paradigma da ciência moderna, já apresenta um indício de rompimento com tal, por sua postura antipositivista. Para ele, estamos transitando uma irreversível e profunda crise paradigmática em relação ao modelo de racionalidade científica, “[...] estamos a viver um período de revolução científica, que se iniciou com Einstein e a mecânica quântica e não se sabe ainda quando acabará” (SANTOS, 2010, p. 40). Consequência do aprofundamento a respeito do ato de conhecer, pois este nos permitiu visualizar a debilidade dos fundamentos que consolidam a ciência moderna. Isso, por sua vez propiciou o

aprofundamento reflexivo a respeito da epistemologia do conhecimento científico que perpassa dois relevantes atributos sociológicos:

em primeiro lugar, a reflexão é levada a cabo predominantemente pelos próprios cientistas, por cientistas que adquiriram uma competência e um interesse filosófico para problematizar a sua prática científica. Não é arriscado dizer que nunca houve tantos cientistas-filósofos como actualmente, e isso não se deve a uma evolução arbitrária do interesse intelectual. Depois da euforia cientista do século XIX e da conseqüente aversão à reflexão filosófica, bem simbolizada pelo positivismo, chegámos a finais do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios. A segunda faceta desta reflexão é que ela abrange questões que antes eram deixadas aos sociólogos. A análise das condições sociais, dos contextos culturais, dos modelos organizacionais da investigação científica, antes acantonada no campo separado e estanque da sociologia da ciência, passou a ocupar papel de relevo na reflexão epistemológica (SANTOS, 2010, p. 50).

A respeito desta segunda reflexão, Santos (2010, p. 53) notabiliza o conteúdo focalizado pelo conhecimento científico, para além da forma. Nas palavras dele: “sendo um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autómato, ou como diz Prigogine, num interlocutor terrivelmente estúpido”. Também, por se tratar de uma rigorosidade fundamentada nas lentes matemáticas, o rigor científico na busca pela quantificação acaba por desqualificar os fenómenos, bem como ao objetivá-los os deteriora e caricaturiza.

É, em suma e finalmente, uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza. Nestes termos, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta pelo valor humano do afã científico assim concebido. Esta pergunta está, no entanto, inscrita na própria relação sujeito/objecto que preside à ciência moderna, uma relação que interioriza o sujeito à custa da exteriorização do objecto, tornando-os estanques e incomunicáveis (SANTOS, 2010, p. 54).

Outro ponto relevante a se pensar a partir das colocações de Santos é o impacto causado pela industrialização da ciência, que ocasionou sua interrelação com as estruturas de poder (econômicas, sociais e políticas). Sendo que essas passaram a interferir nas agendas de pesquisa indicando as prioridades científicas em questão. A respeito da organização do trabalho científico, ele aponta que as principais implicações decorrentes da industrialização da ciência recaem na estratificação da comunidade acadêmica, onde as relações estão mais autoritárias e desiguais (produzindo um efeito de proletarianização para a maior parte dos cientistas). Além disso, “[...] a investigação capital-intensiva (assente em instrumentos caros e raros) tornou impossível o livre acesso ao equipamento, o que contribuiu para o aprofundamento do fosso,

em termos de desenvolvimento científico e tecnológico, entre os países centrais e os países periféricos” (SANTOS, 2010, p. 58). Isto posto, é com essa conjuntura que Boaventura de Souza Santos expõe a crise paradigmática da ciência moderna, que segundo ele é

o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada (SANTOS, 2010, p. 58).

Assim sendo, Santos nos apresenta um horizonte possível, com uma nova configuração paradigmática, o que denomina de conhecimento prudente para uma vida decente, desaguando em seu livro, *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: 'Um Discurso sobre as Ciências' revisitado* (1ª edição publicada em 2004 no Brasil, pela Editora Cortez). Com essa representação de conhecimento, o autor apresenta um sentido de revolução científica distinto estruturalmente da presenciada no século XVI. Para ele, trata-se de “uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social” (SANTOS, 2010, p. 60). A este paradigma emergente observado e apresentado por Santos, um conjunto argumentativo é revelado, imbricados nesse estão as seguintes proposições: a) Todo conhecimento científico-natural é científico-social; b) Todo conhecimento é local e total; c) todo conhecimento é autoconhecimento; e d) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

Ao mencionarem que Boaventura de Sousa Santos, em 1988, publicou um artigo onde identificava “uma nova perplexidade e uma falta de confiança epistemológica a rondar o meio acadêmico na época, as bases para um novo paradigma científico”, Mantovani, Pessoa e Boaventura, em seu artigo *Conhece-te a ti mesmo, enfrenta a ti mesmo: os relatos de si com ponto de partida para a produção de conhecimento*, nos informam que,

No campo das pesquisas que buscam transformar a realidade social, alguns esforços no âmbito dos estudos feministas já questionavam pressupostos do paradigma moderno cerca de duas décadas antes. Ainda durante a chamada segunda onda do movimento de mulheres nos Estados Unidos, entre as décadas de 1960 e 1970, as pesquisas feministas confrontaram as formas pelas quais a ciência construía conhecimento a respeito da vida social. Segundo Harding (1987), esses esforços promoveram um entendimento de que as “epistemologias tradicionais, intencionalmente ou não, excluem sistematicamente a possibilidade de que as mulheres possam ser ‘conhecedoras’ ou agentes do conhecimento” (HARDING, 1987, p. 3, tradução livre). Esse entendimento sustentou a reivindicação de que a voz da ciência era uma voz masculina, que contava a história do mundo por um ponto de vista específico (MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 80).

As autoras indicam que mesmo as lutas feministas, com mais de um século, reivindicando que mulheres tenham direito à educação, com origem nas contribuições de Gerda Lerner (1987), dizem que “a desvantagem educacional preserva, aos homens, o monopólio das definições e contribui para manter as mulheres desprovidas de “uma alternativa ao sistema de símbolo e significado daqueles que as dominam”” (LERNER, 1987, p. 222 apud MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 81). As mulheres foram treinadas a duvidar de sua inteligência, por não terem sido “reconhecidas como agentes de conhecimento”, onde suas experiências foram “desvalorizadas e consideradas insignificantes”. “Que sabedoria pode haver na menstruação? Que fonte de conhecimento há no seio cheio de leite? Que alimento para a abstração há na rotina diária de alimentar e limpar? [...] O conhecimento das mulheres se tornou mera “intuição”, a fala das mulheres se tornou “fofoca”” (LERNER, 1987, p. 224 apud MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 81).

Mantovani, Pessoa e Boaventura (2019, p. 78) a partir de Martino e Marques (2018) compartilham que acreditam que

quando os afetos entram em cena numa pesquisa científica, tem-se o início de movimentos interessantes. Ao mesmo tempo em que eles revelam as limitações do pesquisador e seus métodos de trabalho, apontam também para a complexidade e a riqueza da empiria. Isso porque, ao privilegiar os afetos, cria-se a necessidade de conferir aos atores pesquisados autonomia e liberdade para atuar de forma ativa na criação de sua representação

Em *Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido*, Moriceau e Paes (2014, p. 1) ao relatarem que, muito embora concordemos que se produzem representações por meio da pesquisa acadêmica, “compreende-se ao mesmo tempo, que a representação distancia da experiência”, e mais que isso, “paralisa as dinâmicas, fixa os lugares - as posições, impõe uma perspectiva ou uma narrativa e atribui o papel central ao seu autor”. Eu, autora, pesquisadora, no “lugar de quem sabe” carregada de minhas representações dito, a partir de minhas análises, as interpretações que julgo serem as adequadas e passo a comunicar a partir dessa condição de veracidade.

Moriceau e Paes (2014, p. 1) questionam, o que, eu e você possivelmente já estejamos nos indagando desde os primeiros momentos em que a desconstrução e os afetos adentram esse texto. “Como então comunicar a pesquisa acadêmica sem cair nas armadilhas e imposições violentas da representação? Como, então, não reproduzir a mesma distribuição de papéis, a mesma ruptura com a experiência vivida?”.

Para tais indagações que surgem na medida em que vamos adentrando a virada afetiva, a perspectiva da pesquisa que afeta, que se permite afetar e ser afetada, Moriceu (2019) propõe pensar acerca da virada afetiva e sua relação com a ética, em suas palavras:

Proponho aqui considerar a virada afetiva não primeiramente como uma proposição ontológica (há afetos e são importantes na comunicação), nem mesmo uma estratégia epistemológica (uma maneira de acessar o que não poderia ser de outra forma). Antes disso, a virada afetiva define uma ética e uma política. Levinas propõe a ética como a primeira filosofia, que vem antes da produção do conhecimento. É tal ordem que esses estudos vão seguir. Tal ética envolve a responsabilidade do pesquisador muito além do que é comumente chamado de ética da pesquisa (MORICEAU, 2019, p. 41).

E é refletindo sobre minha responsabilidade enquanto pesquisadora e a ética que me move ao construir conhecimento, em especial aqui, nesta corporificação textual, que coloco os afetos em centralidade, e busco uma possibilidade distinta (das que anteriormente conhecia) não só para comunicar a pesquisa, mas também e principalmente tecê-la. Ainda, sobre a ética que Mouriceu (2019, p. 42) nos incita a refletir, ele revela três relações éticas, nas quais, a partir da perspectiva de Alphonso Lingis, a pesquisa está alicerçada, são elas: a relação com a diferença, a relação com campo estudado/leitor e a relação com o leitor. Essas relações “definem uma ética do encontro como doação e gratidão (e, portanto, a partir do exterior), uma ética da surpresa e da aprendizagem, uma ética do *far away, far ago*, uma ética da comunidade mesmo com aqueles com quem não temos nada em comum”.

A respeito da ética da relação com a diferença, Moriceu (2019, p. 42) nos diz que o outro “não é um objeto de estudo”, ele não é estudado. O que o outro nos proporciona é o encontro e, é “o encontro, o estranho, a surpresa [que] afetam e acionam o pensamento”. A partir do encontro, somos então arrastados a falar sobre ele e em certa medida por ele. O que o autor continua a nos dizer é que “o encontro com o rosto nu e precário do outro é imperativo e doação. Ele afeta não apenas nossa sensibilidade, mas também nossas ontologias e categorias: o mundo como definido pelo conhecimento estabelecido ou pelo autor”. Assim, pelas lentes que se abrem, a partir da escrita de Moriceu (2019, p. 43),

o pensamento não é a vitória heroica do pensador, ele nos é dado, ele vem de fora. O encontro dá a pensar | dá a experienciar-experimentar | dá a viver. Mas uma doação obriga, o encontro torna imperativo escrever, como resposta | responsabilidade. Porque o encontro nos afeta e, em contrapartida, afetamos a situação. É sobre pensar sobre a ética desse relacionamento, uma ética da nossa escrita.

Para essa questão, Moriceu nos traz um exemplo de um caso de uma peça que abordaria questões de uma pessoa trans, e essa peça em questão estava sendo encenada por uma pessoa cis, o que repercutiu em um *Manifesto Representatividade Trans já – Diga não ao Trans Fake*. A questão aqui não é o fato de um artista cis interpretar uma pessoa trans, mas sim o fato de

que, ao dar visibilidade ao tema, continua excluindo um grupo de pessoas que já está em situação de exclusão nesse universo artístico. “A peça é criada por pessoas cis, brancas, da elite para pessoas a maioria cis, branca, da elite, que são sensíveis e choram diante da situação. Mas a peça não muda a situação das trans. Ela reproduz o sistema, sem dar emprego, sem impedir os assassinatos, ela permite fama e dinheiro falando sobre elas [...]” (MORICEAU, 2019, p. 44).

Com isso, “a virada afetiva requer pensar em nossa performatividade: como afetamos o que está sendo estudado. [...] Nós escrevemos por que estamos afetados, mas devemos refletir sobre os efeitos de nossa escrita” (MORICEAU, 2019, p. 44). É prudente que nos desloquemos dos nossos lugares seguros (e por muitas vezes intocáveis) que nossa ética estabeleceu, e então passemos a questionar o nosso fazer e comunicar científico. Nesse sentido, “a relação ética aberta pelos afetos nos força a repensar nossas certezas e nosso ser de pesquisador. Nós aprendemos muito, mas esse conhecimento vem da ética e não do contrário” (MORICEAU, 2019, p. 45).

Além disso, Mouriceau (2019, p. 45) nos explica que “não é somente uma questão de lugar de fala”, pois apoiado na filosofia de Levinas diferencia o dizer de dito. “O dito, repetido em um verbatim, não é suficiente para expressar o dizer. O dizer não pode ser dissociado dos anos de opressão política, de todos os caminhos daqueles que falamos, do passado e do presente colonial, do machismo e assim por diante”. Logo, “se eu dissesse ‘o que fazer’ (sobre uma pesquisa que não é minha), eu repetiria este modo de tomar posse de um lugar de fala e fingir saber em nome de outros” (MORICEAU, 2019, p. 45).

Sobre a ética da relação campo estudado e leitor, Moriceau (2019, p. 45) nos anuncia nossa responsabilidade ética em comunicar o que encontramos ao leitor, somos enquanto pesquisadoras e pesquisadores a ponte que conecta estas duas margens. Para o autor “o pesquisador é como o terceiro entre aquele que é encontrado e o leitor. O pesquisador é mediador. Como mídia, ele é quem coloca em contato, quem transmite, quem torna o relacionamento possível, mas quem pode obstruir ou distorcer”, ainda sobre isso, ele nos atenta que “não é uma questão de explicar ou traduzir, ou mesmo imitar o afeto, mas de tentar recriá-lo. A explicação manteria os efeitos à distância. A tradução traria o que é estrangeiro no encontro. E uma reprodução idêntica fora de contexto não produziria o mesmo efeito” (MORICEAU, 2019, p. 46).

Assim, com a virada afetiva, “o objetivo é menos de produzir conhecimento do que transmitir uma aprendizagem”. No entanto, “o principal obstáculo para a aprendizagem é a sensação de já saber. O conhecimento geralmente atua como um sistema de defesa para não ser

afetado. Ele traduz o estranho no que já é conhecido e interpõe o julgamento antes da exposição do corpo” (MORICEAU, 2019, p. 46).

Uma maneira de evocar essa abordagem de Lingis é usar um texto de David Lapoujade sóbrio *Deleuze e Nietzsche: o corpo que não aguenta mais*. Estamos acostumados a pensar que agimos como um ator que opera um corpo. Mas David Lapoujade mostra que o que vem primeiro é uma passividade do corpo. Um corpo que não aguenta mais das deformações que sofre. E como Butler mostrou, essas deformações são opacas a si mesmos. Essas deformações vêm de todos os poderes que sofremos, dos adestramentos e das disciplinas e também dos imperativos que nos damos” [...] [Assim] Aceitar ser desformado, primeiro nosso corpo, e então nosso pensamento, pelos afetos sutis, é a aprendizagem, que é a saborear e a transmitir (MORICEAU, 2019, p. 46).

E então, Moriceau (2019, p. 46) nos comunica a respeito do desafio de Lingis na busca por nos fazer pensar através da afetação, “desformar-nos para nos forçar a pensar”. E, “o que deve ser comunicado é o que força a pensar. O objetivo é de comunicar esse imperativo, e não o conteúdo do pensamento do autor. De fato, um pensamento formado inteiramente seria recebido pelo cérebro antes de ter desformado o corpo dos leitores”. Com isso, “trata-se de manter o poder e o estranho do afeto e nos forçar a pensar sem impor o que pensar. É sobre comunicar algo não formado mas desformado (MOURICEAU, 2019, p. 47).

Por último, a ética da relação com o leitor, nos provoca pensar que o leitor não é um recipiente vazio a espera de receber aquilo que lhe falta por meio de quem é detentor de tal conhecimento, ou seja, “o relacionamento ético com o leitor não é o de quem sabe para quem ainda não sabe, para quem precisaria receber explicações. Ele é mais parecido com o de alguém que se sente sortudo por ter uma experiência de vida, uma aprendizagem e quem quer transmiti-la”. No entanto, essa transmissão não é explicada, ou apenas descrita, mas sim “é recriar os afetos, as deformações, os poderes que o forcem a pensar” (MORICEAU, 2019, p. 47).

Porque o que há para transmitir não são algumas visões abstratas da verdade ou um sistema de pensamento. Mas um arranjo de afetos para colocar o leitor em movimento, desformá-lo faz com que ele solte seu sistema de defesa para receber, por sua vez, o que foi dado a Lingis. O que Lingis recebeu não é uma lição, mas uma oportunidade para aprender e pensar, insights, uma experiência de vida. Para o leitor, para talvez recebê-lo, e deixar que essa experiência funcione dentro dele (MORICEAU, 2019, p. 47).

Ao sermos forçadas e forçados a pensar, a partir e com os afetos, entendemos que o processo de construção da pesquisa não é um esforço da idealização, mas uma feitura comunicativa de “experiências de vida, dadas por encontros com o gosto da existência que torna urgente o pensar”. Moriceau então anuncia que na virada afetiva a pesquisa se revela “como uma encarnação da filosofia de Levinas”, o que quer dizer que, “o pesquisador não está acima e julga. Ele encontra rostos, que o chamam pelas suas diferenças, suas vulnerabilidades, suas

singularidades, e mostram sua própria vulnerabilidade de existir, a vulnerabilidade do que ele achava que sabia” (MORICEAU, 2019, p. 48).

Moriceau (2019, p. 48) finaliza seu ensaio nos avisando que “o que a virada afetiva nos passos de Lingis permite é uma ética não majoritária. Uma ética que vem do outro, do vulnerável, do deficiente, do queer, do animal, da natureza, etc., que chega ao pesquisador sem aviso, da qual não podemos mais nos esquivar, mas que é bom refletir e compartilhar”. E em sua última expressão nos instiga à um repensar de nós pesquisadoras e pesquisadores em meio às nossas pesquisas, ao dizer: “nos passos de Lingis, a virada afetiva não é um método de pesquisa, não é um conhecimento, ela é um jeito de viver” (MORICEAU, 2019, p. 49).

“Para conseguir essa comunicação de afetos, seus textos são performances” (MORICEAU, 2019, p. 48). Moriceau e Paes (2014, p. 113) reconhecem “que toda a apresentação científica contém uma parte de performance”. Ao admitir tal fato, os autores centralizam que a intenção da performance, antes de qualquer coisa é “produzir um efeito sobre o público, um efeito sobre os sentimentos, pensamentos, atos ou palavras que serão trocadas”. Para eles “uma performance não tem como objetivo principal produzir enunciados constativos, não se trata de saber se é verdadeiro ou falso” (MORICEAU; PAES, 2014, 114).

Moriceau em seu Livro *Afetos na pesquisa acadêmica*, ao iniciar o Encontro 3: Dos afetos ao pensamento: mantendo o movimento, inicia salientando que nos encontros que antecedem esse, foi destacada a importância de três etapas de pesquisa, quando conduzida por meio dos afetos:

o primeiro movimento envolve a exposição, a abertura e o acolhimento. Diz respeito à disponibilidade do pesquisador para permitir ser deslocado de seus posicionamentos e crenças iniciais a partir de um avizinhamo hospitaleiro com os sujeitos ou temas que fazem parte de sua investigação. O segundo gesto é a construção de um percurso que valorize e procure a variação constante, o movimento constante, as transformações e reavaliações, pois uma pesquisa não pode contentar-se apenas em representar teorias e conflitos já estabelecidos e normalizados, ela deve procurar os fluxos que permitam alimentar a reflexividade, a desconfiança do que acreditamos saber e a revisão de pontos de vista. O terceiro gesto, conectado aos anteriores, é o trabalho dos afetos e da reflexão, também um desafio à escritura do trabalho de pesquisa, uma vez que é preciso aproximar a escritura da performatividade que transforma o texto não em uma síntese de percurso, ou num relatório (fruto da sistematização de dados organizados segundo a autoridade do pesquisador) que expõe conclusões sem permitir que o leitor, por sua vez, tenha a chance de elaborar reflexivamente suas interpretações. A escrita performativa tenta preservar o movimento e a variação conquistados na segunda etapa do percurso, convidando o leitor a participar do processo da pesquisa e perpetuando sua potencialidade ética e política (MORICEAU, 2020, p. 91).

Ao refletir sobre os passos, observo que ao desenvolver dessa pesquisa, o texto exposto à qualificação demonstrou o meu desconforto na crise que se anunciava no meu processo de desformação. E além de todo o embasamento teórico que se mostram aqui nesse texto, lembro

quando tive a oportunidade de conhecer o professor Renato Dagnino que é professor na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP nas áreas de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia e de Política Científica e Tecnológica. Me recordo de Dagnino, pois a partir de seus últimos livros *Ciência e Tecnologia no Brasil: o processo decisório e a comunidade de pesquisa*; *Neutralidade da Ciência e Determinismo Tecnológico*; *Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade* e *Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia* aborda uma crítica entre a separação entre ciência e tecnologia, fazendo reflexões profundas sobre a forma deformativa que os cursos de engenharia, área de formação (como ele costuma dizer) dele, mas como em tantas outras áreas no universo acadêmico. Ele trabalha com a ideia de uma Tecnociência Solidária e costuma dizer que precisamos tornar vermelhos tanto os corações como as mentes de quem ainda os têm cinzas.

Nessa multiplicidade de possibilidades de pensar o fazer científico a partir de lugares outros que não só em uma perspectiva única, me recordo da professora Gisele Martins Guimarães perguntando na banca de qualificação: “Quem a Amábil quer ser?”, com isso tensionando que o texto se organizaria quando eu tivesse essa direção. Gisele é professora do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da UFSM e tem formação multidisciplinar, além disso também é cantora, intérprete e compositora.

Então retomo ao encontro com as mulheres, que provocou um desencaixe, que talvez tenha sido estrelado nessa cena, mas que imagino já estar em ensaios inconscientes anteriores. Tanto que, meses antes desse grande encontro inicial, eu havia protagonizado um momento de colapso psíquico? Intelectual? Não sei, mas ao me defrontar com tantas teorias que desmontavam o mundo ilusório o qual dava sustentação para minhas escolhas de vida até então, o próprio corpo pediu trégua. E ao iniciar um processo de possibilidade de digestão dessa quantidade de informação que chegava por meio de todas as experiências mencionadas no texto até aqui, percebo que fui sendo deslocada das certezas enraizadas por esse modo de vida pautado em uma ideia de verdade primeira e universal. Penso que a pergunta da Gisele, foi uma espécie de interpelação (como explicado por Butler – falarei disso mais adiante), onde em um imenso estalo passei a me perceber sujeita sujeitada.

E aqui, mesmo que pareça deslocada e ainda que não seja indicado que se finalize uma sessão com uma citação em bloco, sinto que o dito por Camila, Sônia e Stephanie é perfeito para esse fim de cena, fim de ato.

O movimento de investigação sobre o qual refletimos nos remete àqueles que se dão de muitas formas e que se fizeram presentes no desenvolvimento de novas propostas metodológicas que tomavam as experiências concretas de mulheres, no plural, como fontes empíricas e teóricas, e permitiram estudar as mulheres pelo prisma de suas

próprias vivências. Esses métodos, ainda que tivessem suas limitações, levaram as pesquisadoras a indagar o cotidiano, a vasculhar a esfera do privado e a politizar os movimentos banais da manutenção básica da vida. Eles também possibilitaram a conquista de espaço, em um terreno tão restrito e inacessível como a academia, para as vozes de sujeitos que não eram vistos como conhecedores, porque a seus saberes era negada a marca da transcendência e reforçada a marca da insignificância. Propiciaram, ainda, novas configurações das relações de pesquisa em que aquele, ou aquela, que investiga se mostra no processo como um indivíduo concreto e histórico, e não como uma autoridade cuja voz se faz anônima na escrita (MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 84).

SEGUNDO ATO

Imagine viver em um mundo em que as mulheres são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter a sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. E, se essa condição tem mudado, é graças à luta feminina [feminista]
(Lola Aronovich, inverno de 2019, Prefácio do livro *A criação do patriarcado*).

2.1 CENA – PATRIARCADO, GÊNERO E UNIVERSALIDADE: A REALIDADE QUE VIVEMOS NÃO É AO ACASO

“Patriarcado” é uma palavra [derivada do grego] muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX, com as primeiras teorias dos “estágios” da evolução das sociedades humanas, depois novamente no fim do século XX, com a “segunda onda” do feminismo surgida nos anos 70 no Ocidente. Nessa nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “sujeição” das mulheres, ou ainda “condição feminina”. Antes do século XIX e da aparição de um sentido ligado à organização global da sociedade, o patriarcado e os patriarcas designavam os dignatários da Igreja, seguindo o uso dos autores sagrados, para os quais patriarcas são os primeiros chefes de família que viveram, seja antes, seja depois do Dilúvio (Christiane Delphy, em *Dicionário Crítico do Feminismo*, 2009, p. 173).

Em *A Criação do Patriarcado – História da opressão das mulheres pelos homens*, Gerda Lerner (2019), (re)constrói o caminho progressivo, a partir de bases históricas, literárias, arqueológicas e artísticas das fundamentais ideias, símbolos e metáforas que causaram a incorporação das relações de gênero patriarcais em nossa sociedade. Lerner foi professora e historiadora, e seus escritos são basilares no desenvolvimento do currículo da História da Mulher. Ler seu livro, aqui citado, faz-nos pensar sobre a nossa própria história, uma vez que suas reflexões nos deslocam para lugares e contextos conhecidos, cotidianamente invisibilizados pela dinâmica de dominação patriarcal.

Para Gerda Lerner, é vital conhecer a História das Mulheres para a sua [minha, nossa] emancipação. No entanto, essa história está sendo constantemente negada às mulheres a fim de se perdurar o aprisionamento à subordinação feminina, gerada pelo patriarcado. Sendo que este, “É UMA CRIAÇÃO HISTÓRICA formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 anos até ser concluído” (LERNER, 2019, p. 261). Lola Aronovich, professora e pesquisadora de gênero, literatura e cinema, ao tecer o prefácio do livro nos diz que

para Lerner, se não temos precedentes [na história], não podemos imaginar alternativas às condições existentes. [E] é exatamente isso que mais manteve as mulheres presas à subordinação durante milênios. A negação das mulheres à própria história reforça sua aceitação à ideologia do patriarcado e destrói a autoestima

individual da mulher. Tal como vivenciamos no nosso dia a dia, o patriarcado desvaloriza as experiências das mulheres. Nosso conhecimento não passa de “intuição”, nossas conversas são meras “fofocas”. [...] Lerner nos ensina que o patriarcado, como sistema histórico, tem um início na história. E que, por não ser natural – baseado no determinismo biológico –, pode ser derrubado (ARONOVICH, 2019, p. 25).

Aronovich (2019, p. 21) nos informa também, que o livro de Lerner nos revela a manutenção do sistema de dominação masculina por meio da cooperação das mulheres. No entanto essa cooperação se dá por uma subordinação considerada natural e imperceptível que foi interiorizada com a concepção de inferioridade. Essa “adquirida por intermédio da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua própria história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso à recursos econômicos e poder político”, e ainda, pelos privilégios de classe que são usados como recompensa para obter a conformação das mulheres. Além do mais, “muitas mulheres acreditam que precisam de um homem protetor, e que isso está ligado a afeto. Existe uma chantagem emocional de perda de afeto da parte dos homens às mulheres que se rebelam. [...] No patriarcado, a rebeldia é tida como mau comportamento”.

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas e muitos de nós sequer damos conta. Portanto, ler e falar sobre o patriarcado é desnaturalizar nossa existência. É reparar que existe um sistema estrutural que ainda mantém a hierarquia da sociedade. Então por que Gerda Lerner escreveu sobre esse tema? A resposta é muito simples: ela entendeu que traçar as origens do patriarcado equivaleria a desvendar os fatos históricos que levaram as mulheres a esse quadro de submissão e a opressão que perdura por milênios (ARONOVICH, 2019, p. 21).

E “apesar de todas as conquistas feministas das últimas décadas, ainda vivemos no patriarcado”, é por isso que precisamos desnaturalizá-lo como ressalta Aronovich (2019, p. 21) em seu texto de apresentação. É necessário que falemos sobre ele, pensemos a respeito da história que nos compõe, para que então possamos dar passos em direção à dissolução desse sistema que exclui e domina, não só, os corpos femininos, mas também àquelas e àqueles que rompem com a binaridade de gênero imposta pelo patriarcado. Com isso, ao refletir sobre a história da dominação masculina e de exclusão das mulheres, com Lerner anuncio que, assim como Lola Aronovich,

antes de ler *A Criação do Patriarcado*, nunca tinha me dado conta de dois pontos fundamentais: que a escravidão teve início com homens escravizando mulheres e que uma história comum e universal de escravização das mulheres envolve o estupro. Por mais que escravos homens tenham sofrido e ainda sofram com a opressão (pois

engana-se quem pensa que a escravidão é algo do Si passado), a opressão sexual, a rotina do assédio e abuso sexual, não costumam fazer parte do seu dia a dia. Mas fazem parte da rotina das escravas mulheres. Desde o início da escravidão, homens escravos eram explorados para o trabalho. Já as mulheres escravas eram exploradas para o trabalho, para serviços sexuais e para reprodução. É muito interessante a ideia defendida por Lerner de que os homens “treinaram” para escravizar outros povos começando com suas mulheres (ARONOVICH, 2019, p. 24)

Para Lerner (2019, p. 261) “os papéis e o comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais. Também, e de forma mais significativa, eram manifestados em metáforas primordiais, as quais se tornaram parte da construção social e do sistema explicativo”. Sistema esse que cria, classifica, define e estabelece gênero. “A civilização ocidental fundamenta-se tanto nas ideias morais e religiosas manifestadas na Bíblia quanto na filosofia e na ciência desenvolvidas na Grécia clássica” (LERNER, 2019, p. 245).

“O monoteísmo hebraico conceituou um universo criado por uma força única – a vontade de Deus” e então houve um pacto realizado entre esse Deus e o homem, o que acarretaria somente ser possível a ponte entre Deus e os humanos por intermédio apenas dos homens. “A bênção dada por Deus à semente do homem que seria plantada no receptáculo passivo do ventre da mulher definiu de forma simbólica as relações de gêneros no patriarcado”. E ao ser expulsa do paraíso, a mulher e “a sexualidade feminina se tornaram o símbolo da fraqueza humana e a origem do mal” (LERNER, 2019, p. 247).

Nos séculos VII e V a.C., o conhecimento histórico de uma natureza secular se desenvolveu e floresceu na Grécia. Com os escritos de Tucídides e Heródoto, o registro e a interpretação da história passaram a ser separados do pensamento religioso, assim como a ciência e a filosofia. Mas a construção da história era um produto masculino e permaneceria assim por outros 2.500 anos. [...] A ciência também se desenvolveu excluindo as mulheres da comunidade de participantes e criadores (LERNER, 2019, p. 248).

Ao ler Maryanne Cline Horowitz, Lerner, aponta a crítica feita à Aristóteles, quando este infere acerca da passividade da mulher e sua inferioridade em seu aparato biológico, exemplificando o produto que sai de seu corpo não é seu, mas sim, fruto do projeto de outro, outro este que não pari, mas sim trabalha. “Aristóteles sugere que o homem é *homo faber*, o criador, que trabalha em uma matéria inerte de acordo com o projeto, produzindo uma obra de arte duradoura. Sua alma contribui com a forma e o modelo da criação” (HOROWITZ, 1976, p. 197 apud LERNER, 2019, p. 254).

Aristóteles “é bem consistente ao argumentar que a inferioridade biológica da mulher deve torná-la inferior também em suas capacidades – sua capacidade de argumentar, e portanto, sua capacidade de tomar decisões”. Ele afirma que é natural a superioridade do homem e em

consequência à inferioridade da mulher. A sua visão de mundo é hierárquica e dicotomizada, “a alma comanda o corpo; o pensamento racional comanda o emocional; humanos comandam os animais; homens comandam mulheres; senhores comandam escravos; e gregos comandam bárbaros” (LERNER, 2019, p. 254-255). Em sua concepção, Aristóteles, atesta que:

a sociedade humana é dividida em dois sexos: o masculino – racional, forte, dotado da capacidade de procriação, guarnecido com alma e feito para dominar; e o feminino – emotivo e incapaz de controlar seus desejos, fraco, fornece pouco material para o processo de procriação, destituído de alma e feito para ser dominado. E, por ser assim, a dominação de alguns homens sobre outros homens pode ser justificada imputando-se a esses homens algumas das mesmas qualidades imputadas às mulheres. Aristóteles faz exatamente isso. Escravos “com seus corpos servem às necessidades da vida” – assim como as mulheres. Escravos “participam o suficiente do princípio racional para compreender, mas não têm tal princípio” – assim como as mulheres. Aristóteles justifica a dominância de classe de forma lógica com base em suas definições de gênero (LERNER, 2019, p. 256).

Herdamos a ciência política de Aristóteles que é contrária à de Platão que tinha por intenção “abolir a propriedade privada, a família privada e com ela o interesse próprio em seu grupo de liderança, pois ele enxerga com clareza que a propriedade privada causa antagonismo de classes e desarmonia”. É negando o pensamento utópico de Platão, que a civilização ocidental fundará suas bases a partir da “exclusão de mulheres da cidadania política como o próprio fundamento da organização política democrática” (LERNER, 2019, p. 258).

Quando o homem começou simbolicamente a ordenar o universo e a relação dos seres humanos com Deus em importantes sistemas explicativos, a subordinação das mulheres já era tão bem-aceita que parecia “natural” tanto para homens quanto para mulheres. Como resultado dessa evolução histórica, os símbolos e metáforas mais importantes da civilização ocidental incorporam a hipótese da subordinação e inferioridade das mulheres. Com a Eva caída da Bíblia e a mulher como o homem mutilado de Aristóteles, vemos o surgimento de dois constructos simbólicos que afirmam e admitem a existência de dois tipos de seres humanos – o homem e a mulher – diferentes em essência, função e potencial. Esse constructo metafórico, o da “mulher inferior e não exatamente completa”, incorporou-se a todos os principais sistemas explicativos. De forma a competir com a realidade. [...] Para a sociedade organizada de modo patriarcal esse constructo simbólico representava um ingrediente essencial na ordem e na estrutura da civilização (LERNER, 2019, p. 258).

Lerner ao reconhecer a importância dos símbolos na criação do patriarcado nos conduz observar a maneira desigual a qual homens e mulheres foram submetidos, realidade “construída não apenas na linguagem, no pensamento e na filosofia da civilização ocidental, mas também na maneira como o próprio gênero se tornou uma metáfora que define as relações de poder afim de mistificá-las e torná-las invisíveis” (LERNER, 2019, p. 259).

Com isso, em meio à tantas exclusões, dominações e amputações do existir neste desaguar da criação do patriarcado, emerge, não ao acaso, um movimento de libertação e emancipação dessas mulheres, indivíduos sequer reconhecidos enquanto sujeitos e condenados

à inferioridade e a invisibilidade. Antes mesmo de utilizarmos o termo feminismo – que passou a ser usado somente a partir de 1911 nos Estados Unidos – para nos referirmos à luta das mulheres, muitas já se rebelavam ante a opressão masculina que imperava (e ainda impera, mesmo com tantos avanços na história do feminismo) em suas realidades de dominação patriarcal. Aqui, refiro-me à construção da história do feminismo ocidental (proveniente dos reflexos Europeus e Estadunidenses) como movimento político, prática social, luta diária e teorias basilares que configuram um protesto não só político, mas também intelectual e filosófico às sujeições, violências, domínios e sufocamentos patriarcais impostos compulsoriamente no alongamento da historicidade da humanidade.

Comumente utilizada, a denominação Luta pelas Mulheres, tem seu marco nascente, referenciado recorrentemente nos estudos feministas, com a luta pelo sufrágio universal. Ao compreender que questões relativas à esfera privada, são também coletivas e políticas, as mulheres se movem em direção à luta por independência, autonomia e reconhecimento político (com direito não só ao voto, mas também participe das esferas de poder), econômico e até mesmo sexual. O século XVIII foi marcado pelas intensas transformações de seu tempo, assim, ao nos deslocarmos para o período em que a França viveu a Assembleia Constituinte (1789-1791) onde “a Revolução Francesa, aliada às novas ideias iluministas, acabou com o Absolutismo na França”, encontramos um forte contexto de mudanças no qual a discussão do lugar da mulher nesse cenário iluminista estava em pauta, uma vez que essa filosofia pensava a igualdade jurídica. Foi aí que a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* foi escrita, o documento questionava os direitos e a igualdade das mulheres perante os homens, no entanto suas reivindicações foram negadas. É interessante dizer que “o primeiro ano da revolução foi marcado por eventos poderosos: a Tomada da Bastilha e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão; a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã não foi aprovada e Olype de Gouges, que a elaborou, foi executada” (MIRANDA, 2015, p. 7).

Já em 1792, com o tratado *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, considerado a primeira obra feminista (mesmo muito antes deste termo existir), encontramos as bases do feminismo moderno. Escrito por Mary Wollstonecraft, o texto reivindicava a defesa da igualdade entre homens e mulheres e a educação como impulsionador do lugar de igualdade da mulher na sociedade. Além disso, reconhece que os homens têm privilégios em relação às mulheres na construção social, o que antes era colocado como direito natural ou divino do homem na sociedade (WOLLSTONECRAFT, 2015).

Em setembro de 1791, Wollstonecraft começou a escrever *Reivindicação dos direitos das mulheres*, que elaborava uma série de pontos já feitos na obra

[*Reivindicação dos Direitos dos Homens* publicada em novembro de 1790] anterior, ou seja, que, na maioria dos casos, o casamento não era nada além de uma relação de propriedade, e que a educação recebida pelas mulheres apenas garantia que elas não conseguiriam atender às expectativas que a sociedade tinha delas e que certamente garantia-lhes uma vida infeliz (MIRANDA, 2015, p. 11).

Já no século XIX com a Revolução industrial, o movimento feminista passa a emergir a partir das trabalhadoras, em especial nos EUA o movimento reivindicava a abolição da escravidão e o reconhecimento de pautas interligadas à luta de classes, ao expressar diferenças importantes entre o Movimento de mulheres operárias e o Movimento das mulheres da burguesia. Aqui o movimento sufragista aparece com a Declaração dos Sentimentos em 1848, com uma ampla organização das mulheres em busca de direitos políticos e econômicos (direito à voto), reivindicando o direito fundamental das mulheres se posicionarem politicamente de forma igualitária aos homens. No entanto, assim como na Revolução Francesa, as mulheres tiveram suas reivindicações negadas. No século XX, no contexto de pós Segunda Guerra, o Sufrágio, enfim passa a ser conquistado.

Foram setenta anos de luta nos Estados Unidos, sessenta na Inglaterra; e quarenta no Brasil, sempre enfrentando uma oposição de sofismas jurídicos, argumentos moralistas, ridicularização e violência policial, ações com intuito de impedir ou retardar o exercício desse elementar direito de participação democrática e cidadã: votar e ser votada” (ALVES, 2019, p. 60).

Com o aparecimento de Simone de Beauvoir que escreve em 1949 *O segundo sexo*, surgem reflexões importantes a se pensar, em um estudo interdisciplinar nos faz pensar o gênero enquanto construção social, ideia central na construção das teorias de gênero e feministas. Guacira Lopes Louro, em seu texto *Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, reflete sobre a construção do processo de discussão acerca de gênero e feminismo. Louro (2003) nos apresenta a emergência das questões de gênero e seus momentos históricos, revelando nas discussões iniciais do movimento feminista a perspectiva limitada e dual do que é ser mulher e homem. Assim sendo, há um processo histórico de construção do movimento feminista enquanto um movimento social organizado que almejava sair da dominação masculina imposta pelo patriarcado.

Nesse sentido, aproximadamente na década de 1960, há uma preocupação com a construção teórica a respeito desse debate. E, é nesse contexto que emergem os escritos de Simone de Beauvoir, motivados por entender a situação de opressão que as mulheres viviam cotidianamente. Assim, estudando profundamente as condições das mulheres Simone a obra já mencionada. Nestes dois volumes que compõem *O Segundo Sexo*, Simone apresenta a

condição da mulher em segundo lugar, ou seja, em relação ao primeiro que neste caso é o masculino/homem (o absoluto e universal).

Simone de Beauvoir (1908-1986) filósofa, feminista e romancista francesa. Nascida em Paris, estudou na Sorbonne e ficou famosa quando escreveu o clássico estudo sobre a opressão das mulheres, *Le Deuxième sexe* [O Segundo sexo] (1949). Trata-se da primeira obra influente de filosofia feminista a distinguir a diferença sexual biológica das categorias masculinas e femininas impostas socialmente (BLACKBURN, 1997, p. 38).

Em sua época, reconhecida como filósofa existencialista, Simone de Beauvoir se dizia escritora, foi graduada e licenciada em filosofia, professora de ensino médio e superior em filosofia; escreveu ensaios teóricos relevantes de história da filosofia sendo o mais conhecido. Sua obra não era considerada feminista, algo que surge a medida que o movimento e os estudos feministas ganham expressividade passando a ser reconhecida como feminista somente a partir do final dos anos 1960 (KAIRKPATRICK, 2020). A chamada segunda onda do feminismo estava vinculada ao debate corpo/ desejo, contracepção e tutela corporal, onde as ideias de Beauvoir, que refletiu e escreveu muito antes da segunda onda, por mais que coincidam, quando escreveu a obra *O Segundo Sexo* não tinha intenção de que este fosse uma obra feminista.

Para ela sempre falamos de algum lugar, sendo que este está fundamentado em valores que orientam a nossa existência, que em seu existencialismo o existir é existir no mundo. O pensamento de Beauvoir se opõe à ideia de sujeito universal, que é evidentemente uma abstração e não concreto (BEAUVOIR, 2019a).

“Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-lo pelo “eterno feminino” e se, no entanto, admitirmos, ainda que provisoriamente que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher?”. Com isso Beauvoir diz que este enunciado sugere uma primeira resposta, afinal a ideia de escrever um livro acerca da situação singular ocupada pelos machos na humanidade não se passaria pela cabeça de um homem. “Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher.” Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente” (BEAUVOIR, 2019a, p. 11).

Em termos representativos o homem é o positivo, o neutro, sendo dito “os homens” quando na verdade estamos nos referindo aos seres humanos. Já, como negativo temos a mulher “de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade” (BEAUVOIR, 2019a, p. 12).

A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 2019a, p. 12).

Em Beauvoir sexo e gênero não se distinguem, o sexo da mulher, como segundo, é sempre em relação ao primeiro, esse que nunca se opõe a nada, sendo este o sexo absoluto. Com isso ser do sexo feminino, de forma geral é ser uma negação, pois ele é determinado a partir do sexo masculino que por si só é. Para ela, o feminino é o outro sexo com relação ao homem, mas o contrário não é válido, pois para a mulher o outro não está no masculino, mas como para o homem, está na própria mulher. Então, nós enquanto mulheres estaremos sempre no lugar desse “Outro” (BEAUVOIR, 2019b).

Ao mesmo tempo que eu sou Eu, eu sou Outro em relação à alguém. O Outro a que se refere Beauvoir advém da dialética do senhor e do escravo de Hegel. Para Beauvoir sermos indivíduo não é sinônimo de sermos sujeitos, uma vez que só se é sujeito na autenticidade e o que confere autenticidade à subjetividade é a liberdade, pois para os existencialistas a existência pressupõe a liberdade. Com isso temos que o que limita a liberdade é a opressão e então quem teria muita liberdade acabaria por não oprimir e sim libertar (BEAUVOIR, 2019a).

Márcia Tiburi (2019, p. 25), em *Quem tem medo de Simone de Beauvoir?*, publicado na edição comemorativa de 70 anos da obra *O segundo sexo*:

O livro de Simone de Beauvoir foi fundamental para colocar os pingos nos is [...]. O feminismo sempre foi a teoria que buscou legitimar a reivindicação de direitos para as mulheres, com Simone de Beauvoir ele se tornou a consciência crítica e, ao mesmo tempo, transformadora da desigualdade de gênero. A frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” desmascara a invenção histórica que fez “homens” e “mulheres” padecerem sob estereótipos em nada relacionados à sua autocompreensão subjetiva. Com essa ideia começa o que muitos chamam de “segunda onda” do feminismo, caracterizada justamente pela desmontagem da questão de gênero.

Quando passamos a refletir sobre o gênero e sua invenção histórica, compreendemos que a “Naturalização” é o que experimentamos no dia a dia quando vivemos dentro do binarismo “homem-mulher”, considerando todas as formas que não se encaixam nesse padrão heterossexual como inadequadas, ou então como um erro da natureza”. Com relação ao gênero, resulta na divisão do trabalho, tanto dentro como fora de casa, assim como em um sistema que privilegia o masculino e com muitos preconceitos (TIBURI, 2019, p. 25). Tais divisões estão conectadas com a opressão e o que define uma situação de opressão é o fato de que ela nunca é natural. A forma de aceitarmos pacificamente a opressão é camuflarmos essa de natural, pois não é possível nos revoltarmos contra a natureza, logo se percebermos algo como natural, não

haverá rebeldia. Acontece que logo nas primeiras linhas de *O segundo sexo*: a experiência vivida Beauvoir, anuncia que

ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode construir um indivíduo como um *Outro* (BEAUVOIR, 2019b, p. 11).

Ao final do volume II da obra já citada de Beauvoir podemos avistar que há um caminho possível para que se alcance a liberdade da mulher, uma delas, com grande importância, é que independente do caminho que se escolha para se chegar à liberdade, este necessariamente perpassará pelo meio da união e não pelo individual. Ou seja, a liberdade das mulheres se dará pela via coletiva, sendo esta por meio da ação política, que conseqüentemente deve produzir profundas transformações na sociedade, não apenas para grupos localizados, esse ou aquele, mas sim para a sociedade como um todo.

Um ponto de destaque nas considerações de Beauvoir refere-se a mudança das condições que criam e/ou sustentam as diversas, múltiplas e plurais situações de opressão. Por não haver uma única causa de opressão, há que se ter diversas frentes de luta, portanto a diversidade de feminismos é inevitável.

Dentro da ação política, coletiva, como propõe Beauvoir, o corpo assume caráter político, é como uma subjetividade encarnada. O corpo de uma mulher, além de se colocar no mundo, coloca o mundo, como dito por ela: *realiza-se como liberdade*. Pois o corpo da mulher não nasce livre e sim torna-se livre.

2.2 CENA – NO RURAL NÃO É DIFERENTE...

A temática mulher e o rural é uma realidade frente às transformações sociais que vêm sendo tecida pela sociedade pós-industrial. Janaína Betto (2016), ao pesquisar as jovens camponesas e seu engajamento militante no MMC/SC (Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina), descreve que a coletividade é a base dessas mulheres rurais na luta contra o sistema que sustenta as desigualdades de gênero entre homens e mulheres ao longo dos tempos. A autora destaca a necessidade de valorização da contribuição das mulheres para o exercício de novas relações sociais e de produção entre as pessoas e a natureza.

Um fato bem conhecido, entre nós, é que o acesso das mulheres à terra é menor que o dos homens no mundo todo. A América Latina e, dentro dela, o Brasil não são exceções. A conquista do direito a esse bem em vários países não significou uma

possibilidade concreta de filhas de agricultores partilharem a herança em pé de igualdade com seus irmãos homens (PAULILO, 2016, p. 189).

Com esta provocação teórica de Maria Ignez Paulilo – uma renomada pesquisadora social que há décadas vem acompanhando por meio de suas pesquisas as condições de vida da população rural, em especial das mulheres rurais –, inicio esta cena indicando a exclusão e desvalorização das mulheres a nível global, das mais variadas formas. Em seu esforço teórico e analítico, Paulilo (2016) reflete sobre o trabalho familiar no meio rural e revela que a depreciação das múltiplas tarefas femininas “é um reflexo da desvalorização que perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, incluindo a família” (PAULILO, 2016, p. 192).

Paulilo (2016, p. 190) também questiona a relação mulher e a propriedade da terra e, neste sentido, expõe que embora o direito da igualdade de gênero seja garantido, “isto não significa que, na partilha da propriedade agrícola, as filhas herdem como os filhos”. Há dificuldade em abordar a temática da herança na agricultura familiar, porém, mesmo com situações específicas de cada região e núcleo familiar, é seguro afirmar que a posse de terra, a partir de uma herança, pertence ao lado masculino da família, cabendo às moças acessar esse bem por meio do casamento. Salvo algumas exceções descritas por Paulilo (2016, p. 191): “quando não há descendência masculina, quando há uma filha casada que cuida dos pais na velhice, quando os pais possuem muita terra, ou, ao contrário, quando a exploração agrícola não tem importância como meio de produção para os herdeiros”. A autora ainda recorda:

que nem todos os filhos homens herdaram terra quando a propriedade é pequena, porém, para eles, há mecanismos de compensação que tentam respeitar uma correspondência entre o que foi perdido e o que foi ganho. Os que estudam, seja homens, seja mulheres, não herdam terra porque “já ganharam o estudo”. Também não a recebem quando saem da casa dos pais e vão trabalhar na cidade, enquanto um irmão ou mais ficam. Quanto às mulheres, recebem um enxoval quando se casam, composto de mais ou menos itens dependendo das posses dos pais. As que não se casam nada recebem. O destino das celibatárias – cuidar dos pais e, depois de sua morte, ficar “encostadas” na casa de uma irmã ou cunhada, ajudando nos afazeres domésticos – não é invejado por ninguém (PAULILO, 2016, p. 191).

Neste estudo, embora a autora o tenha publicado há cinco anos – na Revista de Estudos Feministas em 2004 e compilado com outras reflexões em 2016 –, percebo o atual debate a respeito do lugar construído para a mulher no meio rural. É notória a ampliação dos direitos das mulheres e a transformação desses espaços, basta acompanhar os inúmeros estudos que revelam o empoderamento da mulher na sociedade (PAULILO, 2016), porém ainda há muito que caminhar na consolidação e ampliação da visibilidade e valorização destas no meio social, em especial no universo rural onde os espaços produtivos são em grande maioria masculinizados.

Ainda referenciando os estudos de Paulilo (2016, p. 192), e seus encontros com as mulheres rurais a respeito da temática que envolve a herança familiar, ela indica a revolta dessas ao debater tal assunto. Quando a barreira é rompida para falar, as mulheres revelam que sempre “trabalharam tanto quanto seus irmãos na terra de seus pais” e isso indica o merecimento de igual herança. No entanto,

a tradicional exclusão feminina do acesso à terra faz com que elas também sejam ignoradas pelas políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, por mais que as leis brasileiras condenem a discriminação por sexo. [...] A exclusão das mulheres não para por aí, atinge também a previdência rural. [...] A luta por direitos previdenciários iguais está presente nas reivindicações dos movimentos de mulheres rurais, mas a exclusão da terra é quase um tabu, não aparecendo como uma bandeira de luta forte em nenhum dos movimentos (PAULILO, 2016, p. 193).

Com relação ao trabalho da mulher no meio rural, Paulilo (2016) afirma que não se pode compreender “mulher rural” de forma genérica, pois esta categoria pertence à família, seja de pequenos, médios e grandes proprietários, parceiros e assalariados; salientando que (a participação feminina) interfere e influencia diretamente de forma mais expressiva do que qualquer outra variável, na questão produtiva dessas famílias. Em referência ao termo “mulher”, a autora afirma

[...] “mulher” em abstrato não existe, nem mesmo para fins de estudo. Toda mulher está inserida em uma realidade socioeconômica e cultural que, por ser heterogênea e conflitante, não permite que o problema “mulher” seja um problema único, dependendo de uma solução que possa ser benéfica para toda a população feminina. Em um mundo de interesses antagônicos, sempre haverá ganhadores e perdedores, e isso é verdadeiro para homens e mulheres. Assim, o problema das mulheres não é um problema só delas, mas sim das mulheres, dos homens e de toda a sociedade (PAULILO, 2016, p. 53).

Ao tratar do Movimento das Mulheres Agricultoras e dos muitos sentidos da igualdade de gênero, vinculadas às questões de gênero e classe social, Paulilo (2016, p. 274) salienta que “não importa por onde as mulheres comecem a questionar, se discutindo gênero ou classe, porque uma preocupação leva à outra”; sugerindo que há necessidade de aprofundamento em ambas as questões para que possamos ultrapassar um debate raso e adentrar um campo destituído de preconceitos. Ao finalizar suas reflexões, propõe que:

as reivindicações específicas e o comportamento das militantes dos diferentes movimentos de mulheres rurais talvez possam usufruir de uma convivência mais frutífera, se houver uma aceitação da luta das mulheres, como uma “multiplicidade”, isto é, convivência de diferentes organizações e, mais que isso, se as diferenças mais profundas não forem encobertas pelo manto de uma “igualdade de gênero” que engloba visões diferentes e até conflitantes. As tentativas de compatibilização, por mais que sejam desejadas e tidas como meta a ser atingida podem significar dominação e futuras dissidências (PAULILO, 2016, p. 274).

Ao manifestar tamanha dedicação teórica e esforço reflexivo acerca das mulheres rurais, seus contextos e experiências, recorro às reflexões teóricas construídas por Paulilo ao longo dos anos (quatro décadas), sobre os debates de gênero e suas relações para a construção e elaboração da tese. É interessante relatar que as transformações sociais desencadeadas nos últimos anos revelaram um aumento nas pesquisas acadêmicas a respeito das questões de gênero, desvelando novos conceitos e teorias.

Joan Scott nos anos 1980 e início de 1990, foi a primeira teórica feminista a falar de gênero como categoria de análise. Historiadora norte-americana e especialista nos estudos de feminismo na França, Scott aponta para a simplificação da categoria gênero ao relacioná-la exclusivamente com “mulheres” afirmando, ser este apenas um dos aspectos de tal categoria. De acordo com ela, “as preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX” (SCOTT, 2019, p. 63).

A meu ver, é significativo que o uso da palavra gênero tenha emergido em um momento de grande efervescência epistemológica entre pesquisadores em ciências sociais, efervescência que, em certos casos, toma forma de uma evolução dos paradigmas científicos em direção a paradigmas literários [...]. Em outros casos, essa evolução toma forma de debate teórico entre aqueles que afirmam a transparência dos fatos e aqueles que insistem na ideia de que qualquer realidade é interpretada ou construída entre aqueles que defendem e aqueles que colocam em questão de que o “homem” é o senhor racional do seu próprio destino (SCOTT, 2019, p. 65).

Mencionar os estudos de gênero, requer abarcar os esforços de Joan Scott, uma importante referência teórica na utilização da categoria gênero. Para Scott (1991, p. 21),

o núcleo essencial da definição [gênero] baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Ademais, por se tratar de um elemento constitutivo das relações resulta de quatro elementos inter-relacionados, sendo eles: a) referido aos “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias)”; b) remete aos “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos [...] e tipicamente tomam forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino”; c) também que “o gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco” e d) Diz respeito à identidade subjetiva. “Conferências

estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do poder em si” (SCOTT, 1991, p. 21-22). Nos estudos de Joan Scott, em suas interpretações “o gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1991, p. 23).

A antropóloga Ellen Woortmann (2010) quando se refere à estudos direcionados ao “mundo rural”, indica que embora as pesquisas de gênero no universo rural ainda estejam se consolidando, estas colaboram para a visibilidade do tema como uma importante pauta de pesquisa e contribuem para a emancipação das próprias mulheres rurais (WOORTMANN, 2010). Neste sentido, além de Maria Ignez Paulilo, é fundamental referenciar os esforços de Anita Brumer, quando refletimos sobre gênero no meio rural.

Em uma de suas pesquisas, intitulada *Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul*, a pesquisadora analisa “as causas da mais acentuada migração rural-urbana de moças do que de rapazes rurais, com base na forma de inserção das mulheres na unidade de produção familiar agrícola” (BRUMER, 2004, p. 205). À vista disso, seus esforços científicos, contribuem, não só para refletir questões de gênero e juventude no meio rural, mas também para referenciar a agricultura no estado gaúcho e a reprodução dos estabelecimentos familiares neste espaço. Segundo a autora, assim como referenciado por Paulilo (2016, p. 192), na fala das mulheres, “trabalharam tanto quanto seus irmãos na terra dos pais” a respeito da herança familiar e da posse de terra no meio rural,

diversos estudos que examinaram a divisão do trabalho por sexo na agricultura permitem concluir que as mulheres (e, de um modo geral, também as crianças e os jovens) ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como ‘ajuda’, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles (BRUMER, 2004, p. 210).

Nessa perspectiva, Brumer (2004) evidencia as desigualdades de gênero em seu estudo, bem como a falta de motivação das mulheres em permanecer no meio rural pela reduzida expectativa profissional, especialmente ao conferir “às mulheres (principalmente às mulheres jovens) uma posição subordinada na estrutura familiar – evidenciada na distribuição das atividades nas esferas de produção e reprodução, do poder e do acesso à propriedade da terra” (BRUMER, 2004, p. 225).

Valmir Stropasolas (2004), ao refletir acerca do ‘valor (do) casamento na agricultura familiar’ na região Oeste de Santa Catarina, já apontava a importância de se olhar para os processos migratórios do meio rural, especialmente seu caráter seletivo e a sua tendência de ‘masculinização’ da população rural. Ao referenciar seus estudos, Stropasolas (2004, p.

263), nos expõe que para as moças e mulheres “‘interior ou cidade’ não constitui apenas opções de moradia; está em jogo a relação entre ‘independência e dependência’. Não é pela cidade em si que elas saem, ou exclusivamente pela procura de uma melhor condição de vida, mas, sobretudo, pela independência que isso pode proporcionar”. Esta observância de Stropasolas (2004, p. 255) revela que “a vigência de relações sociais desiguais e excludentes no seio da agricultura familiar é um dos principais fatores responsáveis pela saída das mulheres do campo”.

Ao lado dos valores propriamente rurais, aparecem valores incorporados do mundo urbano e adotados sobretudo pelas mulheres. Mas o êxodo é, essencialmente, resultado do fato de as mulheres serem mais bem preparadas que anteriormente para enfrentar a vida urbana, passando a questionar o que é visto como servidão na vida camponesa. Menos ligadas à terra que os rapazes, quando providas de um mínimo de instrução indispensável para se adaptar ao mundo urbano, parcialmente liberadas das restrições familiares em razão do enfraquecimento das tradições, mais prontas a adotar os modelos de comportamento urbano, as filhas dos agricultores podem ganhar as cidades mais facilmente que os rapazes (STROPASOLAS, 2004, p. 256).

Outras pesquisas, como as de Brumer (2007), Stropasolas (2004; 2013) e Marin (2018) evidenciam que a busca por estudos e a recusa do casamento por parte das moças representa o afastamento da “continuidade da condição social da mulher na agricultura, condição vivida por suas mães e que elas não pretendem reproduzir” (STROPASOLAS, 2004, p. 262). De acordo com Joel Orlando Marin (2018, p. 70), ao expor a importância da instituição escolar na vida das jovens rurais, as jovens mulheres entendem os estudos “como alternativas privilegiadas para inclusão em posições socialmente valorizadas e constituição do agente produtivo autônomo, que se fundamenta na conquista da autonomia pessoal por meio de um trabalho socialmente valorizado e na aspiração de não repetir a profissão de suas mães”. Dessa forma, por esse descontentamento com a condição social, as mulheres jovens almejam outras perspectivas futuras, vinculando seus projetos profissionais às cidades (STROPASOLAS, 2004; BRUMER, 2007; MARIN, 2018).

Rodrigo Duarte Faccin (2016, p. 24), em sua pesquisa “O trabalho de mulheres assentadas: descortinando desigualdades” em Piratini (no Rio Grande do Sul), salienta que “a desigualdade entre homens e mulheres são expressivas e marcantes no meio rural brasileiro, identificadas em um contexto de reprodução social baseada em elementos que fazem distinção por gênero de forma hierarquizada”. O autor também destaca que as famílias, inclusive as próprias mulheres, sem perceber, reforçam os papéis sociais de gênero, sendo assim essa reprodução de “papéis tradicionais” de gênero é um fator importante para a sustentação da dominação masculina e da discriminação das mulheres nos diversos ambientes (FACCIN, 2016).

Em sua pesquisa, onde busca compreender as relações de gênero que circundam pecuaristas familiares solteirões no município fronteiro de Alegre no estado do Rio Grande do Sul, Cassiane da Costa (2018, p. 32) relata que “as mulheres rurais também estão assumindo espaços importantes na liderança de organizações representativas de agricultores familiares no município”. A autora salienta que durante a realização da pesquisa foram mencionados muitos casos de divórcios no espaço rural estudado, e esses ocorridos por iniciativas das mulheres. Nos relatos apresentados, há menções de que nas décadas passadas as mulheres que se separavam sofriam algumas restrições na sociedade, tais como proibições de participação de bailes no Centro de Tradições Gaúchas – CTG, mas que isso tem se modificado. De acordo com os relatos oportunizados em sua pesquisa de campo, Costa (2018, p. 33) nos diz que “os casos de mulheres rurais que se separam do companheiro, após terem filhos crescidos, vêm aumentando” e que por mais distintas as justificativas quando ditas por homens e mulheres, as mulheres de forma geral relatam “o divórcio a partir do sofrimento gerado pela dominação exercida pelo marido ao longo de muitos anos”. E distingue que, muito embora os homens tenham justificado a separação por questões de escolha de local de moradia, por suas esposas terem escolhido residirem na cidade, “possivelmente estes homens não reconheçam a situação de dominação a que submetiam suas ex-companheiras”.

Cassiane da Costa, Kelly Cristina Camargo e Martha Giudice Narvaz em seu artigo intitulado *Violência de gênero no rural: gritos que ecoam pelo Pampa*, nos confidenciam o quanto difícil foi realizar uma pesquisa empírica acerca da temática de violência de gênero e que transcrever tais violências partilhadas nas entrevistas implicou em chorar com elas. Nessa pesquisa, ocorrida “no contexto do rural profundo de Santana do Livramento/RS” município da fronteira sul do estado, “onde são características as grandes distâncias e o difícil acesso, acontecem muitos casos de violência de gênero” (COSTA; CAMARGO; NARVAZ, 2018, p. 57).

A ampla perspectiva social de papéis de gênero que estendem nosso cotidiano de sociabilidades, está presente em diversos espaços e o rural é um deles, talvez, inclusive, seja um espaço cultural que detém tais traços patriarcais mais presentes e intensos, considerando o forte conservadorismo ainda muito assíduo em tais espaços. No Sul do Brasil os traços arcaicos do conservadorismo têm forte presença ao largo do território; e isso se evidencia em municípios de fronteira, mais ainda ao sul do Estado. Com isso a socialização no trabalho, como dito por Costa (2018, p. 23) já durante a infância, “reflete o que é entendido como coisa de menino, e o que é entendido como coisa de menina”.

Em sua pesquisa, a autora destaca que “a distribuição das tarefas entre os filhos e filhas obedecia a um padrão conforme o sexo, geralmente sendo destinadas atividades relacionadas com o manejo do gado e da agricultura aos meninos, e tarefas do trabalho doméstico e do cuidado de irmãos menores às meninas” (COSTA, 2018, p. 23). No entanto é importante termos em mente que, como nos encoraja Costa (2018, p. 30) “a dominação masculina é socialmente construída, [e justamente por isso] ela também pode ser desconstruída a partir da tomada de consciência e da luta”.

2.3 CENA – PASSOS LENTOS, CAUTELA E RECEIO: ME ENTENDENDO EM MEIO AO GÊNERO, ME RECONHECENDO FEMINISTA

Sou filha de mãe solo, nasci no ano de 1987, em Santa Maria no Rio Grande do Sul. Mas minha mãe e meu pai residiam em Júlio de Castilhos (cidade natal de meu pai), cidade com menos de 20 mil habitantes, que naquela época, era ainda menos populoso. Características de um rural monocultor, conservador e que se orgulhava dos brasões das famílias mandatárias regionais. Minha mãe, filha de agricultores familiares do município de São Pedro do Sul e nascida em São Sepé – todos municípios mencionados aqui, se avizinham e pertencem à região central do Estado do Rio Grande do Sul. Sou filha de uma mulher que é parte das estatísticas do êxodo das meninas do meio rural, teve oportunidade de estudar na Universidade Federal de Santa Maria e cursar Tecnólogo em Cooperativismo, antes mesmo de eu nascer. Mas perdeu o pai cedo, o vô tinha menos de 60 anos quando faleceu em decorrência de câncer, no plural, espalhado por seu corpo que via no pacote da Revolução verde algo que pudesse construir uma vida melhor para suas filhas e filhos, pagou com o corpo, com a vida. O estudo, para ele e para a vó, era central, as gurias, todas as três, estudaram e concluíram suas graduações, os guris, também três entre idas e vindas permaneceram na atividade agrícola, hoje agronegócio.

Eu, filha de mãe solo, provedora do lar, filha da mãe graduada e do pai autônomo que passa a ser frentista, nunca entendi que houvesse algo que eu, mulher, quisesse fazer e não pudesse. Minha avó, viúva, minhas tias formadas e provedoras de si, mesmo casadas, e minha mãe que junto de minha avó eram responsáveis pela minha educação, não demonstravam que o mundo poderia ser tão cruel com as mulheres. Ouvia minha mãe e minhas tias falando da chácara que o vô, quando falecera, deixara para as gurias, e que o maquinário era dos guris, assim para mim, mulheres herdarem um pedaço de terra era algo normal, comum, acontecia...

Demorei para perceber que o sonho do casamento e da maternidade eram compulsórios e que, em grande medida, aprisionavam as mulheres. Não entendia que minha mãe, vista como

guerreira e lutadora, na verdade era uma mulher muito sobrecarregada e explorada. Também seu corpo dá os sinais do peso do cotidiano das mulheres mães solo.

Mesmo que com liberdades e com a representação de que a mulher poderia se prover e não depender de nenhum homem, eu fui criada no Rio Grande do Sul, um dos estados mais conservadores, ou ao menos que se orgulha de o ser. Fui prenda de Centros de Tradições Gaúchas, aquela que com sua graça, estudos sobre a cultura (a partir do olhar do colonizador), postura, sorriso, atuação perfeita de “presente” que é para o homem (peão) e para a entidade tradicionalista, representa e reproduz com graciosidade as normas do patriarcado. Demorei para entender, demorei um longo tempo.

De família religiosa, minha avó católica (penso que era mais uma mulher de fé do que uma mulher de instituição religiosa) sempre ficava desconcertada quando eu dizia que me chamavam de subversiva, até hoje não sei ao certo o que ela pensava sobre, mas ficava aterrorizada. Avós e avôs, todos descendentes de famílias italianas que, em meio a tanta pobreza em seu país de origem, pobreza produzida pelo patriarcado, pelas guerras, pela ganância e pela exploração, buscavam do outro lado do oceano possibilidade de reprodução e manutenção da vida. Famílias que acreditaram no sonho de poderem construir uma vida possível de ser vivida e não dilacerada pela guerra e pela fome. Chegaram no Brasil e passaram a construir outras formas, inclusive opressivas como todo sujeito que não se liberta tende a fazer. Com isso, as narrativas de que toda minha descendência era europeia, foram centrais por quase toda minha vida até pouco tempo.

Em meio ao doutorado e a pesquisa de mim, que passava a se aprofundar na medida em que eu pesquisava as mulheres, e que me desconstruía do discurso único, passei a perguntar mais para a vó sobre sua infância. Eu ia na mãe e ficava horas sentada com a vó, tomando chimarrão e perguntando quase sempre as mesmas coisas, pois cada vez que conversávamos ela aprofundava alguns detalhes que antes nunca tinha mencionado.

Eis que um dia, após as eleições presidenciais de 2018 (ela sempre costumava dizer que não gostava de política e que cada um tem um jeito, tem seus pensamentos e que precisávamos aprender a lidar com todos), eu que nunca fui de poupar palavras, estava com o discurso afiado em relação ao voto de um dos irmãos de minha mãe. Ela, deu um murro na mesa (estávamos na mesa da cozinha, logo após o café da manhã) e disse: *Eu odeio política! Pois tu sabe por que eu odeio política? Pois tu sabe?* Eu, em choque, pois nunca tinha visto ela daquela maneira, recuei e perguntei o motivo. Eis então que ela desata a falar que os seus avôs eram adversários políticos, lá na localidade do Cerro Claro (interior de São Pedro do Sul) e eram adversários nada pacíficos, por seu relato.

Acontece que, eu sempre ouvi a vó falar que a vó dela, mãe da mãe, era bugrinha (forma com quem os colonizadores chamavam a população local originária, os indígenas) e que o vô tinha o fio do bigode que nem de bugre, mas quando perguntava ela dizia que sabia pouco ou quase nada. História que era deixada de lado e que era dita assim: *é tudo italiano, só um pezinho que não*. Mas a opressão a esse “pezinho”, não europeu, era indígena, era um casal de lideranças indígenas do lugar, que foram silenciados pelo povo que, parece que havia esquecido que advinham da guerra para tentar sobreviver, e vendo os locais como Outro, o reconheciam como rivais.

Acontece que ela odiava política porque sua família materna sofreu no corpo os efeitos do patriarcado e do sistema que se apossa e é dono de tudo. São quatro gerações que tiveram de suas histórias, a narrativa de si mutilada, silenciada, sufocada e suprimida pela cultura dominante patriarcal e colonizadora. Esse ocorrido me sacudiu e me fez ter coragem de olhar para o que até então eu insistia em ignorar. Eu era reconhecida por outras mulheres, e não só por mulheres, como feminista, como uma mulher que tinha consciência da opressão do patriarcado, mas eu não sei se eu tinha, ao menos não elaborava isso de forma tão bem.

E então, só aí eu tive coragem, com isso que disse, com as experiências narradas e com o fato de que sim, minha pesquisa era sobre gênero, era sobre feminismo, era sobre o sujeito do feminismo, era sobre a opressão, sobre o silenciamento, sobre todas as formas de invalidação desse Outro, que para essa sociedade, nunca deixa de ser Outro, nunca passa a ser sujeito.

2.4 CENA – AGORA A PESQUISA PODE ACONTECER: QUERERES QUE DÃO POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA A ESTA EXPERIÊNCIA

Agora, só agora essa pesquisa poderia acontecer, e essa investigação era sobre mim, era sobre elas, era sobre nós! Elas se viam nas outras mulheres e eu me via nelas, elas se viam em mim. Nos autorizávamos, nos reconhecíamos e nos permitíamos ser sujeitos não sujeitadas, com a Outra poderíamos então ser e com isso existir.

Essas mulheres, pulsavam em suas presenças e ausências, essas e tantas outras. A minha própria presença e ausência era evidente. Percebi urgente descortinar alguns “pecados” que essa pesquisa havia cometido. E ao admitir isso percebi que talvez, justamente esse passo “errado” era o acerto. Antes de ter coragem de escrever, de fato, eu questionava como se dava essas presenças e ausências das mulheres em ambientes institucionais, onde há predominância de uma cultura patriarcal e dicotômica, dual, polarizada, nesses locais rurais, onde a produção é

predominantemente da monocultura. Como eu poderia refletir sobre isso a partir de uma luta por reconhecimento?

E se a mulher, na terra do patriarcado é vista não como sujeito, mas como posse, como essas mulheres percebem a si mesmas? Quais possíveis narrativas delas eu desconheço, nós desconhecemos, por nunca, nem mesmo perguntar? Como o encontro com Outras, possibilita distintas narrativas de si? Como essas mulheres passam a compreender a si mesmas com o encontro com esse Outro? Se o gênero, como propõe Judith Butler, é performativo, quais possibilidades eu desconheço e que ao encontrar com Outras, em outros contextos, com outras trajetórias e histórias posso tornar parte de minha performance?

O tal objetivo, que mais percebo como um dos quereres da tese, dentre tantas idas e vindas, ampliações temporais, reflexões do e no campo, em teorias, mediadas, em especial por Moriceau e Butler, mais que compreender, percebi um descortinar do processo de se conhecer, se reconhecer e ser reconhecida enquanto sujeito, dessas mulheres vinculadas às Comissões de mulheres da FETAG/RS, por meio da experiência com elas e de suas narrativas de si.

Mas e como fazer isso?

Falar sobre si, falar sobre sua experiência, relatar. Tecer explicações, encontrar o fio da meada, ou perder-se no emaranhado de sensações. Para Rago (2013) e Butler (2015), os relatos de si, numa perspectiva afetiva, são importantes ferramentas na medida em que possibilitam aos indivíduos uma atenção a suas ações e a seus movimentos responsivos, ajudando-os na compreensão de si, bem como no entendimento do outro. Os relatos de si não obedecem, necessariamente, a uma temporalidade linear, mas se fazem a partir de episódios que marcaram a trajetória dos sujeitos (MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 90).

Judith Butler (2019c, p. 44) na obra *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, ao fechar o capítulo *Um relato de si*, com a pergunta “*Quem és?*” inicia sua reflexão dizendo que:

Embora a teoria social do reconhecimento insista no papel das normas quando se trata de construir a inteligibilidade do sujeito, nós entramos em contato com elas principalmente por meio de trocas imediatas e vitais, nos modos pelos quais nos interpelam e nos pedem para responder à pergunta sobre quem somos e qual deveria ser nossa relação com os outros (BUTLER, 2019c, p. 44).

Nessa obra, seu primeiro estudo na filosofia moral, Butler inicia questionando qual o significado de ter uma vida ética e com responsabilidade na ação, partindo de um lugar de refletir sobre a fundação de um novo sentido do sujeito, da origem do sujeito. Então nos diz que primeiro é preciso que nos perguntemos quem é esse *eu* que se percebe obrigado a agir e a relatar a si de uma maneira determinada. Acontece que, como desdobrado por Butler, percebemos que não é uma tarefa fácil, mas sim difícil, o exercício de narrar a si, mesmo que seja algo fundamental para a compreensão ética de nós, de nós em coletivo, do ser humano.

Butler nos oportuniza pensar que nunca nos conheceremos por completo, nossa forma de conhecermos a nós mesmos será sempre incompleta, isso por ser conectado com um mundo social que precede nossa existência, ou seja, que preexiste antes de que eu aqui habite, e que molda nossa existência de tal forma que se torna impossível termos a amplitude de apreensão completa. (BUTLER, 2019c). Mas há que se saber que essa preexistência é produto das interações entre os indivíduos, culturas, que se dá a partir da sociabilidade permeada de nossa historicidade.

Margareth Rago (2013), historiadora e professora na Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora de temas relacionados a sexualidade, gênero, subjetividade, feminismo e anarquismo, em seu livro *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, reflete junto de Foucault quando esse, em *A hermenêutica do sujeito*, “reconhece a existência de inúmeras tentativas históricas de fundação de um indivíduo ético e de novos espaços políticos e sociais”. Faz isso com questionamentos apresentados por ele: “é possível constituir, reconstituir uma estética e uma ética do eu? A que preço e em que condições? Ou então: uma ética e uma estética do eu não deveriam finalmente inverter-se na recusa sistemática do eu?” (FOUCAULT, 2004b, p. 305 apud RAGO, 2013, p. 50).

É no contexto dessas reflexões que a “escrita de si” dos antigos gregos ganha destaque como uma das atividades constitutivas das “artes da existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática da liberdade, e não como sujeição as práticas disciplinares (Foucault, 2004a). A “escrita de si” é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como o trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu. Portanto, mostra ele, a “escrita de si” dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo de relação com a verdade que se difunde desde o cristianismo e que se acentua na modernidade (RAGO, 2013, p. 50).

Márcio Seligmann-Silva ao nos envolver com sua escrita do prefácio *Viver no feminino – Uma mais sete histórias de vida*, da obra, já citada de Margareth Rago, sintetiza o impacto dessa escrita em performance, viva, pulsante, com presença e amplamente disruptiva.

A autora foge a muitos dos formalismos e dispensa com certa autoironia modos padronizados e monotonamente repetidos da apresentação acadêmica. Elege uma forma próxima à narrativa de estórias, no sentido da narrativa tradicional, sem preconceitos contra uma modulação que muitas vezes está mais próxima da oralidade do que da escrita. [...] O leitor ficará, talvez, intrigado lendo estas páginas disruptivas, ao perceber por si mesmo que o formalismo desacreditado, o grafocentrismo com sua mania de documentação, o desdém pela oralidade e os rigorosos códigos acadêmicos fazem parte de uma mesma cultura positivista e falocêntrica que este livro justamente busca criticar e desconstruir. [...] Temos aqui uma escrita anímica: animada (e não morta-viva), que nos contagia com sua energia. [...] *Performance, mise en action*: letra viva. Esta sim talvez seja uma escrita no feminino. Não porque escrita por uma mulher, mas por se abrir a essas ondas de força desestruturantes, por se deixar abalar pela paixão e pela compaixão. Não se trata, no entanto, de pieguice, longe disso, e sim

de correr o risco de abrir a escrita a tudo aquilo a que a prática acadêmica sempre resistiu, com o seu medo das emoções, da sensibilidade, das subjetividades e mesmo das dúvidas. [...] nas histórias de mulheres tratadas por Margareth, a luz não recua diante dos acidentes, das quebras e rupturas, não deleta as ambiguidades das situações vividas e não nos furta dos momentos de derrota (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 13).

Agora digo, o quão difícil foi pensar a organização deste texto a partir e com as narrativas das mulheres que são voz e presença, em especial, nas páginas que seguem. Talvez voz não seja a palavra mais acertada para o que de fato essas mulheres são na pesquisa, digo isso a partir da reflexão oportunizada, na banca de defesa desta tese (e esse é o único adendo que faço nesse texto, oportuno e enriquecedor adendo), por Chirley Rodrigues Mendes, quando ela problematiza que apesar de nos propormos revisar e observar as palavras que usamos na nossa comunicação acadêmica, vez ou outra resvalamos e repetimos alguns hábitos que nós mesmas/os questionamos. Nesse sentido, como dialogado no rito de defesa, penso que as mulheres são mais que vozes desta pesquisa, são companheiras, se fazem parceiras de desconstrução e de possibilidades de novos sentidos. As minhas parceiras de pesquisa constroem e produzem conhecimentos ao reavivar memórias de cenas de suas experiências com o movimento sindical, em especial aqueles vinculados às Comissões de Mulheres, elas criam e produzem conhecimento de longa duração ao criarem história e memória.

Então retomo, tive muito receio, até pesadelos. Como organizar essas narrativas sem que eu as mate em meio a tantos recortes? Evidente que recortes seriam e foram feitos, mas tirar da centralidade do ato, a não linearidade e os acontecimentos que emergem no momento da interpelação, das vidas dessas mulheres não era algo que eu poderia me autorizar a fazer. Margareth constrói seu texto entrecruzando narrativas e fortalecendo uma narrativa comum por meio de uma teia, exercício que não percebi ser possível aqui neste texto. Senti que cada narrativa, cada relato oral, merecia seu próprio ato, precisava do palco todo para que pudesse ser lido, sentido, experienciado junto, com, mergulhando e se enlaçando com as narrações de si, desveladas no encontro, com o outro em um exercício de responder quem és, quem sou.

TERCEIRO ATO

[Azaleia: símbolo da feminilidade e do amor à natureza. Foi esse o nome que ela me pediu para ser chamada, desde pronto me informando do motivo, o seu significado.]

3.1 CENA: MEU INESPERADO ENCONTRO COM AZALEIA, MULHER PULSANTE EM PRESENÇA

Me recordo de quando conheci a Azaleia, chegando em Ijuí – para realizar a primeira oficina que mencionei em outro momento neste texto –, na manhã mais gelada do ano de 2017, era julho, havia saído de casa (na época Santa Maria, no centro do estado Rio Grande do Sul) as 4 horas da manhã, vi o sol nascer em meio a geada nos campos verdes no meio do caminho. Ao chegar no hotel Fonte Ijuí, zona rural, lugar alto com uma paisagem muito bonita e muito, muito gelada, descemos, minha colega e eu, e fomos ao encontro da Joia [assessora no Departamento de Mulheres, Saúde e Educação], que foi quem fez o contato, o convite e quem nos recebeu. Joia nos apresentou para Azaleia, uma mulher muito linda, presença forte, postura ereta, sorriso contagiante, abraço com sabor de aconchego. Mulher atenta, olhar 360°, nada passava despercebido, ágil, fluida, assim como estava ao nosso lado, em segundos já sumia de nosso campo de visão, em primeira vista, Azaleia me pareceu enigmática.

Curioso que o acolhimento, em presença forte, que senti logo já era percebido ser sentido por outras mulheres que compunham aquele grupo. Chegamos quando as mulheres estavam compartilhando o café da manhã, após o pernoite do primeiro dia de evento, em pé em um salão ao lado da sala de conferências onde ocorreria nossa atividade. Logo na chegada, sorrisos acompanhados de olhares desconfiados – gesto que percebi ser cotidiano curioso e atento, elas amam as atividades e sempre ficam ansiosas por saber o que vai ter nessa outra oficina que está por começar – mas convite para partilha dos quitutes. Nos – minha colega e eu – deslocamos para organizar a sala, que já estava paramentada do dia anterior, pois o evento, como dito, teve início um dia antes, a sala estava ornada pelas atividades expressivas acerca da importância do feminismo no combate às desigualdades e violências sofridas pelas mulheres, em especial no rural.

Jóia e demais organizadores e organizadoras, muito receptivos, nos deixando muito a vontade recebiam as mulheres que iam chegando do desjejum. Em roda, na sala com temperatura agradável, o violão fazia a recepção acompanhado das vozes cantantes de quem já estava e de quem chegava, *Seja bem-vinda olêê, seja bem-vinda olálá, Paz e Bem pra você,*

que veio participar. Em meio a sorrisos e abraços cantarolados se deu o passo em direção à mística de abertura, essa foi a primeira experiência que tive de uma mística no Movimento Sindical, de imediato me reconheci naquele ambiente, ali, penso que a conexão, com tudo o que vinha em seguida, se deu. Algo que quando Azaleia me explicou o significado da mística para ela fez sentido com o que senti naquele momento, pois é completamente diferente participar de algo coletivo que se inicia “do nada” como dito por ela, do que um momento que tem um vínculo inicial, vínculo esse, sempre pensado por quem vai adentrar ao evento. O momento da mística, como contado por Azaleia é preparado pelas mulheres no caso da comissão de mulheres, pelos jovens no caso da comissão de jovens e em alguns outros departamentos, como exemplificado por ela o da política agrícola, costumam não ter, apesar das pessoas envolvidas, grande maioria, na FETAG/RS terem tido a formação da ENFOC Nacional, onde a importância da mística é trabalhada.

Encontrei com Azaleia muitas outras vezes desde esse primeiro encontro, tanto em eventos na regional de Três Passos como em Porto Alegre quando, antes de saber ao certo que caminho se daria, ainda, para a qualificação e muito menos para esse texto “final”. Durante essa caminhada, em visita à Azaleia e também à Joia – antes mesmo do “pré-campo” entrevistei ambas, na verdade nem sei se foi uma entrevista, pois nos sentamos em volta da mesa oval da sala de reuniões e munidas de uma térmica de dois litros de água quente e um chimarrão (naquela época antes da pandemia, ainda partilhado) dialogamos por mais de duas horas. Lembro que nossa prosa se findou, após uma batida na porta lhe recordando que o próximo compromisso agendado estava lhe aguardando para começar, a porta se fechou e ela continuou a conversar, percebi Joia um tanto apreensiva, pois o adiantado da hora era evidente. Logo em seguida nos despedimos e alguns enigmas da primeira impressão se dissolviam e outros tantos ecoavam em meus pensamentos.

Passado outros eventos, outros tantos encontros, a construção e a desconstrução da própria pesquisa, voltei à Porto Alegre, para desvendar os tais enigmas que continuavam sobre essa mulher tão pulsante em presença. Janeiro de 2020, calor, como costumam dizer quem reside em Porto Alegre, era um Forno Alegre, sentamo-nos dessa vez em volta da mesa redonda da sala do departamento que, nesse momento, Azaleia se preparava para entregar “as chaves” para a nova coordenadora Flor do Campo. Acompanhadas da tal térmica de dois litros, com um chimarrão, que é sempre adornado, iniciamos nossa conversa, que com Azeleia quase sempre perco os inícios na gravação, a conversa sempre começa muito antes de começar. Abri a conversa “oficial” perguntando: *Quem é a Azaleia?*

3.2 CENA: E EU VIM GURIA! SAÍ DE CASA, DA RODA DOS MEUS TACHOS...

Por Azaleia

A Azaleia é uma agricultora, familiar, que reside lá na comunidade chamada Vila Branca, no interior do município de Santiago¹⁴. Que temos uma pequena propriedade de 42 hectares e **lá em casa tem tudo que tu imagina. Trabalho de montão, né?!**

Eu sou essa pessoa. E eu hoje, **como vocês já sabem e acompanham minha trajetória**, desde 2011, não... 2016, aliás eu assumi aqui né, e agora meu mandato encerra dia 21 de fevereiro e eu tô voltando pra Santiago. Mas assim ó! Lá em casa, tu quer saber isso?

[Em meio à risos respondo: tudo!]

Lá em casa **faz 29 anos que a gente trabalha com feira**. Então a gente tem, **além da produção de soja, de milho, de feijão, essas coisas assim, a gente se dedica na produção de produtos pra vender na feira**. Quando a gente começou lá atrás, o maior carro chefe nosso era mandioca, aipim, sei lá como vocês chamam. E **a gente plantava muito, né?!** Aí depois com o passar dos anos algumas coisas foram mudando, tipo por falta de mão de obra, por falta de gente pra trabalhar, mas enfim acho **que a gente vendeu em torno de 15 anos, mandioca. Era mandioca, os docinhos, as rapaduras que a gente faz até hoje. Fez 29 anos que a gente faz rapadurinha lá em casa, de leite de amendoim, de abóbora, enfim tudo isso! E leite, né?! A produção de leite lá em casa, desde que nós casamos, 34 anos que a gente tira.**

E daí a **nossa função é um pouco isso quanto agricultura, né?! É fazer com que nossos produtos sejam transformados na propriedade e vendidos na feira**. E agora nesse **último período a gente carneou muito porco também, teve um período lá trás que a gente carneava dois por dia, por semana aliás. Tudo pra vender na feira, fazia salame, queijo, tudo essas coisas**, tudo derivado da carne fazia pra vender na feira. Então, a feira nossa lá em Santiago, se dá duas vezes por semana. No início era no sábado de manhã, depois a gente conseguiu mudar, pra quarta e sexta, de tarde, as 17 horas. Aí hoje funciona nas terças e sextas, as 17:50 com esse horário de verão. **E daí agora, depois que o tempo passou, daí a minha filha que assumiu também, ela tem 29 anos, fez agora em janeiro [de 2020].**

¹⁴ A distância entre Santiago e a capital do estado, Porto Alegre, é de cerca de 300km. O que implica em uma viagem de carro de aproximadamente 4 horas.

[Nesse momento perguntei a ela se era somente essa filha]

Não, **tem um filho mais velho que tem 33, mas ele é farmacêutico. Trabalha na cidade**, por uns motivos assim de percursos eu acho... acredito. Até nem foi tanto incentivo nosso. Mas logo que ele foi pro quartel, ele **conheceu uma menina lá na cidade e a guria era “antiinterior”, sabe?!** Aquela pessoa assim que, a gente quase nem via mais meu filho, porque ela não deixava ele ir pra casa. E aí **ele começou a pegar gosto pela cidade**. Daí já fez um técnico em farmácia, aí com esse técnico de farmácia ele fez um concurso pro exército, porque na verdade tinha uma vaga lá em Santiago, pra técnicos de farmácia. E daí ele e o colega fizeram o concurso, que eles eram os únicos dois que tinham feito o técnico. Foi o primeiro curso técnico da URI [Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões] né, naquele período. E daí como eles eram em dois, ele acabou ficando na vaga. **Aí ele não voltou mais pra casa... aí fez faculdade. E daí se formou!** Ontem eu tava vendo as lembranças do face [facebook] já fazem 6 anos. Então ele ficou na cidade.

Mas assim, **agora ele já tá construindo uma casa lá perto de casa, porque a ideia dele é voltar**. Ele tá sempre dizendo. E por ele eu acho que largava tudo e ia pra casa, porque ele gosta, ele é ligado, sabe?! Então assim, sempre que ele pode ele tá lá, ajuda o pai dele... E daí quem andou ficando lá, foi minha filha, né?!

E aí **eu tive na FETAG entre 2007 e 2011. Já tive nesse mesmo lugar que eu tô hoje**. E ela [a filha] **ainda tinha 15 anos na época. Mas ela ficou lá, tocando o barco**, ela fazia... **Eu chegava e fazia os doces no final de semana e as demais coisas ela e o pai dela tocavam**. Aí agora com a minha vinda pra cá, quem assumiu tudo, foi ela! **Ela que faz os doces, aí a gente inventou no final do ano passado uma queijaria, né?! Oficializamos!** Então isso também tem lá em casa. **Hoje, a nossa produção maior é de leite. E daí o leite se transforma em doce e queijo, e também feijão a gente planta muito**.

E a nossa feira segue. **No início lá atrás a gente vendia na rua, nas casas, nas escolas, nos supermercados**, aí **hoje a gente vende na feira e os queijos a gente entrega em supermercados e também em uma lancheria que tem lá que é num posto bem localizado que vende bastante**. E pra merenda escolar, **depois dessas políticas institucionais PNAE [Política Nacional de Alimentação Escolar], PAA [Programa de Aquisição de Alimentos]**. **A merenda também compra tanto doce quanto o feijão, os queijos**, também vai pra alimentação escolar e vai pros quartéis. E daí lá em casa hoje é isso.

A gente **tem na propriedade um trabalho pra 10 e é 2 e um pouquinho que cuida**. **Porque eu volto pra casa sábado e domingo, daí eu assumo tudo isso, sabe?!** [Pausa para

um gole de chimarrão]. Porque **sábado e domingo é a folga dela [filha]**, então eu volto daqui [Porto Alegre] **sexta-feira, os queijos tão lá me esperando pra mim fazer. Sábado vai, tira leite, faze queijo, cuida da horta, limpá pátio, tudo isso que vocês sabem, arrancá feijão...** Tudo que precisa eu tô lá!

Então a Azaleia é uma agricultora... sempre fui! Desde os meus... eu sempre digo que desde os meus 9 anos de idade eu tenho minha enxadinha pra acompanhar o pai e a mãe na roça, porque era assim né, e sempre fui assim! **E o movimento sindical ele aconteceu na minha vida**, eu até nem sei dizer porquê, sabe?! **Ahh, um pouco por insistência do meu esposo**, eu acredito que foi. Porque ele que me dizia, tu tem que se associar no sindicato, que eu nem sabia o quê que era e do que se tratava, **porque sindicato era uma coisa pra mim que não existia**, sabe? Existia, mas eu não tinha conhecimento de nada.

Aí ele começou me dizer: *Tu tem que te associar no sindicato!* Aí um dia eu fui lá pra ver, teve um **evento de mulheres né**, um encontro das mulheres da nossa regional que aconteceu em Jaguari. Jaguari de Santiago fica 42 km mais ou menos. **Aí minha sogra disse: Vamo no evento? No encontro? Eu disse: Vamo!** Aí eu fui pra ver. E comecei a gostar, sabe?! Aí quando eu cheguei lá, **tinha uma mulher falando no microfone, assim na maior empolgação né?! E eu pensei: Meu Deus eu podia ser igual ela!** E a partir daí eu peguei gosto pela coisa, sabe?! E parece que foi uma coisa, eu digo: nada programado! Nada pensado, nada! Foi se dando, sabe?!

[Curiosa perguntei quando foi].

Aaai, isso foi em [um momento em silêncio para recordar] deve ter sido em 1988-1989 por aí, não lembro bem a data. **E na época, ainda, que não tinha aposentadoria pra mulher.** Foi naquele período ali. Deve ter sido no início da constituição, 1988 ou 1989, por aí!¹⁵ Aí, eu conheci a ex-presidente da regional! Era ela que tava falando quando eu cheguei! **Daí na pessoa dela eu me inspirei um pouco, sabe?!**

¹⁵ “A Constituição de 1988, complementada pelas Leis 8.212 (Plano de Custeio) e 8.213 (Planos de Benefícios), de 1991, passou a prever o acesso universal de idosos e inválidos de ambos os sexos do setor rural à previdência social, em regime especial, desde que comprovem a situação de produtor, parceiro, meeiro e o arrendatário rurais, o garimpeiro e o pescador artesanal, bem como respectivos cônjuges que exerçam suas atividades em regime de economia familiar, sem empregados permanentes (Constituição Federal, 1988, art. 195, § 8º). [...] De acordo com as modificações introduzidas, as mulheres trabalhadoras rurais passaram a ter direito à aposentadoria por idade, a partir dos 55 anos, independentemente de o cônjuge já ser beneficiário ou não, ou receberem pensão por falecimento do cônjuge (BRUMER, 2002, p. 57).

[Nesse momento um colega que estava na sala, logo após Azaleia ter perguntado se ele chegou a conhecer a mulher da qual se referia, emocionada e inspirada diz: *Ela era uma mulher de fibra! Nossa, lutadora! Eu fui lá uma vez*].

É! Ela era assim! E tinha um papo que te empolgava, sabe?! **Aí eu pensei: Vou me associar mesmo no sindicato.** Daí fui lá! Daí um tempo mais, acho que uns dois anos mais, aí já fui no segundo encontro.

[Os encontros das Comissões de Mulheres, a nível regional, ocorrem a cada dois anos].

Daí depois disso eu **me associei**. Em 2001, eu acho que me associei. [Silêncio e reflexão] Não! Ai, não lembro agora! Não, 1990, por aí. **Aí o presidente do sindicato na época, veio falar comigo, foi logo que foi aprovado essa história das cotas pras mulheres, né?! Aí depois que eu tinha me associado, ele foi lá em casa e disse assim: Azaleia eu preciso de mulher pra participar de reunião da regional comigo.** Aí eu comecei ir, sabe?! E a primeira reunião que eu fui, era lá em Nova Esperança do Sul, um município que também é vizinho de Santiago. Porque naquela época nossa regional tava fazendo a visita em todos os municípios, sabe?! Uma vez por mês eles faziam os rodízios nos sindicatos. Aí eu fui, chegamo lá, era época de troca de coordenação. Tipo que nem agora, né?! Final de dezembro, início de janeiro, troca a coordenação das regionais. Só que naquele período eu acho, trocava todo ano, não era assim que era por regra de dois e dois [anos] pra todas as regionais.

E naquela época, aí eles estavam trocando e daí era tudo na formalidade, fazia aquela mesa assim, eu lembro como se fosse hoje. **Era lá no clube da cidade, tinha uma mesa grande e lá tavam os coronel.** Hoje eu falo assim, os coronel. **Na época, pra mim, eu idolatrava aquelas pessoas, sabe?!** Porque assim, meu Deus! São pessoas fantásticas, que falavam, que sabiam. Aí depois quando a gente foi conhecendo um pouquinho eu me decepcionei um pouco com as pessoas, sabe?! Porque é um pouco isso, **a fala é melhor que a prática, né?!** E isso me deixou um pouco assim, meio que chateada de uma certa altura em diante, por conta dessa decepção que eu tive. Aí tu escutava a pessoa falar, mas na prática era diferente.

E nesse período tinha a escolha de coordenadora de mulheres também da regional. E aí eu até participei de uma reunião das gurias, porque elas se reuniam separadas né, e daí dentre as que estavam, uma era indicada para ser coordenadora. E quem foi indicada foi uma mulher de São Sepé, conheci todo mundo aquele dia. Aí ela assumiu a coordenação. **Só que na**

época, as mulheres não tinham voz nenhuma, sabe?! Sabe, o quê que é uma pobre mulher que não conseguia falar! Hoje eu vejo o que ela sofreu!

Eu sei que na época logo depois tinha a função da **Marcha das Margaridas** e ela trouxe [a coordenadora inseriu a Marcha nos encontros]. Ó, eu tive em Porto Alegre [disse a coordenadora da época] e fez o relato, isso em outra reunião. Ela fez o relato da organização, da reunião que teve em Porto Alegre, que ela participou, e que o pessoal tá se organizando pra Marcha das Margaridas, que eu imagino que foi de 2003. Na minha cabeça eu imagino que seja isso.

Aiii um chefão, levantou lá e disse: NÃO! Daqui da nossa regional não vai ninguém pra essa Marcha das Margaridas! Ela ficou quieta, sabe?! Tipo... e as mulheres ninguém falou nada! [fala com um ar de indignação]. Todo mundo disse “amém”. E eu não ia ser o contrário, né?! “Amém”, também! Tá... se passou. E isso sempre foi assim! **A nossa regional, ela tem uma característica que é bem difícil em relação ao machismo.** E daí isso um pouco, foi me fazendo mudar de ideia daquelas pessoas. Me entende?! Pra mim, num primeiro momento foi de idolatrar depois eu já comecei a ver que não era isso.

E assim foi, sabe?! Daí... na próxima coordenação, na segunda, terceira coordenação, já **me indicaram pra ser a coordenadora de mulheres da regional.** E eu lembro que a ex-coordenadora... acho que ficou uns três anos de coordenadora, porque naquele tempo não tinha regimento na comissão da regional. E a nossa regional ela foi instituída, mesmo regional, porque todas elas eram informal, tipo não tinha CNPJ, não tinha diretoria, tinha coordenação, mas era alguém que tava ali pra coordenar. Aí depois elas foram oficializadas. Documentadas. Com diretoria, com CNPJ, até porque tinha recursos que podia ser buscado pra fazer projeto, toda aquela história. E tinha que ter associação de no mínimo três anos e daí, nossa! Sei que se envolveu, e se fez um regimento, né?!

E nesse regimento hoje, diz que se eu sou coordenadora eu posso ser por dois mandatos e depois eu não posso mais. Naquele tempo, não era assim! Ficava a pessoa lá, até que tinha vontade, até que trocassem ela. E a ex-coordenadora, acho que ficou uns três ou quatro, não lembro assim de cabeça. Bom, e eu lembro também, **uma discussão que ela levava, sobre a bandeira das mulheres. A FETAG fez uma bandeira da organização das mulheres**, que tem esse logo, né [fala apontando para a parede onde a logo estava pendurado], e que cada regional era pra ter uma. Eu sei que aquela história das bandeiras na nossa regional durou uns três anos até a regional poder aceitar a compra de uma bandeira. Imagina como era, né?!

Aí depois que me botaram eu de coordenadora, um dia eu cheguei e disse: Vim aqui na reunião, a mesma história das bandeiras, óh é só a regional Santa Maria que não

tem bandeira! A partir de agora nós vamos comprar a nossa. Aí ninguém disse o contrário e compremo! Então assim, tudo era muito difícil sabe? Mas, logo que eu comecei a fazer parte da comissão das mulheres lá da regional, da coordenação, aí eles me indicaram pra fazer um curso aqui em Porto Alegre, de formação. Aí eu já tô falando da minha história dentro do movimento né?!

Aí eu vim pra FETAG fazer formação, era lá no Instituto de formação Sindical Irmão Miguel e eu fiz a segunda turma do Instituto. O Instituto surgiu em 2004 e eu fiz na turma de 2005, era sempre duas turmas, era uma turma que começava nesse mês e no outro mês começava outra e assim sucessivamente, era quatro módulos de uma semana. Aí eu vim pra cá fazer o tal do curso, que daí eu conhecia muito pouco, quase nada do movimento sindical. Nada praticamente, nada! Né?! Eu fui conhecendo assim...

E daí fiz esse curso e nesse período aconteceu o acidente de eu tirar o meu dedo e não pude terminar a conclusão do curso com a minha turma, terminei com a outra, mas eu não perdi o processo, eu concluí. Fiz a formatura e deu tudo certo. [pausa para mais um gole de chimarrão] Isso foi em 2005. Em 2006, um dia eu tava lá em casa e o tesoureiro aqui da FETAG na época, ligou lá pra casa, me convidando pra fazer um curso nacional de formação, naquela época a CONTAG tava criando a Escola Nacional, acho que vocês conhecem, né a história?!

Todos os cursos que a gente faz aqui é fruto dessa Escola, aí o tesoureiro me convidou e eu pensei: **Mas o quê que a FETAG que comigo fazendo curso, né?! Aí conversei em casa com o meu esposo, ele disse: vai a gente dá jeito!** Naquela época não era uma semana ficar em Brasília, era quiiiiinze dias! [fala alongada indicando muito tempo]. **Eu tinha que ir ficar lá 15 dias!** E daí tu imagina, pra mim, vir aqui já foi uma dificuldade, ter ficado uma semana e daí tinha feira, tinha tudo! Eu tinha deixado tudo pronto, porque naquela época a minha filha era criança ainda, ela não conseguia dar conta de tudo, então eu deixava as coisas prontas pro meu esposo e ele ia na feira. **E aí tinha a história do tal de avião ainda né?!** [fala em meio à risos]. Que eu tinha que superar meu trauma de... **eu tinha fobia!** eu não conseguia ficar [no avião].

Eu sofri muitos anos da minha vida por conta de que quando eu era adolescente, meu pai me fez passar em cima de um rio cheio. Cheio, por água na cintura e a ponte era de madeira e **nós morava no Paraguai na época.** Sabe aqueles roletão de madeira? Uma árvore deitada, duas, três árvores deitadas em cima do rio. E aquele rio encheu e nós tivemos que passar pra ir pra casa outro dia e aí eu com água por aqui [mostrando na altura pouco acima da cintura] e o pai de um lado e um outro senhor de outro lado e nós passando assim, tipo arrastando os pés em cima daquela ponte. **Menina, eu cheguei do outro lado querendo morrer, porque daí eu fiquei com um problema de fobia, daí eu passei anos da minha vida que eu não dormia de**

noite, eu me acordava aos gritos, apavorada, quase morrendo. Alguém tinha que acender a luz pra mim poder ressuscitar, sabe?! Porque me dava uma queda de pressão e eu ficava muito mal. E isso tudo, diz os médicos que era “problema de nervos”, né?!

E daí quando eu recebi aquela notícia, eu pensei, **como é que eu vou entrar num avião, se eu não conseguia ficar trancada dentro de um quarto, dentro de um ônibus, né?! Pra mim vim de casa até aqui, eu amanhecia acordada num ônibus, não dormia porque eu tinha esse problema, sabe?! Maas... por dois meses eu me preparei psicologicamente pra mim entrar dentro de um avião e quando começar a se mexer não fazer escândalo... e consegui, sabe?! Porque aí eu cheguei, sentei no avião e vi que tinha um coisinho de ar em cima, e disse: ahh tô salva! [fala com risos] Aí fui, fiz o curso de formação. [conta quem foi com ela, colegas do sindicato de outras regionais e FETAG/RS] E a gente foi, fomos fazendo o curso **acabamos ficando lá os tal de 15 dias. Chorava tanto! Eu chorava toda noite! Assim ó, de se desesperar, sabe?! Tu imagina, tu nunca saiu longe de casa, vim aqui [Porto Alegre]!** Mas daí, daqui tipo, qualquer problema eu pegava um ônibus e voltava pra casa. **E lá era aquele martírio, final de semana tinha que ficar lá!****

Aí eu sei que foi assim, um dia chegamo de lá, uma mulher que hoje é colega, nos pegou na rodoviária, no aeroporto aliás, pra levar pra rodoviária e naquele período também era essa função de diretoria da FETAG [eleição]. **E ela disse assim pra mim: Tu podia ser da diretoria da FETAG! Eu disse: Mas que jeito mulher! Não mas tu pode** [disse a colega] Tá ficou... eu fui pra casa e ela foi pra cá [FETAG], aí começou a discussão lá na regional e aí eles disseram, olha a Azaleia vai ser indicada pra ser da diretoria. E me indicaram! [falou isso com um ar de surpresa] E eu era, já na época, suplente da diretoria do Sindicato, lá de Santiago e na regional eu era coordenadora de mulheres [que nem a Margarida é). Bem, aí me indicaram, aí um dia teve uma reunião de noite lá na regional pra discutir eleição da FETAG e um colega na época foi e a colega [que buscou ela no aeroporto] também foi. E aí ficou certo, se a ex-coordenadora estadual não vier é tu que vai pra coordenação de mulheres! **Fui pra casa e não dormi de noite.**

[Eles disseram]: **É tu que vai!** E eu disse: **Não! eu não vou, não tenho condições! imagina?! Eu não tava nem no sindicato, não sabia nada! Eu não tenho condições! Eu não posso! Não, mas tem que ser tu!** [disseram as pessoas da FETAG] **Não! Eu não vou! Aí tá, acabou, não venho.** Quando foi na sexta de tardinha de novo me ligaram: *Azaleia tem que ser tu! Tu tem que vir!* **Aí o meu esposo disse: Vai! Pode í! Se não fosse por ele eu não tinha vindo. Vai, nós demo um jeito aqui** [disse o esposo]. **E eu vim gurria! Saí de casa, da roda dos**

meus tachos... Sempre digo: Só loca pra fazer isso! [fala rindo bastante]. Porque outra pessoa de sã consciência não faz.

Aí agora a Flor do Campo que vai assumir, eu até disse pro meu colega [assessor no Departamento de Mulheres, Saúde e Educação] e pra Joia, o dia que eu conversei com ela, **eu tô me vendo na Flor do Campo! É bem a mesma situação! Só que diferente!** Porque ela tá no sindicato, ela é diretora do sindicato já faz três anos, então ela tem conhecimento de tudo! Eu não tinha de nada, sabe?! Não tinha de nada! Mas vim, aí cheguei aqui, não sabia o que fazer. Aí tava a minha assessora da época, nós tinha essa salinha separado. Eu tinha meu cantinho e aí ela ficava lá embaixo [andar debaixo], nem era aqui em cima. E aí eu sei que começou a função né.

Pra resumir a história, eu não voltei pra casa dali uns 3 meses, porque eu não pensava mais em mim né?! Eu pensava assim, se eu voltar pra casa, a Azaleia ninguém vai saber quem era. Ninguém vai se lembrar, porque ninguém tá nem aí, tipo... **Ahh a Azaleia é uma agricultora que veio pra cá, não deu certo e voltou pra casa.** Mas aí eu pensava na nossa regional, digo, mas que cara vai ficar a regional Santa Maria se a Azaleia voltar pra casa de mala e cuia, né?! Pensei assim ó: **Nunca mais eu vou ter uma chance na diretoria da FETAG, não vai tê mais! Então eu tenho que aguentar!**

[nesse momento o volume da fala teve uma enorme queda e ela relatou de forma incômoda algo que é recorrente na fala de grande maioria das mulheres com quem pude conviver nesse tempo, as puxadas de tapetes das próprias mulheres, umas com as outras. E então retoma sua narração com o volume normal de novo].

Mas aguentei “no osso do peito”, não falei com ninguém, não reclamava pra ninguém, sabe?! Ninguém ouviu falar mal de nada! Eu tava bem! **Eu podia chorar de dia e noite, mas ninguém me via.** Então assim ó! **Aí, fiquei os quatro anos, muito bem conceituada, pessoal me reconheceu no estado, fiquei feliz por isso!** O trabalho com as mulheres a gente conseguiu fazer né?! Porque é tranquilo, trabalhar com a comissão das mulheres, não é difícil. **O maior problema que a gente enfrenta é o machismo né?! E naquele tempo, muito mais ainda!**

Nós tinha que ir pros interior, nós tinha que falar do sindicato, nós tinha que aprender, nós tinha que fazer a mudança, a gente tinha que motivar e daí eu olhava pro nosso sindicato e era uma “pasmacera”, sabe? Eu sentia vergonha do sindicato que eu representava, sabe?! Aí eu pensei, não posso! **Quando o presidente [estadual] quis se reeleger, né?! Ele me convidou pra continuar, eu disse não, eu não posso continuar!** Eu

não posso olhar pra casa e ver a bagunça que eu tô vendo e ficar aqui. Pregando uma coisa e lá é outra. Não é nada daquilo que a gente prega.

Aí voltei, 2011 eu voltei. Assumi o sindicato lá. Daí lá eu tava em casa. **Lá eu assumi como presidente.** Era uma dificuldade, fazer o convencimento do tesoureiro. **Arrumei encrenca assim óh! [sinal mostrando que eram muitas].** Aí eu assumi, eu me lembro como se fosse hoje, 19 de março foi a nossa posse. Dia 21 nós fizemos uma reunião de diretoria, primeira reunião de diretoria. Dia 19 era um sábado. Porque as nossas eleições eram juntas, aqui era janeiro, lá era fevereiro. Aí depois desse último mandato, antes desse agora, teve uma prorrogação de mandato por um ano, por isso que não é mais junto. Então nossa eleição lá foi janeiro do ano passado [2019], ontem acho que fez um ano, era dia 14 se não me engano.

No dia da nossa primeira reunião da diretoria, nós três nos sentamos, porque **éramos presidente, secretário e tesoureiro**, pra definir quem vai tal dia, quem vai fazer o quê, aquela história toda. E ele [o secretário] sentou assim que nem nós três estamos sentada agora e disse assim: *Por esse salário eu não fico nem um dia aqui nesse sindicato pra trabalhar.* Bah, aí eu olhei pra cara dele e disse: **bom pelos anos que o senhor tá aqui e sabe como funciona, eu não posso aumentar salário do senhor sozinho**, nós vamos ter que fazer alguma coisa, juntar o povo, perguntar pra alguém, eu nem sabia o que dizia, mas eu dizia que hoje eu não posso lhe dizer que eu vou aumentar salário. Aí ele me disse assim: *Então tá, de tarde eu te respondo se eu vou ficar ou não.* E eu: Tá, o senhor que sabe né! Ele me deu as costas e saiu. Fiquemo eu e o tesoureiro de olho aberto ali, sabe? O que fazer agora, vamo espera o secretário dá a resposta. Aí eu e ele discutimo, **aí eu fiz a ata que era ele que tinha que fazer. Ele nunca fez ata, ele ficou um ano e meio comigo, ele era secretário e nunca fez uma ata. Era eu que fazia. Ou se não ele pedia pra funcionária fazer a ata, mas ele não pegava o caderno, o livro de ata. Ele nunca se preocupou com nada.** Tá! Aí eu disse pro meu tesoureiro, vamo espera o final da tarde, vê o que ele diz.

Ele chegou lá e não falou comigo. Ele disse pro tesoureiro: Eu aceito. Aí eu fiz a proposta pra ele, pra nossa próxima assembleia nós levar pra assembleia o aumento de salário dele. Aí ele disse assim: *Então diz pra ela que eu fico até a assembleia.* Tá! E ficou. **Ele nunca mais conversou comigo! Ele nunca mais entrou na sala, ele nunca mais sentou pra perguntar se tinha que fazer alguma coisa, se ele podia me ajudar em alguma coisa, se eu precisava de ajuda. Ele nunca mais falou comigo. E eu também...** Nos primeiros dias, até tentava, sabe?! Conversava, dava adeus, puxava assunto, **ele parecia uma pedra lá!** Dali uns 15 dias eu pensei, sabe, eu vou ignorar ele também. E nós se ignorava. E ele chegava, um dia por semana que ele ia no sindicato. **Ele chegava no sindicato, pegava o jornal e sentava lê o**

jornal. Assim ficou por um ano e meio. Isso foi em março, na assembleia de final de ano, eu perguntei pra ele, o senhor quer que a gente faça o pedido de seu aumento de salário? E ele disse: *não, não precisa.* Aí ele não quis.

Aí quando deu um ano e meio... e nada ele queria, nada ele aceitava, tudo que eu propunha, ele era contra, sabe?! Mas nós fomos conseguindo algumas coisas, fomos avançando, sabe?! Porque **a diretoria sempre me apoiou**, aí lá depois de um ano e meio passado, a gente fazia o CFC [atual CMR – Cadastramento Massificado Rural, antigo sistema de Contratação de Financiamento por Convênio] do Banco do Brasil, né?! E nós tinha na época entorno de 900, 1000 contratos de custeio e investimento e tudo era feito no sindicato. **E meio dia o gerente do banco chegou no sindicato e disse assim: dona Azaleia, tenho um assunto gravíssimo pra falar com a senhora.** *E não podia ser por telefone, eu vim aqui.* Eu digo: Fala né?! Ele disse: *pois é, a senhora tá com problema com seu tesoureiro, ele tá com pendências, tá com restrição no CPF, ele não pode mais ser o tesoureiro, ou nós vamos parar de fazer o CFC com vocês. A senhora vai ter que achar um jeito de resolver o problema, se não fecha os negócios com o banco.* E naquela época a gente nem ganhava nada que nem hoje a gente ganha um valor por contrato né?! Pra fazer o trabalho pro banco, naquela época nós não ganhava nada. Mas nós tinha o sócio dentro do sindicato, era tudo feito ali.

Eu fiquei uma semana pensando como é que nós vamos fazer pra solucionar esse problema. Eu tentei de todas as formas pedir ajuda pra FETAG, pro nosso jurídico lá, não tem jeito, ou ele sai, ou realmente não tem conversa. Aí chamei ele pra conversa e disse: **Óh vai ser assim, assim, assado. Se nós não fizer isso, acabou a história com o banco, tá?! Vamo fazer uma reunião de diretoria e eu peço afastamento, aí o suplente assume** [disse o tesoureiro]. Fizemos a reunião, **antes dele pedir o secretário pediu: eu não vou ficar mais também, eu tô cedendo meu lugar pra outro.** E ele [o tesoureiro] também! **Então eu perdi dois num dia só, sabe?!** Aí os dois suplentes assumiram. **Aí eu comecei a trabalhar! Aí eu tinha uma diretoria boa!**

Aí quando chegou a eleição daqui [estadual] de novo, o presidente insistindo comigo: *Azaleia, tu tem que vir pra FETAG, tu tem que vir pra FETAG. Eu quero tu na minha diretoria. Tá, tá, tá. E a regional me indica de novo. E eu vim de novo. Tô aqui! Né?!*

E agora voltando pra casa [Santiago] de novo. **E agora na verdade, eu mais tô voltando pela minha filha. Né?! Que ela tem aquele sentimento pelos anos de abandono que teve né?! Então eu digo, ah vou tentar corrigir o prejuízo.** Sei que a gente não vai recuperar, mas pelo menos vou voltar pra casa. Até porque ela quer construir a família dela,

né?! Tá pensando em morar com o namorado... casar, **então eu digo... Ahh vou voltar pra casa!**

E tô voltando pra casa, **mas essa pessoa é isso, que vocês acompanham um pouco né?! Sempre batalhei, sempre fui assim óh, tipo, meu marido que diz, que lá em casa eu sou o braço direito dele e o esquerdo, porque tudo que a gente tem de inovação, de mudança, de coisas que né?! Pra progredir, pra melhorar de trabalho, tudo foi graças às minhas sugestões e ideias né?! Que ele sempre diz assim, que ele sempre trabalhou com os braços, não que eu não trabalho, sempre trabalhei junto, desde sempre quando a gente casou. Em três anos e poquinho a gente começou a mudar a nossa função, porque a gente só plantava soja, feijão e desde que nós casemo eu tava junto na lavoura. Se era pra plantar milho, se era pra plantar feijão, se era pra colher, se era pra carpir, tudo era junto! E sempre foi assim!**

E até hoje, se eu to lá, se tem feijão pra plantar sábado e domingo eu vou lá junto! Então assim, a gente sempre trabalhou em conjunto, né?! **E as decisões a gente sempre tomou junto. Nós sempre tivemos essa liberdade. Então assim óh, eu sempre fui de pegar em tudo que é ponta, não desisto, não desanimo por nada! E as vezes tu tá morta de cansada, mas tem que fazer e a gente faz!**

E aqui [FETAG] não é diferente, né?! Porque depois que tu tá aqui, aí a primeira vez que eu vim, eu coordenava as mulheres e saúde, agora tem mais as mulheres, saúde e a formação. Que a formação é isso que vocês nos acompanharam, que talvez assim, seja o desafio maior sabe?! Porque daí tu tem que trabalhar com muitas coisas que às vezes as pessoas não valorizam tanto quanto a formação merece. Porque, por mais que a gente vai por aí, e **em todos os roteiros que a gente passa enquanto FETAG, o primeiro assunto que vem na mente dos dirigentes é que o movimento precisa de formação, sabe?! Mas aí quando tu oferece a formação parece que não ... que não é pra ser assim. É um pouco do que a gente tá vendo né do nosso governo, parece que se tu não tem conhecimento, melhor. E nos sindicatos a gente tem essa resistência, dessas pessoas que tão a mais tempo das pessoas que se acham os donos, né?! Tipo não vai ser aquela mulher, não vai ser aquele jovem, que vai vir aqui dizer o que tem pra fazer.**

Um pouco disso que eu passei lá [Santiago] né?! Porque o secretário mesmo, era um que dizia, quando me convidavam pro curso e eu chegava lá bem entusiasmada, óh a FETAG me convidou pra um curso! *Ahhh esse curso que tu vai fazer eu já fiz faz tempo, sabe?!* [dizia o secretário] Tipo assim, desdenhando da situação e ainda hoje a gente vê isso, né?! **As pessoas que passam pela formação, eu sempre digo, vocês nos acompanharam, ah não tem como ser a mesma pessoa! Porque a formação te mexe, te move e faz tu entender o lugar que a**

gente tá e porquê que tá, né?! E o movimento tem essa resistência, de querer essa mudança. Então um pouco disso! Não sei se ajudei ou não, mas espero. Quer perguntar mais alguma coisa?

[nesse momento, completamente imersa em toda essa narrativa com idas e vindas de profundidades dessa mulher que admiro, me peguei curiosa pra saber sobre o período em que morou no Paraguai. Então pergunto e ela em um suspiro rápido inicia mais um fragmento de contação de sua história]

A Azaleia antes do casamento foi assim óh! **Eu casei com 18 anos, né?! Então a minha vida antes ela foi muito curta, e muito difícil.** Posso dizer assim! Porque eu na verdade, nasci em Bento Gonçalves, os meus pais sempre moraram em Santiago, lá na comunidade onde eu moro hoje, na Vila Branca, eles eram de lá! **Quando eles casaram, a minha mãe já casou grávida dele. Parece que isso não existia naquele tempo, né?! Era mais comum que tinha, só que a gente não sabia. Não se falava!** [comenta entre risos] E daí quando eles casaram eles vieram pra Bento Gonçalves, porque naquele tempo, era o período, acho que mais saiu gente de Santiago, do estado inteiro né?! Saia pra ir pra Caxias, Bento, era o que mais vinham.

Meu pai e minha mãe vieram, porque eles moravam no interior, daí sabe **naquelas dificuldades... meu pai eram oito na família, na minha mãe eram 14, imagina?!** Moravam na mesma comunidade, se conheceram, se casaram, vamo pra lá! E ele já tinha uns primos dele, por parte da vó, da mãe dele que tavam aqui [se referindo à bento Gonçalves], e tavam super bem! E daí chamaram ele pra vir, e ele veio trabalhar na Toda Esquina na época. E eu acabei nascendo aqui e voltando pra Santiago com três anos e meio eu tinha. Ele foi trabalhar de marceneiro junto com dois tios lá na Vila Branca de novo. Voltou pra lá e foi morar na Vila Branca, **nesse período ele se acidentou de um braço, naquelas máquinas que tudo era perigoso. Hoje eu digo sempre que as leis trabalhistas e a segurança do trabalho, veio pra justamente evitar esse tipo de coisa. Meu pai perdeu um dedo, no acidente de trabalho dele e quebrou o braço e ficou imobilizado, não sei quanto tempo!** E aí depois desse acidente, nós fomos morar pra Santiago, pra cidade.

Acho que deu uns dois anos e poquinho ele ficou na cidade, no bolicho. Porque como ele não podia trabalhar ele inventou o tal de bolicho, na cidade, armazém. Depois a gente voltou pra Vila Branca de novo pra trabalhar na lavoura com os avós. E daí, foi naquele período assim, que tudo ainda era manual. Era os boi, era a trilhadeira e daí eu com 7 anos, voltamos pra Vila Branca. E daí eu fui pra escola né?! No segundo ano, na segunda série na época lá na escola, já

tinha feito meu primeiro ano na cidade. E daí fomos trabalhar na roça, e naquele tempo já começou a aparecer o trator e daí eles foram comprando, porque a família inteira trabalhava, né?!

Meu pai foi pra terra dos meus avós, pequena propriedade, pequeníssima propriedade, e daí começaram a plantar na terra dos vizinhos, dos amigos, foram arrendando né?! Porque eles eram em 4 irmãos, mais o vô e a vó, tudo pra li! E daí foi chegando alguma coisinha assim, o tratorzinho, uma coisa a mais pra ajudar. E nesse período, eu estudei meu segundo ano, meu terceiro ano, meu quarto ano lá na Vila Branca e daí quando eu tava em outubro do quarto ano, meu pai recebeu uma proposta dum médico lá de Santiago muito bem conceituado doutor, tem até uma escola lá que tem o nome dele. Uma escola e uma praça. Que ele tinha 4500hectáres de terra no Paraguai e ele precisava de pessoas pra ir morar lá, pra ir cuidar daquela terra, porque lá no Paraguai era só mato! Sabe?! E daí se não fizesse alguma coisa lá, os paraguaios invadiam. **Naquele tempo era assim, tinha terra sobrando lá, eles iam invadindo! E pra não acontecer isso com as terras dele, ele [o médico] pensou, vou levar umas 10, 12 pessoas famílias aqui de Santiago, vou botar trabalhar lá, vou montar uma escola, montar não sei o quê, e meu pai caiu na onda. E nós fomos! Das doze famílias que ele levou pra conhecer, pra ver se ficavam ou não ficavam ficamos nós só! E aí tu imagina o quê que é, né?!**

Nós ficamos 8 meses acampados debaixo de uma lona! E assim óh, tudo que era bicho tinha. Nós escutava os “uro” dos tigres, das onças de noite! Quase na porta da casa, casa não! Da barraca! Cobra de tudo que era jeito, tamanho, espécie, tu encontrava. Na lavoura, dentro de casa. Aí tinha dias assim que tu chegava, em cima da cama, sabe? Aqueles bichos amuntados.

Era cada chuva que vinha, era tormenta que vinha, sabe?! Era um terror! A gente viveu lá, assim **8 meses de terror!** Mas o meu pai ía, ficava dois meses lá, voltava pra casa, ía dois meses e voltava. **E nós fomos fazendo lavoura, tudo à mão!** Aí ele [o médico] prometeu de levar trator, trator de esteira, porque lá tudo era mato! E não era matinho, capoeira, era mato! Pensa naqueles matos que tinha aquelas árvores, tudo que era espécie de árvores nativas, de madeiras de lei, toras gigantes, tudo lá! E nós de facão e foice e derrubando mato pra fazer lavoura. E começamos a plantar umas coisas aqui, umas coisinhas ali e sem maquinário nenhum, gente!

Depois nós ficamos três anos lá, sem ter contato com a família aqui. Três anos! O doutor não apareceu mais lá! A nossa camionete que nós fomos, aquelas camionetes, naquela época era um carro né?! Não tinha outras coisas, na época era rural, era aquelas picape, era

Chevrolet, nós tinha uma Picape. Chegou um ponto que ela não funcionou mais. E nós não tinha mais como sair de casa era, a pé. E o povoado mais próximo lá de casa, dava 18 km. Nós tinha que ir a pé pra comprar o sal, porque a gente não tinha, né?! Então o quê que nós comprava? Comprava sal e alguma coisinha, açúcar.

Eu sei que pra te resumir a história: Nós comemos o pão que o diabo amassou! Tudo que tu imagina a gente passou: fome, frio, medo! As roupas que nós tinha ido? Nós era criança, eu saí com 9 anos, né?! Tu imagina, uma criança, uma abóbora que nem eu, eu digo que eu crescia que nem abóbora, né?! Com nove anos tu tinha a ropinha que te servia, quando foi dali 3 anos a manga tava aqui né?! [mostrando para o braço e o quanto mais curta estava a roupa com o passar do tempo]. Era o que eu tinha! Eu não tinha outra coisa. Três anos que assim gurias... que eu nem gosto de lembrar o que a gente passou! Mas enfim, aí um dia... a gente até tentava escutar a rádio e sabe?! Nada pegava, era no meio do mato, literalmente nós tava no meio do mato! E aí um dia chegou lá um capitão do exército paraguaio, porque ele era divisa com as terras do doutor, ele tinha uma propriedade de também 4mil hectares, lá tudo era assim! 4, 8 10 de mato, não existia lavoura! E ele chegou lá, e viu nós naquela situação e disse assim, eu vou mandar duas pessoas pra ajudar vocês! Mas ele acabou mandando um soldado do exército, ele tirou o guri do quartel, botou o guri lá com nós, e eu acho que um marginal, porque o cara era um mal encarado. Nós tinha um medo dele, sabe?! Mas eles ficaram mais ou menos uns dois anos lá, não! Um ano lá com nós. E lá pelas tantas ele voltou buscar o milico, porque a mãe dele tinha falecido. Coitado do milico, ele só falava guarani, que nós não conseguia entender ele. Porque espanhol nós falava, eu vim de lá falando espanhol perfeitamente até com sutaque! Mas guarani a gente entendia alguma que outra palavra. E com ele, então... com esse soldado a gente praticamente não conversava, porque a gente não entendia ele e ele não nos entendia. Mas o outro conseguia, sabe?! A gente falava e ele falava espanhol. E aí eu sei que a mãe dele acabou falecendo e o capitão veio buscar e daí já levou o outro junto também. E nós ficamos de novo só. E lá pelas tantas chegou a notícia que meu vô, pai do pai tinha falecido. Quando chegou a notícia lá já tinha enterrado ele. E daí menina, nós demo um jeito de vim. Depois de três anos e meio a gente voltou. E aí...

[ela faz uma pausa na fala para encher e tomar o chimarrão, nisso eu pergunto se haviam voltado de vez e ela segue...]

Não, ainda não! Aí o doutor disse assim. Não, agora vou mandar as coisas lá pra vocês, aí mandou trator, mandou trator de esteira, mandou caminhão e nós mudamos de propriedade, porque daí ele comprou desse capitão as 4mil e poucas hectares e vendeu aonde nós tava morando, pra um casal francês. Porque lá era tudo assim, sabe?! Ou era brasileiro, ou era francês, quem queria trabalhar ia pro Paraguai. Era muita terra fértil, sabe?! E daí já nesse período, logo uns 10 km pra frente tinha uma Colônia de ucranianos que eles também compraram terra e acho que fizeram o que o doutor imaginava fazer na dele sabe? Aí a Colônia inteira foi pra lá. Sabe aquelas pessoas vestidas de branco? Aquelas mulher de branco? Era tudo assim. Mas a gente não tinha muito contato. **Aí naquele período meu mano também cortou um dedo, e daí a gente teve que sair correndo 10km a pé pra levar ele num médico. Aí assim óh, foi 6 anos de muito sofrimento. E escola nada! Eu fiquei dos nove aos 16 sem escola! Aí meu pai resolveu voltar pra Vila Branca de novo.** Quê que aconteceu? **O doutor como uma forma assim de tipo indenização comprou 6 hectares de terra lá na Vila Branca, aonde eu moro hoje e deu pro meu pai e deu dinheiro pra eles construir uma casinha e mobiliar uma casinha.** Então a gente ficou com um lugar pra morar, uma terrinha pra plantar e daí meu pai montou um moinho de farinha de milho de pedra, tem até hoje lá em casa, a gente tem o moinho. Ainda funciona, a gente faz farinha de milho. E naquela época, era muito milho que se moía, meu pai começava de madrugada e terminava de noite, **todo dia aquele moinho não parava de roncar aquelas pedras. Era dia e noite fazendo farinha!** Porque era 10, 20, 30, 40 moagem que vinha por dia. Porque as pessoas viviam assim né?!

Que nem a minha mãe e o meu pai contam que na época eles andavam quilômetros pra chegar num moinho que tinha lá na Sanga da Areia, que até hoje ainda tem, só que também que nem o nosso, moe de vez enquanto. E eles iam a cavalo, chegavam lá de manhã, esperavam o monheiro moer e voltavam, aquela farinha, e era assim. E naquele tempo então quando já tinha ônibus que passava na porta e era 3, 4 ônibus que passava de todas as comunidades ali na porta da casa. Cada ônibus descia umas montanhas de milho né?! Então meu pai vivia um pouco disso. E, **nesse período, eu conheci o meu esposo, quando eu ainda tava no Paraguai.** Não é que eu conheci, nós já se conhecia de tempo de escola. Quando eu tava na escola ele era aquele capeta no colégio. **E ele sempre dizia: eu vou casar com a Azaleia. E eu tinha uma raiva disso! Sabe?! Porque ele era o terror da escola e eu era a menina comportada, a nota 10,** a que só recebia elogios e **ele era o capeta.** A gente nunca foi colega de turma porque ele é mais velho que eu, mas tava sempre atrasado, sabe?! [risos] Ele estudou 10 anos e saiu da quinta série.

E daí tá... um ano antes de eu vir pra cá [de volta pro Brasil], daí a gente veio no casamento de um tio depois que o vô faleceu. **Nós viemo no casamento do tio e daí começamos o namorico** assim, tá... **Aí voltamos de lá, eu voltei pra quarta série. Da onde eu saí. Eu, com 16 anos de idade e os “pichotinhos” desse tamainho [mostrando o tamanho das crianças], mas eu ia na escola, eu ia. Eu pensei: Eu quero continuar estudando, né?! Eu quero continuar, eu sei que agora eu tenho que recuperar meus seis anos perdidos, eu vou começar de novo.** Eu comecei no quarto, no quinto, fiz o quinto. **Aí quando tava no sexto, na metade a gente casou né?! Casei e daí como eles moravam em Pilão Dágua, que era uma comunidade onde meus sogros moravam. Aí meu sogro foi pra Vila Branca** porque daí eles tinham a menina, a irmã do meu esposo mais nova, ela tinha 6 anos quando nós casamos, ele tinha 21 e ela tinha 6, ela veio temporona também. E daí **eles tinham que vim por causa da escola dela, então eles vieram e nós fomos pra Pilão Dágua.**

E daí lá, eu comecei, assim óh... porque **eu sempre fui muito de ser independente, né?! Do dinheiro, eu tinha que ter o meu dinheiro, eu tinha que ter segurança de que se eu precisasse comprar um chinelo pra mim eu não queria tá pedindo.** Então eu comecei fazer, tipo **lavava roupa pra fora numa tia minha** que morava lá perto. **Ela tinha quatro filho homem, mais marido e mais ela. E pensa nas troxas de roupa que eu tinha que lavar tudo, tudo à mão!** Mas lavava! **Aí fazia tricô, fazia crochê, inventava de criar galinha, de vender ovo, de vender frango. O que podia eu fazia, sabe?! Fazia queijo também pra minha sogra.** Quem tinha vaca na época era ela, nós não tinha nada, né?! Aí eu tirava leite, fazia os queijos e dividia com ela e assim a gente foi, até... **aí depois logo nós casamos, já engravidei né?! Nós casamos em julho, em novembro eu já engravidei, e assim foi!** E aí, **eu sempre com aquela vontade de fazer as coisas pra mim e de fazer diferente e daí meu marido plantava soja, não tinha terra era terra do sogro, na terra de uma tia dele. Aí eu sei que eu fui tentando convencer ele de tentar parar de plantar soja, porque não dava, sabe?! Tipo ele colhia soja hoje, ia lá na cooperativa, pagava as contas dos insumos que tinha comprado, do rancho [compra do mês] que tinha feito, que a gente fazia rancho o ano inteiro na cooperativa. Chegava lá pegava uma duplicata pro mês, comprava e ficava tantos sacos de soja devendo. No outro mês ia lá pegava outra duplicata, mais tantos sacos de soja devendo. Pra quando chegava a colheita, colhia o soja, pagava as contas, pagava o rancho, pagava os insumos e sobrava nada.**

E aí eu dizia pro meu esposo assim, não tá certo né?! Como é que nós vamos viver desse jeito, a vida inteira e se matando de trabalhar. Não era pouco! Aquele tempo em que tudo era feito, gradeava, plantava, colhia à mão, trilhava, e daí quando era pra trilhar soja ou milho, eu

tinha que dar conta, tipo eu com o meu filho pequeno, tinha que cuidar da trilhadeira tirando lata, tirando palha, eu me “desbuchava” ali, sabe?! Mas enfim, essa fase daí consegui, fazer ele entender que precisava de mudar a forma de produção, que aí a gente começou a quitanda né?! Aí o nosso sonho era comprar terra, como é que nós vamos comprar terra se a gente não tinha nada! Não tinha condições! Aí depois de um período que a gente tava fazendo quitanda, tudo foi comprado assim óh, pra nós comprar uma camioneta pra nós vender a quitanda, nós tinha que arrumar dinheiro emprestado e o pai nos ajudou. Aí compramos a camioneta começamos a quitanda pagamos a camioneta. **Tudo era assim, tipo, se tinha que comprar um freezer pra botar o leite, ia lá, comprava fiado, trazia pra casa, trabalhava pra pagar a conta. Era sempre assim, tudo foi assim!** Aí lá por um... acho que a minha filha tinha um ano e pouquinho começou sobrar um dinheirinho, eu tava grávida dela quando nós começamos a “quitandiar”.

[Como era a quitanda? Vocês iam nas casas? Perguntei, pois desconhecia a dinâmica]

Nós vendia nas casas, nos mercados, né?! E nas escolas. Eu esvaziava a camioneta. Nós chegava assim, tipo em dois três supermercados e esvaziava, **porque levava mandioca, batata doce, laranja, bergamota, os doces secos eu vendia de montão. Leite, queijo... o que tinha. Moranga, o que tinha em casa a gente levava, mandioca né de montão a gente plantava, e daí quando chegava... quando a gente se deu conta nós já tinha umas cabecinhas de gado sobrando.** E nós tinha comprado umas vacas de leite, e daí a gente já tinha comprado uns terneiro e **aqueles bichos cresceram e não tinha mais aonde botar e daí começou a fazer uma seca.** Não tinha mais o que fazer com aqueles bichos, **aí nós pensamos, vamos vender esses bichos e empregar o dinheiro em alguma coisa, compremo dois terrenos na cidade.** Que não dava pra muita coisa, mas dois terrenos lá. **Era lá nos brégios.** Aí com aqueles dois terrenos, um dia **um tio nosso que recebeu a herança do vô e da vô, que nem o pai, cada um recebeu 6 hectares,** eram 8 filhos. Eles tinham 48 hectares, então depois que a vô faleceu, dividiram a herança e deu 6 pra cada um. **Aí o tio do pai que morava aqui em Porto Alegre na época, ele disse assim um dia pra nós: eu tenho esses seis hectares de terra, vocês não querem comprar?** Nós pensamos: **não temo um real no bolso, quê terra que nós vamos comprar, aí se lembremo, olha nós temo dois terrenos, se o senhor topar de trocar por eles a gente vende.** Ahh deu certo o negócio, então foram nossas primeiras terrinhas, 6 hectares [fala cheia de afeto e amorosidade].

Então assim, tudo foi aos poucos, sabe? Aí depois o meu pai, foi nos vendendo a terra que hoje era dele, as 8 hectares, foi nos vendendo. Ele nos vendeu, **as primeiras duas que ele**

nos vendeu, a gente não tinha dinheiro pra comprar, aí ele vendeu pra comprar um terreno pro meu mano na cidade, ele vendeu pra uma senhora, um casal que morava na cidade e foram mora pra lá. Mas aí as outras 6 **ele foi vendendo pra nós, aos pouquinhos sabe?! Porque era muito caro na época**, assim óh, tipo essa que nós compramos do meu tio, se valia 300 ou 400 vamos dizer que é real, não era real na época né?! Não me lembro que dinheiro era, porque naquela época mudava muito. A do pai, ele nos pediu 4.000 Nossa, assim uma fortuna. Mas aí nós fomos comprando aos pouquinhos, arrumava um dinheirinho emprestado, pagava, né?! E assim nós fomos.

[nessa altura da conversa, Azaleia entra em assuntos mais íntimos e de situações particulares com a família. E após algum dedo de prosa, partilhas, intervalos entre um chimarrão e outro, ela retoma seu período no Paraguai].

Então a nossa fase no Paraguai foi de sofrimento, mas eu tenho assim óh, **essa fobia que eu te digo, eu trouxe de lá, e daí eu sofri anos da minha vida**, eu acho que muitos anos da minha vida, **por conta disso né. Mas ao mesmo tempo assim, eu digo que foi uma experiência né?!** Porque só valoriza as coisas quando tu não tem e lá a gente aprendeu a valorizar. **Mas eu não me “froxei” depois que eu casei os estudos eu fiz pelo supletivo, primeiro e segundo grau. Só não fiz a faculdade porque quando eu fiz a prova do Enem, agora não lembro se foi 2012 ou 2013. Que eu fazia o Enem né, todo ano e não passava, aí aquele ano eu fiz, agora não lembro se é 2012 ou 2013**, mas eu tenho as coisas lá em casa acho que eu tenho ainda, **eu fiz, mas foi a prova pior que eu já tinha feito** de todos os Enem, sabe?! A pior! E todo mundo dizia isso, meu deus que dificuldade! Que dificuldade! **E eu não corri atrás do resultado pra saber. Porque eu sempre ia e não tinha dado certo, quando eu fui lá vê, já tinha passado. E eu tinha tido a oportunidade de entrar na faculdade, 100% gratuito, e eu não corri atrás. E daí eu perdi, eu fui lá já tinha passado 3 anos, porque daí eu fui pegar minha comprovação de conclusão. E aí, desisti de fazer Enem.**

[nisso perguntei para ela qual curso ela tinha interesse em fazer].

Eu tinha interesse, **se eu fosse fazer curso, eu ia fazer veterinária, mas lá em Santiago não tinha e não tem ainda, então provavelmente eu não ia fazer veterinária. Né, mas na minha mente, eu sempre tinha isso. O dia que eu tiver a possibilidade de fazer um curso**

superior eu quero fazer veterinária. Porque como a gente sempre precisou de ajuda com as vacas e nem sempre a gente tinha, nem sempre acertava e nem sempre, sabe?!

Até agora esses dias, tava lá nós em função de vaca, de veterinário, as vezes tu pensa que acerta e tu erra de novo, né?! Então **eu pensava assim: eu quero ser veterinária pra salvar minhas vaquinhas [risos]. Pra ajudar elas, né?! Mas aí desisti. E daí eu comecei a pensar, porque na verdade os tempos da gente são escassos né?!** Tipo aqui na FETAG tu não tem tempo pra nada! Lá no sindicato não é muito diferente... e daí como é que eu ia fazer? **Como é que eu ia arrumar tempo pra estudar? Como é que ia ficar minha família? Se assim já tá abandonada? Sabe?!** Então meio que descartei assim essa... **Não sei ainda se não me dá na “beneta”¹⁶ né?! É, dá tempo ainda, eu sei que dá tempo! Mas hoje talvez não sei se faria veterinária?!** Até outro dia tava pensando, bem que eu podia fazer veterinária, mas agora eu tenho um dos meus sobrinhos que tá se formando em veterinária, falta um ano e meio pra ele concluir o curso. Aí eu penso, já tem alguém na família [risos].

[em meio a outros assuntos, prostrar com Azaleia sempre é muito agradável, não vemos o tempo passar, me envolvo, nos envolvemos, e conversa vai e conversa vem, o assunto da espiritualidade, da religiosidade chegou e então ela me diz:].

Eu sou bem católica, até as vezes eu acho que eu sou... que eu transmito muito isso no que eu faço, no que eu falo, nos lugar que eu vou. Mas é meu isso, sabe?! Uma coisa que eu sinto necessidade e gosto da prática religiosa. Eu acho assim que **a religião é indispensável e eu respeito todas,** sempre digo isso onde eu vou. **Quando eu faço conversa com as mulheres,** uma palestra ou alguma coisa assim, eu sempre **levo até canto, coisas assim,** eu canto com elas e motivo pra esse lado. Mas eu respeito muito todas, **o importante é ter alguma coisa pra acreditar, ter fé né?! Ter uma espiritualidade que tu possa se apegar, porque senão eu acho que o ser humano não sobrevive.** Eu penso assim! Que os desafios se enfrentam porque tu se apegue a alguma coisa, né?! **Ah eu não me vejo, descrente! Eu tenho que acreditar!**

¹⁶ O termo veneta significa um acesso repentino de loucura.

QUARTO ATO

[Já que estamos nos tempos de Margaridas, vamos de Margarida, pode? – foi assim que ela anunciou o nome pelo qual gostaria de ser chamada. O tempo das Margaridas é em referência a preparação para a Marcha das Margaridas.]

4.1 CENA – MEUS MUITOS ENCONTROS COM MARGARIDA...

Eu não me recordo quando vi Margarida pela primeira vez, mas a conheci antes mesmo desse dia. Como assim? Sou amiga da filha dela, então ela já era presente, em alguma medida, antes mesmo do nosso primeiro encontro. Eu me recordo dela mencionar que quando sua filha falou sobre mim ela já gostou, afinal com o nome que eu tinha não tinha como ela não gostar de mim, pois é o mesmo nome da mãe dela. Acho que a “chave” que eu precisava com Margarida foi aberta há pelo menos 11 anos.

Lembro de ficar impressionada com o tanto de coisas que uma mulher dava conta de fazer ao mesmo tempo, quando tive a oportunidade de visitá-la ao longo desse tempo, antes mesmo de eu me levantar da cama (na roça, no interior ninguém se levanta muito depois do sol nascer, nem mesmo as visitas) ela já tinha dado conta de muitas atividades. A mesa posta, quase um café colonial (no sul do Brasil chamamos assim quando na mesa se tem uma variedade – quase infinita – de quitutes a partir das receitas de antepassados do tempo das colônias tanto de imigrantes italianos quanto de alemães), tinha sempre de tudo, pão, bolachas caseiras, queijo, salame, nata, melado de cana, cuca (pão doce que tem nas versões “italiana” e “alemã”), chimias (um doce parecido com geleia, que não, não é a mesma coisa), mumu (que é doce de leite), frutas variadas, leite, café, e claro o chimarrão já estava praticamente lavado quando eu chegava na cozinha, pois a lida da prosa já havia começado há um bom tempo (o chimarrão, bebida típica – talvez deveria ter explicado antes nesse texto, mas acabei lembrando só agora – no sul do país, tem origem guarani, para eles é uma planta de poder, muito respeitada, e o hábito foi incorporado pelos imigrantes quando passaram a ocupar o território sul-brasileiro, de forma mais expressiva, ao fim do século XIX. Sobre dizermos que o “mate” – forma como chamamos, também, essa bebida – está lavado é quando já se tomou tanto, muita água já passou pela erva e então quando servimos mais água a erva já está sem o sabor amargo que é característica dessa bebida).

Não disse que grande parte das maravilhas dos cafés matinais eram e são produzidas pela própria Margarida, ela tem uma mão incrível para pães e bolos, em especial. Ela sempre

me chamou a atenção por sua generosidade cotidiana, casa cheia, partilhas de receitas e convites para assumirmos as panelas, foram muitas as vezes que com muita alegria pude cozinhar enquanto ela ou fazia outra atividade ou sentava e podia aproveitar o momento com a família. A casa sempre cheia, familiares que chegam, amigas e amigos de longa data, difícil uma semana que não passem pessoas por lá para visitar a Dona Margarida.

Curioso fato de “passarem por lá” é que ela reside em um município que não é passagem, Derrubadas fica no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, quase divisa com Santa Catarina e divisa com a Argentina. A primeira vez que fui pra lá as próprias placas de sinalização indicavam a ida e sem mais nem menos indicavam o lado contrário, sem que tivéssemos passado pela cidade, pois indicavam um caminho alternativo, ainda nem asfalto tinha. Mas para sabermos de que lugar estamos a falar vale uma busca sobre o Salto do Yucumã, maior salto longitudinal de quedas d’água do mundo, que fica no Parque Estadual do Turvo, último reduto da onça pintada no Rio Grande do Sul. Lugar lindíssimo, de presença forte, onde nos perdemos admirando a imensidão e a força das quedas d’água, floresta em pé, mata fechada, estrada estreita e com raios de sol, borboletas e muita, muita biodiversidade. Acho que tudo isso explica como eu vejo a Margarida, uma bela e grata surpresa, um presente.

Bem, contextualizada minha relação com ela, preciso dizer que sem ela essa experiência com essas mulheres jamais existiria, afinal foi ela quem fez o convite primeiro. Por intermédio da filha dela o convite chegou, Margarida estava em meio a organização tanto do primeiro evento na ENFOC (ela era uma das participantes) quanto no Encontro de mulheres (onde ela era e ainda é a coordenadora da regional) e sugeriu para a Joia nossos nomes para a realização da primeira oficina, da qual inclusive ela não pode estar presente, pois estava em viagem para outro estado onde residem sua mãe e seu pai, que na época estavam adoentados.

Em todos os Encontros de mulheres de regionais, que ocorrem de dois em dois anos, as mulheres, juntas, pensam algo que possam fazer para a comunidade, e no caso no encontro ocorrido em 2017 elas construíram um horto medicinal, no município de São Martinho, entre a Emater¹⁷, o Sindicato e próximo a secretarias municipais. Margarida após esse evento e essa inauguração nos procurou para que auxiliássemos a escrever um projeto para que ela pudesse, junto da assessora, Girassol, buscar parceiros e arrecadar patrocínio para construir um horto em cada um dos, outros 12 municípios da regional. Essa ideia pipocou de boca em boca entre as mulheres no evento ao verem o horto pronto ficaram animadas para ter um horto em seu município. Fizemos um projeto simples para que elas pudessem dialogar com instituições da

¹⁷ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

região e elas conseguiram desenvolver e implementar esse sonho coletivo – termino aqui a fala sobre o horto, pois o protagonismo deve ser respeitado e logo mais a própria Margarida conta pra vocês como isso ocorreu.

Além disso participei de outros eventos com ela, conduzi uma oficina sobre Agroecologia e Economia Solidária em um encontro de preparação para a Marcha das Margaridas (encontros que começam a ocorrer um ano antes da marcha que acontece de quatro em quatro anos), então em dezembro de 2018 houve o encontro na regional de Três Passos, no município de Campo Novo para dialogar e construir a pauta da marcha que ocorreria em 2019. Após o encontro outros encontros a nível municipal ocorreram, mas esses não tive possibilidade de estar presente, muito embora os convites sempre fossem muito presentes.

Então começo a me despedir dessa enunciação dos meus encontros com Margarida dizendo que ela é uma mulher muito importante para toda a região e também para outras regiões, bem como para o movimento sindical a nível estadual, vocês terão a oportunidade de conhecer os detalhes a partir do que, em janeiro de 2020, ela falou de si quando eu perguntei: *Quem é a Margarida?*

4.2 CENA – A GENTE VAI APRENDENDO, MINHA FACULDADE DA VIDA FOI POR AÍ...

Por Margarida

Quem que é a Margarida? [ri com ar de envergonhada e em meio aos risos...] **Essa senhora é uma mulher, né?! Com qualidades e defeitos, de carne e osso, que lutou muito na vida! Também foi criança, foi adolescente, foi jovem e mãe. Foi filha e continua sendo filha.** Então eu sou essa pessoa, nesse sentido.

A Margarida na família é meia chata [risos]. Falo um pouco como mãe né, **eu acho que eu sou muito protetora também. Sou muito de me doar, no meu dia a dia, no meu trabalho, com os filhos, com a família, hoje com pai e mãe com a idade que tem** [ambos têm 90 anos], na medida do possível, tiro esse tempo também, né, pra me dedicar por aquilo que eles fizeram. Eu tenho um reconhecimento muito grande. **Que eu lembro que naquela vivência do passado, que se a gente traz hoje, o quanto a gente sofria e no mesmo tempo a gente tinha aquela sobrevivência, que eles faziam de tudo pra gente se manter.** E nós não éramos, que nem a gente é em 5 hoje [se referindo ao casal e 2 filhos e 1 filha], **nós éramos em 10! Doze com o pai e a mãe.** E o quanto eles se sacrificaram, então, eu como família, tenho esse reconhecimento

e procuro fazer e passar pros meus filhos, que **eu sou muito grata por ter, essas três pessoinhas [2 filhos e uma filha]**. O projeto era pra ser 4 [risos], mas não veio os quatro de sangue, mas veio alguém do coração [risos altos, ambas sabíamos de quem ela falava com tanto afeto]. Como família eu sempre dei o que eu pude como mãe, como mulher. Como esposa também, então é um conjunto todo. E depois disso tudo também, **quando entrei pra essa família do meu marido, que me coube esse espaço**. E **eu sou muito grata** assim por ocupar, eu **sinto que eu vejo que eles me veem muito como Vó [mãe do marido]**. Que **ela fez todo esse meio de campo com a família**. E graças a Deus eu **sou muito feliz porque sempre a casa é cheia [risos]**. As vezes a gente se cansa né, mas é muito bom!

[um pouco tímida, talvez pela presença do gravador – sempre conversei com Margarida sem a presença desse estranho – ela introduz uma fala relacionada a sua fase profissional no sindicato].

E hoje eu posso dizer que sou uma mulher realizada! Sabe?! Porque **quando eu entrei no sindicato**, no movimento, **quando eu fui convidada, teve um momento assim muito crítico, muito difícil, sabe?! Eu me pegava indo nesse caminho [deslocamento da propriedade até a sede do sindicato no município] até chegar lá, me perguntando o que eu tô fazendo aqui? E me via muito que eu tinha feito algo errado, né?! Porque até então, eu não tinha saído fazer um trabalho fora, eu sempre estive em formação, mais envolvida com a Igreja né?! Catequese, essa função toda**, mas no momento em que eu recebi esse convite, que depois eu assumi de frente, eu muitas vezes me perguntei o que eu tava fazendo lá, né?! Porque eu não tive uma preparação também. Assim, **o pessoal começou a colocar: ah você tem condições, você é capaz!** E “zuup” eu aceitei, né?! Mas assim, eu me vejo **uma mulher realizada no trabalho. Com muitas dificuldades que a gente tem que enfrentar no dia a dia, posso dizer que eu fiz uma faculdade, né?! E fiz muita amizade, e hoje eu vejo o quanto eu tenho o reconhecimento por eu enfrentar as dificuldades e não aceitar por aceitar**. E fazer aquilo que foi confiado. Então, me sinto realizada **no movimento** em si, porque dentro disso também, **eu criei uma nova família!** Porque **essa família que me acolheu**, por eu tá vindo também **a primeira mulher [como presidente de sindicato em toda a regional]**, nesse ciclo do trabalho, que eu também, **muitas vezes ficava um pouco recuada, um pouco de medo também por questão da sociedade, né?! Mas ao mesmo tempo eu dizia bom, eu não tô fazendo nada de errado, depois que eu consegui superar também, esse período, só foi!** E a coisa foi deslanchando e eu fui fazendo, né?! Mas graças a Deus, acho que hoje eu

fiquei esse período fora [cerca de dois anos], mas eu senti muita falta, eu sentia que parece que tinha que fazer algo.

E hoje, as vezes quando eu me deparo com os problemas, eu penso assim: Bah porquê que eu não fiquei em casa [risos], mas ao mesmo tempo você sabe que aquilo tá no sangue e você acaba não dizendo não, né?! **E quando a gente ouvia a Girassol** [assessora da regional que atua, também, na comissão de mulheres] **e aquilo que ela diz que ela tem que ser forte, não é questão de ser forte. É porque você tá fazendo algo que tá no teu alcance, que você gosta de fazer, que você tá ajudando. E você tá vendo o resultado lá nas outras mulheres, você tá transmitindo pra elas que a gente é capaz, né?! Porque até então, nós agricultoras, a gente vem de uma formação, de uma criação que a mulher é pra procriar e cuidar da família.** E eu tenho muitas ainda que a gente precisa de dar esse abraço, de dar esse sorriso, de fazer com que elas se sintam parte disso, né!

[aos poucos ela foi se soltando, o chimarrão parecia tornar o gravador imperceptível e em meio ao assunto ela retoma a família. Pergunto então quem era a Margarida antes].

A gente tinha a família, da família da mãe. **Nós éramos em 10. Nós sempre tinha o sonho de estudar, né?! O tanto que eu tive uma oportunidade de fazer o segundo grau, e a mãe adoeceu na época, eu tive que voltar pra casa. E o pai era sempre muito enérgico,** aquela coisa assim óh, se você aprontar, ninguém pode/volta mais. **Então a gente tinha muito esse medo dele também.** Porque parece que tinha um bicho lá fora, né?! E a gente se deparava com aquilo, se poderia acontecer alguma coisa, a gente ia volta e não ia ter mais esse espaço.

Mas assim, **na caminhada eu me envolvi muito na comunidade,** eu tenho muito presente hoje, **a minha mãe no trabalho de comunidade,** porque **tanto ela quanto o pai, fizeram tudo que eles puderam, se doaram pela comunidade.** Nós ficava lá na frente, no primeiro banco da igreja e eu era mais velha, daí ela me dava a mana mais nova e nós tinha que ficar sentadinho, enquanto ela preparava todo o altar, as roupas... aquela situação toda. **E nunca cobrou um centavo! Então isso tenho muito presente, se for precisar trabalhar sem cobrar nada eu vou trabalhar, porque ela fez a diferença na época.** E isso, acho que todos nós, agora quando a gente brincava com os manos, tem muito presente isso dessa doação, né?! Então, por isso acho que até então, todo mundo se doa pra cuidar deles, porque a gente sentiu da importância dessa doação, de você ajudar o outro, que a gente sente pra cuidar.

Aí o envolvimento na comunidade, catequese, grupo de jovens, né?! A gente sempre teve envolvido, é algo que a gente podia ir em baile, a gente tinha essa oportunidade com os

irmãos, onde **a gente dançava muito, se divertia muito**, mas assim, **nós éramos muito cobrados em acordar cedo, pelo trabalho na casa**. E depois eu **já conhecia o meu marido né?! Que ele vinha passear na casa da madrinha** [risos, pois é a sua mãe], visitar o padrinho e a madrinha e a gente foi se conhecendo, até então eu levava os recados das meninas que ele tinha um pouco mais de idade que eu e aí aconteceu de a gente começar a dançar uns bailes, e acabamo ficando esse período de conhecimento e acabamos decidindo depois pelo casamento.

Porque daí quando o vô, **o pai resolveu de ir embora, daí ele resolveu de me pedir em casamento** [risos] **senão eu ia embora também**.

E a gente começou a nossa vida, ali na comunidade, mas sempre envolvido né?! Sempre o nosso trabalho, **continuei sendo catequista**, o meu marido participou da coordenação. Teve um período que nós [mulheres da comunidade] fomos desafiadas, que **tinha um grupo de homens que eles desafiavam as mulheres**, sempre trabalhava em casais, e eles sempre chegavam depois das cinco e meia, seis horas, até pra brincar e abusar, pra ficar o pessoal até mais tarde, não ajudavam nada lá na família. **E a gente combinou um grupo de mulheres e assumimos a coordenação**. O tanto que daí nesse período a gente conseguiu estabelecer o horário o máximo, cinco horas ninguém ficava mais na comunidade. **Se não tinha o que fazer em casa que achasse outro lugar que fosse ficar, né?!**

E aí a gente continuou [se referindo ao casamento], **começou a vir os filhos né?! A gente também completou já esse sonho nosso de ter a família, foi agraciado com os filhos**. E esse envolvimento sempre... **e depois veio a política também né?!** Além disso, esse convite pra gente se envolver na questão do município que o meu marido também já tinha uma formação, uma ligação muito forte na questão de lideranças né?! E aí que ele foi convidado, e em momento algum eu me coloquei... não me coloquei contra. Porque eu sempre tinha um desejo assim, de se eu quisesse fazer algo, que eu pudesse fazer né?! Mas assim, nunca me desafiei também! Pra sair...

E a questão da ligação no sindicato aconteceu quando, vieram convidar ele né?! Pra ser secretário do sindicato, e daí na época ele disse não. Porque ele não queria, **se eu quisesse aceitar... e foi aí que eu aceitei. Comecei como secretária do sindicato**, nesse período daí. Mas assim, a gente teve as nossas dificuldades, nós tivemos os nossos acertos, a gente se conheceu mais a questão das nossas qualidades dos nossos defeitos [se referindo ao casamento]. E ainda, até hoje **a gente tem** algo que tem **as nossas desavenças né?! Mas assim, cada vez que o tempo passa, mais e mais a gente se conhece e mais a gente quer ficar junto!** [risos com as bochechas rosadas]. Por mais que, vai pra lá, vai pra cá, a gente sempre quer voltar e quer ficar junto, né?!

Então, eu acho que assim, **eu posso dizer, e pelo que eu vejo nas mulheres que tenho esse trabalho, o quanto eu sou feliz.** O quanto eu tenho, a pessoa, **por mais que eu sinto nele às vezes o machismo querer aflorar, mas eu também às vezes tenho essa parte forte, mas foi o que eu aprendi também... a me conhecer e dizer o não que até então eu achava que tinha que fazer tudo né?! Aceitar tudo, por exemplo, aquela formação que o pai e a mãe deu, que a gente tinha que ser submissa à tudo.** Respeitar e aceitar o que o marido dizia. E a gente teve muitos desencontros nesse sentido, nesse momento que eu consegui!

E isso o Sindicato me ofereceu no momento das formações, que eu pude me libertar, que eu tava fazendo algo, não prejudicando ele, né?! Mas ajudando os dois. E assim mesmo, eu me calo bastante. Quando ouço algo e penso bastante antes de responder também. Que até então, fico me imaginando, me pergunto será que eu devo dizer, ou não devo dizer... Então, eu sou muito assim de não afrontar, também. Mas **eu me sinto uma mulher realizada!**

Tinha... tenho um desejo ainda de cursar uma faculdade que lá no fundo ainda não perdi 100% [risos]. Que talvez eu possa, ainda fazer, mas ainda, ahhh tem que pensar [risos]. [sobre a finalização do Ensino Médio]. É que eu não tinha completo, mas **foi dentro do sindicato.** Lá, depois que eu tinha começado. Aí eu **fui sentindo** assim, **da importância disso** também. Eu tinha aquele desejo de realizar e nesse meio tempo eu disse: não, **eu vou me inscrever! Vou me inscrever e vou terminar e foi quando eu terminei né?! Porque daí foi um momento único! Então aquele dia da formatura de segundo grau, né?!** [que ocorreu final de 2011] Vendo assim, quantas vezes a gente participou, e aquele desejo de que os colegas também, né?! Essa satisfação... **O quanto, a gente ainda tem pessoas que desejam e a gente se limita, por achar que a gente tá fazendo algo errado. E isso a gente dialoga muito com as mulheres, a gente tem dentro da gente muito forte isso, e a sociedade cobra muito. Ah se ela vai estudar é porque vai arrumar outro, porque isso, porque aquilo né?!** Então, a Vó [mãe do marido], mesmo me disse: *Ah, fica em casa que tu ganha muito mais! Cuidando da suas coisas, do que você voltar a estudar, né?!* Então, eu fui meio... [não finalizou] mas graças à Deus [risos], consegui terminar o ensino médio dentro dessa caminhada [se referindo ao sindicato] também.

[entre um chimarrão e outro, risos e (re)memórias ela retoma as falas de quando entrou no sindicato, quando secretária].

Foi antes de 2006, foram 3 anos, foi 2005, 2004 e 2003. **Então 2006 eu fui concorrer a presidente. Eu tive uma outra dificuldade também, que quando eu disse que ia concorrer, o presidente que estava ele queria que eu fosse e depois renunciasse pra ele [assumir]. Como presidente ele não podia mais, tinha ido duas gestão e na época eram 3 anos e o tanto que daí ele não aceitou. Aí agora (2020) que eles estão assim conversando comigo depois de tantos anos.**

[perguntei como essa história se desenrolou].

Até então ele não aceitou também ser meu vice. Nem aceitou fazer parte da diretoria, eu gostaria assim que ele ficasse como meu vice, que ele, na verdade só não queria mais, que **ele não tomava atitudes, ele não ia em busca das coisas né?! E o pessoal sempre dizia assim, se você vai eu não fico mais sócio, ou isso ou aquilo.** E daí a gente formou a nossa chapa e a gente concorreu. **E a gente tinha muito medo que o pessoal não viesse votar.** Mas na época, teve um branco, mas os outros sim. Isso foi em 2006, então. **Que eu lembro muito bem, que nós, no dia... na noite da posse... terminou ali o ato e ele sumiu.** E daí ele **precisava assinar as coisas** assim que ele tem que **fazer encerramento.** E nós fomos **lá na casa dele, e ele tava lá fora, nos recebeu. E eu tinha esquecido de levar uma caneta junto. E ela [a esposa] simplesmente lá de dentro, jogou a caneta pra fora.** Foi um período assim, que até então, não faz muito tempo que isso se terminou, né?! Esse constrangimento dessa situação.

Mas não sei o que ele imaginava? Depois disso tudo, eu até levei pra comissão de mulheres, o quanto é difícil né?! Então, mesmo ele achando que eu teria que renunciar, pra ele ficar. Eu disse: Então se é assim eu não vou! Então fiquei oito anos, fiz um mandato de 4¹⁸, aí eu concorri de novo e me elegi novamente. Porque o nosso regimento, são dois mandatos. Tu tem que se retirar, dar espaço. Ir pro vice, ou qualquer outro cargo na diretoria, menos presidente. **E essa é uma luta que a gente vem trazendo dentro do movimento sindical, que nós temos presidentes que eles estão 17, 30 anos. Que é aquela mesma “lenga-lenga” de sempre, que não se forma outras pessoas, com outras visões, com outros olhares de trabalho, né?** Tanto que dentro da nossa regional tem ainda. **Vocês viram ontem, que tem outras pessoas. Parece assim que a pessoa é única, que não tem outra que possa substituir.**

¹⁸ O tempo da gestão das diretorias dos sindicatos é diferente em cada município, no caso do sindicato onde atua Margarida de 3, passou para 4 anos. E como dito antes por Azaleia no caso do município onde ela é sindicalizada e atuante, na época do relato era de 2 em 2 anos.

Mas eu vi assim, como foi importante essa minha saída. Até então, entrou outra pessoa, pra aqueles que achavam que o trabalho não tava bom, daí eles viram o trabalho que a gente tinha. Por outro lado, hoje, eu também reconheço que o pessoal me disse assim: *no que você saiu, nós perdemos muitas coisas, que a gente construiu.* Tem esse lado também, então são duas coisas que é difícil também. Mas não fica aquele círculo, que sempre a mesma pessoa.

[Margarida menciona que nós havíamos visto “ontem” o que ela menciona, pois, um dia antes estive com ela e com a Girassol em uma reunião da coordenação geral da regional. Reunião que elas me convidaram para que eu pudesse observar como “se davam as coisas” nesses momentos de decisões e de planejamentos, retomarei esse assunto mais adiante].

[Aproveitei o folego que ela pegava entre as falas enquanto tomava uns goles de “mate” e perguntei se nos dois primeiros mandatos ela já trabalhava com as mulheres].

Não. O primeiro eu trabalhei. Daí assim, tinha a nossa comissão aqui, **aí tinha essa senhora de Três Passos, que participava. Aí começou o conflito lá em Porto Alegre, porque ela é uma pessoa muito de fazer confusões, de criar fofocas, conflitos entre as comissões.** E o pessoal da Federação começou a reclamar, que na época o ex-presidente da regional era o coordenador né?! Que **deveria trocar a comissão de mulheres e daí que veio o convite, né?! Pra mim, aceitar. Aí eu também não queria, porque antes quando eu não estava, ela já fazia um trabalho. Só que hoje eu vejo, ela não tinha essa oportunidade que eu tenho hoje, por exemplo, esse apoio, né?!**

Quando eu entrei no outro mandato junto [se referindo que assumiu a coordenação regional da comissão de mulheres]. **Aí eles vieram com uma proposta e foi criado todo um circo por causa da mulher, pra tirar ela, né?! Aí foi feito, então assumi.**

E do sindicato fiquei fora 4 anos... foi 2014 até 2018. É... daí voltei agora, nós tamo em 2020, já foi o segundo ano agora. **Eu não fiquei fora, eu fiquei vice presidente.** Não como presidente, mas como vice presidente. Eu fiquei envolvida igual, mas não de linha de frente, como eles dizem né?! Que **eu dei oportunidade pro que era vice, né?! Então, a minha vontade era uma mulher assumir, passar essa transição pra uma mulher,** mas a partir daí aconteceu uma evolução, porque a gente conseguiu cotas na nossa diretoria E o meu vice na época, quando veio teve as dificuldades dele, mas **ele foi muito parceiro. Ele conseguiu ter 50% de mulheres e 50% de homens. Entre os jovens e mulheres ali, a gente conseguiu fazer isso.**

É, 30%! E a gente já conseguiu [50%, se referindo a cota de mulheres]. É a primeira diretoria assim a nível de estado, foi bem-vista por a gente ter já esse mesclado, essa quantidade de mulheres e jovens. Quando a gente vê assim que eles trabalham muito em outros municípios que não tem... que a mulher não quer... que a mulher isso, que a mulher aquilo, sabe?! Pra dar as oportunidades, então ali ele já conseguiu. A gente teve um envolvimento dele, isso a gente teve a comissão aqui também e daí eu trabalhei mais com a comissão [de mulheres]. Que aí que a gente começou esse movimento maior com o projeto [falando do horto medicinal], que eu tinha mais tempo e hoje eu vejo assim, que eu não deveria ter voltado pro sindicato, isso deixou muito a desejar na comissão, porque eu tenho aqui [sindicato no município], né?!

Então eu me dedico muito, mas eu deixo muito aberto o campo aqui, mas eu tinha uma expectativa em um jovem e uma jovem [que já trabalhavam com ela]. Eram dois jovens que eu fiz a proposta que eu só voltaria [se fosse] com eles. E a vida mostrou que assim tem coisas que nem sempre que a gente quer, acontece né?! A mãe do jovem adoeceu e ela tem Alzheimer hoje, com 58 anos e eu não tenho como cobrar dele, né?! Essa posição dele ser o presidente. E a jovem que tava muito envolvida, e tinha todo um potencial pra ser, que até na primeira proposta eu queria ela como minha vice, pra também começar a largar pra ela e não foi bem aceito também, pelos demais. E ela tinha um conflito muito grande entre ela e a funcionária dentro do sindicato. E na primeira proposta assim que apareceu ela pediu pra sair, porque não havia um entendimento antes com as duas lá. Pela ela ser jovem, hoje ter um potencial de agilidade, e eu reconheço, porque a gente depois de uma idade a gente não tem todo esse potencial, aí quando eu cheguei, eu cheguei e peguei uma bomba assim, explodindo entre as duas.

Mas ela faz parte da diretoria, ela é hoje a.... [estalo com os dedos para lembrar] que faz as atas? A secretária! Ela é primeira secretária. Daí como a gente deixou a funcionária de fora, a gente trouxe a jovem e daí o conflito ficou maior ainda, mas a minha vontade era... o que eu tinha idealizado, era de eu me afastar. Pra mim continuar o trabalho na comissão, porque o pessoal tinha pedido pro pessoal pra mim voltar, e eu ia dar o suporte e o jovem ia assumir e a jovem subia como vice, né?! Então ali a gente já ia começar preparar a próxima diretoria, que seria eles como jovens, né?! Só que infelizmente, tá bem difícil, eu hoje já tô dizendo pro pessoal que eu não quero ser mais presidente, que o que era pra ter feito, da minha parte já fiz e... Eu gostaria se eu ficasse... na comissão de mulheres.

Mas hoje eu não vejo nenhum dos dois, né?! Nem a jovem e nem o jovem. E a vontade é de trazer alguém novo dentro, com ideias que tá muito mais [estalo com os dedos pra mostrar

a agilidade], né?! Não é que a gente não tenha, mas assim esse potencial, essa vontade... Quem nem, a gente vai a Porto Alegre¹⁹, a gente cansa muito, a gente não tem mais aquele “pique” que o jovem tem. Então é um desafio agora, começar a preparar alguém, pra não chegar “nu e cru”. Tem que ver dentro da diretoria, quem tem desejo de continuar. Pra gente trazer alguém pra ser o próximo presidente. Então assim, houve construção, houve desconstrução, a gente tá com o trabalho bem difícil que a gente vem enfrentando no dia a dia, tanto de perca de associado quanto perca de valores, né?! **Mas eu sempre busco força pra não desanimar, porque a gente sabe o quanto é importante, o quanto vale a pena.**

Tem pessoas que tem interesse e tem os que não tem. Então **eles vem buscar o sindicato, como algo de benefício pra eles e tem outros que sempre estão, sempre são parceiros, sempre são companheiros e entendem a luta, que não é qualquer coisa, é algo muito maior, né?! Quando a gente tem a prova concreta, que por causa da idade, que se nós não tivéssemos feito nada, nós teríamos entrado na rodada aí dos urbanos, que aumentou a idade deles, então a gente vê assim o quanto é importante [se referindo a aposentadoria rural].**

[me recordo inclusive que no momento que saiu a aposentadoria de Margarida eu estava em sua residência. Enquanto ela passou o dia no sindicato trabalhando eu fiz um bolo e esperamos ela para comemorar. Me recordo com alegria ter podia ter a oportunidade de fazer um bolo em comemoração a algo tão esperado por ela].

E a questão de comissões então nem se fala, porque a gente viu assim, **dentro dessa caminhada, o quanto de dificuldade a gente tem no dia a dia, né?! [risos] Ah não é simples! Assim, o desafio de trabalhar como uma mulher é muito grande! E eu senti isso como vereadora também, que dentro disso eu tive esse espaço também.** Então assim, **eu posso dizer que eu tive várias experiências que muitas vezes a gente pensa que tem que ter uma faculdade, né?! Mas a vida oferece essas oportunidades. E mesmo com medo, fui!**

Aceitei e as vezes assim no impulso né?! Eu tive daí que me preparar depois, dentro da caminhada, mas foi outra experiência que **eu vejo hoje a mulher ainda é desafiada e as mulheres não se sentem preparadas a participar politicamente, pelo medo de não se eleger. Na câmara assim eu sempre me sentia muito só.** Por exemplo assim, **eu entrava com um projeto, você buscava trazer algo, você não era ouvida!** Eu sempre busquei fazer assim, essa questão da valorização do novembro azul e em momento algum eles falaram em outubro

¹⁹ A distância entre Derrubadas e Porto Alegre é de cerca de 500 km, o que ocasiona em uma viagem de mais ou menos 7 horas, se realizada de carro.

rosa, né?! **[a mulher] É mais uma que tá lá dentro.** Então eu sei, eu senti isso comigo, **o quanto é difícil pras mulheres, dizer sim pra concorrer.** E as mulheres, se soubessem o poder que tem.

E agora na última eleição por exemplo, **a gente não conseguiu eleger uma mulher. As mulheres ainda não tão é sentindo a necessidade de assumir esse voto pra mulher.** E daí pra gente ter esse espaço aqui em Derrubadas era tranquilo, **a gente podia eleger 5, 6 mulheres, mas nenhuma se elegeu,** então o quanto elas ainda estão adormecidas. Do valor, do potencial que a mulher tem, **olha as secretarias aqui, a maioria é mulheres, trabalhando de secretária, da assistência social, secretária do turismo é mulher, da educação é mulher!** A maioria de profes, são mulheres, né?! Só que elas não se sentem ainda, **eu não sei o quê que precisa pra elas se colocarem, nesse papel do poder que a mulher tem, ela mesma confiar na mulher.** E dar esse voto. Mas ainda, a gente percebe muito porque quem decide é o homem, no voto ali.

Eu tive essa experiência, e graças a esse homem que me deu essa oportunidade também, porque daí na época, nós precisávamos, tinha os homens e não tinha as mulheres, daí o meu marido abriu mão, pra mim concorrer. Mas **é um medo muito grande,** no momento que você se coloca à disposição, se você não se elege... Mas eu fui trabalhando, esse poder por exemplo tanto que no dia da eleição, eu tava tranquila. Assim se me elegia ou não, mas eu estava fazendo o meu papel, eu dava meu nome e fui, não fiquei esperando, porque **muitas dão o nome e não vão atrás do voto. E Fui! Fui eleita na época, fui a quinta, dentro dos nove.** E depois se nós tivéssemos ficado, na época, com o prefeito da época, feito nosso trabalho... Aí houve um desentendimento entre eles, o pessoal que saiu pra nos procurar, afoitos a querer uma mudança.

[Margarida foi a primeira vereadora eleita no município. Isso ocorreu somente no ano de 2012, sendo que a emancipação do município de pouco mais de 3 mil habitantes foi em março de 1991].

A gente tinha um desejo, de fazer um trabalho, assim pra todos. Mas a gente teve essa experiência também. **Hoje eu conheço o município, envolvida na política, eu tive essa grata satisfação, ter conhecido de uma ponta à outra, que até então se eu não tivesse me envolvido eu não saberia,** tem João lá, tem Maria lá, tem Pedro, tem Paulo, e daí isso também, me fez refletir um pouquinho como pra você concorrer você tem que tá dentro de um partido. Aí eles não vê a Margarida, presidente [do sindicato]. Eles veem a Margarida, do partido. Se eu to lá no sindicato hoje, eles acham que eu to querendo uma vaga no partido. Eles vinculam

muito isso também. Então a gente tem que trabalhar muito! **Esse ano eu tenho feito um esforço muito grande pra falar com o prefeito, pra mostrar pra ele que eu tô lá, não pelo partido e sim pelos trabalhadores.** Cada vez que eu vou lá, eu tenho que trabalhar muito isso. Porque eles te veem, Margarida do partido tal. Não a Margarida, né?! **Que tá lá pra defender uma classe muito maior, que a nossa é essencialmente agrícola e depende muito disso. Mas a gente sofre muito! Tu não pode desanimar, tu tem que tá sempre fortalecida, porque se não a peteca cai. Nesse sentido é bem, bem difícil! Mas nada é impossível** [risos].

Quando eu era vereadora, aí terminou o mandato, aí a gente montou a chapa, a professora Prefeita e eu vice. Agora tá vindo o próximo mandato, nesse meio agora que eu fiquei de fora.

[conhecendo uma pouco essa história, tendo acompanhado de perto os desdobramentos eu perguntei, como foi pra ela essa experiência de concorrer à vice-prefeita em uma chapa com duas mulheres].

Assim... a gente... eu me senti... **parece que a gente tinha dado as mãos e as coisas iam acontecer. E a gente viu que não.** Mas por várias vezes nesse trajeto... a professora é uma pessoa muito aberta. Eu vi nela o potencial de uma pessoa ser uma ótima prefeita. Do conhecimento que ela tem. Hoje nós comparando o prefeito que está, com ela, esse potencial ela tem muito maior, muito mais elevado de conhecimento, de buscar, de fazer projeto, né?! Foi uma experiência única assim, também que **a gente sentiu muito essa rejeição por ser duas mulheres. A gente não foi vista com bons olhos né, duas mulheres principalmente, pelos homens, mas muito também pelas mulheres, né?!** As críticas assim, **o que quê elas vão fazer lá dentro né?! Como se nós não ia dá conta do recado.** Mas foi aquilo, **me fortaleceu mais ainda como mulher.** A gente é capaz mesmo assim, fez essa caminhada, a gente mostrou projeto, **a gente tinha o nosso livrinho [plano de governo] com tudo aquilo que nós gostaríamos de realizar, quanto eles não tinham nada né?! Mas o povo decidiu.**

Eu, pessoalmente, no começo eu fiquei um pouco abalada, mas por exemplo tu tem que tá preparada, o povo que decide, né?! Essa é a reflexão que depois eu fiz: **bom, se o povo decidiu por eles, então vamo trabalhar. E depois eu tava um pouco insegura, pra voltar pro sindicato, por causa disso.** Aquilo que eu falei, dessa situação né?! Essa dificuldade de eles não te verem como uma pessoa que tá ali trabalhando pelo movimento, eles te veem como uma pessoa do partido. E agora foi o ano passado [2019], em outubro foi que eu disse pro meu marido que eu não ia mais me envolver, que o pessoal já tá te cutucando: *tu vai porque isso,*

porque não sei o quê, tu vai concorrer. Aahh você vai ser a nossa prefeita, porque não sei o quê... Eu digo: **a oportunidade a gente deu e o povo não quis, então agora nós vamos ter que escolher e fui lá e conversei com o prefeito, e disse pra ele: óh, você concorreu, eu concorri, hoje você está aqui, você que está enfrentando as dificuldades, então, eu tô do lado de fora, e tô te dizendo que eu tô fora! O povo te escolheu e eu tô aqui conversando contigo como presidente do sindicato, mais uma vez vou te dizer, como representante do movimento.** E não se preocupe o que o povo tá te falando. Porque até assim, a gente viu, já um afastamento... porque eu tava indo lá pra me beneficiar, concorrer, coisa assim.

Nós estamos fora da política, tanto eu quanto o meu marido, a gente não quer mais envolvimento, então se o partido quer fazer um grupo que vá concorrer, tudo bem, mas eu... E eu sei que eles tem esperança que eu diga sim, né?! [risos altos] Mas eu já trabalhei isso, e eu já tirei da minha cabeça, e é não! Porque é uma experiência e eu entendo a Girassol, porque como você trabalha com o movimento, você sente aquela ligação, aquele dar as mãos né?! E na política não! Na política, você sente assim, eles te detonando e fazendo de tudo pra acabar com você. Não existe! Essa família, esse ajudar, por mais que a gente tem que dizer as coisas, e pro outro entender ou te dar uma chacoalhada, ou você tá errado... na política não existe! **Eles fazem de tudo pra te acabar, de todas as formas ... então... enquanto a política também for assim, é difícil também, pras pessoas que chegam lá, não é fácil.**

Tenho conversado nessa caminhada, conversado com o pessoal que era do movimento e foi politicamente concorrer, tem muitas pessoas com depressão, porque foi pra dentro da política e hoje eu até me sinto feliz de não ter sido eleita. Eu conversei com a professora e disse: acho que foi a melhor coisa que aconteceu, nós teríamos abandonado nossa família, né?! Nós não tínhamos recurso, porque eles [gestão anterior] tinham gastado tudo! O máximo que pudesse, quem entrasse lá tinha que se virar com zero né?! E eu acho que foi Deus que providenciou isso pra gente não chegar lá. Então, **hoje eu vejo assim que foi a melhor coisa que aconteceu, o povo tá reclamando, que tem que mudar... digo: agora vocês vão ter que fazer alguma coisa, porque teve a oportunidade e se ficou no mesmo né?!**

[houve um silencio, entre um ronco e outro da cuia – o chimarrão quando finalizamos de beber faz um roncadinho, como se fosse um aviso de que está no momento de passar “o bastão” para a outra pessoa da roda – e Margarida me olha como quem espera que eu diga algo sobre sua fala. E eu com aceno de quem concorda com o que ela disse peço para que me conte

um pouco como foi o convite de assumir a coordenação da comissão de mulheres da regional e o quanto isso impactou, como foi a experiência].

Eu já fazia parte da coordenação regional, como a gente tem, o coordenador, o vice coordenador, né?! Secretário. Eu já era secretária, da coordenação regional. Quando eles me falaram [em assumir], eu me vi assim... que eu não tinha condições de assumir isso, porque daí eu já não parava em casa, eu já não parava no sindicato, pela quantidade de coisa, porque eu tinha assumido e realmente eu tava fazendo né?! Eu lembro quando tinha eles [filhos e filha] ainda em casa, quantas vezes eu tava fora, que eu tinha que viajar, que eu tinha que sair de madrugada, daí eu pensei assim, mais uma coisa né?! Que eu tenho que decidir, mas por outro lado eu pensei assim, bom... eu já tô saindo, posso né?! Conciliar as coisas e daí começou, fluir. A gente teve essa credibilidade, quando na época nós tivemos a grata satisfação de ter a assessora [anterior à Girassol] vindo no movimento, e aí que tem uma outra história.

Eu tinha dito sim, pra ser a assessora [havia recebido um convite nessa época]. Aí quando comecei a botar no papel, caí na real, o quanto isso ia exigir de mim, aí teve uma reunião em Três Passos da coordenação, cheguei e disse: gente, eu já tô dizendo não. Eu já tinha dito sim, mas eu tô saltando fora. [os outros diziam:] *Não!* Eu digo: Não, não vou dá conta! Nós temos que encontrar alguém. Aí veio a antiga assessora [que hoje está na FETAG em Porto Alegre], né?! Que foi ótima! Ela já veio assim somando na comissão. **Aí que nós começamos os encontros, os encontros regionais, a gente fazia encontro aqui, fazia ali. Daí quando ela veio, ela que encampou mais os municípios também, né?! E a partir daí, foi marcada essa data primeiro, que era pra ser em Três Passos, que foram com 70 mulheres, na época. Foram, dois dias. E foi uma experiência única, porque na época era a coordenadora estadual anterior à Azaleia. E ela já trazia pra gente uma segurança muito grande. Eu via nela uma pessoa muito dedicada, espontânea, muito amorosa, ela contava muita história de sofrimento das mulheres quando elas começaram na FETAG, quanto bullying, quanto assédio, né?! Que elas sofreram!** Então a gente viu nelas o que elas tavam fazendo e que as vezes o que acontecia com nós, não era diferente daquilo, e que elas tinham sofrido muito mais. Que elas iam pra FETAG não tinha lugar pra dormir, elas ficavam dormindo lá no corredor, sentadas, esperando clarear o dia! E isso começou motivar, que nós tava fazendo muito pouco e a gente começou a se envolver cada vez mais. E fortaleceu cada vez mais. E daí assim, a gente começou a fazer as ações e a gente viu que a mulherada começou a gostar.

E daí os presidentes começaram a se incomodar, porque já tinha algo a mais que nós tava cobrando pra fazer, né?! Que eram os encontros de mulheres! E as mulheres

começaram a participar mais, a opinar mais, a participar nas assembleias, e foi fluído. Depois essa assessora foi pra Federação e veio a Girassol. Eu já conhecia ela né?! De Esperança [do Sul]. E eu via nela uma pessoa muito fechada, ela era uma pessoa como ela disse ontem, ela não falava né?! Ela tinha um presidente, que eu gostava muito dele, da forma como ele conduzia, da forma que ele expressava as coisas.

E aí a Girassol começou, e quando a gente viu a gente conheceu uma nova Girassol. E essa trouxe muito, fortaleceu muito a nossa comissão também. Porque até então, eu não tava mais fazendo também. Eu me apoiei muito **nela e ela é muito de decidir que se isso tem que acontecer, tem que acontecer. Então, a gente começou a se entender, e o tanto assim que quando, ela pensa e me liga, parece que o nosso pensamento tem uma conexão das coisas, sabe?! Ah eu tô pensando isso! Ah eu tava pensando e as coisas acontecem! Então, se a gente diz que vai fazer um baile, a gente vai fazer um baile!** [risos altos] Não interessa onde nós vamos colocar, se nós vamos buscar tal coisa, a gente vai atrás. **A gente mostra pra eles que é capaz, que a gente consegue!** Então assim, pra mim hoje, **fazendo um balanço dessa caminhada**, e o que mais surpreendeu quando a gente fez o ENFOC e a gente tinha que escrever um projeto, né?! E aí que ia acontecer o projeto do horto, a gente tava nos encontros né, realizando as coisas já... e quando nós fomos pro estado, eu e a vice coordenadora de mulheres da regional, a gente achava: ***bah como a gente tá atrasado!*** Ah, a gente tá fazendo tão pouca coisa...

...e a gente viu que nós tava a mil na frente das outras! Que nós tinha uma caminhada, que a gente fazia os encontros. E a gente ficou meio assim, **será que é verdade isso tudo? Aí a gente começou a ganhar o estado, com o exemplo da nossa regional, né?!** Daquilo que a gente tava fazendo. **Daí a gente trouxe a Azaleia pro encontro e ela viu tudo aquilo que a gente realizava num dia né?!** O que elas faziam... aí ela se encantou mais ainda, sabe?! O quanto a gente já tinha essa caminhada e a gente foi ganhando esse espaço. E daí a gente só procurou cada vez melhorar mais. Daí como a gente tinha que escrever esse projeto, que tinha acontecido lá em São Martinho [horto], que a gente viu que não podia deixar aquilo. Que naquele dia lá... foi que a gente disse que não ia ficar só naquele né?! Então vamo atrás né! **E aí que vocês, que são esses anjos aí que fazem parte dessa história, que ajudam a incomodar esses homens** [risos]. E eu senti ontem assim, no momento que eu falei que vocês tinham essas condições de ajudar compilar isso [se referindo à um questionário que seria aplicado nos jovens dos municípios], **quem dos dois aceitou pedir pra vocês, vocês poderiam nos ajudar?** Então pra eles a gente incomoda muito. E lá na diretoria eles já sabiam que teriam

que ter percentual de mulheres, **o assessor em momento algum deixou o coordenador da regional aumentar o número de mulheres.**

A quantidade é de 30%, só que lá nos documentos deles não tem 30%, eles vão ter que arrumar isso, a documentação deles é diferente da minha que já tem, que já cobra isso, né?! Então a gente levou vários “cagaços” [xingamentos] já por eu e a Girassol fazer as coisas e não comunicar eles, né?! Aquele 8 de março que a gente fez acontecer. Que se desafiamo e fomos fazendo nos municípios, e a mulherada foi abraçando a causa, na noite anterior começou a chover muito, e eles [os homens da regional] começaram a ligar desesperados: *chovendo o que que vão fazer, porque não sei o quê, não sei o que...* a gente disse: **Não! Não vai chover amanhã. E a mulherada veio em peso, sabe? [risos altos]. E daí fumo pro ato, fumo pro centro mas chovendo né?! E a gente fez a nossa ação!**

Hoje eu recebi esse convite, a nível de estado também, né?! Acho que por eles [FETAG] verem essa caminhada que a gente tem, que a gente constrói, e pelo trabalho realizado. **E por não ter medo de colocar as coisas em prática né?! Foram desafios assim, que a gente chorou, que a gente se alegrou... foram só momentos maravilhosos que vem acontecendo.** E eu já disse pra Girassol assim: eu queria ter essa oportunidade pra me dedicar só nisso, que eu não deveria ter dito sim, aqui [se referindo a aceitar o convite estadual, mas que já havia iniciado o trabalho na regional]. Deveria ter ficado só com as comissões, né?! Então... de repente a gente ... mesmo assim o quanto a gente tá fazendo acontecer.

[aproveito o momento para perguntar o motivo de ela não ter aceitado o convite da FETAG para assumir a coordenação estadual de mulheres substituindo a Azaleia. Em meio à risos ela responde:]

Assim... eu avaliei que **eu tô num ponto que eu tô mais caseira.** Outra, eu não queria, assim pelo meu marido. **Quando eu falei, ele não teve abertura né?! Ah deixa alguém que faz... isso também pesou, né?! E eu não queria criar esse conflito na nossa fase que a gente tá vivendo agora,** esse conflito entre nós, porque eu comecei pesar... **claro que a vontade era de fazer esse trabalho né?! Porque até então você foi chamada porque a pessoa viu, né?!**

Nessa idade que a gente [casal] tá vivendo agora assim, criar um conflito, a gente ia criar, né?! **Eu ia ter que morar lá, todo final de semana indo e vindo, isso é muito cansativo também.** Aí eu comecei a pesar isso, **até que ponto ia ser viável pra mim e pra minha família também. E isso, pesou bastante.** E quando eu vi a Azaleia... quando eu vi ela falar, aí eu senti o porquê também que ela tava dizendo não... **Ela é uma pessoa maravilhosa, um exemplo de**

mulher e ela tem condições de ser a presidente da Federação, mas ela começou a analisar o quanto nessa caminhada ela pecou também com a família. E o quanto ela tava cansada de tá pendurada em um ônibus, né?! A distância... tudo isso, mas no mesmo tempo aquela vontade de fazer as coisas. **Então eu pesei bastante isso, eu sei que eu ia fazer algo que ia me satisfazer, que eu tinha condições de fazer, que no começo eu achei que não tinha, mas depois eu vi que eu tenho. Por outro lado, eu tava criando um conflito muito grande,** que depois terminando o período lá, de repente a gente ia ter uma relação... que não ía ter... quem sabe? **De repente não, eu fiz esse balanço, então assim, eu disse: não! Eu achei por bem de ficar por aqui, fazendo o meu trabalho, que eu acredito que eu vou ajudar muito, não dispensei.**

Aquilo que elas precisam lá no estado, disse que elas podem tá contando comigo. Até elas me pediram pra fazer uma outra parte, eu disse não, mas se tem alguém mais próximo lá, assumo né?! Mas a gente vai tá disponível a nível de estado quando precisar da gente! Então eu balancei bastante esse momento assim que a gente tá vivendo, família também, né?! **Porque as vezes você vai na empolgação e a gente tem umas experiências de mulheres que eu vejo, a nível de estado também, elas quererem fazer isso e daí houve esse desentendimento do casal, que depois não teve mais essa relação entre eles.** Esses casais estariam passando por umas dificuldades, **então achei por bem ir fazendo meu trabalho aqui.**

E outra que a nível de estado eu pensei assim... não é mais 13 municípios, né?! O quanto eu tinha que também aguentar! E isso te traz um cansaço, tem que ter uma energia. E outra coisa que pesou muito, muito...

[ela menciona uma situação de conflito específica, que não cabe aqui expor].

Então isso, quando a gente começou saber o que tava acontecendo, o pessoal começou já a não querer, né?! Teve outras mulheres que foram convidadas e sabiam disso. Então, você sai do convívio e entra lá dentro e você quer fazer o trabalho e depois não consegue? **Então você tem que tá muito preparada psicologicamente, em tudo, né?! E eu sei que eu ia ter essa autonomia, o presidente por várias vezes me ligou e pediu, vem que tu vai ter o teu espaço.** Eu digo: Não, vê alguém aí, vou ficar por aqui, pode contar comigo no trabalho. Porque o nosso medo sempre era alguém que gera o conflito lá dentro, de continuar, e a gente sabe que vai continuar. [nesse cenário todo ela diz que] tava todo mundo doente, tanto que sempre relatou pra nós.

A Azaleia andou tendo uns treco agora, que pode ter certeza que isso é estresse, é esgotamento, né?! E ela ignorou essa situação e fez o trabalho dela né?! E fez muito bem, ela pra nós vai ficar uma lacuna assim que, claro que a gente não pode desmerecer a Flor do Campo que tá vindo, que eu acho que vai ser uma jovem que vai dá continuidade no trabalho, que nem na regional, que nós tinha o assessor [anterior à assessora que foi substituída pela Girassol] que veio a assessora [que agora está em Porto Alegre] que a gente achava que tinha potencial também. Fez um trabalho, e depois veio a Girassol que tá fazendo esse trabalho, então tem que acreditar e se ajudar né?! E nesse sentido assim, **pesou bastante até por conhecimento do que tava acontecendo lá. A distância que eu ia ficar de casa. A distância pesou, e pesou assim muito né?! Eu não ia vim todo final de semana, sai lá sexta de noite chega de manhã aqui, cansada, no domingo já tem que ir embora né?! Então isso, **eu tô com 57 anos já não tenho mais o “pique”, de repente lá há 10 anos atrás quem sabe eu tinha pensado.** Mas pesou muito essa questão da relação entre nós assim, então eu pensei assim, mas **nessa idade também eu vou criar um conflito, né?!** Que eu posso tá continuando aqui um trabalho legal. **E deixar assim uma pessoa que de repente né, esteja mais próxima e talvez ainda não tenha esse vínculo da família, que esteja só né?!** Isso pesou bastante. **Pensei mais família né!****

[em meio ao assunto eu perguntei para ela como ficava a propriedade quando ela não estava, pois havia mencionado que ficava o dia todo, a noite fora, na época que estudando e o dia com o sindicato].

Sim! Ficava sim, **quando eu vinha fazia, corria, voltava.** [risos] **De madrugada quando dava.** E quando eles estavam em casa também, né?! **E daí eu tinha a comadre né?! Que trabalhava aqui,** que daí eu chamava ela pra fazer os serviços na sexta-feira, e eu fazia assim... **daí eu deixava pro final de semana né?! E fazia, né?! Mas é bem puxado e bem cansativo, por várias vezes eu pensava, será que tá sendo válido que eu tô fazendo? Me questionava bastante, mas eu venci.** Até então o meu marido, me convidava pra sair e diz: *a você sempre tá ocupada!* Que eu ia pra aula de noite. Eu fiquei 4 anos [em casa] e a gente não saiu passear de noite. Então, [risos] eu vi que aquilo que eu fiz não atrapalhou, era uma desculpa que acontecia, porque eu tava lá né?! Pra me cobrar, porque eu não tava em casa, aí eu superei [risos altos], deu tudo certo!

Mas assim, houve um envolvimento grande dos que ficavam né?! **Eu sei que o meu marido por várias vezes chegava, tava de cara amarrada, por eu não tá ali, por a calça não tá no lugar, o sapato não tá limpo.** Eu fazia tudo, né?! Lavava tênis, lavava isso, lavava

aquilo, que **no momento que se desafiou**, que eu ia fazer... e **se aprendeu muita coisa, hoje ele partilha mais... coisa que ele não fazia. Então houve esse crescimento também. Como homem né?! Porque aquela coisa muitas vezes de comer deitar no sofá, já não acontecia mais. Então, até eu percebi o quanto eu sofria na casa, se não ficava varrida eu tinha que varrer... e hoje fica... não me atrapalha mais** [risos altos]. **A roupa se tá um monte lá... a máquina depois devolve limpa, não podia ver roupa suja, né?! Então a gente vê com as mulheres, a gente trabalha muito isso, o quanto a mulher adocece por essas coisas, sabe?!**

Lavar, passar, cozinhar, lavar, passar, cozinhar e ela não tira esse tempo [pra ela] **e nós temos as mulheres agricultoras familiares muito doentes, com a depressão, alto índice, muito preocupante. Então, eu acho que é a doença do século. E a gente sabe que se você fica ali... acontece... acontece mesmo! Porque se você fica naquela rotina, vai adoecendo. Então a gente vai aprendendo, minha faculdade da vida foi por aí...** [risos].

[entre uma fala e outra, em relação a mulher no movimento sindical, ela diz:]

Lutadora... Vencedora... Guerreira [risos]. Um monte de coisas junto assim, sabe?! Essa questão assim de **tá sempre preparada né?! Muita alegria também. Acho que você tem que lutar.**

[ouço muito de todas as mulheres a fala sobre lutar e então pergunto para ela: a luta é contra o quê?]

Óh, a gente não luta contra o quê, a gente luta pra quê! Na defesa desses direitos. Essa luta constante que você, nós temos muitos direitos conquistados, né?! E se você parar... então, essa luta de buscar, de não deixar terminar, e se não tem. lutar pra conquistar. Eu nunca me perguntei, lutar? A gente luta pra não perder isso, aí até pra conquistar novos direitos. Esse direito à liberdade de ir e vir, as mulheres tem, mas não tem 100%, né?! Decidir por exemplo ficar sem ter a construção de um casamento, a sociedade vê ela sem condições. Mas acho que essa luta né?! Esse reconhecimento, de eu ser mulher e ter esse direito de eu escolher ficar só! Não ter alguém do meu lado... essa sobrevivência, nessa luta constante, né?!

[nós, em meio aos risos percebemos que há muito tempo a água do chimarrão havia acabado e então eu digo pra ela que: eu não quero acabar a entrevista, nenhuma entrevista eu quero acabar, eu quero ficar ouvindo as histórias!].

QUINTO ATO

[Ela me disse: Pode me chamar de Flor do Campo, símbolo da juventude, energia, espírito livre e simplicidade.]

5.1 CENA – E EU SÓ PENSAVA: PRECISO, MUITO, CONHECER ESSA MULHER!

Eu estava ansiosa por conhecer Flor do Campo! No processo de transição da diretoria da FETAG, ao longo do segundo semestre de 2019, o nome da Margarida era cotado e ao que tudo indicava era isso que ocorreria, ela seria a nova coordenadora de mulheres do estado. Mas, como contado, em detalhes, por ela mesma, a rota mudou e outro nome passa a ser cogitado, é o da Flor do Campo. Ela não havia participado dos eventos que acompanhei, fiquei nervosa! E agora? Como será meu encontro com ela? Devo fazer um encontro com ela? E como não fazer esse encontro?

Eu iria participar do evento para a eleição da nova gestão, já estava convidada, minha agenda tinha sido organizada para estar acompanhando e observando esse momento. Então combinei com Margarida, Joia e Azaleia que nesse dia, em janeiro de 2020 seríamos, Flor do Campo e eu, apresentadas. Me desloquei para Porto Alegre e cheguei no prédio da FETAG, lotado! Representantes das unidades sindicais de todo o estado, muitos encontros com algumas das mulheres e com dirigentes que conheci no longo da caminhada. Conversas e atualizações, abraços e partilhas.

Entramos no grande salão, como um anfiteatro, muitas pessoas que eu não conhecia. Encontrei a Joia que me disse que quando possível me apresentaria para a Flor do Campo, eu estava com o pescoço esticado tentando encontrá-la a partir das características que haviam sido me descritas, mas nada! Me desloquei para o local de onde assistiria, Margarida tinha guardado lugar para mim e então fui cumprimentar demais representantes da regional de Três Passos. Se deu o início do evento da votação para a nova gestão, em meio ao discurso que retomava a história e a importância do movimento sindical, citaram a década da Agricultura Familiar (2019-2028) instituída pelas Nações Unidas. E após a abertura, com presença de alguns políticos, houve uma palestra motivacional com um coach que colocou agronegócio e agricultura familiar em um mesmo cesto, além de ter feito inúmeros comentários e piadas machistas ao longo de sua apresentação.

Me surpreendeu o descompasso da palestra, afinal eu estava acostumada com os eventos organizados pelas mulheres onde cada oficina, cada palestra habitualmente ocorria de forma

mais dialogada com o discurso formativo da CONTAG e FETAG, inspirados na ENFOC. Mas independente disso eu estava curiosa por conhecer Flor do Campo, que até então eu só via de muito longe, pois o salão estava muito cheio, ao menos 700 pessoas e eu estava do meio para o fundo do ambiente enquanto ela estava na primeira fila.

Fim da palestra, início da apresentação da chapa única, eleita com 95 % de votos. Sobem no palco a diretoria que faria a transição e se inicia a nomeação de cada integrante da nova gestão, 13 mulheres e 13 homens efetivos e seus 16 suplentes, sendo 8 mulheres e 8 homens, ultrapassando as cotas de 30%. E lá estava a Flor do Campo, e eu só pensava: Preciso, muito, conhecer essa mulher! E então, não foi dessa vez. Logo após a cerimônia ela precisou se deslocar para outra cidade, pois em sua agenda havia um compromisso para logo na sequência do evento em Porto Alegre.

No mês seguinte eu participaria de um encontro tanto das comissões de mulheres das regionais sindicais quanto das comissões de jovens. Nesse encontro, que foi realizado na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC, participaram as coordenadoras e vice coordenadoras das 23 regionais. O evento era de um dia e meio, iniciou com a chegada das mulheres e dos jovens na terça-feira à noite e o evento iniciou na quarta-feira de manhã. Eu cheguei de manhã quando aquelas mulheres todas já estavam animadíssimas e cantando felizes em meio as atividades. Fui direto para sala onde ocorria a atividade e já avistei, naquela sala grande com todo mundo em roda, a Flor do Campo.

Enfim, em meio ao fim daquela oficina fomos apresentadas. Nos abraçamos em meio à sorrisos e a curiosidade em conhecer não era só minha, pois ela também, por ouvir falar de mim estava ansiosa por esse encontro. O dia fluiu, uma tarde quente de temperatura e quente pela temática, o tema era o desmonte do SUS (Sistema Único de Saúde) e as mulheres muito envolvidas, atentas, indignadas!

E em meio aos intervalos, muita prosa, em meio as refeições conversas que quase atrasam a agenda. E nesse se senta com umas e se senta com outras, pude, em alguns momentos, sentar-me com Flor do Campo e perceber que a tal “chave” havia ocorrido. Ótimo! E então o encontro para uma conversa mais aprofundada fora agendado.

Fim de fevereiro de 2020, pouco mais de mês do último encontro, sou recebida na sede da FETAG, não mais pela dupla Azaleia e Joia, mas sim, agora, por Flor do Campo e Joia. De braços abertos, um abraço gentil, doce, amoroso e uma alegria que não cabia na sala. Me mostrava sua mesa e dizia que eu sempre seria bem-vinda para o que eu precisasse, e que sabia que poderia sempre contar comigo. Com meus olhos marejados e meu corpo já avisando que essa conversa seria incrível, sentei-me naquela mesma mesa redonda, com a mesma térmica de

dois litros d'água para servir o chimarrão e iniciamos o papo, claro que muito antes do início da gravação. Explico um pouco a pesquisa, ouço sua admiração pelas pesquisadoras e pesquisadores e ao pedir permissão de gravar e ligar o gravador pergunto para ela: *Quem é a Flor do Campo?*

5.2 CENA – NOSSA! ISSO AQUI É MUITO MAIS DO QUE EU IMAGINAVA!

Por Flor do Campo

Bom, eu sou a Flor do Campo [falou seu nome completo], **venho do município de Pinheiro Machado, lá da região sul, regional sul, quase com a fronteira.** Entre os municípios de Bagé e Pelotas, **bem longe aqui de Porto Alegre**²⁰.

A minha história começa mais ou menos assim: quando eu nasci, eu nasci numa fazenda, filha de assalariados rurais, já nasci no meio do campo, no meio da pecuária familiar, meus pais sempre foram muito batalhadores. Eles vieram na verdade da cultura da pecuária familiar e depois que eles casaram, eles foram morar nessa fazenda onde eu nasci. **E nesse lugar foi onde eu aprendi a amar a natureza, amar os animais, principalmente a bovinocultura, ovinocultura, né?!** Meus brinquedos sempre estavam relacionados a alguma coisa da pecuária.

O que mais me chamava atenção na época de infância era quando tinha a época de tosa de esquila²¹, **numa fazenda com mais de duas mil ovelhas, então era o momento que eu levava as minhas bonecas pra brincar no meio da lã das ovelhas** e o pessoal todo trabalhando e eu envolvida lá no meio e eu almoçava com o pessoal que era contratado pra trabalhar naquele período. **E desde o momento que tinha época de parição das ovelhas eu já**

²⁰ A distância entre Pinheiro Machado e Porto Alegre é cerca de 300 km, o que acarreta um deslocamento de mais ou menos 4 horas se realizado de carro.

²¹ De acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS, a Equipe da Universidade Federal de Pelotas coordenada pela professora Flávia Rieth explica o termo: “a “esquila” é uma atividade de tosar ovinos, selecionar e embolsar a lã, utilizada como matéria-prima para a confecção de artefatos e roupas. A lã que for ser utilizada para estes fins, ao contrário daquela dos pelegos, deve ser extraída de animais vivos, mantendo assim as qualidades necessárias para o uso. Em princípio, os “esquiladores” eram chamados em grupos para efetuarem a tosa nas estâncias. As chamadas “comparsas” muitas vezes eram compostas por mais de 50 homens, que tosavam centenas de ovelhas usando uma tesoura específica para esquilar, prática esta chamada de “tosa a martelo”. No contexto de modernização surge a máquina de tosa, aparelho que dinamiza esta atividade. As transformações no processo de trabalho acarretam a diminuição da mão de obra especializada do tosador e sua “comparsa”, fazendo com que a tesoura a martelo e o seu manipulador se tornem figuras raras no pampa sul-rio-grandense”.

entrava, eu já ajudava, eu já queria me envolver, só que eu sempre tive um pai muito protetor, né?!

Eu sou a segunda filha, **somos duas irmãs, então meu como pai não teve um filho homem, ele sempre nos privou muito de: ah... isso aqui é perigoso, isso aqui não é serviço pra mulher, né?! A questão de medicação não! Isso aqui deixa pra mim!** Então ele sempre foi muito cuidadoso. **Até não considero ele como machista, mas pela questão de precaução e prevenção.** Bem, eu fiquei nessa fazenda, que lá na minha região utilizam fazenda, né?! Até os meus 5 anos daí meus pais tiveram uma rescisão trabalhista e vieram residir no município de Pinheiro Machado, na cidade. Só que nesse período que eles trabalharam, eles juntaram fundos e adquiriram uma propriedade próximo à sede do município e uma casa.

Então quando nós fomos pra Pinheiro Machado, **nós fomos morar numa chácara, tinha 7 hectares e meio e lá mudou a minha realidade.** Por que? O lugar onde nós morávamos dava 2 km da cidade, então eu estudava na cidade, eu vinha todos os dias a pé e meus pais trabalhavam com... lá na minha região é tambo, né?! Nós **entregávamos leite de garrafinha, pegava uma charrete, um cavalo e lá ia nós batendo de porta em porta entregando leite.** E a realidade do leite assim óh... **era uma coisa que eu sempre tive um trauma, porque você acorda muito cedo, né?!** Você tem o compromisso de racionar as vacas, de cuidar dos terneiros, ter todo aquele cuidado da alimentação, dos animais. E a questão da higiene também, **mesmo que nós não tivesse refrigerador, porque era tudo muito simples,** mas todo aquele cuidado da higiene. **Deus o livre ter um pelinho da vaca lá no leite, já gerava uma polêmica, né?!** E o que que acontecia, nós saía muito cedo pra entregar o leite, e as pessoas do meu município, um município pequeno²², **as pessoas acordavam muito tarde, e o que que acontecia com o leite... o leite ficava exposto no sol e acontecia as vezes do leite acabar estragando,** então tinha muito cuidado com a questão de conservação.

Eu já ia pra escola com uma mochila e duas, três sacolinhas de leite, porque meu trajeto já era entregando leite, e nós pegávamos chuva, pegávamos sol. Muita dificuldade a gente passou, mas assim é uma história que eu tenho orgulho de dizer que eu não sabia que eu tava produzindo alimento naquela época, nem imaginava. Os meus pais sempre tiveram criação de galinha, de porco, é... sempre tiveram ovinos, né?! Também a questão da bovinocultura, só que a gente vivia numa propriedade muito pequena, mas ali meus pais produziam alimentos, também sempre plantaram milho, abóbora, **minha mãe sempre teve aquela hortinha, né?!**

²² Pinheiro Machado, de acordo com o Censo de 2010, tem uma população estimada de 12.195 pessoas.

Bem, então a Flor do Campo ficou nesse período, nessa transição entre cidade e campo, porque onde eu morava era meio cidade, meio campo até os meus 18 anos. Concluí meu ensino médio, sempre caminhando, né?! Fazendo meu trajeto na estrada. E meus pais sempre diziam assim: *Flor do Campo, tu tens que estudar!* A gente quer que tu tenha um futuro melhor, e falavam isso pra mim e pra minha irmã. E a minha mãe pra ajudar na renda, ela sempre trabalhou fora de casa, ela era doméstica, então ela era uma mulher muito batalhadora, eu tenho orgulho de falar da minha mãe, porque ela saía pela manhã, ela já ajudava meu pai no tambo, ela saí pela manhã levando, distribuindo os leite, trabalhava na casa de família com 14 peças, com 8 pessoas. E ela ainda era babá, e fazia toda a atividade, desde a comida, passar roupa, toda aquela limpeza e ela voltava pra casa de tarde, ela ajudava meu pai nas atividades na propriedade. Por isso que eu digo que a mulher, ela tem um papel fundamental na propriedade e ela ainda tirava um tempo pra ir na igreja, ela ainda retornava pra ir na igreja, nós chegávamos dez e meia da noite, onze horas. E a pé!

E nisso minha mãe sempre disse: *Minha filha você tem que ir correr atrás dos seus sonhos, porque você sabe, você vê o pai e a mãe trabalhando aqui na propriedade, é complicado.* Mas eles assim... nos preparavam pra que nós ficássemos totalmente independente da pecuária, ou da agricultura familiar. Eles tinham medo que a gente não conseguisse sobreviver, com a renda de dentro da propriedade. E eu tenho uma irmã que é mais velha que eu, 5 anos e meio. E a minha irmã fez técnico em química, então como eu era caçula eles tinham muito medo que eu não fosse estudar, porque eu sempre assim, fui muito malandra na escola, como diz na minha região. Eu não estudava pra prova, mas sempre passava, e as vezes ficava na recuperação só por graça, e a minha mãe dizia: *Minha filha a mãe tá trabalhando, né?! A mãe tá comprando calçado pra ti, você né... só ajuda lá a levar o leite e você não tem ocupação nenhuma, pelo amor de Deus, você não pode roda!* E nunca reprovei, né?! Concluí com 17 anos o ensino médio.

Bom, sempre ajudando meus pais na propriedade. Depois eles trocaram essa propriedade por uma área maior. Graças a Deus! Eu digo isso porque nessa área que nós tava de 7 hectares e meio, era muito próximo da cidade, então assim... o dia que as pessoas da cidade resolviam ir passear dentro da propriedade, se encontrava um lendo um livro debaixo de uma árvore, um ia lá numa laranjeira arrancava uma laranja, outros levavam as lenhas que tavam no pátio, as pessoas sentiam assim... à vontade, né?! [risos]. E nós tinha um lugar que tinha uma cisterna lá e nós tinha uma bomba que trazia água, volta e meia a bomba era furtada, então quando tinha que abastecer a caixa d'água já tinha um banquinho lá que ficava a Flor do Campo ou a minha irmã aguardando. Já tinha um tempo, por um período de uns 35

minutos que nós sabia que ia levar um tempo pra encher, pra armazenar, a caixa d'água e lá vinha nós...

[pensativa...] bem, nisso... **quando meus pais trocaram de propriedade foram mais longe, eu acabei ficando na cidade, mas sempre tendo vínculo com a atividade rural, sempre fui muito de me envolver, me envolver no abatimento de porco, quando tinha que abater uma ovelha, lá tava a Flor do Campo, eu sempre fui muito de tá ajudando e participando, muito curiosa.** Bom, só que nesse período quando eles trocaram de propriedade, **eu fiquei na cidade então pra trabalhar em alguma coisa, pra ter uma renda extra e depois dos 5 anos que eu concluí o ensino médio eu fiz a minha primeira faculdade, que era o meu sonho!**

Sempre pensei em estudar porque eu achava assim: que nossa! **O dia que tivesse uma faculdade, ia ser mais fácil de eu conseguir trabalho, fui pra Universidade Federal do Pampa, que era um sonho de estudar na Universidade Federal, porque a minha família não tinha condições financeiras de custear os meus estudos.** Eu digo pra vocês que **quando eu morava nessa propriedade de 7 hectares e meio, nós íamos no mercado e nós passávamos na praça central e eu vi um ônibus, onde os estudantes que viajavam pra Pelotas e pra Bagé, que são os dois municípios mais próximos dali. E eu dizia assim dentro de mim: um dia eu ainda vou entrar dentro desse ônibus, um dia ainda eu vou estudar, eu vou fazer uma faculdade!** E às vezes com uma sacolinha de leite, às vezes com uma sacolinha que eu vinha do mercado e **eu pensava assim: eu vou conseguir, eu vou... um dia eu vou viajar nesse ônibus!** E pra minha surpresa eu **fiz o vestibular da Unipampa e de primeira chamada eu passei pra letras.**

Bom, quando eu cheguei foi **um desafio muito grande, porque eu tinha uma baixa autoestima, eu pensava assim... que eu não ia conseguir, que eu não tinha conhecimento, que fazia 5 anos que eu estava fora da escola, que eu não tinha feito um cursinho pra passar no vestibular, e eu não sabia nem que eu ía passar.** Primeiramente, quando eu fiz o vestibular minha mãe perguntou pra mim assim: *E aí minha filha, conseguiu?* **Eu digo: Capaz mãe! Que eu vou ter sido aprovada num vestibular se eu não fiz cursinho. Os outros fizeram e vão passar. E muito pelo contrário, passei de primeira chamada.**

Bem, a Unipampa me abriu os olhos, porque foi aonde eu convivi com muitas outras pessoas, com a diversidade cultural, com pessoas que quando eu cheguei no curso, as pessoas: *Ah eu fiz direito!* O outro: *Ah eu fiz administração!* *Ah porque eu passei pro tal curso, tal universidade...* E eu pensei assim: **Nossa eu tô “zé argola” aqui dentro e com o decorrer do tempo eu percebi que aquelas pessoas que eu achava que eram os heróis que sabiam**

tantas coisas... que eles **tinham migrado**, tinham saído do curso, **tinham abandonado e eu permanecia lá!**

E com 4 anos de faculdade eu **consegui concluir a minha primeira graduação** e aí eu pensei: Bom, então agora você vai pra sala de aula, você vai ser professora de língua portuguesa! **Só que eu vou dizer pra vocês... eu sempre gostei da pedagogia**, eu optei por letras porque o campus da Unipampa era próximo do município, só tinha letras. Bem, **pra minha surpresa na minha carreira eu não tive êxito**, porque eles precisavam que eu tivesse a licenciatura dupla no meu município, inglês ou espanhol, e eu tinha 4 semestre de espanhol que foram maravilhosos que eu consegui ter uma noção muito grande, só que eu acabei migrando pra única, e no meu município não aceitava minha formação.

Comecei a trabalhar com projetos, Mais educação, e quando eu estava na faculdade eu tive um aprendizado muito grande porque eu **fiz um estágio e trabalhei com crianças deficientes, a área de inclusão é a minha paixão**, essas crianças foram o que me orientaram por um bom tempo nas minhas pesquisas. Eu acompanhei eles, trabalhei com três crianças e esse foi um momento que eu **comecei a me colocar no lugar do outro, porque eu tinha uma aluna cadeirante num município que acessibilidade é péssima**, e aí é um momento que a gente começa a ter uma transformação. Um momento que a gente começa a ver como que o outro... **se eu fosse o outro... como eu me sentiria naquela situação.**

Tô fazendo um recorte da minha história pra chegar até o movimento sindical.

Bem, **eu me associei no sindicato em 2005**, porque meu pai disse assim pra mim: *Minha filha, é bom que você se associe no sindicato pra você ter um talão de produtora, que você tem alguns animais, pra você fazer um movimento e é bom, é uma forma de você ter algum documento no teu nome. Né?!* Algum benefício, dizia ele. Bom, mas eu **me associei, fiz minha carteirinha lá, paguei a mensalidade, mas não me envolvia nas atividades do sindicato**. Reconhecia que era muito importante pro meu município, mas não... **Quê que acontece? A Flor do Campo queria fazer pós**. Eu saí da universidade em 2013 e me **surgiu uma pós na Educação e Diversidade Cultural, na Unipampa**. Eu **me deslocava todas as sextas-feiras pra Bagé e lá eu ficava de sexta pra sábado**, consegui uma casa de uma colega pra mim poder ficar lá, porque no outro dia pela manhã eu tinha aula o dia inteiro. Eu **fiz a pós e falavam em movimento social e né... diversidade e toda aquela questão**. Como eu **tinha alguns colegas**

que eram militante no movimento negro, alguns do LGBT²³, de várias outras, MST²⁴, eu não imaginava que eu participava de um movimento social, né?! Eu nem... e achava assim... totalmente radicais, óh nossa, meu Deus! Gente maluca! Coloca essas camisetas, tão toda hora defendendo essa causa, né?! Mas como tudo, **sempre respeitei e admirava também pela forma de que eles assim se posicionavam: Ah porque nós fomos a Brasília! Ah porque nós fomos pra praça! Porque nós paralisamos! Porque nós fizemos um documento! E eu sempre ouvindo aqueles depoimentos, mas não me sentia naquele mundo deles.**

Bem, **concluí** então a pós **naquela expectativa de fazer um concurso**, já tem uma pós, já tenho um título a mais, **até pra melhorar a questão financeira né?! Mas eu pensei assim: Ah mas eu não tô satisfeita com a letras, eu quero fazer pedagogia e olha só o que aconteceu...** Eu digo: Agora eu vou fazer à distância a licenciatura... **a segunda licenciatura**, porque **em um ano eu estou formada em pedagogia** e aí sim eu vou conseguir a trabalhar na área da educação. Como eu sou uma pessoa que tem muito cuidado com as contas, né... **Alguém disse que eu sou mão fechada, não sei se eu sou... mas eu tenho muito cuidado**, porque assim óh, eu **venho de uma família que lutou muito pra gente ter, né?! Adquirir alguma coisa, então eu sempre fui de valorizar, né?! O pouquinho pra tornar o muito, né?! E, eu pensei assim: Nossa! Mas esse curso... eu não tenho todo esse valor, eu precisava ter pelo menos, a metade do valor do curso pra mim ter certeza que pelo menos as primeiras parcelas eu vou ter esse dinheiro garantido, e pra minha surpresa tem a promoção social no sindicato**, que acontece **todos os finais de ano**, onde **os sócios eles concorrem a 10 poupanças**. E naquele ano que eu tava naquela indecisão se eu fazia a segunda licenciatura ou não, eu comecei a pesquisar em novembro, e dezembro teve a promoção social, e eu tava naquela, **faço ou não faço? Me matriculo, não me matriculo?** E as matrículas eram até janeiro. Eu fui surpreendida que eu havia ganhado na promoção social o primeiro prêmio que era mil reais! Nossa! Aquilo pra mim foi assim... **é agora que eu faço a minha pedagogia!!** Aí eu me empolguei com a questão de ser associada ao sindicato.

Bem, mas nesse tempo, **o presidente do sindicato me convidou um dia pra participar do roteiro que teve da FETAG, que tinha que ter jovens, terceira idade, ter mulheres** e eu fui participar, me lembro que o presidente da FETAG foi. Aí **falaram do roteiro da Contag**, mas eu ouvi algumas coisas, **mas não entendi muito, participei óbvio! Até me lembro que**

²³ LGBTQIAP+ (Sigla atualizada em 2021) – Cada letra significa: Lésbica Gay Bi Transsexual/Transgênero/Travesti Queer Intersexo Assexual Pansexual, o + é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero.

²⁴ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

opinei em alguma coisa, que eu quase não gosto muito de falar, tá?! [risos]. Mas foi só aquele momento ali, e deu! A partir de então, do momento que eu fui sorteada, né?!

Na realidade **fiz a segunda licenciatura em um ano** e quando eu me formo, eu digo assim: **Bom agora eu já estou formada em pedagogia vou poder atuar no meu município,** tem mais vaga na área da educação, né?! Educação infantil e séries iniciais, **fiz o processo seletivo, fui aprovada em primeiro lugar, e lá estava eu dando aula como professora substituta.** Quando eu estava no terceiro mês, tava dando aula, não tinha ainda acertado toda a minha papelada, mas eu **já estava atuando, chega o presidente do sindicato na minha casa pra me fazer uma proposta pra mim vim trabalhar no sindicato.** Eu olhei pra ele, **larguei redondo... disse assim: Olha o senhor me desculpe, mas eu comecei minha carreira como profissional da educação, eu lutei muito pra isso, e esse é o meu objetivo, é pra isso que eu vivo, é pra isso que eu me formei. Eu tô trabalhando! Tô feliz e agradeço pela sua boa vontade e educação de vir aqui me procurar, mas eu dispenso! Eu não pretendo exercer nenhuma função no sindicato!** Até porque eu reconheço que o sindicato é uma instituição que tem um trabalho excelente aqui no meu município e digo, desde **os funcionários eles tem um conhecimento muito grande e eu não entendo nada de sindicato, nada de movimento sindical, isso não é pra mim senhor, me desculpe. Não quero ser mal-educada com o senhor, mas acho que o senhor tá procurando a pessoa errada. Isso foi em 2017.** Bom, ele muito calmo disse assim pra mim: *Flor do Campo, pensa... não precisa você me dar essa resposta agora.* Aí ele disse assim pra mim: *Você tá fazendo um contrato na educação de março a dezembro, quer dizer que de janeiro, fevereiro, você não vai ter nenhuma renda. No sindicato se você for participar da nossa diretoria, você vai aprender o que é movimento sindical. Você vai chegar lá, você vai ter quem vai te instruir, você vai ficar 4 anos com nós, você vai mudar essa opinião da questão do movimento sindical.*

...eu digo: Não, nisso eu não tenho preconceito nenhum... só não é pra mim, **eu não sou formada pra isso. Eu não tenho noção nenhuma.** Ele disse pra mim: *pensa com carinho.* Bem... **seguí fazendo minhas aulas, mas já fiquei: Aii porque esse homem veio aqui, o quê que ele qué comigo né?! Bem, chegando nos meus pais, que eles ficam no interior, lá na propriedade deles, conversei com eles e meu pai me disse: Minha filha, é uma oportunidade!** É muito bom, ele me dizia. *Eu acho que é o momento... tenta! Você não vai conseguir dizer uma opinião de alguma coisa, se você não tentar!* Aí eu fiquei... **mas eu tô tão bem, tô gostando dos meus alunos, eu amo eles e é tudo isso que eu quero.** A escola que eu tava trabalhando, maravilhosa! Já tinha tido uma experiência com eles lá, já tinha trabalhado com projeto... Só que **aí as pessoas** começaram a conversar comigo e **disseram pra mim (na minha**

região tem esse sistema): *O cavalo passa encilhado uma vez só! E se ele passar encilhado, pula! Tenta!*

Bom, aí eu fui visitar o sindicato, conheci lá, mas não dei a resposta. Aí ele disse assim: *Pensa mais um pouco. A primeira proposta era que eu fosse de tesoureira, eu na área das exatas? Eu sou péssima em matemática.* Só que quando eu cheguei a terceira vez lá: *Flor do Campo, tu tem perfil de secretária. Nós precisamos de alguém que trabalhe com papéis e alguém que possa nos representar e eu acho que tu tem uma pinta pra falar e e eu acho que tu vai te dar bem nessa questão.* Aí eu tomei a decisão então, e entrei então na secretaria como secretária. Sou a primeira mulher a fazer parte da diretoria efetiva do sindicato de Pinheiro Machado. Foi um desafio né?! Até então nenhuma mulher tinha feito parte da diretoria efetiva, somente lá nos conselhos ou nas suplências, então já me senti honrada, porque foi um desafio. **Acredito também que a primeira mulher negra no meu município a fazer parte da diretoria.**

...E ele disse assim pra mim: *Flor do Campo, você tem que trabalhar com a comissão de mulheres. Meu Deus, comissão de mulheres? O quê que eu vou trabalhar com essas pessoas, eu não tenho noção.* Só que eu digo pra vocês: **Eu não digo que eu tenho sorte... eu sou abençoada!** Comecei a pensar e me disseram que um tempo atrás tinha tido uma comissão, tinha **algumas mulheres que tinham trabalhado, mas não tinha dado certo**, e eu fui procurando algumas mulheres que chegavam no balcão do sindicato e que eu atendia ali, que eu ajudava muito na questão da recepção e eu **fui fazendo convites pra elas e conseguimos formar então a primeira reunião.** A primeira reunião deu **14 mulheres.** E a partir dali, a gente inexperiente, **resolvemos fazer um cronograma de reuniões** pra que todos os meses a gente se reunisse. E aí eu **comecei a pensar:** Mas essas mulheres precisam saber um pouco sobre **documentação sindical, sobre saúde, né?! E comecei a ter umas ideias que pra mim eram mirabolantes!**

Bem, a primeira ideia que a gente teve foi trabalhar a questão da autonomia da mulher, porque eu pensei assim: **Quando eu cheguei no sindicato eu não sabia como tirar uma nota de talão de produtora, eu não sabia o que era ITR²⁵, eu não sabia o que era INCRA²⁶, eu não tinha noção nenhuma.** E eu me coloquei no lugar daquelas mulheres que chegavam ali, porque eu comecei a analisar assim... **chegava sempre os homens na época do ITR, com uma pastinha, mas a esposa nunca acompanhava. Era muito raro uma mulher chegar no sindicato e dizer assim: a eu vim fazer a declaração do ITR, ah eu vim fazer o**

²⁵ Imposto Territorial Rural.

²⁶ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

INCRA. E eu comecei a perceber que essas mulheres precisam desse conhecimento. E como é **quase que natural as mulheres ficarem viúvas e é difícil os homens ficarem viúvos**, pelo menos no meu município é assim, é um índice altíssimo de mulheres que ficam viúvas e eu percebi que **muitas mulheres ficavam com os papéis sem saber o que fazer.** E como eu sei que a **minha mãe depende muito do meu pai nessa questão documental**, eu comecei a pensar assim: **Meu Deus se um dia minha mãe ficar viúva, como é que ela vai se virar nessa situação?**

E foi assim que eu comecei a pensar nas necessidades das mulheres e a **gente começou todos os meses a se reunir.** Aí comecei a pensar, eu digo assim: Ah! A gente poderia fazer alguma parceria com a Emater. **Fui na Emater e conversei com as mulheres de lá.** Aí elas já me deram ideia de vários cursos, porque eu comecei a pensar assim: **Como é que eu vou começar a falar em movimento sindical se eu ainda não entendo.** Então comecei, como diz... bem por fora pra que atraísse essas mulheres pro grupo.

Bom, **o grupo começou em 2018**, comissão. Começamos em janeiro e **começou a ser na casa das integrantes oferecendo o espaço da casa delas, até pra que elas se sentissem à vontade nas rodas de conversas.** Daí nesse tempo a **gente desenvolveu curso de plantas bioativas**, nós fomos numa propriedade que elas não conheciam, **nem eu imaginava que tinha no meu município**, onde tem uma proprietária que tem, eu acredito que **mais de 500 variedades de chás, suculentas e plantas.** Ela até tem uma feirinha, aonde a Emater trabalha em parceria com ela, e nós **levamos um grupo de mais de 50 pessoas.**

No primeiro evento que a gente conseguiu promover, **a gente incluiu homens também.** E aí **começou a me nascer um amor pela comissão e aos poucos eu comecei também a me apaixonar pelo movimento sindical, participar das reuniões nesse meio tempo foi tudo muito rápido.** Já me **convidaram pra participar de secretária da regional**, digo: **Meu Deus, regional, quê isso?** Aí comecei a entender que as presidências dos sindicatos que se reuniam pra tratar dos assuntos do sindicato e que ali formava então um grupo que dava o nome de uma regional. A partir dali já comecei como secretária, aí já **me convidaram pra vice coordenadora de mulheres**, eu digo: **Meu Deus! Eu “arrecém” tô começando lá e digo tá!** Como eu sou curiosa, eu penso assim... se alguém me convida a gente tem que tentar, se esforçar pelo menos... **a gente não pode dizer um não sem tentar fazer alguma coisa.**

E então na comissão eu comecei a trabalhar, e nisso quando eu tive esse convite pra ser vice coordenadora da regional, **foi quando eu cheguei na FETAG**, nas reuniões da comissão estadual e **foi quando eu conheci a Joia, foi uma benção de Deus na minha vida! E a Azaleia e eu cheguei aqui! Meu Deus!!** Aí eu vi as **mulheres socializando as situações que elas**

enfrentavam no sindicato, contando a história de violência, de preconceito que elas sofriam por ser mulher, por ser liderança, né?! E vendo aquelas mulheres chorando, meu Deus! Mas não é só eu que choro, né?! Aqui dá pra gente chora, dá pra ser o que a gente é! Sabe?! Assim de até poder tirar o calçado, de ficar à vontade, né?!

...Ter toda aquela questão da mística que também, como eu não tenho o ENFOC, a mística pra mim, num primeiro momento assim, tá mas o que é isso? Isso é um ritual? Assim, pra quem não tem o ENFOC e que “arrecém” tá chegando é muito estranho [risos]

[a empolgação na fala é nítida desde que ela começa a falar que se apaixonou pelo movimento sindical, no encontro com e pelas mulheres].

Move até com o emocional e espiritual da gente, dependendo da mística né?! Então foi a partir daí que eu comecei a participar das reuniões da Comissão, e que eu comecei então a amar mais ainda, porque eu comecei a ouvir os relatos de várias regionais e coordenadoras. Mulheres de diversas faixas etárias, mulheres de anos de movimento sindical, mulheres que estavam chegando e aí nesse momento que eu comecei... tipo assim... Nossa! Isso aqui é muito mais do que eu imaginava!

E eu nunca vou me esquecer que quando eu cheguei na diretoria do sindicato, o vice-presidente disse assim: *Flor do Campo, você pode ter a faculdade que tem, mas dentro do movimento sindical você vai fazer outra, e você vai sair outra pessoa.* Só que eu achava, no meu pensamento até o ano passado, o ano de 2019, até outubro, antes de vim essa proposta, que eu seria a Flor do Campo que ficaria lá em Pinheiro Machado, e como secretária até 2021, até maio. E que em junho eu seria o nome pra presidência da diretoria.

Eu tenho um companheiro, que eu ainda não falei sobre ele, porque eu conheci ele faz 3 anos, nós temos 32 anos de diferença, mas foi o homem que me deu autonomia, foi o homem que me entregou um carro pra mim dirigir, porque o meu pai não permitia a gente dirigir, sempre teve muito medo que fosse “pechar” [bater]. Que fosse... Ele nunca teve muita paciência. Foi o primeiro homem que me deixou pegar um trator, é o homem que deixou realmente eu segurar uma ovelha na pata e aplicar uma injeção, de aplicar um remédio via oral, o primeiro homem que deixou eu segurar uma tesoura e tentar esquilar uma ovelha. Então foi com ele que eu aprendi muitas coisas, e hoje eu tô aqui na FETAG assim óh, se hoje eu pego a chave de um carro e dirijo com tranquilidade esse homem me ajudou. Por isso que eu digo assim óh: Que quando **os homens, eles... podem dar autonomia pra uma mulher e ajudar muito elas a construir uma história de vida.** E ele faz parte da minha

história, porque assim... por ele ser mais velho que eu, ele é funcionário público, se aposentou, ele trabalhou na saúde, ele era um motorista, **ele poderia ser extremamente machista**, me dizer, não você não vai pegar o meu carro. **Primeira vez que eu peguei a Montana dele zerinho, em vez de eu ir pra trás eu fui pra frente, não te preocupa a gente conserta [ele disse], se fosse outra pessoa poderia dizer que ... né?!**

...Então eu tenho orgulho de falar nele, porque às vezes **as pessoas dizem assim: Meu Deus ela é jovem e ele é bem mais velho que ela! Oh meu Deus o quê que essa mulher quer com esse homem!?** Só que eu digo assim **óh: As pessoas têm uma essência que ninguém sabe, né?! E coisas que a gente vai aprendendo, com as pessoas que a gente vai se apaixonando e amando elas de uma forma que a estética não é nada!** A estética é uma coisa que as pessoas levam tanto... muitos levam em consideração, mas **se a gente não tiver uma autoestima, não resolve.**

Então eu digo que, **foi tudo assim, rápido!** Porque **não faz um ano e pouco que eu tirei minha habilitação.** No **8 de março do ano passado, foi minha primeira viagem que eu fiz mais de 200 km**, até Cristal. E eu pensei assim: Eu, hoje que eu pego o carro! E eu, hoje que eu vou andar sozinha! **Porque eu quero aprender a me virar nos trinta!** Eu sempre pensei assim: **No meu sindicato era só os homens que tinham habilitação** e eles nunca se negaram de me levar nas reuniões, só que eu pensava assim: eles têm as demandas deles do sindicato, e vai ter reuniões que eu posso representar. E no momento que eu passei a pertencer a diretoria da regional, eu pensei assim **óh: Nem sempre os meus colegas vão poder ir comigo.** E eu preciso aprender a me virar em Pelotas.

Pelotas é uma cidade grande né?! E foi o **meu marido quem disse assim pra mim: Se tu tens coragem, pega o carro e vai!** E foi minha primeira viagem até Cristal, graças a Deus, fui e voltei. **E dali comecei a viajar, ir pra Pelotas, ir pra Bagé e nós estamos aí no desafio, chegando na FETAG.** E quero dizer que de segunda-feira pra cá a gente começou a se instalar aqui [Porto Alegre], no residencial, estamos aprendendo aos poucos, mas já estou dirigindo pela primeira vez nesse trajeto entre o residencial e a FETAG. **Tranquila porque tive pessoas que me apoiaram, pessoas que me incentivaram, e pessoas assim, como meu marido, porque normalmente quando pensa nos homens, a gente pensa assim, nossa eles podem ser uma barreira, mas eles também podem ser um apoio, e no movimento sindical ele também foi um apoio pra mim.**

Quando eu recebi a proposta de vim pra FETAG, ele disse assim: (ele me chama de Negrinha) *Negrinha eu construí minha vida, me aposentei, eu construí uma história de vida e eu viajei muito, andei por várias partes do Rio Grande do Sul* (porque ele trabalhava na questão

da saúde também). Ele disse assim: *Você merece e você tem um sonho de seguir adiante, de batalhá. E eu acho que isso é uma possibilidade de você crescer, de você ter conhecimento, de você conviver com pessoas diferentes, vai! Você tem a minha benção*, disse ele. Então ele foi a primeira pessoa a me incentivar, eu digo assim... que **de repente se nós tivéssemos a mesma idade, ele poderia dizer assim: Ah mas eu tô aqui construindo as coisas, “arrecém” construímos uma casa e né... nós tamo pensando em ter um filho, né?! E toda aquela questão... [risos] É... e foi o contrário!** Ele disse pra mim... foi a primeira pessoa a me dizer: *Vai! Abraça essa oportunidade!* Ele disse assim óh: *Porque eu construí a minha vida, não que eu esteja te excluindo do meu processo... disse ele... aqui na propriedade nós dois vamos trabalhar, né?!*

Então, lá na propriedade nós dois trabalhamos juntos, ele tem uma quantidade de ovelha, eu tenho as minhas, porque eu disse pra ele assim óh: **A mulher, ela é que nem leão nós temos que ter o nosso território, né?! Vamos ser sinceras?! [risos]**, porque devida essa história que a mulher por tanto tempo foi submissa, ela só tinha aquele cantinho dela que era a casa, quando nós ocupamos um espaço no mundo de hoje e vivendo no movimento sindical, a gente quer o espaço. Ele não precisa ser um espaço enorme, mas um espaço que pode ser pequeno, mas que ele represente e **que ele tenha um significado**. E eu digo assim óh: **Não vou dizer que eu sou a maior produtora de ovelhas, eu tenho poucas ovelhas, eu tenho 15 ovelhas e 5 pequenos, que são os meus bebês**, mas pra mim assim eu sou considerada a pecuarista familiar que tô lá na propriedade. E que **eu tenho o direito de dizer assim óh: Aquelas ali são as minhas**, são a produção que dali a gente tira a carne, tira a lã, porque lá a raça que nós trabalhamos é a Merino, né?! Que é a que produz lã.

Então assim... eu digo pra vocês que **o movimento sindical me ensinou outra coisa, eu fui preparada pelos meus pais**, psicologicamente **pra mim estudar, né?!** Porque eles sempre pensavam que a gente provavelmente se ficasse na propriedade **não ia conseguir sobreviver** e o meu objetivo quando eu me formei, era **o dia que eu não tiver os meus pais**, a propriedade deles lá, **a gente vai arrendar ou vai vender** porque eu vou seguir na minha carreira da educação. **Hoje, nem pensar! Né?!** Hoje eu penso assim, óh: **Aqui é a propriedade deles, pra mim não é herança é história**, porque no movimento sindical eu aprendi assim óh, **que tem muitas pessoas** assim: *que minha mãe, meu pai tem uma propriedade, ah é herança que eu vou receber*. E quem diz herança é porque tem intenção de vender, e quem tem história tem a tendência de cultivar, de guardar, de preservar, e hoje a propriedade dos meus pais, eu digo assim que ela é uma preservação pra mim!

A propriedade do meu marido eu considero que seja dele, a dos meus pais eu considero que eu faço parte, porque desde pequena eu sempre contribuí com eles e eu trabalho em conjunto, trabalho na propriedade do meu marido que é pra outra região e a propriedade do meu pai... meu pai trabalha mais com a questão da bovinocultura, com bovinos e de tudo um pouco, galinha, porco... tem essa bicharada. Lá no meu marido não, no meu esposo, na propriedade dele é só ovelha e um cavalo. E a gente tem também uma Border collie²⁷ que é a **minha parceira**, que é a **companheira**, que dentro da pecuária familiar a gente precisa do cachorro, e eu digo assim óh: **Eu venho de uma região onde a pecuária tem uma cultura muito brutal! Eu venho de uma região que a doma ainda é feita, como diz... a pau e a ferro nos animais**, aonde as fazendas, ou as propriedades chegam a ter cinco, seis cachorros pra levar um rebanho, sem ter necessidade.

Então eu já venho também duma realidade onde a gente pode criar os animais com **bem-estar animal com a questão também do pasto nativo**, a questão de pensar que não é só na agricultura, que tem que se pensar numa produção de qualidade, de orgânicos... Mas também, no momento que se fala de pecuária se fala em carne e tu chega num restaurante, a maioria tem carne e a gente tem que saber a **procedência daquela carne, como aquele animal tá sendo criado lá na propriedade, o quê que ele tá comendo, né?! Então tem toda essa questão, a questão da precaução com relação à medicação** que nós usamos com os animais e **o cuidado pra abater**, porque hoje em dia as pessoas tão comendo, consumindo uma carne de um animal que às vezes ele foi medicado e não faz nem trinta dias. E tem **medicações que é 60 dias, 90 dias**. Então tem toda essa história...

Eu venho pra FETAG com um diferencial por ser uma mulher negra, jovem por estar na comissão de mulheres que provavelmente esperavam talvez uma mulher de faixa etária de seis acima de 40 anos e também por trazer a pecuária e a pecuária familiar. Porque assim, a **pecuária familiar ela se difere um pouco do sistema que hoje em dia abordam a pecuária**, porque hoje em dia se dá as vezes uma pecuária de grandes produtores com uma extensão de terra muito grande, na minha região nós temos também muitas fazendas, **mas e aquele pequeno produtor? Eu venho pra defender a bandeira da agricultura, da pecuária, das mulheres, dos homens e também eu tenho um dedinho dos assalariados rurais**, porque eu venho de uma família que construiu hoje um patrimônio. Eu digo que hoje meus pais têm uma casa na cidade, tem uma propriedade, porque eles trabalharam muito numa

²⁷ Raça de cachorro muito comum na Pampa gaúcha é usado para o trabalho de pastorear ovinos.

propriedade que não era deles, mas eles trabalharam com a agricultura, com a pecuária, com apicultura, pra que eles pudessem ter o que eles têm hoje.

[em meio a uma inspirada profunda, Flor do Campo me diz:]

Agora eu deixo as demais perguntas, né... [risos] pra contribuir com a pesquisa.

[antes de iniciar a gravação ela comentava comigo o quanto estava feliz em participar da pesquisa, pois sempre gostou muito dessa área. Disse ainda que gostava bastante de falar e que sabia que era importante para pesquisa que ela falasse tudo. – Então nessa pausa que ela fez, eu aproveitei o momento para retomar a Flor do Campo no contexto familiar, ela então com uma tomada de ar e uma abertura do peito inicia a fala...].

Bom... **na família eu me sinto a aventureira.** Eu sempre viajei muito porque dos meus **4 anos aos meus 29 anos eu pertencia à uma igreja evangélica. Extremamente conservadora. Eu fui uma mulher assim, uma menina criada debaixo de regras,** eu não tinha TV, eu não podia ter acesso a rodeios, a festas, a gente não podia participar. Ahn, eu não podia ir na praça, eu fui uma mulher assim. Fui criada numa família muito protetora. Era casa pra Igreja, igreja pra casa e eventos. Só que **eu aprendi a lidar com essa minha vida privada,** eu comecei a participar de eventos, então eu saía muito pra tocar, pra cantar, pra participar de eventos, pra ministrar a palavra, **então eu sempre fui muito extrovertida.** Meu pai ficava louco comigo porque, final de semana eu chegava da faculdade na sexta, quando era sábado e domingo eu tinha agenda pra participar de eventos. Participava de retiros. Tinha um evento de uma igreja, lá eu tava participando. Então na família eu sempre fui muito assim, a Flor do Campo que tá dizendo assim, é: mãe, pai eu tô indo.

Quando eu assumi meu relacionamento, eu surpreendi os meus pais porque eu disse assim: Olha eu estou tendo um relacionamento com uma pessoa mais velha que eu. **Eu sei que vocês não vão aceitar pelo padrão de vida que vocês sempre quiseram que eu tivesse,** só que eu tô dizendo pra vocês: Eu estou indo morar com ele, o meu endereço é tal e tal rua, eu estou bem. Ele é tal pessoa, se vocês... o dia que vocês aceitarem vocês vão lá, nos visitem, eu vou continuar vindo aqui na casa de vocês. E meus pais sempre tiveram assim... eu sempre fui aquela filha que... sabe? A minha irmã dizia assim: *A Flor do Campo sempre fez as loucuras na família e vocês aprovaram.* E a minha irmã sempre foi muito... tudo ela tem que socializar com a minha mãe.

Sempre fui muito sentimental, aquela coisa de... por mais que eu tivesse as vezes magoada com alguma coisa, eu tô sempre junto. Mas digo que eu sou a aventureira e no geral, as minhas tias por parte da minha mãe e por parte do meu pai dizem que eu **sou a sobrinha que já fez as coisas mais mirabolantes**. Porque eu sou assim, **eu tomo uma decisão que eu sei que faz bem pra mim, eu vou!** Quando eu fui pra faculdade, todo mundo pensava assim, (como eu ainda pertencia à igreja evangélica, extremamente conservadora) todo mundo dizia assim: *Meu Deus! A Flor do Campo usa saia, cabelo comprido, ela não vai participar das atividades!* Muito pelo contrário, eu participava de tudo, e as meninas faziam roda de cerveja, elas só compravam a minha garrafinha de “refri” e eu ficava conversando com elas, contando piada, rindo. Então eu sempre fui muito de pensa assim óh: **Eu não vou ser manipulada e eu não vou ser rotulada, eu quero ser alguém! E pra mim ser alguém, chegar aonde eu quero, eu tenho que saber conviver com as diferenças, então, eu sempre fui amiga de punk na escola, eu sempre fui amiga de pessoas de umbanda...** Eu sempre gostei muito do diferente e de respeitar.

Uma vez minha mãe disse assim pra mim: *Minha filha o dia que tu usar calça eu morro* [risos]. **Eu cheguei pra ela de calça e disse assim: Mãezinha você não vai morrer não! Tá?!** E então, eu digo que na família tem como você ser amado do jeito que você tem que ser. Eu por longos tempos vivi embaixo assim de uma proteção e de regras e daí **quando eu entrei no movimento sindical que eu me transformei!** Porque eu já tinha aquela sede de antes, eu disse não! **Eu estudei eu tenho autonomia e eu tenho o meu trabalho, eu tenho a minha vida, se a minha família gosta de mim, eles vão me aceitar do jeito que eu sou.** Então acho que, né, realmente na família eu sou uma pessoa assim que se eu for contar a minha história, meu Deus do céu! Eu sempre fui muito de surpreender eles.

Pra vocês terem uma noção de quando nós entregávamos leite, fazia o tambo. Quando chegava no sábado que era o dia que eu não tinha aula e meu pai circulava na casa das pessoas que ele vendia leite (eu tinha amizade com várias). Eu já levava uma sacolinha com alguns pertences meu e eu já ficava pra almoçar numa casa, já posava na outra, minha mãe ficava enlouquecida e eu pai mesmo sendo radical, ele aprovava minhas ideias. A minha mãe sempre diz assim: *Sempre conseguiu convencer as pessoas e convenceu o teu pai que é a pessoa mais difícil.* **Eu convenci o meu pai a gostar do meu marido.** Ele não aceitava, né?! Por ele ser um homem que já tá no segundo casamento... *Aah um homem separado, meu Deus! Um homem mais velho!* **E hoje minha família ama ele. E hoje, minha família assim óh, não tem preconceito nenhum por eu não estar na igreja, por eu usar calça ou porque eu uso uma maquiagem.** Porque por um longo tempo eu não sabia quê que era maquiagem, ainda estou

aprendendo, né?! Mas eu digo pra vocês óh, **a gente tem que ser o que a gente é! Não tem como eu querer vim pra cá hoje, pra comissão das mulheres, pra FETAG e querer fazer um ensaio de uma atriz né, a máscara cai e a gente tem que ser o que a gente é!**

E assim, o **meu marido ele ficou lá no município** de Pinheiro Machado, em razão da ovinocultura, da propriedade. Porque é impossível deixar uma propriedade com cento e poucos animais lá, mesmo que fossem pouquinhas também, né?! E a gente tem a nossa Pitucha né?! que é **nossa cachorrinha, e ela não sabe conviver nesse espaço urbano ela vive do campo**. Então ele ficou lá. E eu não discordo também, porque ele teria um estresse muito grande de ficar num apartamento depois de ser aposentado. Ele teria que ter uma atividade aqui dentro de Porto Alegre.

Aí a minha ideia... é uma loucura! Mas a minha ideia é ir sempre que eu puder. Porque família é família. Eu digo assim, por mais que onde eu more, o apartamento é confortável, seja bom, que a família FETAG seja maravilhosa, mas a gente tem que tá com a família, família. Ah mas você vai gastar muito pra ir lá na família? Eu estou aqui e já fiz um orçamento pra ir. E assim, eu acho que **momentos com a família é muito significativo. Aquele almoço em família**. Nem que eu vá lá, fique assim óh: vá na sexta e domingo eu esteja de volta. Mas, e outra, ir na propriedade... porque **se eu represento a pecuária familiar, a agricultura familiar, como que eu vou ficar dentro da FETAG, só viver de viagens se eu não tenho convivência com essa realidade? Qual vai ser meu discurso? Se eu quero que alguém, me tome por exemplo, eu vou ter que participar**. Eu não posso vim pra cá e simplesmente dizer: A Flor do Campo tá representando as agricultoras do estado do Rio Grande do Sul, as pecuaristas, tá mas e aí? E a propriedade? E os animais? E o quê que ela faz? Que atividade ela faz? Né?! Então eu tenho um talão de produtora, e esse talão ele tem que estar em movimento também. Né?! Então tem toda essa realidade.

E **aqui na FETAG** é como se fosse... eu ainda dizia pros meninos [assessores]: **é como se fosse um primeiro dia de aula**. Nós sabemos que vamos estudar, que vamos aprender ler, escrever, vai ter um professor pra nos ensinar, teremos colegas que vão ser companheiros, teremos desafios. **Uma coisa é trabalhar num sindicato e outra coisa é chegar na FETAG como coordenadora de mulheres**, participar de um evento, participar de uma reunião, né?! E outra coisa é você entrar pra família FETAG e hoje ser representante da agricultura familiar, né?! Da pecuária. Ser representante das mulheres. É... hoje eu digo assim: é um desafio e ao mesmo tempo é uma alegria muito grande né?! De tantas pessoas que poderiam estar aqui e por uma missão nós fomos escolhidos. E **estamos aqui pra defender uma luta de muitos anos, de mais de 50 anos, né?!** De cada vez mais segurar a mão uns dos outros tanto das mulheres

quanto os homens vão estar do nosso lado. Porque **eu sei que tem homens que tão batalhando por esse movimento das mulheres.**

Chegar na FETAG é um desafio, é muita informação, mas são informações que vão ser relevantes pro resto da minha vida. E que **provavelmente o dia que eu tiver meus filhos. Que eu pretendo ter! Eles vão ter esse conhecimento.** Eu vou passar pra eles: Olha vocês têm que ser FETAG e vocês tem que participar do movimento sindical. Mas estar aqui é algo assim... muito gratificante e desafiador. As pessoas podem olhar e dizer: Ai é um diretor executivo, nossa! Eu **não vejo isso como um status, eu vejo isso como uma responsabilidade.** Algo muito sério e algo que a Flor do Campo aqui vai ter que se moldar muito, porque hoje eu sou uma Flor do Campo, mas **eu quero me transformar pra melhor. E vestir essa camiseta e continuar aí o trabalho que já vem sendo feito na comissão.** Que é um **trabalho lindo que a Azaleia nos deixou** aí. E que não só a Azaleia, mas esse grupo de mulheres, porque sem elas, **sem as coordenadoras das regionais, sem as coordenadoras lá nas comissões municipais...** (nós podemos fazer milagre eu e a Joia aqui dentro, mas se não sair daqui...) **se nós não atingimos lá na base, em vão vai ser minha vinda pra cá.**

[entre fragmentos de prosa eu aproveito um gancho e pergunto sobre as avós de Flor do Campo, pois ela havia mencionado algo em algum momento da conversa, ela então abre esse relato de suas ancestrais].

As minhas avós... a minha avó materna ela tem uma história assim, bem sofrida, né?! Ela, **minha vó materna, eles sempre trabalharam na agricultura familiar.** Por ser eles, uma família **muito pobre, tiveram 8 filhos, sem falar que ela perdeu alguns.** E eles **moravam passando de propriedade em propriedade, ou seja, eles viviam de favor.** Como na minha região tem **muitas fazendas, e eles eram de família negra,** eles iam pra propriedade dos fazendeiros **colocavam eles em lugares assim, dos mais piores, onde tinha que desmatar, onde tinham que plantar.** E aí, **quando** aquela terra ficava preparada, **aquele lugar ficava lindo,** eles diziam: *Bom agora vocês têm que ir embora.* As minhas tias contam **que a minha vó materna ela teve parto nos pelegos²⁸,** ela ganhava as filhas em cima de um peleguinho e **ela mesma “partejava”.** E ela era uma mulher que trabalhava muito do lado do meu avô, sempre trabalhou na propriedade, na agricultura, na pecuária e eles viviam somente da agricultura familiar, eles não tinham outra renda e viviam assim... **eles sempre fazendo um**

²⁸ Pelego é a pele, o couro, de carneiro ou ovelha com sua lã natural.

trânsito de propriedade... ficava lá 5 anos e tinha um detalhe, uma filha tinha que ser emprestada para o dono da fazenda, pra fazer os trabalhos domésticos. Então os relatos das minhas tias é bem... **muito marcante**, porque elas sofreram muito. Nunca perguntei se alguma sofreu abuso, eu acho que não. Mas eles tinham um acordo, **meu avô usava** uma propriedade, **uma fração de terra pra criar os filhos pra produzir o alimento, mas uma das filhas tinha que trabalhar lá na fazenda na sede.** E a minha mãe conta que algumas iam chorando, a **minha mãe teve essa sorte de não ir, mas disse que muitas iam chorando**, era bem complicado. Esse é um relato um pouco da família pelo lado da minha mãe.

Na família do meu pai, o meu avô... ele foi criado com uma família muito rica. Família [menciona o sobrenome] de Piratini, **que hoje tá falida.** Mas eles já tinham uma propriedade que já era por direito heranças. Então ali, **eles criaram os filhos com mais facilidade e acessibilidade** também e trabalhavam bastante com essa família que meu avô foi criado, **mas também com muito sacrifício.**

Minhas avós foram mulheres que caminharam muito a pé, foram mulheres que **não tiveram um acesso praticamente a nada, né?! A** minha avó materna não teve acesso praticamente a nada, veio ter acesso à cidade quando o meu tio, ele comprou uma casa e colocou no nome deles e eu ainda digo que **quando os meus avós faleceram**, que a **minha vó foi a última a falecer**, a minha vó materna, **não houve briga na família, sabe porquê? Ela não tinha herança**, todos os filhos ficaram se dando bem, parece mentira! Cada um construiu sua vida, os filhos todos têm propriedade tem casa, mas no momento que a minha vó faleceu, a casa era do meu tio, então ficou pra ele e não teve briga, se dividiram alguma coisinha ali.

Já na família do meu pai foi diferente, já teve aquela briga de território, então eu digo assim óh, como eu sempre digo... **que a gente não tenha uma propriedade como herança, mas tenha como história.** Porque numa propriedade, ali teve uma família, que teve filhos que passou uma história, que passou por sofrimentos, por momentos bons, momentos felizes, mas teve uma história de vida ali. Eu digo assim **que as minhas avós foram mulheres que batalharam bastante e a minha avó por parte de pai ela teve muita perda de filho, ela teve vários abortos.** Cada vez que ela tinha um filho ela sofria muito e então **são mulheres com histórias bem marcantes.**

[nesse momento, emocionadas, eu agradeço a partilha que nitidamente fazia seus olhos brilharem e a forma de falar continha ternura ao mesmo tempo que força advinda dessas avós. – Na sequência de nossa conversa ela recorda algo tão bonito, tão profundo...].

O dia que eu vi a mulher no movimento sindical e nos movimentos sociais, o que me marcou que **eu nunca vou esquecer, foi a marcha das Margaridas** que eu nunca tinha participado, foi a minha primeira marcha o ano passado (2019). E aí que **eu vi** assim, da **grandiosidade das mulheres**, porque eu digo assim: Meu Deus, **hoje em dia falam tão mal das mulheres** que ahhh... e às vezes **umas mulheres falam tão mal umas das outras**, mas se **nós mulheres usássemos a nossa força pra nos unir, meu Deus!** Nós temos um potencial, **quando eu olhei em Brasília aquela quantidade de mulheres, mais de 100 mil mulheres.** Eu disse: **Meu Deus! Se as mulheres se unirem, se as mulheres no movimento não soltarem a mão uma da outra, nós conquistamos muita coisa**, muito espaço.

No movimento sindical, eu vejo assim, que embora nós temos (as regionais todas têm coordenadoras) mas ainda há um desafio muito grande porque lá na base existem muitos lugares que ainda não tem comissão. Eu venho de uma regional que não tem uma comissão na regional que faça o roteiro dos municípios e eu tinha comissão no meu município porque **o meu presidente me desafiou, nós somos do sindicato e só temos três comissões municipais, imagina!** A questão da **mulher no movimento sindical, ainda é um desafio** porque **há poucas lideranças** ainda, eu vejo que **são poucas mulheres presidentes de sindicatos** e que fazem parte da diretoria efetiva, porque **a maioria das mulheres são colocadas lá na suplência, as últimas das últimas, ou seja, só pra encher cota.** Infelizmente esse é o lado negativo, **mas** eu também **vejo uma coisa positiva**, que **aquelas que estão, realmente vestem a camiseta**, elas **incomodam muita gente, né?! Como diz aquela musiquinha: um elefante incomoda muita gente... e vai indo.**

Mas assim, **a mulher no movimento sindical, ela tem um potencial muito grande, desde que uma apoie a outra**, porque **nós precisamos** é na maioria das vezes, **não é tanto do apoio dos homens, é do apoio de uma das outras.** Que não adianta nós vim pra cá e principalmente as coordenadoras, chegarmos lá e não apoiarmos, não correr atrás daquelas que tão lá nos municípios. Eu tive a sorte que o presidente do meu sindicato me deu essa possibilidade, mas tem muitos que não é o mundo deles, pra eles tá bem assim do jeito que tá, no meio masculino ali! **Mas os homens não sei se dariam conta do que as mulheres dão. Porque homens não conseguiriam fazer uma marcha com mais de 100 mil mulheres, né, 100 mil homens no caso. E então, a gente já vê que a mulher no movimento sindical ela tem uma força muito grande e um significado muito grande.**

[e em meio a isso surge uma ponta de assunto sobre a Flor do Campo antes desse movimento sindical tão presente em sua fala, pergunto eu então a ela como era...].

A Flor do Campo **antes de tá no movimento sindical ela tinha um noivo, pensava em não saí de casa** e aí pensou assim: **Não! Eu não quero isso, eu quero ser uma mulher livre**, eu não quero essa história de ficar lá construindo casinha, pra depois ter problema e um homem me mandando. A Flor do Campo antes do movimento sindical, **era uma mulher que não tinha muita autonomia nas decisões, né... Ficava meio escondida**, queria ser alguma coisa, mas né...

Até porque **eu vou dizer uma coisa pra vocês, quando eu fui escolhida pra ser diretora do sindicato, eu fui escolhida sabe porquê? Porque eu era evangélica conservadora e aí o meu presidente quebrou a cara comigo**. E é verdade! não vou mentir pra vocês, ele disse, ele contou pros colegas que me escolheu porque eu era evangélica conservadora e **ele achava que aí como eu era, eu ia ter uma postura muito boa no movimento sindical, e que eu não ia gerar problemas pra ele**. Ele achava que se eu não fosse, talvez poderia gerar, e aconteceu que a Flor do Campo... (eu continuo sendo óbvio! Que fé é fé)... hoje, é aquela mulher que pensa assim, não só nela, não só na família dela, porque antes eu só pensava assim: Ah eu vou construir algo pra mim, né, vou ficar aqui só cuidando dos meus pais, muito aquele meu, aquela possessividade. **E hoje eu me considero uma mulher, que tá aqui com uma missão de cuidado, de muita gente, de cuidado no sentido de estar aqui representando, de passar o conhecimento, de passar informação, de abraçar famílias, porque no movimento sindical você fala agricultura familiar né?! Hoje, eu não luto só por uma causa minha, mas por uma causa de muitos** e que com muito orgulho eu digo, **de quem produz alimento**.

Porque quando eu tava lá no campo, que eu não tinha noção, os meus pais eram assalariados rurais, a família FETAG, o movimento sindical estava lutando por nós, por isso que meus pais tiveram direito, de ter uma rescisão, de ter um salário e que conquistaram um pedaço de terra, porque tinha alguém por detrás das câmeras que nós não imaginávamos, que tava lutando, né?! E nós estávamos lá vendendo leite, nós estávamos lá lutando pelo preço do boi, pelo preço da ovelha, mas que tinha alguém que tava aqui, trabalhando, tendo uma relação com os ministérios, indo a Brasília e reuniões em salas fechadas e nós lá. E essas pessoas tavam batalhando pela aposentadoria rural que nós nunca imaginávamos. **Porque as pessoas só pensam assim: ahh adquiriu os direitos, mas e quem é que lutou por esses direitos?** Então hoje eu digo assim que eu me sinto uma pessoa honrada por fazer parte de uma história que será dada a continuidade, e por **lutar pelo direito de muitas pessoas. Acho que não tem coisa mais gratificante**.

SEXTO ATO

[“Os caminhos que nos trouxeram até aqui são de muita resistência, ousadia, coragem e criatividade” (O CAMINHO DAS MARGARIDAS, MARCHA DE 2019)].

6.1 CENA – PLURAIS E EM MOVIMENTO: MEUS ENCONTROS COM JOIA

[Lembrei que meu pai me chamava de Joia. Só ele me chamava assim de Joia quando eu era criança. – com essa memória é que ela me pede para que esse seja o seu nome.]

Margarida havia me indicado para conduzir a oficina na 1ª ENFOC Mulher e quem estava organizando toda a formação era Joia, assessora da comissão de mulheres a nível estadual. Então Margarida passou meu WhatsApp para Joia que logo em seguida já entrou em contato comigo. Simpática, falante, animada, solícita! De imediato nos identificamos, ela dizia o que imaginava para a formação e eu partilhava o que pensava que poderia contribuir, foi muito agradável pensar a oficina, afinal Joia tinha total entrega no organizar da ENFOC, tudo se conectava em harmonia, isso era nítido. A alegria dela no fato de, além de ser trabalhado um tema que advinha de demandas delas, ser conduzido por alguém com os dois pés na educação popular era expresso em palavras.

Naquele mesmo dia frio que encontrei Azaleia, foi quando vi pela primeira vez a Joia. Olhei para ela vindo em minha direção e me vi! Ela, baixinha assim como eu, ágil, caminhando rapidinho, falando muito, falando rápido, resolvendo pendências e ao mesmo tempo sorrindo e acolhendo como se entrasse em uma bolha onde o tempo não existia mais e ela pudesse prostrar por horas sem que fossemos interrompidas, mas fomos, o tempo que existia, corria e a agenda do dia estava por começar. A animação, a expectativa das mulheres tomavam conta de todo o ambiente e a Joia demonstrava sua felicidade com a oficina que estava por acontecer. E então quando do início da oficina percebi que a bolha de deixar de existir o tempo voltou a funcionar, acho que era o “superpoder” de Joia. Entramos em um processo de, sentadas em roda, de forma confortável, em um ambiente quentinho, que contrastava com o frio do dia gelado e o gramado branco da geada, ali, nos acolhemos umas as outras, Joia parecia esquecer os demais compromissos.

Nesse dia almoçamos juntas, falamos muito, não sei nem quem falou mais, afinal ambas quase nem gostam de falar. E então, sem que eu nem mesmo soubesse o quanto eu estava afetada e sequer imaginasse que o doutorado tomaria o rumo que tomou, já combinei com Joia que quando fossemos à Porto Alegre combinaríamos de nos encontrar. Ela inclusive ofereceu

o apartamento em que mora para quando fossemos, ficarmos hospedadas lá, enfatizou que seria um prazer. Antes que isso ocorresse, nos encontramos mais vezes em eventos no noroeste do estado, esses também com a comissão de mulheres.

Após esses primeiros encontros, fui à Porto Alegre para conhecer melhor, tanto Joia quanto Azaleia, dialogar e ouvir um pouco mais sobre o trabalho da comissão, isso quando investigava possibilidades para a realização da pesquisa. Nessa oportunidade fui e voltei no mesmo dia, e o convite de hospedagem em sua residência foi novamente feito e dessa vez mais enfático. Nos encontramos mais vezes no noroeste do estado e nossa comunicação por redes sociais se intensificou. No segundo semestre de 2018 ocorreu um Festival de Yoga em Porto Alegre e então fiquei hospedada em sua casa, fomos juntas ao festival, meditamos, assistimos palestras e me recordo que só não fomos juntas no primeiro ato #EleNão, pois ela tinha um casamento, à tardinha, em uma cidade vizinha. Fui para o ato e ela para o casamento, ela me deu a chave da casa dela e avisou que chegaria tarde, eu dormindo na sala, nem vi quando ela chegou e foi para seu quarto dormir.

Esqueci de dizer que quando entrei na casa dela eu fiquei parada olhando em volta, é um apartamento pequeno e aconchegante todo adornado a partir de suas viagens. Tem muitos lugares em um só lugar, tem muita história, tem muita experiência, tem, sem dúvidas muita afetação. E ela, a cada enfeite, a cada quadro, a cada objeto vai narrando suas aventuras, estado, país, mundo a fora. Ela é articulada, disponível, curiosa e muito disposta aos encontros. E então outros encontros em Porto Alegre, na FETAG, nas redes, e mais uma vez hospedada em sua casa, quando fui ouvir (dessa vez gravando) sua história. Nessa ida passeamos pelo Parque da Redenção, muito chimarrão, calor, cara no sol.

As afetações que Joia me causava em cada encontro eram imensuráveis! Eu ouvi tanta história, tanto detalhe de vida que eu desconhecia, eu presenciava a emoção com que ela narrava e percebia em seu corpo as afetações advindas de suas experiências no movimento sindical, em especial com a comissão de mulheres. Sem dúvidas esse encontro foi peça chave para que hoje esse texto-experiência pudesse existir. Muito grata Joia! *Te convido a contar quem és.*

6.2 CENA – TÔ EM CONSTRUÇÃO! NA REALIDADE, EU AINDA NÃO CHEGUEI A LUGAR NENHUM, EU AINDA TÔ INDO...

Por Joia

Bom na realidade assim, **sempre quando eu falo em relação ao movimento sindical**, eu sempre **digo assim**: que eu **não sou filha de agricultores**. Na realidade a minha família vem... **meu avô era militar**, pai da minha mãe, **mas a minha vovó ela era cigana**. Então a partir do momento que eles **se conheceram, resolveram ter os filhos, mas voltaram a vida que a minha avó tinha, que era de circense**. Então, **eu nasci, numa barraca de circo, por incrível que pareça! Até meus 12 anos de idade a gente viajou muito**, então eu conheci praticamente o Rio Grande do Sul viajando com a família né?! Com a minha vovó e meu vovô. E aí aos 12 anos de idade a minha mãe e o meu pai resolveram parar, porque **era eu e meu irmão, meu irmão quatro anos mais velho do que eu... resolveram parar pra que a gente pudesse estudar**. Porque eles pensavam assim: *Não, pros nossos filhos a gente quer um caminho diferente pra eles.*

E eu então, **realmente fui pro lado de mais estudar. O meu irmão não, ele continuou com a família viajando e eu sempre me dediquei muito mais ao estudo**. Tanto é assim, que **as coisas começaram muito tarde pra mim**, porque com a história de **viajar muito** a gente fica tipo... **dois meses num lugar, três meses no outro**, então eu acabei ficando muito tarde assim... **se não me engano com nove anos de idade eu acho que tava no segundo ou terceiro ano**. Eu sei que **acabei muito tarde, o fundamental**, na época o segundo grau e se eu não me engano com **19 ou 20 anos eu terminei o segundo grau**. Então, pra tu ver que a coisa era bem complicada em relação a estudar.

Com 28 anos eu passei num vestibular, aí eu fiz Administração com ênfase em comércio exterior, nessa época eu morava em Erechim. A minha família também morou em Erechim²⁹, mas depois eles acabaram indo pro interior de Passo Fundo³⁰ e eu fiquei morando com uma família em Erechim. E foi assim, muito complicado pra mim, porque os **meus pais não tinham condições de me pagar a faculdade, então eu paguei a minha faculdade!** Eu que tive que suprir todas as questões do sonho da Joia em fazer uma faculdade, em estudar. Então **foi assim, 5 anos pra mim, bem difíceis**. Teve o último ano da faculdade, que eu praticamente estudei de janeiro a dezembro, porque nos anos anteriores eu não consegui pagar algumas cadeiras da faculdade e eu acabei então fazendo cadeiras em janeiro e em julho pra mim me formar com a minha turma. Eu resolvi que eu queria me formar com a minha turma que eu entrei no primeiro ano da faculdade. **Em 2000 então eu me formei na URI [Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões] de Erechim.**

²⁹ Município localizado no Noroeste do Rio Grande do Sul, distante cerca de 370 km de Porto Alegre.

³⁰ Distante em torno de 290 km da capital do estado gaúcho, Passo Fundo é o município mais populoso da região Norte do Rio Grande do Sul.

E nessa época eu trabalhava no Hospital de Caridade, trabalhei na parte financeira, na área da administração e eu tinha uma colega que era nutricionista e ela disse assim pra mim: *Joia, eu sempre quando eu olho pra ti eu vejo o meu irmão do teu lado*. E o irmão dela, então morava aqui em Gravataí [município próximo à Porto Alegre], ele era de Rio Grande [região Sul], mas ele já tava alguns anos aqui em Gravataí, porque ele era professor do SENAI. Enfim, conheci ele e ele acabou me trazendo pra Gravataí. E nessa época então eu tava desempregada, tava largando meu currículo pra cá, pra lá, Cachoeirinha, Gravataí, Porto Alegre, mas eu tinha uma amiga em comum que começou a namorar um cara que trabalhava na FETAG, e ela falou pra ele de mim, que eu tinha vindo do interior pra cá, tava procurando um emprego e ele disse assim: *Olha lá no Departamento Financeiro da FETAG tão precisando de uma pessoa, quem sabe tá aí?! E eles gostam muito de gente que vem do interior! Mesmo que ela não seja filha de agricultor, mas enfim, ela é do interior e eles preferem, ela já tá aqui na grande Porto Alegre. Entreguei pra ele meu currículo, praticamente na mesma semana eu fui chamada, isso foi no dia 22 de abril de 2003, aí eu vim pra uma entrevista. E praticamente dali dois dias... era tipo assim, pouco antes do feriado, passou feriado, né?! No primeiro dia de trabalho eu já vim pra FETAG. A FETAG era ainda lá no antigo prédio ali na Voluntários [rua de Porto Alegre], foi ali que eu iniciei né?! Era assim com poucos funcionários... não era a FETAG de hoje. E aí eu trabalhei 9 anos dentro do setor financeiro, cuidando da parte dos aposentados, que é o desconto dos aposentados, que a gente tem toda a questão das guias dos assalariados do sindicato, do pequeno produtor tinha uma guiazinha na época assim, que ela seria assim uma guia sindical do pequeno produtor que era chamado na época. E trabalhei até, acho que, abril de 2012 no financeiro.*

Então um pouco antes disso eu fui convidada pela Coordenadora e pela assessora das mulheres da época. E no momento que eu fui convidada, foi um “baque” pra mim, porque eu sempre fui das ciências exatas né?! Eu não me imaginava assim... como assim trabalhar com mulheres? Eu não levo jeito pra isso! Na minha cabeça eu não levava jeito pra isso, mas a assessora... como éramos muito amigas, viajávamos juntas, ela olhou pra mim e disse assim: *Tu tá equivocada! Tu só não se deu por conta que tu gosta disso, que tu vai se dar super bem!* Então, num primeiro momento que eu fui convidada, eu disse: Não! Eu falei que não! E aí então tinha algumas pessoas do interior que a coordenadora e a assessora procuraram e essas pessoas por incrível que pareça não deu certo. Uma porque engravidou e não poderia vir pra Porto Alegre, a outra foi convidada pra trabalhar no setor do governo do estado e não deu certo e a outra pessoa achou que não ia ser legal sair de lá e vir pra cá, enfim, morar, pagar aluguel. E aí voltaram a me procurar e a coordenadora disse assim: *óh Joia,*

é pra ser você! Todas as pessoas que a gente tinha em vista não deu certo, então é contigo o negócio! Então assim gente, **eu passei uma semana chorando!** Pensando assim: **o quê que eu ia resolver? Imagina minha cabeça? Não entrava na minha cabeça de eu sair de um setor extremamente voltado à administração, ao financeiro e ir trabalhar com pessoas! E aí, aceitei!**

Não tinham conseguido ninguém no meu lugar no financeiro e a assessora já tinha saído da comissão, a coordenadora tava contando comigo. Então eu ainda tava no financeiro e ajudando naquela transição pra comissão de mulheres. E uma coisa muito interessante assim, que daí vinha **8 de março, né?! Gente do céu! Me convidaram pra fazer uma palestra em Pinhal Grande [município da região Central do RS] pra 600 mulheres, pra falar sobre autoestima.** Aí vocês imaginam assim óh, o desafio né?! **Passei uma semana chorando!** [entre risos ela segue] **Mais uma semana chorando!** Pensando, o quê que eu vou fazer né?! **Imagina!! Eu? Como é que eu vou chegar na frente de 600 mulheres? Falar de um assunto que não é o que eu domino, eu não faço ideia! Enfim, né?! Respirei fundo, preparei minha palestra e lá fui eu! Não durmi de noite, pulei cedo da cama e fui eu pra Santa Maria [região Central do RS].** E de Santa Maria me pegaram e me levaram pra Pinhal Grande. Quando eu entro naquele salão, assim óh, e vejo aquelas pessoas, penso: **Meu Deus! O quê que vai ser de mim?** Eu me lembro que eu entro no banheiro e tinha um espelho enorme, eu parei na frente daquele espelho, me olhei assim nos olhos e disse: **Bom Joia, é contigo agora! Tu não pode voltar pra trás agora, tu vai ter que encarar essa multidão aí óh!** E aí, pra minha surpresa gente, **foi maravilhoso! Eu dancei! Eu acho que eu tava tão nervosa... [risos altos] que foi a maneira assim, que eu encontrei de me senti à vontade com elas** e na realidade eu **fugi completamente daquilo que eu tinha preparado,** porque daí eu **acabei contando coisas assim da minha história e de como eu encontrei a maneira de eu chegar...** contei pra elas assim: Olha, por incrível que pareça assim, tá acontecendo isso, isso e isso... Tô chegando, é a primeira vez que eu estou fazendo isso! E aí eu **quase perdi meu ônibus, porque elas fizeram filas... sabe o que é uma fila enorme! Pra me abraçar me beijar e me dá os parabéns! Porque eu tinha me superado!** Que eu achava, que eu não ia conseguir fazer algo e eu fiz com a maior tranquilidade. Então foi o meu primeiro desafio, que eu nem acreditei que eu passei por aquilo! Daí eu pensei assim: Bom, **se eu passei por isso, é sinal que eu vou conseguir dar conta do recado.**

Então o interessante que a **antiga assessora não sentou pra me dizer como era trabalhar com a comissão, ela não me disse nada.** Elas me deixaram eu entrar, elas me permitiram fazer parte daquele grupo. E **talvez até foi bom, porque eu não peguei vícios, eu**

entrei e eu fui aprendendo com cada uma delas. Cada uma delas me ensinou. Eu sempre digo assim, que **a coordenadora da época, ela foi um divisor de águas na minha vida, porque ela era a coordenadora que meu nome é trabalho, era 24 horas FETAG, 24 horas comissão.** Então essa mulher, **ela não dormia, ela bebia, ela comia... era FETAG.** E aquilo pra mim foi muito interessante, porque **na realidade, eram duas pessoas ansiosas, extremamente ansiosas.** E eu **vendo tudo aquilo nela, eu me trabalhei!** Porque eu vi que **aquilo pra mim, não ia ser bom.** Porque estava fazendo mal pra ela... pra saúde dela, o dia a dia de trabalho dela, então eu sempre falo isso pra ela. Isso que eu to falando aqui pra vocês a coordenadora da época, sempre soube, que eu sempre disse assim: Coordenadora, na realidade você foi a pessoa que eu vi e que eu não queria ser essa pessoa... de ansiosa. Eu queria sim, ser a coordenadora, aquela mulher que se dedicava à comissão de mulheres, ao trabalho da FETAG, isso eu queria! **Mas a minha ansiedade, eu não queria que ela viesse a influenciar no meu dia a dia, no meu trabalho. Mas eu sempre digo que eu devo muito à essa coordenadora e a assessora da época,** por eu estar aqui onde eu estou e por ser a Joia que eu sou. **Porque com certeza, a partir daquele dia que eu entrei na comissão... e a Joia da URI, de Erechim, do meu trabalho (em todos os lugares que eu trabalhei), é totalmente diferente!** Totalmente diferente!

Me dei por conta que eu militava mas eu não sabia, porque eu participei assim da época do Color, das caras pintadas eu fui pra rua. Eu lembro que teve uma situação lá em Erechim que mataram uma menina que tava indo pra universidade e eu com um grupo a gente saiu pra rua, sabe?! Enfim, assim, me dei por conta que eu tinha coisas lá, **mas eu não sabia quê que era.** Tava lá guardadinho no meu fígado, sabe?! E eu me dei por conta quando eu entrei, quando **eu fui pras mulheres, que me deram a oportunidade de fazer a ENFOC,** que daí no mesmo ano em 2012 eu **comecei a fazer a ENFOC Estadual** e daí veio o educador da CONTAG, e ele **conversou com a coordenadora** e disse: *Coordenadora, acho que a Joia não tem que fazer Estadual, ela tem que ir pro Nacional! Você tem que dar permissão pra ela ir pro Nacional!* E aí gente, **vocês não fazem ideia do que foi eu estar lá no meio de cento e poucas pessoas do Brasil inteiro, de alguns países da América Latina... Eu chorava, eu chorava, porque eu não tava acreditando que eu tava no meio de pessoas totalmente com uma visão diferente, com uma militância, sabe?! Pessoas que brigavam pela causa** e eu disse: **Meu Deus! Que isso? Por que tá vindo isso assim? Agora eu já tava com quarenta e poucos anos, por que que isso tá vindo logo agora, né?! Algum motivo tem!** Enfim, assim óh, foi uma revolução na minha vida!

Uma revolução em todos os sentidos! Porque daí eu vi que eu estava vivendo um casamento que não era o que eu queria, não por ele, mas era por mim, não pelo meu companheiro, ele era uma pessoa maravilhosa, mas eu tinha a impressão que ele não ia conseguir, por mais que ele era professor universitário, ele era professor de um SENAI, mas ele não... parecia que quando eu contava as coisas pra ele, do que estava acontecendo na minha vida, ele não entendi, não processava. E aquilo começou a me incomodar, sabe?! E eu disse: Não, mas eu quero que essa pessoa participe do que eu estou vivendo, porque quando ele estava entrando no mestrado dele, enfim, convivendo com outros conhecimentos e outras pessoas, eu participava, eu queria que ele também participasse dessa mudança que tava ocorrendo e aí em maio de 2013, que eu estava já praticamente [um ano] dentro da comissão eu acabei me separando. Então, vai fazer 7 anos... até perdi a contagem, até em maio vai fazer 7 anos que eu me separei. E que mudou totalmente a minha vida, a minha visão.. de como eu enxergo as pessoas, de como eu enxergo as mulheres, principalmente de como eu enxergo a agricultura familiar. Eu vi que eles tavam no meu DNA. Então assim, eu brigo pela causa. Amigos que eu tinha de 20, 30 anos atrás, eu cortei porque eram pessoas que me criticavam. Tipo assim: *Ah você entrou no MST?! Agora você sai na rua gritar, agora você sai na rua brigar, você vai pra Brasília brigar na frente da câmara de deputados, lá dentro do senado!* E daí eu vi que essas pessoas não tinham nada haver mais comigo. Eu me afastei, não que eu briguei com elas, eu simplesmente tirei elas da minha relação.

Hoje eu sou filha única, porque o meu irmão é falecido, né?! Em 1998 ele faleceu de acidente e a minha família mora em Coxilha [ao lado de Passo Fundo], não são agricultores. Meu pai já tá com 81 anos, minha mamãe tá com 79. Eu não tenho nenhum vínculo com a agricultura familiar, não tenho ninguém assim... talvez mais pro lado do meu pai que tem muita gente que mora em Três Passos, Crissiumal, Lageado, Estrela, [os dois últimos próximos de Porto Alegre] então são pessoas que são mais da área da agricultura. E no caso da parte da minha mãe não tem ninguém da agricultura familiar. Então eu sempre falo isso: Hoje eu não tenho vergonha, quando eu entrei na FETAG eu meio que escondia essa questão de eu ser de família de circense, porque era uma coisa que eu tinha que trabalhar, então no momento em que eu trabalhei isso comigo, eu falei pra todo mundo e não tive problema, todo mundo me aceitou muito bem aqui dentro, né?! Talvez a Flor do Campo não sabia desse meu lado né?! [se dirigiu a ela que estava na sala].

[Flor do campo responde] To encantada com a tua história!

[E eu que já conhecia essa história, toda essa trajetória, com alguns detalhes a mais e outros a menos, estava novamente encantada também. O brilho no olho de Joia toda vez que ela fala de si, fala de seus processos, de tudo que a fez mudar completamente de vida é admirável, é cativante].

E isso que é o bacana sabe?! De eu tá em um ambiente totalmente diferente do que eu sempre vivi na minha adolescência, enfim... mais tarde também.

Mas a Joia tá aí pra aprender! Todo dia tô aprendendo! Todo dia a comissão está me levando a ter outros olhares. As pessoas... tipo vocês duas que apareceram! Na realidade eu tive vários presentes né?! Nesse... **vai fechar 8 anos que eu tô na comissão, vai fechar 17 anos que eu tô no movimento sindical,** então, **nesses 8 anos gente, eu ganhei muitos presentes!** Muitas pessoas que se agregaram à minha vida, ao meu dia a dia! E eu acho que isso é o bacana, **isso que é o lindo da história do movimento social.** E as oportunidades que você tem assim... **meu primeiro andar de avião, meu primeiro contato com 600 pessoas, com sair na rua e ter uma multidão junto, a diversidade, pessoas com outros pensamentos que vieram me ensinar na minha caminhada, dentro da comissão de mulheres...** então é isso, eu acho que **tô em construção!** Na realidade, **eu ainda não cheguei a lugar nenhum, eu ainda tô indo.**

Mas assim, uma coisa bacana que aconteceu comigo dentro do movimento sindical, também, **eu quis me conhecer melhor e em 2015 eu comecei fazer curso de terapias holísticas** que daí também **me ajudaram a eu baixar um pouco a questão da ansiedade,** a eu me compreender, a **eu me entender em algumas coisas** de porque que eu **tinha isso, a questão da autoestima também, né?!** Porque realmente, **eu sempre me enxergava o bichinho...** eu sempre me enxergava diferente de todo mundo. Eu sempre tinha problemas nos meus grupos de escola, **eu sempre me sentia diferente,** e eu queria saber o porquê eu me sentia diferente, né?! Então hoje eu já entendo algumas coisas, mas eu ainda acho que eu tenho muita coisa ainda... **Eu ainda quero voltar a estudar, eu não tenho vontade de voltar pra uma academia, eu decidi que eu não quero, porque a faculdade pra mim... foi ótimo, maravilhoso, mas o movimento sindical, pra mim foi uma outra faculdade.** E as terapias pra mim, também foi uma outra... que é o que **eu acho que eu quero pra minha velhice, pra minha aposentadoria.** E eu sinto isso, só que eu ainda não consegui parar pra pensar, no meio disso tudo eu fiz vários cursos, né?! Eu fiz auriculoterapia, eu fiz barra de access e enfim, queria ir pra astrologia também, que é uma coisa que me atrai muito! Tanto é que eu conheço alguém eu sempre... qual é o teu signo? Que é uma coisa que até as pessoas dão risada. Mas eu

entendo assim, porque muita coisa que eu tô estudando hoje da astrologia, tem tudo a ver comigo, e que eu consegui me entender, me compreender... por que que eu sou muito chorona, por que que eu sou muito sentimental, por que que eu levo a vida assim, da forma que eu levo hoje? Porque **eu me amo! Eu gosto de tá sozinha!** Vocês sabem que eu moro sozinha que eu tenho a minha vida, então **eu gosto da minha companhia. Até então eu não gostava, entendeu?! Eu não tinha essa amizade comigo mesma e hoje é diferente** assim, eu gosto de tá comigo, eu gosto de tá com a minha companhia e **tudo isso eu devo ao movimento sindical que me fez enxergar, ter outros olhares e procurar entender coisas que antes eu não entendia.**

[Estávamos conversando sobre a comissão de mulheres, sobre outras mulheres, e o termo mulher centrou a fala e eu perguntei então: o que ela entendia por esse termo. Afinal o que eu entendo eu sei, mas me importava saber dela, o que ela pensa sobre. – Com um suspiro ela começa a compartilhar].

Nossa Senhora! **Ser mulher é isso aqui! Acho que é um mesclado de sentimentos, de você se olhar! A gente tem que se colocar onde a gente quer estar. Se eu quiser ficar na minha casa cuidando dos meus filhos, é lá que é o meu lugar, eu vou ter que ser respeitada por isso, entendeu?! Se eu decidir ir pro fim do mundo, as pessoas vão ter que respeitar isso, porque é lá que eu quero estar, então ser mulher é isso. É você se colocar no lugar de mulher, é você assumir esse corpo que você tem... esse corpo magro, gordo, quadrado, redondo, preto branco, colorido, tá?! A minha sexualidade... se eu gosto de homem, se eu gosto de mulher, eu não vou deixar de ser mulher como eu sou. É respeitar esse corpo que eu tenho, é respeitarem essa cabeça que eu tenho, então pra mim, ser mulher é isso!** E eu demonstrar o meu sentimento! **E não é porque eu sou mulher e eu estou num local que eu tenho que demonstrar que eu sou masculinizada pra mim ser respeitada naquele grupo, sabe?! Eu não tô dizendo que eu critico isso, mas eu tô dizendo que eu tenho que bater aqui e dizer: Não! Eu sou mulher e eu quero respeito, entendeu?! Não quero ser diferente, eu quero tá de igual pra igual com meu companheiro, eu não quero ser nem inferior e nem superior. Eu quero que ele me respeite, como eu realmente sou, as minhas qualidades, os meus defeitos, e que eu estou ali pra ajudar, pra colaborar... colaborar com o João, com o Pedro, com a Maria, com a Josefa. E é isso que pra mim é ser mulher! É me respeitarem no lugar que eu estou!**

Então assim óh, **uma coisa que eu sofro muito é as diferenças salariais que a gente vê em todos os lugares, na academia, na instituição FETAG, na instituição sindicato, nas empresas, então isso é uma coisa que me deixa muito chateada** (que eu tenho que trabalhar isso), porque **eu acho isso assim óh, uma falta de respeito!** Mas é uma coisa que eu trabalho... é uma coisa que eu sofro muito aqui dentro da FETAG. Aqui dentro da FETAG existe também, mas eu trabalho. O que eu recebo, eu agradeço. Eu sou grata pelo que eu recebo, **eu sei cuidar** disso, eu sei **quais são as minhas prioridades**, o quê que eu quero fazer, o quê que eu quero priorizar, então eu cuido muito disso e eu consigo viver com isso [salário], então **pra mim isso é o suficiente, mas eu gostaria de ser respeitada como profissional e como mulher.**

[Em meio ao assunto, sem mais chimarrão, pois já estávamos “verdes” (é o que dizemos aqui no RS quando já tomamos chimarrão de forma demasiada), de forma muito empolgada, após se remexer alegre na cadeira Joia exclama:]

Meu Deus do céu! **Gente assim, vocês não sabem... eu tenho uma coisa muito bacana**, porque na realidade como **a gente vem de uma família circense a minha vovó ela era o alicerce da família, o meu avô ele comandava mas a minha vó que era a que dava a última palavra dela**, e a **minha mãe** ela, **por incrível que pareça assim, por mais que ela tenha tido essa mãe, ela é uma mulher muito submissa ao meu pai**, mas tem uma coisa muito legal dentro da minha família assim, que **eles me criaram, não pra mim ser dona de casa, eles me criaram pro mundo**. Tanto é que eu **com 9 anos eu fui morar com a minha tia, porque eu tinha que estudar** lá em Erval Seco, eu fiquei um ano estudando. Então **imagina com 9 anos tu sair de casa**. **Aí com 16 anos que eu cortei mesmo o cordão umbilical**, assim. **Aí minha mãe disse assim: Joia vai estudar, vai se virar, né?! Até mesmo porque a gente morava no interior e não tinha como fazer segundo grau, ensino médio, então daí eu fui pra Erechim estudar, fazer meu ensino médio lá.**

Na minha família tinha de um lado aquela mulher submissa né?! **Minha mãe submissa ao meu pai**, era dona de casa... limpa casa, faz comida... mas por outro lado a minha mãe e o meu pai disseram: *Vai lá, tem que seguir tua vida!* E a minha mãe tinha uma coisa muito legal assim, ela ia me visitar, e deixava meu pai, aí meu pai cuidava da casa, fazia comida e a minha mãe ia! Não tinha problema nenhum! **Ela tinha liberdade de sair de casa**, assim como ela tem hoje, mas ela é uma mulher submissa. **Então é uma coisa muito engraçada, que ao mesmo tempo que ela tem aquela autonomia, de cuidar da vida dela, mas ela tem aquele lado...**

aquela cultura das nossas mães, lá... das nossas avós que tem que cuidar do marido, tem que cuidar da roupa, tem que cuidar dos filhos.

Mas ela e meu pai não me criaram pra isso, **eles não me criaram pra isso. Tanto é que quando eu saí de casa não sabia cozinhar, não sabia nada, tudo eu aprendi por conta própria.** Tudo eu aprendi assim... a fazer comida, a cuidar da casa, das coisas domésticas, isso eu que por conta própria disse: Não! Para aí, tudo bem, tô morando sozinha tenho que me virar né?! Tenho que fazer, não tenho outra opção. Não que eu acho que se você tem o teu companheiro, enfim... que **as pessoas tenham que trabalhar juntas e dividir** e que as vezes eu tenho que fazer mais que ele ou ele tem que fazer mais do que eu, pra mim é muito tranquilo isso. Eu acho que tem que ter um equilíbrio, entendeu?! **Nem muito o homem, nem muito a mulher, mas os dois juntos trabalharem pra que as coisas...**

Então a **minha mãe é uma heroína pra mim**, a minha mãe com certeza é a mulher da minha vida. Hoje eu sou a Joia que sou, pela minha mãe. Que **minha mãe teve uma vida difícil, minha mãe foi estuprada... ela teve assim uma história muito triste.** A questão da sexualidade pra ela é uma coisa muito triste, muito difícil e que eu tenho trabalhado muito com ela e que eu acho que **de certa forma ela tá conseguindo se libertar**, porque eu tô vendo uma outra mulher sabe?! Quando eu converso com ela... E **as terapias ajudaram muito também**, porque pra ela... e **depois da morte do meu irmão...** ela **deu também uns passos pra trás** assim. Ela regrediu um pouco... eu também **tive que trabalhar isso com ela**, mas assim, a minha mãe com certeza, sabe?! As mulheres na minha família... é algo fantástico!

6.3 CENA – TUDO AO MESMO TEMPO: DETALHES DELA MESMA, GENEROSIDADE E DISPONIBILIDADE AFLORANDO POR SEUS POROS

[Girassol me disse ela quando perguntei como gostaria de ser chamada, caso preferisse outro nome para além do seu. – curiosa lhe perguntei o que significava, ela me disse: Luz!].

Um dia antes do evento onde eu conduziria a oficina para as (em torno de) 365 mulheres, no Encontro da Comissão de Mulheres da Regional Sindical de Três Passos, ocorrido em São Martinho, minha colega e eu, junto ainda de Margarida fomos acolhidas e dormimos na casa do presidente do sindicato. Lembro quando Girassol entrou no cômodo grande, que era composto por um misto de sala com cozinha, aconchegante, onde dava para ouvir pela porta dos fundos um barulho d'água constante que advinha da bica. A mesa farta, daquelas igual café colonial, com tudo que possa imaginar, eram muitas, muitas variedades de quitutes elaborados

pela companheira do presidente, mulher muito acolhedora, interessada em tudo que nós, minha colega e eu, Margarida e Girassol conversávamos sobre o encontro, tentando não dar muitos detalhes, pois ela também participaria. Mas então o meu encontro com Girassol foi assim, muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, detalhes dela mesma vindo à tona e muita generosidade e disponibilidade aflorando por seus poros.

No outro dia, logo cedo, quando chego no local do encontro, o bom dia foi com uma prancheta com uma ficha onde eu iria avaliar as mesas de café da manhã que cada comissão de mulheres dos 13 municípios da regional havia preparado. Uma gincana fazia parte do planejamento do encontro. Girassol nesse dia não parou, afinal era ela quem resolvia todo e qualquer contratempo, inclusive foi ela quem me auxiliou no processo de distribuir os questionários, que por conta do andar da carruagem precisou ser reorganizado. Ela estava muito preocupada e eu só tentava não demonstrar o quanto eu também estava.

Outros encontros puderam ocorrer na casa da Margarida, nesses eu pude conhecê-la melhor, tivemos mais tempo para prostrar, prosas onde o movimento sindical e a comissão de mulheres eram temas transversal e em muitos momentos centrais. Mas em suas falas o seu filho aparece sempre! É impossível lembrar dos meus encontros com ela sem rememorar suas partilhas acerca do seu cotidiano de mãe e de filha. Eu admiro a energia que Girassol têm e reconheço sem pestanejar o quanto ela é conetiva e importante para os trabalhos desenvolvidos na regional sindical.

Preocupada, atenta, múltipla! Ela me lembra a imagem de um polvo equilibrando muitos pratos ao mesmo tempo, em um esforço sobrenatural de manter todos girando ao mesmo tempo. Vejo essa imagem sem me atentar na tarefa de julgar se isso ocorre ou não, mas observo a cena com admiração e curiosidade para adentrar na experiência dessa coreografia que ela executa com muita força e vitalidade. *Girassol, entra em conta quem tu és!*

6.4 CENA – O NÃO JÁ TEM, ENTÃO VOU EM BUSCA DO SIM, EU VOU GUERREANDO, EU VOU INDO, EU VOU INDO E PODEM DIZER QUANTOS NÃOS QUISEREM EU VOU TENTAR O SIM, ATÉ QUE EU CONSIGO!

Por Girassol

[Girassol, quando conversamos, nessa oportunidade que sintetizei aqui, em sua narração em primeira pessoa, estava passando por um processo de separação, sua fala é entrecruzada por esse acontecimento, ela mencionou com maiores detalhes e aqui, para preservar sua intimidade

tais partes foram recortadas. – Quando me dizia um pouco sobre si, um fragmento que salta aos olhos é:].

Eu diria que eu sou 70% trabalho e 30% família. Não adianta dizer que não!

[fala em meio à risos, e aqui ousou interromper sua fala e dizer que Girassol é 100% trabalho e 100% família. – E sua fala até aqui enfatiza sua percepção do reconhecimento do seu trabalho pela Federação (FETAG). E então eu pergunto como é sua relação no sindicato, no movimento sindical].

Dentro do movimento sindical? Eu me sinto totalmente realizada! Por mais que a gente tem tido algumas dificuldades, bem grandes, né, nos últimos tempos, principalmente esse enfrentamento de preconceito, de nós sermos cobradas... vocês conhecem a história, enfim...

Eu sempre digo que **quando eu entrei dentro do movimento sindical eu me encontrei como pessoa e como profissional, né?! Hoje eu já pensei em várias vezes chutar o balde**, esses dias eu disse pra Margarida: Chegou a hora de eu sair, não dá mais! **Eu disse chega! Eu não preciso passar por essas coisas, eu acho que um ano e pouco passando por isso é o suficiente.** Acho que já me testaram, mas aí eu voltei depois que eu desabafei com a Margarida, e desabafei com o atual coordenador da regional aquele dia, e aí o coordenador disse: *Tu sabe que se tu sair eu saio junto.* E agora ele brinca que ele vai sair, né? Assumir a política, daí nós brincamo com ele né, que se ele sair tem que levar todos nós juntos pra prefeitura né?! Mas é só no tom de brincadeira mesmo.

Eu posso hoje ainda dizer que me satisfaz, eu me sinto realizada, me encontrei como pessoa, aprendi muito enquanto pessoa, cresci muito enquanto ser humano dentro do movimento sindical e não que outras instituições não me proporcionariam isso, mas acho que talvez se me proporcionariam isso seria num processo muito mais lento. Eu também trabalhei dentro de uma prefeitura e a gente não vê esse processo acontecendo. E hoje de manhã me chamou atenção, que antes de vir, eu fui na prefeitura pra protocolar uma retirada de terra e aí eles se chamaram de padrinho e madrinha e de anjo, eu disse: Vocês também têm isso aqui dentro? *É diz eles, tamo fazendo um trabalho diferente.* Ah que bom! Eu disse assim pra eles. Porque isso tá muito distante, né?!

A gente vê assim que nessa questão formativa a gente tá muito na frente, né?! E a gente vê que isso faz, isso proporciona diferença na vida das pessoas, mas eu me sinto um

ser humano realizado, dentro do movimento sindical. E digo isso porque **tenho oportunidade de fazer concurso e tal, e chega a hora de fazer a inscrição eu acabo não fazendo**, até esses dias eu tava bem decidida e fui pra internet... vô procurar concurso, vô fazer e vô... Eu disse: Não! Eu prometi que eu ficaria e eu vou ficar mais um tempo, acho que não é o momento de sair e até porque eu prometi que eu sairia muito forte, então eu acho que ainda eu tenho uma energia, um “gásinho” pra aguentar mais um pouco [risos].

Eu dentro do movimento desde 2007, então são 13 anos. Tava há 9 anos no sindicato de Esperança e aí mais 4, quase na regional, em junho faz 4 anos de regional já. E como eu cheguei? O meu primeiro trabalho foi “táta”, né?! “Táta” e faxineira, tinham “me tirado lá o coro”.

[pergunto para ela o que é “táta” e ela diz:]

“Táta” de uma criança.

[tem significado de babá, ela me responde rindo].

É! E aí **fiquei lá um ano e três meses, foi o que mais aguentei naquela casa, que servir rico não é fácil** [risos altos]. E aí meu pai fez campanha lá pro prefeito que assumiu na época e aí me chamaram pra prefeitura, **fiquei 4 anos na prefeitura**, e aí **quando eu saí da prefeitura eu me vi totalmente perdida**, meu eu não sei fazer outra coisa, né?! E aí eu fui trabalhar de faxineira, **voltei trabalhar de faxineira**, porque eu não aceitava ficar sem trabalho. Aí **trabalhei mais 7 meses de faxineira**, e o **sindicato de Esperança precisava sempre no mês de setembro** e eu comecei a trabalhar de faxineira em fevereiro, e aí no mês de setembro entra a época de ITR, já ali na metade de julho né, mais ou menos. E **aí eles me chamaram pra fazer** esse... não um estágio, mas **cumprir esses dois meses e meio, três meses de trabalho mais intenso**, e eles tinham um funcionário muito eficiente na época que inclusive ele tinha prestado concurso pra prefeitura, mas ele tava lá, ele tava no processo na verdade de concurso, e eu fui ficando. **Fui lá pra ficar dois meses e fiquei, fiquei, fiquei e acabei ficando, deu quase 7 meses.**

...E aí eu fui chamada, eu tinha feito ficha aqui em Três Passos, eu fui chamada pra trabalhar no Cielo, de carteira assinada, mas sendo funcionara do Cielo, não estagiária pelo Cielo. Aí trabalhei com eles, **deu um ano e dois meses**, mais ou menos, e **aí o meu ex-marido foi chamado no concurso**. E aí o **sindicato me procurou pra voltar, como conheciam meu**

trabalho anterior, né?! Me procuraram pra voltar e foi aí que eu entrei e que eu conheci o movimento sindical. E logo de cara assim me apaixonei, de imediato sabe?! Eu sempre comento que eu acho que ou a gente erra no processo de transmitir a informação, não sei o quê que tá errado ali no processo, que às vezes as pessoas têm uma dificuldade maior de entendimento e tal.

Mas dentro do movimento sindical eu cresci, eu sempre me espelhei muito nas pessoas, então eu não fui uma pessoa que talvez pedi tanto, né... mas eu observava muita coisa, foi aí que eu fui conhecendo e fui me apaixonando pelo movimento sindical. **Eu acho que eu ainda me considero uma pessoa em transformação**, né, mas eu vejo o meu antes, não que era vazio, não! Muito pelo contrário, foi uma bagagem que a gente carrega dentro da gente e tal. Mas eu não tinha a visão que eu tenho hoje. Eu acredito que o antes, foi necessário pra talvez, eu chegar onde eu cheguei, né?! Com certeza, foi necessário, mas com certeza não era uma pessoa com a bagagem que eu tenho hoje.

Eu era uma pessoa, tímida, eu não me expressava em público, sempre dizia que eu não servia pra ser vendedora. Até hoje eu acredito, que se eu tivesse que depender disso eu não dependeria [risos]. Mas **eu sempre gostei de atender o público, isso eu não tinha dificuldade**, mas eu era pra falar em público **jamais falaria em público**, nunca aceitei, porque o meu trabalho de faculdade já tava acho que um ano e meio dentro do sindicato, agora tô 10 anos formanda já [em administração] **eu vermelhei toda assim... eu lembro que eu tava vermelha, do fio de cabelo até a última unha do pé sabe?! Então não me expressava publicamente, não me expressava. E tanto que mesmo trabalhando com público desde que eu entrei na prefeitura eu trabalhei com público, eu trabalhava na secretaria da educação, mas nunca fui falar na frente dos professores. Sempre atendi os professores, atendi as escolas, mas nunca eu precisei protagonizar nada, né?! Só se não que fosse pra um grande público. Então eu era uma pessoa bastante fechada, uma pessoa bastante tímida**, não vou dizer sem perspectiva, porque isso eu sempre tinha né?!

É... dentro de mim, que eu queria crescer, que eu queria evoluir, né?! Ah... que **eu queria plantar boas sementes**, isso sempre foi uma caminhada desde criança, desde adolescente, então, não que eu não tenha feito nada de errado, muito pelo contrário, **a gente erra também**, mas a gente sempre tentou seguir uma linha de valores, de princípios, enfim, mas com certeza **eu era uma pessoa muito mais fechada, uma pessoa tímida**, uma pessoa que muitas vezes não enfrentava... **não vou dizer que não enfrentava, mas que muitas vezes deixava de conquistar algo porque achava que não era capaz**, isso eu tinha.

Aí quando entre **no sindicato eu era auxiliar de escritório, né. Mas fazia tudo e ainda fazia faxina no sindicato** [risos]. Nessa função foram nove anos, ia fechar 9 anos dia primeiro de julho e eu saí em metade de junho, mais ou menos. Aí eu vim pra regional, pra ser assessora na regional.

[eu perguntei para ela o que faz uma assessora e ela em meio à risos altos repete a pergunta para si mesma, nisso eu emendo e pergunto o que não faz uma assessora. E então em meio a um arregalar de olhos e uma puxada de ar ela responde:]

Eu sabia que ser assessora é uma função muito gratificante, mas ao mesmo tempo uma profissão que exige bastante. Muitas vezes as pessoas que estão fora... às vezes eu até colete alguns comentários que surgem, tipo... hoje de manhã quando disseram que o presidente de um dos sindicatos aqui da regional também vai pedir uma vez por mês pra eu tá lá no sindicato dele e tal... **as pessoas têm um entendimento de que eu não tenho nada assim pra fazer, sabe?! De que eu vou lá, passeio de carro e que eu vou lá, faço a atividade e deu né.** Mas, não é assim, né?! **Eu trabalho com a formação de diretorias. Com as comissões de jovens, de mulheres, de aposentados, tem todo um suporte que a gente dá pros sindicatos.** Não parece, se a gente fosse medir o que a gente faz fora de hora, e fosse pontuar...

Eu sempre digo que queria ser organizada que nem a extensionista lá do escritório da Emater de Esperança, chega uma pessoa dentro da Emater, ela anota e anota o quê que ela veio pedir de informação, eles têm um controle assim óh de dia após dia lá, né. Mas é pela organização que ela tem. E eu sempre digo que eu gostaria de fazer o mesmo, de chegar assim no final do dia e ver quantos entraram em contato comigo pedindo informação, isso e aquilo, **a verdade é que a gente é meio que multifuncional. A gente trabalha em todas as áreas, né?!** Que nem essa questão da feira da Cotricampo [Cooperativa Triticola Mista Campo Novo Ltda.], é algo totalmente novo ainda pra nós dentro da Regional. E a gente foi se habituando, foi entrando no processo, então às vezes são coisas que eu não me imaginava organizando, hoje a gente faz de uma forma natural.

A gente vai tropeçando e vai errando e vai aprendendo, e vai indo, sabe?! Mas dizer que tudo que envolve movimento sindical, envolve também assessoria. Dá esse suporte pros sindicatos, é auxiliar funcionários, é tirar dúvida, é mostrar o caminho. Eu gosto que as pessoas sejam independentes também. Então que nem hoje de manhã: um associado fez contato comigo e tinha uma dúvida quanto uma questão de uma multa lá de inspetoria, aí eu disse pra ele fazer contato com o pessoal da Política Agrícola porque ele me questionava uma coisa que

eu tava dizendo que era diferente. Bom, daí eu disse pra ele que se a Receita Federal te disse algo diferente, então questiona a Federação, porque **se eu entregar tudo pronto, sempre vai existir cada vez uma dependência maior, não... eu vou ligar pra Girassol, a Girassol vai fazer**. E não é que a Girassol não quer fazer, a Girassol gostaria de fazer tudo, mas se trazem pra mim, às vezes acaba demorando dois, três dias pra mim poder dar o retorno. Em função de tudo que a gente tem que fazer, né.

A própria questão de cuidar da formação, tanto dos dirigentes e dos funcionários... a gente sabe a importância que isso tem. Mas não adianta eu fazer, e fazer de qualquer jeito, então é um processo que vai demandar do nosso tempo, da nossa dedicação. A própria questão do questionário [questionário para conhecer a realidade dos jovens da região], a gente precisa cobrar dos dirigentes, e aqui eu não incluo a Margarida junto nesse processo, porque a Margarida é diferente [risos], não só ela, tem outros dirigentes que são diferentes, que são comprometidos com o processo. **Mas se nós fosse deixar o questionário pros dirigentes tomar a frente, a gente sabe que não ia acontecer.** Porque dentro do movimento a gente escuta muito as pessoas falando... hoje assim, não consigo ver um dirigente cobrando: ***Que retorno que o jovem vai dar pro movimento? Eu Não consigo! Me enlouquece. E se depender de algumas pessoas, os jovens não vão pra Brasília,*** e a gente não pode dar tratamento diferente pros jovens, pras mulheres, pros aposentados. A gente tem que dá o mesmo tratamento, a organização deles não tá bombando que nem a das mulheres, não tá.

As mulheres quando começaram também foi assim, também precisaram de um tempo pra elas serem independentes, pra elas fazer as coisas acontecer, pra se as mulheres decidirem fazer uma rifa, elas vão lá e vão fazer, elas não vão precisar depender de outras pessoas pra dá esse aparato, sabe?! Então, muda todo o contexto. Pra mim, **eu acredito que a gente precisa dá esse suporte,** assim como é pros aposentados também, a gente precisa dar esse suporte inicial pra eles. Então, o trabalho de assessoria vai muito amplo.

E o trabalho com as mulheres... [risos] Sabe que esse foi quando **eu disse sim** pra assessoria regional? **Eu não dormi nada naquela noite,** é assim né... isso é fato né! Eu não tenho vergonha de contar, porque eu sempre dizia, bom, trabalhar com mulheres acho que era a única coisa que eu achava que eu ia saber fazer, mas meia boca, sabe?! [risos] Eu não me via fazendo o trabalho que a ex-assessora tava fazendo. E aí, **cheguei em casa e bateu o desespero,** tipo assim, **tenho que fazer formação com a diretoria,** aí bateu mais o desespero, né?! **Quando eu disse sim, na verdade, eu sempre digo que o sim não fui eu que disse, foi outra pessoa que disse por mim sabe?!** Por isso que eu acredito que eu ainda tenho força pra continuar. Porque o meu sim **naquele dia que eu disse sim, ele veio muito forte,** mas não veio

uma coisa só minha, veio parece um algo, uma pessoa, ou alguém que disse sim por mim. Isso eu relaciono muito com uma mulher em Esperança, que ela sempre diz, que ela sofreu muito pra fazer a carteira de habilitação dela, não reprovou, mas que a pessoa que guiou o carro dela e que fez ela passar diz que foi outra pessoa, não foi ela. E eu sempre relatei que quem disse o meu sim pra assessoria, também não fui eu, né?! [fala entre risos]. **Foi algo muito mais forte, sabe?!**

Aí que a gente começou, e **o trabalho com as mulheres eu acredito que ele só é da forma que ele é, e da forma que ele tá organizado, porque nós temos a grande líder que é a Margarida**, que tá conduzindo. Porque a gente sabe que trabalhar com as mulheres antes da Margarida era um trabalho e depois dela é outro. Então por isso que **hoje a gente sofre muito preconceito**, e a gente sofre muita cobrança por causa disso, porque o trabalho que vinha sendo feito antes... a regional falhou em não ter dado suporte talvez que precisaria, não se dava a importância, porque a forma como a pessoa, colocava a situação, coloca numa maneira que recuava no primeiro não, né?! E por isso que foi acontecendo, tudo que foi acontecendo e aí houve então a troca. **Aí chega uma pessoa que não desanima no primeiro não! Que o não já tem, então vou em busca do sim, eu vou guerreando, eu vou indo, eu vou indo e podem dizer quantos não quiserem eu vou tentar o sim, até que eu consigo! E isso hoje causa, muita estranheza, causa muuuito problema!** Isso aí vocês já visualizaram isso. **Mas trabalhar com as mulheres é muito gratificante, porque o que tu propõem pra elas fazer, elas fazem. Só que também é um público** que, vamo ser bem sincera, **é bem complicado trabalhar né?!**

Imagina uma tropa toda junta, **eu tinha muito medo de viajar com elas pra Marcha das Margaridas sozinha**. Eu pensei: **Meu Deus! E se começarem de brigar, vai ser um “tendéu” que ninguém mais vai se entender** [risos]. Então a gente sabe que ao mesmo tempo que é gratificante, que tudo que tu propõe elas fazem, que se eu preciso de três mulheres pra fazer isso e isso, não interessa... pra mover montanha, **se é pra tirar terra do lugar e coloca em outro, elas vão tá presente. Só que ao mesmo tempo grande parte de nós mulheres, faz criticar outra mulher, né?! É questionar a outra mulher, ela não questiona o homem como ela questiona uma companheira de luta.**

Mas assim, a Marcha foi uma experiência totalmente nova, porque eu estava coordenando aquele grupo, então em alguns momentos talvez eu não estava tão focada no processo ali, porque eu tinha aquela preocupação de elas estarem bem acomodadas. Mas foi **uma experiência muito boa, muito bacana, de ver essa diversidade e de ver o quanto as nossas mulheres sofrem ainda**. e de nós ver que através do nosso trabalho, da nossa união, da

nossa persistência, a gente conseguiu viajar confortavelmente. **A gente conseguiu ter momentos de lazer... E a gente viu que a realidade do nosso país não é assim, né?! A gente viu lá, mulheres, homens, enfim... com crianças, dormindo todos lá naquele estádio, que era uma imensidão de grande, só que ao mesmo tempo, pessoas extremamente felizes!** E pessoas que como nós temos uma vida que não é fácil, **as nossas mulheres também tem uma vida que não é fácil!** Mas a gente viu uma outra realidade, que dá pra se dizer que **mesmo tendo todos os problemas que ainda a gente tem, que ainda a gente tem violência aqui, que ainda a gente tem preconceitos pra serem quebrados, barreiras pra serem quebradas...** a gente vê que dentro do nosso país isso é muito forte, muito presente também, né.

...Então foi uma experiência muito boa! Ver essa organização... **acho que principalmente a gente viu a força que a mulher tem. Porque tu botar 100 mil mulheres num Distrito Federal não é tão simples assim e a gente sabe que os homens não conseguem fazer isso, né?! Mas eles também não conseguem reconhecer o que a mulher faz.** Que quando é pra ir, ela vai. **E prova disso foi o nosso oito de março ano passado, né Margarida?! A gente contava aí com a presença de 130 pessoas, no dia veio bem mais do que isso, choveu e mesmo abaixo de chuva elas foram. Bom aqueles cartazes se desmancharam todos, porque só tinham três que eram de pano e o resto era de papel e com aquela chuva eles se desmancharam, mas elas foram vibrando, e foram cantando até chegar de volta.** Então acho que deu pra ver o quanto a mulher é guerreira, o quanto a mulher é forte e o quanto se ela quer alguma coisa ela vai até o fim.

...Então, **a gente tem mulheres que sofrem, mulheres que sofrem preconceito... a gente passou...** vocês presenciaram a situação lá de Redentora, que eu não presenciei, que eu não tava aí, e que vocês presenciaram, e que tá no nosso meio ainda, acontecendo. **Que ainda são coisas que a gente precisa vencer.** E que a gente vai vencer um dia né?! **Eu espero que um dia a gente possa olhar e dizer que a gente não tem mais violência, que todo mundo é tratado de forma igual. É difícil? É! Com certeza, é!** Mas deu pra ver que esses movimentos, eles precisam acontecer porque se depender de algumas pessoas a Marcha morre, ela acaba morrendo. Então, vai depender muito da liderança que nós tiver sempre a nível de CONTAG, sempre a nível de estado, porque senão ela acaba deixando de existir.

Festival da Juventude vai ser da mesma forma, acho que por isso talvez me causa tamanha, não sei se indignação, mas tamanha... de as pessoas questionarem o retorno que essas 40 mulheres [que foram na Marcha] deram, pra regional? ***Qual o retorno que essas 40 mulheres deram pro movimento sindical?*** E que agora tá sendo questionado: ***quê que esses 8 jovens, vão***

fazer em Brasília? Eles tão indo lá lutar, lutar pelos direitos deles, eles tão indo lá lutar por políticas públicas que eles acreditam que é necessário e que é importante. As mulheres não é diferente, não foi diferente. E são as únicas mobilizações que ainda acontecem, a nível de país, e elas acontecem só de 4 em 4 anos, mas que se nós deixar, os homens mandarem: eles vão tomar conta.

E a gente tem uma discussão muito forte em relação a questão de cotas. E muito forte mesmo e muito presente, e eu acho que tem duas pessoas dentro da regional que vão sempre dizer que elas são necessárias sim. Porque existe um grupo de pessoas que dizem que não, que não precisa de cota, que eu tenho que conquistar o meu espaço, por méritos meus, que não sei o quê... me desculpe! Se nós não tivéssemos as cotas nós não teríamos **Marcha das Margaridas, nós não teríamos festival da Juventude**, que não é festival da canção [se referindo à comentário em tom de deboche dos homens]. Tem os momentos de lazer deles? Claro que tem, mas **lá tem muito conhecimento, muita troca de informação, eu tava olhando a programação, tem amostra dos saberes e dos sabores e muitas outras coisas.** Então ali tu vê assim, a **diversidade**.

Por exemplo, tu pegar um jovem, lá de Esperança, um jovem de Derrubadas que não conhece Brasília, só que **além dele conhecer Brasília ele vai conhecer uma diversidade de um país inteiro, eu acho que só por isso já valeu a pena.** Por ele conhecer, essa luta, por ele conhecer do quão mais que todo mundo junto é mais forte, ele pode querer se associar. Eu acho que é muito grandioso esse movimento sindical se a gente parar assim pra analisar né?! Então, **essa luta é necessária, ela é importante. E ela não pode parar. E se nós não tivéssemos hoje as cotas que garantissem a presença das mulheres e dos jovens dentro, nós não teríamos. Pode ter certeza disso! Infelizmente.**

[em meio a sua fala, ao retomar a força que, segundo ela é muito necessária para atuar no movimento, ela menciona uma situação ocorrida com ela a pouco tempo e que ainda é muito presente. – os detalhes foram preservados e o nome da pessoa foi substituído por Cacto].

Eu hoje vejo, que é perante tudo que a gente já passou sabe?! Que eu passei por esse processo, eu tenho essa dificuldade hoje de relacionamento com o Cacto que é muito visível né. Então, isso tá impregnado, é público já, não é mais uma coisa que tipo é duas, três pessoas que sabem... não é eu e ele, né?! Isso se tornou público, não sei porquê cargas d'água ele faz questão de me questionar, de fazer tudo sempre publicamente e daí o último fato foi na reunião [menciona qual]. Eu acho que talvez pra isso sabe... Eu busco essa força, porque eu acho que

as pessoas que estão por trás do processo, que não conhecem essa situação, elas não merecem nem ficar sabendo disso e que o trabalho que a gente desempenha é importante pras pessoas. Talvez, se nós tiver num grupo de 10 pessoas, talvez eu não faça diferença pra oito, mas talvez a gente faça pra duas, ou a gente as vezes só faça pra uma e a gente fez a diferença pra essa uma.

...E a gente não pode desistir por essas pessoas, né?! **Quando vem a cobrança, quando vem o preconceito, quando vem as piadinhas, né... Tenho sofrido muito com essa questão de dizerem que eu sou lésbica, né... então isso aí tem afetado bastante, tem afetado inclusive a minha relação lá com o município. Então tomou uma proporção hoje, que... hoje nós não conseguimos mais mensurar a proporção que ela tomou, sabe? Então, hoje a minha amiga começou a namorar, graças a Deus! [risos]. E eu sempre digo que eu tô meio que com o texto pronto pra poder colocar nas redes sociais, ao mesmo tempo que eu tenho texto pronto pra colocar eu me questiono, bah, tipo eu sou uma pessoa pública né, se eu falar eu posso ser vista com maus olhos, mas às vezes eu penso que a gente não pode se calar sabe, que as pessoas, elas têm que mudar, sabe?!**

Eu penso, que a gente precisa ser forte! Buscar essa força porque a gente precisa fazer com que as pessoas mudem, que as pessoas que julgam as outras, sabe? Que elas vejam o ser humano como elas mesmas. **Se os mandamentos de Deus é pra gente amar o próximo e a gente usa a nossa boca pra fazer maldade pra outra pessoa a gente não tá fazendo esse amor, não tá praticando esse amor ao próximo!** Porque se eu tô fazendo pra uma outra pessoa é como se eu tivesse fazendo pra mim mesmo né?!

...Dentro da regional isso também tem respingado, sabe?! Tá um processo assim... bem complicado. Tomou uma proporção muito grande isso e **eu não vejo que eu tenha feito algo pra contribuir, as pessoas que convivem comigo sabem que eu não sou.** Então não sei porquê cargas d'água, começaram de falar, até sei... **Eu hoje me considero uma pessoa sem preconceitos em relação a isso, porque graças ao movimento sindical eu tive como vencer isso. Eu era uma pessoa muito preconceituosa em com isso.** E não é que... às vezes as pessoas dizem: *Ah Girassol não dá bola pra isso, tu é muito mais forte que isso. Só que lá no fundo acaba afetando, né?! Não é de “varde” que a gente busca terapia pra conseguir dá uma desfocada e dá uma relaxada porque acaba prejudicando.* A gente vê assim, o quanto ... eu sei assim de pessoas que se afastaram por causa disso, **eu sei de pessoas que não vem ao nosso encontro em função disso, sabe?! Então... tem os nossos filhos que já foram questionados sobre isso,** então, sabe... tomou uma proporção que a gente não consegue mais mensurar. E

esses dias meu pai inclusive enlouqueceu, disse: **Mete pra justiça, faz eles provar!** Daí eu disse, pois é eu vou botar eles na justiça, eu vou te que consultar inclusive teu compadre.

...Todo dia junto e aí fazendo... sabe?! **Que tipo de amizade é isso, sabe?! Que tipo de pessoa é isso, sabe?!** Tem alguma dúvida, senta conversa, dialoga, sabe?! **Se fosse... não julga, não aponta o dedo, sabe?!** E eu aí já deixei bem claro que não. Eu disse pra minha amiga, pro carinha que ela tá ficando, se prepara no momento que vocês assumir vai vir a cobrança, vai vim outros tipos de piadinha, né... que tu tá pegado nós duas, porque né?! Como é que é ficar com uma pessoa que já se relacionou com outra mulher? Essas coisas vão vim, então são relações preconceituosas e tal... Não me entenda que eu tenha algo preconceituosa, eu não sou! Mas hoje assim eu tenho ficado bem indignada com essas coisas, sabe?! **A gente precisa fazer com que as pessoas mudem essa forma de agir, sabe?!** Essa forma delas é muita maldade. As pessoas são muito más, sabe?! Ahn, por exemplo que nem hoje, eu não consigo mais ter uma convivência legal com o Cacto, porquê eu conheci o outro lado dele sabe?!

6.5 CENA – ENCONTROS QUE ECOAM: AÇÕES CONSTANTES PARA ALÉM DO IMAGINADO

Por Margarida, Girassol, Azaleia e por mim

[Fragmento de relato de Margarida:] Deu início a partir dali... a gente estava fazendo a formação quando elas [comissão de mulheres nível estadual] passaram pra nós que precisávamos fazer um projeto, daí quando eu falei pra Girassol, ela disse: *Bãh Margarida, maravilhoso! Vocês já têm um projeto né, começado.* Eu disse pra ela: Tu fala no Horto? [Ela:] *Sim! Esse é o Projeto que vocês já vão poder apresentar.* E daí se fortaleceu cada vez mais. E lá eu tinha desafiado já, que aquilo não ficaria só lá, que nós iria trabalhar em todos os municípios, porque daí a gente viu naquela caminhada lá em São Martinho, que todos os municípios, o pessoal da saúde tinham sido desafiados a fazer, e tudo juntou. E a gente conseguiu construir isso tudo, né?!

[Perguntei para ela quem teve a ideia de fazer o Horto lá em São Martinho.]

[Margarida me respondeu:] Isso veio da comissão [regional]. Quando a gente reuniu com as mulheres... a gente assim óh, quando a gente vai fazer o próximo encontro, a gente chama as comissões e a partir delas, a gente faz o que elas trazem, né?! A necessidade delas. E

lá em Campo Novo, aquele dia foram duas sugestões, foram as plantas medicinais que foi de uma jovem, que ela é muito atuante e tinha vindo também pra gente [outra ideia] fazer um trabalho pra gente ajudar o hospital lá de Campo Novo, que até então a ideia era pra fazer o encontro lá em Campo Novo. Daí, a ação era pra nós recolher as coisas pra ajudar. Mas aí como a gente viu que a necessidade... elas traziam muito a importância de conhecer os chás, porque a gente tinha que resgatar, e eu também via essa necessidade. Porque quando na campanha eu visitei, eu me deparei muito com as mulheres amarradas num pacote de remédio, com a história da depressão, né?! E eu me sentia muito na obrigação de fazer algo pra trazer aquilo que eu tenho na propriedade, pra melhorar a minha autoestima. Dentro disso, eu sentia muita vontade de fazer algo pra ajudar essas mulheres. Porque me decepcionou muito assim, por exemplo de eu chegar na casa delas e elas vim com aquela satisfação que ela tinha aquele pacote de remédio e era a saúde [secretaria do município] que tava ajudando ela, né?! Ela tava realizada! E ela tinha obrigação de votar no pessoal da saúde. Tanto que elegeram três ali dentro da saúde, né?!

Depois disso que elas trouxeram essa demanda, a gente viu então a importância de tá trabalhando com os chás, de como fazer essa construção. De um espaço onde pudesse tá trabalhando com os chás, que daí como foi decidido o encontro em São Martinho, daí a gente tinha que conversar lá, tinha que arrumar o espaço lá, né?! E nós temos o coordenador de lá que é muito parceiro nisso, a companheira dele que é de lá também, muito parceira né?! Muitos anos que ela também tá no movimento e a gente foi buscar a Saúde [secretaria], porque a gente busca no município de trabalhar com o pessoal da saúde, da Emater, tudo. Pra trazer pra gente deixar o nosso legado. Porque a gente faz a ação e deixa um legado no município. Que os outros vem ajudar hospital, dá isso, aquilo... que lá em Crissiumal a gente ajudou o asilo e São Martinho foi então, pra deixar esse legado lá pra elas continuarem trabalhando com os chás, onde que surgiu a ideia. Daí depois dessa construção do horto. Nessa conversa que a gente buscou a Emater e o pessoal lá, eles falaram que a ideia era construir o horto. E aí, juntou tudo, né?! Daí a gente deu a ideia pra eles, então de eles construir, eles cederam um espaço que ficou um espaço bem legal, entre a Emater, na frente do Sindicato, tem secretarias ali... tem a câmara de vereadores, e aí que começou. Foi de uma demanda delas, que agora então pro ano que vem a gente começa a buscar demanda delas pra gente fazer o próximo encontro.

[E então perguntei como tem sido o trabalho com o horto. Ela suspira e responde:]

[Margarida] Ahh desafiador assim... bastante! eu não esqueço da moça do Sicredi quando a gente conversou com vocês [minha colega e eu], vocês escreveram esse projeto,

quando a gente foi buscar os recursos, e ela ficava escutando nós, assim, atentamente, e no final ela disse: *A minha preocupação é o cuidar depois*. Ela disse: *eu conheço vocês, vocês vão fazer as coisas acontecer, mas o difícil de tudo isso vai ser o momento do depois*. E esse tem sido o desafio, isso que a Girassol colocou, é uma preocupação minha também, é o cuidar agora. O horto foi feito, tem horto que a gente sabe que morreu todos os chás que eles plantaram de novo, mas eu acho que assim... é um aprendizado também. Porque nem tudo na vida que você faz, você consegue manter, e agora a gente vai ver nos municípios que tem esse envolvimento com as secretarias, que se realmente o pessoal tá preocupado com isso.

Aqui por exemplo, no começo a gente sofreu um pouco falando aqui dessa construção que a gente fez [em Derrubadas], a ideia era pra ser num espaço lá perto, mais da prefeitura, algo assim, e não aconteceu lá, sabe?! E veio pro lado do sindicato, por isso o Sicredi é muito importante, como cooperativa, e o moço que trabalha aqui, a gente chamou pra uma reunião porque a gente via que não ia acontecer, né?! O poder público não tava interessado, eles têm essa obrigação de trabalhar, mas eles não tão preocupado porque isso dá trabalho, né?! Exige... Eu tinha já ido lá trás medido o espaço, que eu disse que eu ia começar, eu ia dar um jeito, eu ia construir, e daí a gente veio pra uma reunião, tava nós da comissão, o pessoal da prefeitura não veio ninguém, da câmara não veio ninguém, e veio o pessoal do Sicredi e Emater. E daí ele [moço do Sicredi] disse assim: *Dizendo algo pra você, não é local pro horto. Ia ser lá trás do sindicato. Nós não tamo trabalhando pra comunidade? Então não é o espaço adequado*. O tanto que ele deu a ideia ali do lado, e ali tinha um pé de manga e aquilo era uma descida enorme né?! E daí o desafio foi maior ainda. Pra gente não tirar dinheiro do caixa, a gente foi atrás de parceiros e a gente conseguiu tudo isso dali.

Nos outros municípios não foi diferente, foi bem desafiador, porque a gente encontrou esse problema com a Emater, né?! [ouve falha comunicativa e alguns atritos] Que a gente não esperava em momento algum, nosso trabalho assim, de ouvir essas críticas né?! E também a gente fica muito grata à pessoa da Emater que ouviu isso e veio falar com a Girassol, que como ela conhecia bem ela, não achava justo da forma que eles criticaram, da forma que eles se acharam donos do projeto, que surgiu lá com as mulheres. Eu imagino assim, por a gente tá recebendo esses mil reais do Sicredi que eles entenderam que nós tava recebendo, que nós tinha que dar conta [prestar conta]. Porque quando a gente chamou o pessoal no município, a ideia era pra uma construção coletiva, pra envolver e teve município onde o presidente se encolheu e não puxou a frente, meio assim, as mulheres foram ao encontro da Emater e eu acho que aconteceu essa desconfiança por nós tá recebendo e não tá fazendo as coisas, né?! Por isso que eu sinto muito hoje, que eu falhei nesse sentido, porque eu não pude tá lá, no município com

eles e na verdade também, eu imagino que não era meu papel, era construção deles lá. Porque quando a gente fez a apresentação do projeto, estava todas as entidades e todo mundo se comprometeu, só que depois todo mundo fugiu e nos municípios onde o presidente não foi atuante houve uma resistência muito grande, e a Emater acho que também se sentiu assim, que não era papel dela.

Então é bem desafiador, mas como a gente tá vendo agora, quase 100% em todos os municípios eu acho que a gente já fez uma boa parte, agora é trabalhar pra que os municípios realmente mantenham. E aqui a gente já vê o pessoal vindo buscar chá, mulheres pulando por cima da cerca, que já acompanharam tirando um chazinho pra filha lá dentro. Esses dias a funcionária do sindicato contou essa situação, ela nem entrou pelo portão, ela pulou por cima, foi lá, escolheu tudo o chá que ela queria e foi pra casa né?! Então, por essas ações, mesmo ela fazendo aquilo, que ela podia ligar pra nós, pedir o chá, porque é pra comunidade...

...Vista Gaúcha assim... [dizendo sobre um jovem desse município] o dia que vocês tiverem a oportunidade de falar com esse menino, no momento que ele deu o depoimento, que não faz muito que eles terminaram lá também, aí eu vi assim óh, o quanto vai ser importante lá naquele município. O menino que se curou, através dos chás... é desafiador mas ao mesmo tempo é gratificante, que vai fazer muita diferença pras famílias, pras mulheres, se envolverem, o resgate pra elas cuidar mais o chazinho, a troca das experiências, da formação, né?! E pra mim, assim eu acho que também traz muito o que eu aprendi com a mãe no passado que pra nós era uma dificuldade de toma um copão de suco do dente de leão que ela fazia, e ela não tinha formação, faculdade, nada! Mas ela aprendeu que aquilo era pra gente não ter anemia né?! E nós tinha que tomar, cada vez tinha que tomar um copo daquilo!

Então hoje, a gente tem esse desafio, agora que a gente vai fazer a placa né?! Vai fazer as indicações dos chás, o livreto esse ano... esse é o desafio. E daí tem uma formação... [tenta se recordar do nome do curso...] eu esqueço fácil os nomes, que a gente pretende numa comissão de 4 ou 5 mulheres fazer a formação, pra depois ir multiplicar com elas. Mas assim, tem sido bem importante, aquilo que eu vi naqueles punhados de remédio que elas traziam, que elas tavam tomando aquilo, que elas precisavam que continuasse o mesmo partido, que elas não podiam votar contra, né?! Vai surgir dentro dessa caminhada, vai surgir muitas delas que vão tá envolvidas no processo de formação, né?! E usando o chá que ela tem lá na propriedade. E as vezes ela não tem conhecimento. É mais difícil você fazer o chá, as vezes a forma você não sabe nem fazer né?! Mas eu me deparei muito na campanha e eu acho que dentro disso também me fortaleceu, a lutar mais pelo horto.

[Dialoguei com Girassol também sobre a experiência do horto. E assim como com Margarida perguntei sobre o processo de ver o horto nascer, de ver o envolvimento das mulheres, e como tem sido. Então ela me disse:]

[Girassol] Pra mim o projeto do horto tá sendo um processo de conhecimento pessoal meu. Que diga-se de passagem que se fosse algo que era pra mim implementar eu não implementaria, porque eu não tenho essa ligação com os chás. Porém, hoje, o que eu aprendi a partir do horto, o pouco que eu aprendi acompanhando um pouquinho do trabalho que a instrutora do curso de plantas medicinais fez, acompanhando o mínimo da palestra que eu ouvi lá em Porto Alegre, que nós tava envolvida com outras coisas externas... (fora que eles acabam chamando nós pra fazer lista de presença) eu participei muito pouco e aí quando tu chega e vê aquele silêncio, aquela atenção, tu vê que é satisfatório né?! E que aquilo tá chamando a atenção das pessoas, porque tá tendo aprendizado a partir dali. Então pra mim o horto tá sendo um processo de conhecimento.

Mas ao mesmo tempo eu tô vendo o quanto é desafiador, tu trabalhar um projeto que nós nos comprometemos. E quando eu digo nós, eu e a Margarida que nos comprometemos perante o Sicredi, que nós ia botar o negócio funcionar, né?! Mas a gente vê o quanto é desafiador, que as pessoas elas não têm o mesmo comprometimento, junto com o processo. Então por isso que eu hoje tenho essa preocupação. Nesse tempo é difícil trabalhar esse comprometimento, mas a gente precisa fazer com que elas se questionem, se elas realmente tão fazendo a parte delas perante a importância que isso têm e que elas pediram. Porque eu acho que se tem algo que a gente saiu na frente talvez, ou que a gente foi muito feliz em ter lançado esse projeto e eu digo que esse projeto foi lançado por causa da Margarida que na verdade foi uma demanda que veio delas né?! E foi elas que trouxeram a nós, mas a ideia do projeto em si, por mais que elas tinham pedido, se fosse... acho que tinha saído a ideia delas e tinha sido trazido pra Girassol e aí eu não ia fazer. Então por isso que eu digo que como chegou na Margarida e ela tem esse conhecimento, ela tem essa paixão pelos chás, muda toda a história. Porque que nem a Margarida viu ali, numa demanda delas uma oportunidade de levar pra todos. Eu já não teria... eu não tive a mesma percepção, né?! Então pra mim tá sendo um processo de autoconhecimento, mas também ao mesmo tempo a gente tá conhecendo essa realidade e o quê que é trabalhar e o quê que é desenvolver um projeto. Que eu particularmente não tinha antes, ajudei a desenvolver, mas ser protagonista, ser linha de frente de um projeto eu não tinha sido, né.

Mas as mulheres em si, eu vejo que elas se identificam muito com os chás, isso deu pra ver, que a gente não teve assim tanta dificuldade de mobilizar o público pra participar dos eventos que foi feito por parte do SENAC [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial], e do quanto elas aprenderam. Talvez fizeram uma vida inteira errado e hoje a gente vê elas dando aulas umas pras outras. E aí quando vê as coisas erradas acontecendo, tu vê uma pra outra: *Não pode fazer assim, a gente aprendeu que era diferente!* Então tá sendo um processo de conhecimento acho que pra todos, né?! E também, acho que de quebrar esses paradigmas que se tinha, ah aprendi assim com a vó e tal... são conhecimentos que a gente precisa valorizar? Precisa! Mas a gente viu que talvez o que tava sendo feito, não de forma tão correta, que a gente pode fazer de forma melhor.

E a gente não teve dificuldade de encontrar apoios nos municípios, salva essa questão aí... esse entrave com a questão da Emater... Mas a gente não teve essa dificuldade porque hoje o SUS tá trabalhando isso né?! E aí as secretarias viram em nós as pessoas que iam botar em prática o que eles tinham que botar em prática, o que se dependesse deles botar em prática, eles não iam colocar em prática. Então por isso que a gente não teve dificuldade de terreno, na grande parte dos municípios, que a gente não teve dificuldade de se envolver, deles se ajudarem, e assim se a gente pegar todos os municípios que a gente implementou, a gente não teve dificuldade em nenhuma prefeitura.

Tivemos sim probleminhas, tipo ter que bater duas, três vezes: Ah ajuda aqui, ajuda com material ali. Porque a gente precisa, porque né... isso a gente teve, mas as secretarias em si, porque o SUS cobrava deles que eles fizessem e isso tava engavetado, né?! Isso a gente tomou conhecimento em São Martinho. Eles sabiam que eles tinham que fazer, mas eles foram deixando, foram deixando e foram indo. E quando a gente chegou lá... tanto que se fosse por eles, eles teriam desistido, que eles me ligaram exato um mês antes, um mês e um dia antes do encontro regional de mulheres em São Martinho. Eles ligaram pedindo por favor, desistindo, porque eles não iam ter tempo, porque o cimento tava molhado, que faltava sentar tijolo... imagina, tem um mês ainda! *Mas não é amanhã o encontro?* Não, não é amanhã! [risos] Então deu pra ver assim, que pra eles a chegada do projeto foi algo muito compensador, pelo fato de que eles não precisaram botar a mão na massa, né?!

E eu vejo assim, acompanho um pouco mais de perto o de Esperança, aqui quando eu saio na rua, tu vai ali com o pessoal do CRAS [Centro de Referência da Assistência Social] e tal: *Ah e o horto, tem que ir lá ver se não tá faltando chá, sabe?!* Tem todo um dever de cuidar. Esses dias dei uma passada lá, disse ó tem uns pé de “inço” lá pra nós arrancar. Aí já demo uma encaminhada, já pedimos pro pessoal ir arrancar os “inço”, já foram. Daí pedi pra irem adubar

de novo, que precisa por mais que a terra é forte, por mais que foi bem adubado a gente precisa tá fazendo esse manejo né?! Então pra mim pessoalmente tá sendo de muito conhecimento e eu, pra mim, tem sido uma prática muito gostosa de aprender, sabe?! O pouquinho que eu pude participar até hoje, eu já consigo levar de aprendizado pras outras pessoas e dizer pras pessoas que chá não é água, que ele também precisa ter a sua dosagem, que ele também tem a sua forma de preparo e assim como tu toma um remédio de 8 em 8 horas, também o chá manda tomar de 8 em 8 horas, tem que tomar. Tu toma de manhã no horário, no outro dia tu tem que tomar no mesmo horário, né?! Então assim, foi tudo coisinhas... que eu não participei de nenhum dos dois eventos, todo ele. Eu fui pegando os pedacinhos. Eu fui pra Redentora, eu fui pra São Martinho, eu tive em Derrubadas na finaleira lá, mas foram pequenas coisinhas que tu vai captando e tu consegue passar pra frente, e hoje já eu sou muito adepta ao chá. Então se me disserem: *Girassol toma chá pra curar tua dor de dente, eu já tinha feito* [risos, pois nesse dia estava com dor de dente, após nosso encontro ela foi ao dentista]. E já no passado não era assim, claro que eu não consigo tomar chá de boldo e de marcela, não dá! Não desce, então... [risos].

[Os relatos tanto de Margarida quanto de Girassol dizem respeito ao Horto Medicinal do qual pude contribuir, antes que eu tivesse entendido que a pesquisa de doutorado seria realizada com essas mulheres. A partir da ENFOC minha conexão com as mulheres surge e com a ideia de um projeto que culminava com o fim da Escola, em consonância com a inauguração do Horto Medicinal em São Martinho, no Encontro de Mulheres da Comissão de Mulheres da Regional de Três Passos, e com a demanda das mulheres participantes do evento com relação à construção de hortos em seus municípios de origem, foi construído um projeto simples com base nas informações disponibilizadas pelas coordenadoras da regional.

O projeto era para que elas pudessem fazer arrecadação financeira e articulações com parcerias em cada um dos outros 12 municípios da regional. As parcerias foram estabelecidas, algumas com mais e outras com menos dificuldade, houve arrecadação financeira para a construção e execução, e então todos os hortos, hoje, 2021, estão em funcionamento. Recebo com frequência notícias dos hortos e fotos, todos sendo cuidados. Cada um à sua maneira foi apropriado pelas mulheres e alguns, também, pela comunidade. Esse projeto se desdobrou em vários outros que hoje realizam formações e oficinas de plantas medicinais, PANCs (Plantas Alimentícias não Convencionais), assim como estão se organizando a partir desses eventos na preparação de guardiãs dos hortos, para que o projeto tenha vida longa.

Selecionei um fragmento de relato de Azaleia sobre os eventos que antecederam a Marcha das Margaridas que, em grande medida, dialogou e deu continuidade à ENFOC e tudo

que nela foi vivenciado. O relato ilustra as conexões entre os eventos formativos e a expansão ocorrida à exemplo do projeto desenvolvido na regional de Três Passos].

[Azaleia] Os 10 eixos da Marcha é um pouco nisso né?! E agora mesmo a gente fez a nossa programação pra curto, médio e longo prazo pautado nos 10 eixos da Marcha. Entra tudo isso, agroecologia, cuidado com a saúde, biodiversidade, tudo isso porque eu sempre digo que o movimento sindical ele, a vida inteira trabalhou muito com o bolso das pessoas né?! O lado social foi meio que deixado de lado. Lá na regional Três Passos, eu sempre digo assim: Que depois do nosso curso do ENFOC mulher, que vocês puderam contribuir, a gente teve um crescimento fantástico na nossa organização no estado por conta desse gosto [conexão com a natureza], né?!

Eu digo, as pessoas têm que querer fazer a diferença, e a regional Três Passos a gente sempre teve uma dificuldade com aquela nossa coordenadora que ela não conseguia dá um passo pra frente, depois que a Margarida assumiu, fez o curso, ela participou, aquilo lá tá bombando né?! Tem grupo no sindicato, elas estão envolvidas, aí eu fico tão feliz quando a gente vê isso, né?! Esse crescimento né?! E assim também na Regional litoral, a gente teve um avanço bastante interessante, na própria região sul, minha Santa Maria que não deu em nada! Não deu em nada! [desapontada]. Mas assim óh, a mulherada tem que se envolver né?! Eu sempre falo pra elas que se vocês querem trabalhar, vocês têm com o que trabalhar, mesmo o sindicato não permitindo, né?! Porque a gente tem muito essa dificuldade, assim óh, a gente tem muito sindicato que não quer abrir as portas, tipo... parece que se a mulher começa a fazer alguma coisa, *não é pra fazer*. Então tem muitas que tem medo, tem receio, não falam, e algumas que peitam, vai embora né?! Só que é difícil! Mas não dá pra desanimar. Não dá pra desistir!

[Desde o ano de 2000 ocorre a Marcha das Margaridas, inicialmente em articulação coordenada pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG, a partir da organização da Comissão de Mulheres, que passou a compor cada Federação que compõe a Confederação.

A Marcha das Margaridas é aqui considerada um movimento de mulheres do campo e da floresta [e das águas], que se expressa numa manifestação pública, um ritual político que assume a forma de uma marcha, caminhada, expressão ativa desse movimento, que busca dar visibilidade às demandas dessas mulheres e estabelecer processos de diálogo e negociação com o Estado. [...] A Marcha das Margaridas – cujo nome é uma homenagem à líder sindical rural Margarida Maria Alves –

aconteceu pela primeira vez em agosto do ano 2000, como uma ação em adesão à Marcha Mundial de Mulheres. Então considerada uma das maiores manifestações públicas de mulheres trabalhadoras ocorridas na capital do Brasil, a Marcha, decorrente de um amplo processo de mobilização nacional, com eventos regionais e municipais em todo o País, reuniu em Brasília cerca de 20 mil mulheres procedentes de várias regiões brasileiras (AGUIAR, 2016, p. 280).

MARGARIDA ALVES VIVE EM NÓS! Margarida, mulher nordestina, trabalhadora rural, rompeu com as normas tradicionais de gênero ao ocupar por 12 anos a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba. Sofria ameaças dos latifundiários de sua região, mas não deixava de incentivar trabalhadoras e trabalhadores rurais na conquista de seus direitos à terra, reforma agrária, assim como também melhores condições de trabalho e as injustiças sociais presentes em seu contexto. Fundou o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, quando esteve na liderança do sindicato, para auxiliar no combate ao analfabetismo.

No dia 12 de agosto de 1983, ao 40 anos de idade, esta grande lutadora do povo foi brutalmente assassinada, na porta de sua casa. Mas Margarida espalhou sua semente... seu nome se tornou um símbolo nacional de força e coragem cultivado pelas mulheres e homens do campo, da floresta e das águas. É em nome dessa luta que a cada quatro anos, no mês de agosto, milhares de Margaridas de todos os cantos do país marcham em Brasília, num clamor por justiça, igualdade e paz no campo e na cidade (CONTAG, 2019, p. 6).

Pude participar de um dos encontros regionais, com as comissões de mulheres, onde se iniciaram toda uma organização a nível nacional em preparação para a Marcha de 2019. Nesses encontros são dialogados de forma coletiva os eixos políticos que constroem a pauta da Marcha, sendo eles: 1. Por terra, água e agroecologia; 2. Pela autodeterminação dos povos, com soberania alimentar e energética; 3. Pela proteção e conservação da sociobiodiversidade e acesso aos bens comuns; 4. Por autonomia econômica, trabalho e renda; 5. Por previdência e à assistência social pública, universal e solidária; 6. Por saúde pública e em defesa do SUS; 7. Por uma educação não-sexista e antirracista e pelo direito à educação do campo; 8. Pela autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e a sua sexualidade; 9. Por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem sexismo; 10. Por democracia com igualdade e fortalecimento da participação política das mulheres.

Ao retomar os eixos, me recordo do caminho de volta do dia desse encontro, quando no carro, Margarida relatava, bastante sensível e impactada, o fato de que, ao ficar no grupo que refletiu sobre a autonomia e liberdade das mulheres sobre seus corpos, mencionava que entre elas conversaram sobre os abusos que suas mães sofreram. Dirigir de volta, e relatando seus pensamentos, falava que os corpos de suas antepassadas foram violentados e silenciados, que

isso não podia ser revelado à época, e o quanto isso deve ter sido doloroso e traumático. Enquanto refletia, comentava sobre separações das quais ouvira relatos e já presenciara, e em meio a estrada de chão, quando finaliza sua fala, passando a habitar seu interior, ouço o trepidar do Uno do sindicato e os ruídos de seus pensamentos.

Ao finalizar esse Ato, chamo as Margaridas para que cantem *O Canto das Margaridas*, que ecoa desde os rincões mais profundos do Brasil até Brasília.]

O Canto das Margaridas³¹

(música e letra: Loucas de Pedra Lilás)

Olha Brasília está florida
Estão chegando as decididas
Olha Brasília está florida
É o querer, é o querer das Margaridas

Somos de todos os novelos
De todo tipo de cabelo
Grandes, miúdas, bem erguidas
Somos nós as Margaridas

Nós que vem sempre suando
Este país alimentando
Tamos aqui para lembrar
Este país tem que mudar!

Olha Brasília está florida...

Água limpa sem privar
Sede de todos acalmar

Casa justa pra crescer,
Casa justa pra crescer
Saúde antes de adoecer

Terra sadia pra lucrar
Canja na mesa no jantar
Um mínimo para se ter,
Um mínimo para se ter
Direito à paz e ao prazer

E dentro e fora punição
Pra quem abusa do bastão
Do ser patrão, do ser machão
Não pode não, não pode não
Não pode não, não pode não!

Olha Brasília está florida...

É o querer, é o querer das Margaridas!
É o querer, é o querer das Margaridas!

³¹ É possível ouvir a O Canto das Margaridas na chamada para a Marcha do ano de 2019 pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=xuOFKQb8laQ>

SÉTIMO ATO

“Bem, eu certamente não acho que estamos vendo o fim da discriminação econômica contra a mulher, não acho que vimos o fim da desigualdade ou da hierarquia de gênero. Não acho que vimos o fim da violência contra a mulher, não acho que vimos o fim de certas concepções profundamente arraigadas sobre quais são as fraquezas das mulheres ou sobre a capacidade das mulheres na esfera pública, ou sobre uma série de outras coisas.

Portanto, essas lutas ainda estão muito vivas. Suponho que, para algumas pessoas muito estabelecidas e economicamente seguras, o feminismo já não é tão forte, já não é mais um atrativo, porque elas podem muito bem ser mulheres que hoje ocupam postos de poder e privilégio, ou de segurança econômica, mas isso, com certeza, não é verdade globalmente. Se a gente olha para diferentes níveis de pobreza, diferentes níveis de escolaridade, vê que o sofrimento das mulheres é incomensurável. Então, sim, eu sou uma feminista”.

(Judith Butler em entrevista à Patrícia Porchat Knudsen, 2010, p. 162)

7.1 CENA – RESISTI! FUGI, ATÉ QUE ME PERMITI ENTENDER: O MEU ENCONTRO COM JUDITH BUTLER

Não fazia ideia de por onde começar, eu havia sido apresentada ao gênero como performance no dia da defesa de qualificação pelo professor Rennan Lanna Mafra. Busquei artigos, comprei os livros, tentava ler. Iniciava uma leitura e então percebia o quão densa e profunda ela era, fechava e me dedicava a outros compromissos. Ouvi e ouvi de novo, por inúmeras vezes eu ouvi a gravação do dia da qualificação, tentando buscar inspiração e coragem de adentrar esse novo mundo que se apresentava e eu insistia em fingir que não percebia.

Eu resisti por não entender muito bem como compreenderia o que ela dizia, o que ela propunha, pois muito do que ela falava era absolutamente novo, era impensado por mim. Outra resistência importante era, por como não entender o que ela estava propondo, pensar de que não fazia lá muito sentido refletir com suas proposições as mulheres do rural.

Mas aí pensei: vou entender o que ela está dizendo e aí eu vou poder decidir se faz ou não sentido. Me propus fazer isso, pois a cada tentativa de leitura de seus textos eu sentia incômodos, me remexia, talvez eu não quisesse entender o que ela estava falando, afinal, no momento que eu passasse a internalizar suas contribuições disruptivas, evidentemente a desconstrução seria ainda mais intensa em minha vida. E pra isso seus livros sozinhos não poderiam me ajudar, a dificuldade era real, mas eu precisava adentrar esse novo mundo.

Então, nessa busca de entender seu pensamento, encontrei dois cursos de extensão da FFLCH/USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo) conduzidos pela professora Jacqueline Moraes, disponíveis no canal, da plataforma YouTube, LabNAU-USP (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP). Um deles *Poder e Performatividade Pública: introdução a Judith Butler e Michel Foucault* e o outro, *Nas fronteiras do pensamento de Hanna Arendt e Judith Butler*, este último ministrado também pela

professora Crislei de Oliveira Custódio. E então, só então pude desmistificar o que ela propunha em suas reflexões e aí sim, retornar a seus textos.

A cada encontro com Judith Butler, eu podia perceber o quanto ela dialogava com a pesquisa mediada pelos afetos, tudo que eu lia da Virada Afetiva dialogava intensamente com o pensamento em desconstrução de Butler. Enquanto ainda entrava em contato com as ideias gerais, buscava entender por meio da arte³² o contexto de onde ela inicia sua fala, aos menos nas traduções no Brasil, também busquei as redes sociais de pessoas trans, fui estudar e aprender com.

Entrevistas com Butler me ajudaram muito, afinal seus livros têm uma profundidade filosófica que exigia de mim conhecimento que eu desconhecia, então ouvi-la falar era esclarecedor, eu me sentia mais próxima e em condições de compreender seu pensamento, inclusive fragmentos desses momentos compõe essa experiência. E à medida que eu formava um caminho de elaboração entre as conexões dos conceitos e passava a contatar, mesmo de forma muito breve, os autores que ela dialoga, suas provocações reflexivas me oportunizavam trocas de lentes importantes no auxílio de minha desconstrução, da desconstrução da pesquisa e suporte para possíveis construções. Ou seriam outras desconstruções?

A partir do encontro com Butler e seus tensionamentos sobre a noção de problema, de reconhecimento, de corpo e do gênero enquanto performance e para além de conceitos, percebi o quanto tudo isso habita nossa vida cotidiana, assim como são presentes na nossa relação com o Outro. E Butler, ao propor a inversão do *Cogito* (*Cogito, ergo sum* – de René Descartes), abalou minhas estruturas, mas fez sentido! Fez muito sentido! Me oportunizou outras possibilidades de ver, pensar, interagir com o mundo assim como comigo mesma.

7.2 CENA – RECONHECIMENTO, SUJEITO, PROBLEMA, GÊNERO, PERFORMANCE! TENSIONAMENTOS EM MEIO AOS CAMINHOS COM JUDITH BUTLER

“Os gêneros não são passivelmente inscritos nos corpos e nem são determinados pela natureza, pela língua, pelo simbólico ou pela esmagadora história do patriarcado. Gênero é aquilo que colocamos, invariavelmente, sob controle diário e incessantemente, com ansiedade e prazer” (Judith Butler, 2019b. p. 212).

Feminista, pessoa não-binária, como ela mesma se define, filósofa estadunidense, com descendência judia, Judith Butler nasceu em Ohio em 1956. Desde muito cedo se interessava por filosofia, tendo início seu interesse quando estudava na escola judaica. Doutora em

³² Uma série que muito me fazia refletir sua teoria foi *Pose*.

Filosofia, é Professora de Retórica e Literatura Comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley e titular da cátedra Hannah Arendt na European Graduate School, Suíça. É reconhecida por suas importantes contribuições aos estudos de gênero, filosofia política e filosofia moral. Dentre suas principais publicações estão *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte* e *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Seu nome é expressivo nas discussões de direitos humanos e identidade de gênero, tendo sido muitas vezes premiada, sendo Adorno Prize, de Frankfurt, em 2012, um deles.

Butler é uma pensadora heterodoxa. Não apenas em razão das recorrentes associações inusitadas entre pensadores de linhagens distintas, mas também por conta da maneira que conecta teoria e prática. O seu percurso intelectual extrapola os limites escritos da academia, envolve também uma intensa militância política, principalmente em defesa de direitos das mulheres, de gays e de lésbicas. Ela se esforça para pensar lado a lado teoria e a ação de movimentos sociais: se as práticas devem conduzir a uma reconfiguração de conceitos da teoria, a teoria pode também ajudar militantes a realizar uma autocrítica. Nessa toada, desconfia de certas vertentes do feminismo, sobre tudo as que insistem na centralidade de identidades; mas, ainda assim, afirma que sua teoria faz parte da tradição feminista (PIMENTEL FISCHER, 2020, p. 166).

Carla Rodrigues, professora da cadeira de Ética do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Filosofia, onde vem se dedicando ao pensamento de Judith Butler, diz que gosta de pensar Butler como “uma pensadora em trânsito” e argumenta que é presente nela “um *estilo desconstrutivo*”. Rodrigues (2020, p. 100) ao pensar Butler como uma pensadora em trânsito, nos diz que ela “transita entre a Alemanha de Hegel e a França do início do século XX”, em sua primeira pesquisa. A autora informa que a “primeira geração de leitores franceses de Hegel influencia filósofos como Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean Paul Sartre e a filósofa Simone de Beauvoir”, todos objetos de pesquisa de Butler.

Em Butler, a questão do sujeito é tributária de pelo menos duas fontes: na sua tese de doutorado, o sujeito do desejo de Hegel, perturba o sujeito da razão da tradição filosófica; em sua interlocução com a “virada linguística”, o sujeito passa a ser compreendido como uma rede aberta a sucessivas interpretações. Butler transita novamente, desta vez entre idealismo e o pós-estruturalismo do qual se aproxima em Yale, onde foi aluna de Jacques Derrida e Paul De Man (RODRIGUES, 2020, p. 100).

Estudiosa de Judith Butler, Rodrigues (2020, p. 103) escolhe adotar uma separação da obra de Butler em pelo menos três movimentos com relação ao conceito de gênero, diferente de outras abordagens que optam por dividir em apenas duas. “O primeiro será rebaixá-lo como categoria central da teoria feminista pela sua inevitável ligação com o binarismo da diferença sexual masculino/feminino”. Onde é reconhecida a heteronormatividade como agente central das situações diversas de opressão, “ampliando a teoria feminista para outros marcadores, como

coerência corporal, escolha de objeto de desejo, além de raça em uma interlocução com as feministas negras contemporâneas a ela que estavam formulando a proposição de interseccionalidade” (CRENSHAW, 1989 apud RODRIGUES, 2020, p. 103). A autora ao indicar o segundo movimento anuncia que “Butler cria problemas com o conceito de gênero ao perceber que, embora as teorias feministas tivessem deslocado o fundamento da identidade do sexo para o gênero, ainda era preciso oferecer a um corpo nascido mulher a garantia da passagem ao gênero feminino”. E Rodrigues (2020, p. 103), por fim, menciona o terceiro movimento da obra de Butler sendo este a “permanência do conceito de gênero – como categoria central na discussão ético-política sobre que vidas importam”. Mesmo que para este texto tenhamos um recorte no gênero como performance, é interessante sabermos que após o ocorrido em 11 de setembro a obra de Butler passou a delinear-se de forma distinta. “Se for verdade que a filosofia nasce do espanto, do trauma, pode ter valor de hipótese a ideia de que, assim como grandes guerras na Europa tiveram imenso impacto na filosofia, [...] o 11 de setembro produziu efeito semelhante em filósofos/as contemporâneos/as” (RODRIGUES, 2020, p. 104).

Assim, em meados da década de 2000, com o olhar voltado para a precarização, Butler tem interesse na elaboração de “uma teoria do sujeito que carrega em si o outro [...], sua relação com identidades, assim como o papel da performatividade e da agência se mantém, contudo, constante em toda sua trajetória intelectual” (PIMENTEL FISCHER, 2020, p. 168).

No posfácio do livro *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, intitulado *Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler*, Vladimir Safatle, filósofo, professor e pesquisador no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, nos contextualiza que:

Butler foi capaz de recolocar o problema dos vínculos entre política e moral através de uma radicalização da teoria do reconhecimento na qual as limitações das matrizes normativas da individualidade liberal eram denunciadas. Pelas suas mãos, uma teoria do sujeito fortemente marcada por aportes da psicanálise e por certa leitura da tradição hegeliana servia de fundamento para pensarmos problemas de reconhecimento para além da afirmação normativa do indivíduo moderno com suas exigências de posse de si, seu “individualismo possessivo”, sua autoidentidade e sua redução egológica da experiência. Neste sentido, uma teoria renovada do sujeito aparecia como fundamento para a reconstrução contemporânea do campo da filosofia política e da filosofia moral (SAFATLE, 2019, p. 173).

Safatle (2019) ressalta que Judith Butler “não estava interessada apenas em radicalizar tal problemática ao pensar, de forma conceitualmente mais precisa perspectivas construtivistas de gênero”. Mas sim, seu esforço nos possibilita uma teoria de gênero para além da produção de identidades, “uma astuta teoria de como, através da experiência de algo no interior da

experiência sexual que não se submete integralmente às normas e identidades, descubro que ter um gênero é um “modo de ser despossuído”, de abrir o desejo para aquilo que me desfaz a partir da relação ao outro”. Dessa forma, “não se tratava de entender apenas como os sujeitos são sujeitados as normas sociais e completamente constituídos por elas. Pois de nada adiantaria abandonarmos uma noção essencialista de natureza para cairmos em uma visão identitária de performatividade social” (SAFATLE, 2019, p. 174).

[...] devemos lembrar como Butler aborda os problemas ligados à experiência do sexual em uma era histórica marcada por dois fenômenos centrais, o que define muito da peculiaridade de seu pensamento. Primeiro, a ascensão, a partir dos anos setenta, das lutas políticas de reconhecimento do que fora visto até então como socialmente minoritário (gays, mulheres, negros, travestis). [...] No entanto, longe de aceitar que tais lutas representariam um deslocamento da política em direção ao campo da afirmação de “diferenças culturais” cada vez mais particularistas e críticas a qualquer forma de universalidade, Butler vê em tais lutas a possibilidade do advento de uma forma social caracterizada pelo reconhecimento dos limites de toda e qualquer identidade. Sem procurar recuperar versões substancialistas ou procedurais de universalidade, trata-se de pensar o estatuto da universalidade subjacente às demandas sociais de reconhecimento que não se acomodam a serem meras afirmações comunitaristas. Segundo, um dos impactos importantes de tais lutas foi a modificação das fronteiras clínicas entre normal e patológico, e toda mudança de fronteiras entre normal e patológico traz sempre consequências fundamentais para nossos padrões de racionalidade social (SAFATLE, 2019, p. 176).

“Mas para entendermos como Judith Butler chegou a compreender a natureza do gênero de tal forma descentrada, faz-se necessário alguns passos para trás. Voltemos a 1987, quando Butler publica seu primeiro livro: uma versão de sua tese de doutorado, *Sujeito do desejo*”, obra essa que se centra no pensamento de Hegel, em especial, no conceito de desejo. Com isso Safatle pontua uma afirmação de Butler, nessa obra, que devemos levar a sério: “Em certo sentido, todos meus trabalhos permanecem no interior da órbita de um certo conjunto de questões hegelianas: o que é a relação entre desejo e reconhecimento e como a constituição do sujeito implica uma relação radical e constitutiva à alteridade?” (BUTLER, 1987 apud SAFATLE, 2019, p. 179).

Butler, em *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, ao tratar das *Questões pós-hegelianas*, nos diz que:

no momento em que reconheço, sou potencialmente reconhecido, e a forma em que ofereço o reconhecimento é potencialmente dada para mim. Essa reciprocidade implícita aparece na *Fenomenologia do espírito* quando, [...] uma consciência de si percebe que não pode ser um efeito unilateral sobre outra consciência de si. Como são estruturalmente semelhantes, a ação de uma implica a ação de outra. [...] Quando o reconhecimento torna-se possível entre esses dois sujeitos competidores, ele jamais pode se esquivar da condição estrutural da reciprocidade implícita. Poderíamos dizer, portanto, que nunca ofereço reconhecimento no sentido hegeliano como pura oferta, pois sou também reconhecida, pelo menos em termos potenciais e estruturais, no momento e no ato da oferta (BUTLER, 2019c, p. 40).

Butler (2019c, p. 41) ao falar do outro hegeliano conta que esse “está sempre fora; pelo menos, ele é *primeiro* encontrado fora e só depois reconhecido como constitutivo do sujeito”. E muito embora alguns críticos de Hegel assumam que o sujeito se *apropria* do conjunto de externalidades e passa a assimilar de forma completa o que não está em si, mas sim no exterior. Butler, informa que há outras interpretações do outro hegeliano,

[...] se seguirmos a *Fenomenologia do espírito*, sou invariavelmente transformada pelos encontros que vivencio; o reconhecimento se torna o processo pelo qual eu me torno outro diferente do que fui e assim deixo de ser capaz de retornar ao que eu era. Desse modo, há uma perda constitutiva no processo de reconhecimento, uma vez que o “eu” é transformado pelo ato de reconhecimento. Nem todo seu passado é apreendido e conhecido no ato de reconhecimento; o ato altera a organização do passado e seu significado ao mesmo tempo que transforma o presente de quem é reconhecido. O reconhecimento é um ato em que o “retorno a si mesmo” torna-se impossível também por outra razão. O encontro com o outro realiza uma transformação do si-mesmo da qual não há retorno. No decorrer dessa troca reconhece-se que o si-mesmo é o tipo de ser para o qual a permanência dentro de si prova-se impossível. O si-mesmo é obrigado a se comportar *fora de si mesmo*; descobre que a única maneira de se conhecer é pela mediação que acontece fora de si, exterior a si, em virtude de uma convenção ou norma que ele não criou, na qual não pode discernir-se como autor ou agente de sua própria construção. Nesse sentido, então, para o sujeito hegeliano do reconhecimento, a hesitação entre perda e êxtase é inevitável. A possibilidade do “eu”, de falar do “eu” e conhecê-lo, reside numa perspectiva que desloca a perspectiva de primeira pessoa que ela condiciona” (BUTLER, 2019c, p. 41).

E então Butler (2019c, p. 43) se questiona sobre o que possibilita o reconhecimento “descobrimos que não pode ser simplesmente o outro capaz de me conhecer e me reconhecer como dotada de um talento ou uma capacidade especial, pois esse outro também terá de se basear em certos critérios [...] para estabelecer o que será e não será reconhecível sobre o si-mesmo para todos”, que serviria como um quadro referencial para que eu possa me ver e julgue quem sou. Butler (2019c, p 43). questiona: “Afinal, sob quais condições alguns indivíduos adquirem um rosto legível e visível, e outros não?” e reflete a partir da argumentação de Foucault:

Há uma linguagem que enquadra o encontro, e embutido nessa linguagem está um conjunto de normas referentes ao que constituirá e não constituirá a reconhecibilidade. [...] Foucault escreve: “O que ‘eu’ sou, então, eu que pertença a essa humanidade, talvez um fragmento dela, nesse momento, nesse instante de humanidade que está sujeita ao poder da verdade em geral e das verdades em particular?”. Ele entende que essa “ordem” condiciona a possibilidade de seu devir, e que um regime de verdade, em suas palavras, determina o que constituirá e não constituirá a verdade de seu si-mesmo a verdade que ele oferece sobre si mesmo, a verdade pela qual ele poderia ser conhecido e tornar-se reconhecidamente humano, o relato que poderia dar de si mesmo” (BUTLER, 2019c, p. 44).

“É a partir do saldo de tal problemática hegeliana do reconhecimento que, à sua maneira, Butler aborda questões de gênero. Três anos após a publicação de sua tese, Butler apresenta

este que será seu trabalho mais conhecido” (SAFATLE, 2019, p. 185). É com a noção de reconhecimento como base de seu pensamento e considerando a constituição do sujeito na relação com o outro, assim como a importância do ato de narrar a si mesmo, que se entrecruza suas contribuições acerca da problemática do gênero, entendendo-o como em performance, conceito este que é em movimento, sendo repensado à medida que seu pensamento se desloca no tempo.

Judith Butler em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicado pela primeira vez em 1987, sendo este o primeiro livro dela publicado no Brasil em 1990, o qual já nas primeiras linhas do Prefácio nos explica que não precisamos ter um peso tão negativo sobre o termo *problema*, isso quando inicia sua fala por levantar o fato de que “os debates feministas contemporâneos sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo”. E ao nos elucidar sua compressão do termo *problema* menciona que quando na infância, isso era justamente o que não deveria se fazer, afinal a ato de criar problemas traria problemas para quem o criou. Sobre a rebeldia e a repressão que a acompanha, Butler relata que “a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas. Assim, conclui que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los (BUTLER, 2019a, p. 7). E ela continua:

Observei que os problemas algumas vezes exprimiam, de maneira eufemística, algum misterioso problema fundamental, geralmente relacionado ao pretenso mistério do feminino. Li Beauvoir, que explicava que ser mulher nos termos de uma cultura masculinista é ser fonte de mistério e de incognoscibilidade para os homens, o que pareceu confirmar-se de algum modo quando li Sartre, para quem todo desejo, problematicamente presumido como heterossexual e masculino, era definido como problema. Para esse sujeito masculino do desejo, o problema tornou-se escândalo com a intrusão repentina, a intervenção não antecipada, de um “objeto” feminino que devolvia inexplicavelmente o olhar, revertia a mirada, e contestava o lugar e a autoridade da posição masculina. A dependência radical do sujeito masculino diante do “Outro” feminino expôs repentinamente o caráter ilusório de sua autonomia. Contudo, essa reviravolta dialética do poder não pôde reter minha atenção [...]. o poder parecia ser mais do que uma permuta entre sujeitos ou uma relação de inversão constante entre um sujeito e um Outro; na verdade, o poder parecia operar na própria produção dessa estrutura binária em que se pensa o conceito de gênero. Perguntei-me então: que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna dos termos? [...] Seriam esses termos não problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual de conceituação do gênero e do desejo? O que acontece ao sujeito e à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e reificador dessas categorias ostensivamente ontológicas? (BUTLERa, 2019, p. 7)

E então Judith segue com mais dois questionamentos importantes para a continuidade da leitura e apreensão do que se segue: “mas como questionar um sistema epistemológico/ontológico? Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de gênero que sustentam a hierarquia dos gêneros e a heterossexualidade compulsória?”. E nos aloca com a ideia desse fardo “problema de gênero” dentro de uma feição histórica em que “ser mulher é uma indisposição natural”. Continuemos com mais questões inquietantes apresentadas pela autora em sua introdução da obra: “Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?” e “Que outras categorias fundacionais da identidade – identidade binária de sexo, gênero e corpo – podem ser apresentadas como produções a criar o efeito do natural, original e inevitável?” (BUTLER, 2019a, p. 8).

Judith Butler em *Problemas de gênero* buscou construir uma reflexão desconstrutiva com a intenção de subverter as noções de gênero socialmente naturalizadas que sustentam a dominação masculina, a forma hegemônica pela qual se estrutura a sociedade, bem como o poder heterossexista. Butler entende que “a crítica feminista deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação” (BUTLERa, 2019, p. 20). Ela reflete que:

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do “sujeito” como candidato último a representação, ou mesmo à libertação, como indica que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das mulheres. Os domínios da “representação” política e linguística, estabeleceram *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida. [...] a formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como “o sujeito” do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional. Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos (BUTLERa, 2019, p. 18).

O interesse de Butler, ao invés de formular um modo de vida, está, assim como Adorno e Foucault, em “desfazer (Undo) a lógica que determina que vidas são possíveis ou impossíveis, visíveis ou invisíveis, e, assim, abrir espaço para alternativas radicalmente novas. O seu propósito é, portanto, colocar em questão o quadro normativo que organiza nosso modo de

experimentalizar o mundo” (PIMENTEL FISCHER, 2020, p. 167). Ao pensarmos gênero, o grande obstáculo em refletir suas normas está em reconhecermos sua existência.

Com o auxílio da psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Lacan, Butler mostra que não conseguimos enxergar as normas, pois elas estão ao mesmo tempo fora e dentro: nós as introjetamos e as naturalizamos. Aquilo que tomamos como um atributo que nos seria interno é, entretanto, algo que nós antecipamos e produzimos por meio de atos corporais. O gênero pode ser compreendido, assim como um “efeito alucinatório de gestos naturalizados” (BUTLER, 1999 apud PIMENTEL FISCHER, 2020, p. 171).

A atribuição de gênero sobre nós “é uma enorme prática discursiva que age sobre nós. Somos vulneráveis a essa atribuição e sujeitos a ela desde o início, contra nossa vontade” (AHMED³³, 2017, s/p.). À Carta Capital³⁴, em 6 de novembro de 2017, Judith Butler diz que “talvez “gênero” seja uma palavra que nomeia a circunstância de mudança nas normas sociais. O ataque ao “gênero” provavelmente emerge do medo a respeito de mudanças na família, no papel da mulher, na questão do aborto e das tecnologias para reprodução, direitos LGBTs e casamento homoafetivo”. E acerca do movimento feminista e da nova onda que vem se formando em todo o mundo, a fala dela é:

acho que a violência contra a mulher é uma forte razão para mobilização, mas também é a diferença de renda, e as demandas por educação e igualdade. O feminismo também tem sua própria crítica ao militarismo e ao autoritarismo, que em geral são formas masculinas de poder. Então, o feminismo não é uma política identitária, mas também uma visão poderosa de liberdade e igualdade.

Durante uma viagem à Europa em maio de 1996 ela deu uma entrevista a Baukje Prins da Universidade de Amsterdã e Irene Costera Meijer da Universidade de Maastricht, publicada originalmente no *Signs: Journal of Women in Culture and Society* em 1998 e posteriormente sua tradução na *Revista Estudos Feministas* em 2002 no Brasil. Nessa ocasião Judith Butler ao responder uma pergunta mais ampla, mas que iniciava com “então, não se trata de corpos em si, mas do modo como aparecem no discurso?” ela responde: “eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 163).

Para Butler, em certo sentido nascemos como somos e em outro sentido nos tornamos quem somos. Ela nos diz que nos tornamos queer, por exemplo, mas que também nos tornamos o que somos. Nós nascemos e temos um gênero designado a nós e a partir disso passamos a

³³ <https://www.comciencia.br/entrevista-com-judith-butler/>

³⁴ <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/judith-butler-o-ataque-ao-genero-emerge-do-medo-das-mudancas/>

receber um tratamento específico para tal gênero. Iniciam-se expectativas sobre nós dialogadas com os rótulos que nos foram dados a partir dessa divisão do mundo entre homens e mulheres. No caso de pessoas que passam a não se reconhecer nessas expectativas, e percebem que esses rótulos não funcionam para si, iniciasse uma luta interna contra esse conjunto de expectativas e determinismos sociais (BUTLER³⁵, 2021).

Ao criticar o gênero, tensionando “problema de gênero”, Butler está se referindo ao fato de que este seria um elemento definidor prévio da existência, que ao reconhecermos a separação sexo/gênero, não seria suficiente, pois definiríamos ainda, a existência pelo gênero. Como nos diz Rodrigues (2020, p. 107) “há um ponto crucial: estamos submetidos às normas de gênero, escritas e não escritas”. E “uma vez que sexo e gênero não podem mais ser fundamentados para a identidade, e as normas são uma repetição estilizada de atos, o gesto político que interessa destacar em Butler é o esvaziamento do fundamento da norma: nem natureza, nem cultura”.

“Alguns defendem que gênero é biológico e outros que é construído culturalmente; Butler propõe um terceiro caminho: gênero é para ela, performativo” (PIMENTEL FISCHER, 2020. P. 171).

De acordo com Butler (2019b, p. 224) “A realidade dos gêneros é performática, o que significa dizer que ela só é real enquanto estiver sendo performada”.

Gênero para Judith Butler é intencional e performativo, para ela “há dois sentidos de intencional, um deles que significa deliberado, voluntário, uma escolha, mas o outro vem da fenomenologia, e aí ele, de fato, significa que, se eu digo algo, a estrutura do meu discurso é intencional, significa que ele se refere a alguma coisa no mundo” – diz Butler em entrevista à Patrícia Porchat Knudsen (KNUDSEN, 2010, p. 169). E ao pensar performatividade no sentido fenomenológico, Butler, expressa que nós praticamos um gênero, mas não praticamos gênero “num mundo solipsista, estou sempre, em certo sentido, me referindo a, comentando, habitando, retrabalhando um conjunto de normas de gênero que estão em mim e também fora de mim, então isso é intencional no sentido de que está se referindo a um mundo exterior”. E ao articular tal reflexão informa que não quer “dizer que o gênero seja totalmente consciente ou que seja totalmente voluntário”, pois em sua perspectiva não é (KNUDSEN, 2010, p. 169). Na mesma entrevista, Butler reflete que:

Quando falamos sobre o campo da inteligibilidade de gênero, estávamos falando sobre instituições, categorias e linguagens existentes que podem fazer com que o gênero tenha sentido. O reconhecimento é uma relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o outro, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade. Mas o reconhecimento também pode ser o lugar onde os campos existentes de

³⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc9sUs&t=1819s>

inteligibilidade são transformados. Assim, se perguntarmos como nos deslocamos de um campo de inteligibilidade a outro, quero dizer que é possível pedir para ser reconhecido de uma maneira que, pelo menos inicialmente, é ininteligível: as pessoas dizem que não posso fazer isso, "não sei o que você está dizendo, não faz sentido, eu recuso". Mas é marcar posição no campo da inteligibilidade, revisá-lo e expandi-lo, de modo que uma nova forma de reconhecimento seja possível. Ou o indivíduo pode dizer: "não quero ser reconhecido por meio de nenhum dos termos que você tem", e nesse ponto aquele campo de inteligibilidade é recusado e uma distância crítica se estabelece. Invocamos campos de inteligibilidade quando reconhecemos outros, mas também podemos retrabalhá-los ou resistir a eles no curso de novas práticas de reconhecimento (KNUDSEN, 2010, p. 168).

“No prefácio à segunda edição de *Subjects of Desire*, ela [Butler] revê a apresentação do próprio trabalho, agora definido “uma indagação crítica da relação entre desejo e reconhecimento” (BUTLER, 1999, p. viii apud RODRIGUES, 2020, p. 105). Com isso dito, Rodrigues diz que acredita que Butler “nos autoriza a sustentar esta articulação entre desejo e reconhecimento que encontramos numa camada de interpretação de *Problemas de Gênero*”.

Desejo e reconhecimento são termos que comparecerão principalmente no debate inicial de *Problemas de Gênero*, notadamente no capítulo 1, “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”, onde está o endereçamento à teoria feminista e o questionamento das “mulheres” como sujeito do feminismo. Tratava-se pensar os limites de fazer o feminismo em nome da mulher como categoria universal abstrata retomando um problema caro à teoria feminista: lutar por incluir a mulher como parte do sujeito universal abstrato ou pelo reconhecimento da mulher como *sujeita*, ou seja, marcada por sexo e gênero” (RODRIGUES, 2020, p. 105).

Butler ao introduzir no debate do reconhecimento, o sujeito do desejo, questiona a ideia de que as mulheres somente seriam reconhecidas como sujeitos se, em uma identidade estável e universal. Pois esse pensamento estaria, ainda, atrelado ao binarismo masculino/feminino que é um dos problemas dessa proposição, e o outro é que o “gênero estaria destituído assim como sexo, do fundamento ontológico da identidade, já que a substituição de sexo natural por gênero construído seria apenas uma transferência da natureza para a cultura”. Instabilidade, expropriação e deslocamento são atributos que Butler tenta recuperar para desestabilizar a ideia de identidade (de gênero) estável e universal. É a partir disso que Butler propõe a performatividade de gênero. “A performatividade de gênero seria então o deslocamento da identidade de gênero, sendo a primeira indicação de elementos instáveis e artificiais que nos constituem, e a segunda exigência de elementos estáveis e naturais atrelados à compreensão metafísica do humano” (RODRIGUES, 2020, p. 106).

“Consideremos gênero, então, como um estilo corporal, um “ato”, que é intencional e performático, em que “performático” tem ao mesmo tempo uma carga “dramática” e outra “não referencial” (BUTLER, 2019b, p. 216). Nesse cenário, “gêneros discretos são parte das exigências que garante a “humunização” de indivíduos na cultura contemporânea; e aqueles

que falham em fazer corretamente seus gêneros são regularmente punidos” (BUTLER, 2019b, p. 217).

Certa situação, inicialmente minha, não deixa de ser minha por também ser a situação de outra pessoa, e meus atos, apesar de serem individuais, reproduzem a situação do meu gênero – e o fazem de diferentes formas. Ou seja, existe, latente na formulação feminista do “pessoal é político”, a suposição de que o universal das relações de gênero é formado, pelo menos parcialmente por atos individuais concretos e historicamente mediados. Levando em consideração que um corpo é invariavelmente transformado em um corpo dele ou um corpo dela, esses corpos somente são reconhecidos pela sua aparência atribuída de gênero. Parece imperativo entender de que maneira acontece essa atribuição de gênero aos corpos. Minha sugestão: os corpos são transformados em gêneros por uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados através do tempo. Do ponto de vista feminista, é possível tentar entender os corpos atribuídos de gênero como legados de atos sedimentados, em vez de uma estrutura predeterminada, uma essência ou um fato natural, cultural ou linguístico (BUTLER, 2019b, p. 218).

Butler (2019b) menciona que não é sua intenção reduzir “o efeito de determinadas normas de gênero que se originam na família e que são reforçadas por certos modelos familiares de punição e recompensa” tais modelos ao serem considerados altamente individualistas, “retomam, individualizam e especificam relações culturais preexistentes; elas (as normas de gênero) raramente são – se é que chegam a ser – radicalmente originais”.

Os atos que fazemos, os atos que performamos são, de certa maneira, atos que existem desde antes de nós existirmos. O gênero é um ato que tem sido ensaiado como um roteiro que existe apesar dos atores que o interpretam, mas que precisa deles para ser atualizado e reproduzido continuamente como realidade. [...] De que maneira, então, gêneros são atos? Como sugerido pelo antropólogo Victor Turner, em seus estudos sobre rituais sociais dramáticos: ações sociais demandam uma performance *repetitiva*. Essa repetição é uma reinterpretação e uma reexperimentação de um conjunto de significados já socialmente estabelecidos; a forma ordinária e ritualizada da sua legitimação. Quando essa concepção de performance social é aplicada ao gênero, fica claro que, apesar de existirem corpos individuais que põe em prática essas significações se estilizando em modelos atribuídos de gênero, essa “ação” é também pública. Tais ações tem dimensões temporais e coletivas e sua natureza pública não é inconsequente; a performance é realizada, também, com o objetivo estratégico de manter os gêneros num espectro binário. Em termos pedagógicos: a performance explicita leis sociais (BUTLER, 2019b, p. 222).

É importante mencionar que Judith Butler pede “para que reconheçamos a existência de uma complexidade de gênero, invariavelmente disfarçada pelo nosso vocabulário, e [que] possamos trazer tal complexidade para uma interação cultural dramática sem consequências punitivas” (BUTLER, 2019b, p. 228).

Com isso, chamo Judith Butler, quando em entrevista com Ahmed, nos conta sobre sua escrita da obra, inicialmente mencionada nessa cena, pois esta, como ela mesma dirá, lhe causou um grande desvio, mas que ampliou sua filosofia. Assim essa cena se fecha com a própria Butler:

É verdade que quando comecei *Problemas de gênero* eu me propus a escrever um livro sobre “os alicerces filosóficos do gênero”; assim, eu estava trabalhando dentro de um conjunto estabelecido de normas filosóficas naquele momento. Mas é interessante como meu engajamento com acadêmicos em antropologia, história da ciência, história do feminismo e teoria literária, todos eles mudaram minha cabeça e acabei escrevendo, acho eu, um tratado antifundacional sobre gênero. Que grande desvio! Essa mudança na minha cabeça também foi minha despedida das formas mais tradicionais de “fazer filosofia” e, embora essa fosse uma perda para mim, eu também fiquei contente por estar liberta num mundo mais amplo de acadêmicos interdisciplinares (AHMED, 2017, s/p.).

7.3 CENA – O VIVIDO E O CONTADO: REFLEXÕES QUE EMERGEM EM MEIO AOS DESCONFORTOS

Algumas partilhas me chamavam a atenção, dentre elas o relato de uma mulher, coordenadora da comissão de mulheres de uma das regionais sindicais, sobre sua decisão em se separar do seu ex-marido. Soube por outra coordenadora que para ela essa outra companheira de luta era um grande exemplo, pois tinha tido coragem de admitir o que lhe ocorria dentro de casa. Nas falas eu presenciei admiração e muito apoio, e nessas partilhas a fala central é de que ela só percebeu que poderia dar esse passo na vida, após participar dos eventos da comissão de mulheres e das formações onde estavam presentes temas como os direitos das mulheres.

Muitas dessas mulheres só puderam se aventurar em espaços coletivos, públicos e vinculados ao sindicato após o falecimento de seus esposos, afinal, o lugar que lhes era oportunizado era a cozinha, os afazeres domésticos e o cuidado da prole. Já outras, após perceberem a coragem de algumas, relatam que decidiram enfrentar seus companheiros, e em algumas falas o tom era de pertencimento de si mesmas, era esse o sentimento que me transpareciam, que, ao menos naquele momento, com suas colegas de luta e caminhada sindical, o pensamento, o corpo, tudo de fato lhes pertencia.

Em uma das minhas andadas com uma das coordenadoras, a Margarida, no deslocamento de seu município até um município próximo, onde fica a sede da regional sindical, quando estive participando de uma reunião com ela e a Girassol, assisti partilhas relacionadas a suas dores, a depressão muito presente nas mulheres do rural, o machismo cotidiano que lhes tolhe, que machuca, que diminui, um preconceito que se nega a dar suporte às mulheres, que ridiculariza e silencia. Há relatos de muitas mulheres que não conseguem participar de eventos das regionais sindicais e a nível estadual por homens se recusarem a dar carona, e essas como não tiveram a oportunidade de aprender a dirigir, são excluídas e castradas da participação política no movimento sindical, única e exclusivamente pelo fato de serem

mulheres. Essas últimas reflexões são um misto de encontros, de diálogos, de observações e de muito incômodo sentido por presenciar cenas assim, que mesmo os homens cuidando quando havia a presença dessa pesquisadora, era perceptível algumas ações de sabotagem e desdém.

Margarida menciona seus desconfortos, pois ela mesma só pôde se sentir mais livre e dona de suas escolhas a partir do momento em que perdeu o medo de se aventurar no volante e tirar sua carteira de motorista, pois antes disso, sempre dependia da boa (ou má) vontade de algum dos homens que lhe cercavam na família e, também no sindicato.

Quando em um dos encontros com o grupo de mulheres, coordenadoras das regionais, evento esse que ocorria concomitante com o encontro de coordenadores e coordenadoras das comissões de jovens, a última manhã de evento previa um momento de autocuidado na agenda das mulheres. Esse momento foi guiado por duas consultoras de uma marca de cosméticos fundada por uma mulher norte-americana que virou febre em inúmeros territórios do globo e promete ganhos escalares a quem se dedicar muito. Com as consultoras tivemos um momento de apresentação dos produtos e falas enfáticas da importância de se sentirem *belas* todos os dias, houve também momento da escolha de uma modelo para que os produtos fossem testados e apresentados, momento esse que teve registro de antes e depois, mostrando o quanto os produtos deixavam a mulher muito mais bonita que ao natural. Nesse processo, presenciei uma das consultoras, muito animada, sugerindo que as mulheres que trabalham com gado de leite, que já acordam antes mesmo do sol dar bom dia, despertassem uma hora antes para que pudessem realizar o “skin care” protocolar da empresa, e enfim um batom para que assim fossem atender suas vaquinhas bem produzidas. Tal momento, e em especial, essa última sugestão mencionada, foram bem recebidos por algumas mulheres, mas ao mesmo tempo muitas outras se mostraram inquietas durante e até mesmo após esse turno de autocuidado emitindo verbalmente o incômodo com a forma caricaturada que foram retratadas, pois os ditos, de forma geral, não coincidem com suas realidades e cotidiano.

Esse é um comportamento, das consultoras, advindo da lógica de mercado que determina o que é beleza, e nesse caso, o que é autocuidado. Não só as mulheres do rural, mas a população rural é, desde tempos passados, relatada, por exemplo, de forma caricata como na figura do Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato. Essa visão de um rural atrasado e que ao tentar consumir o que vem dos citadinos o faz de forma inapropriada e risível, não é nova, e o mercado capitalista ao promover uma nova forma de o rural ser visto não mais como atrasado, passa a desenvolver necessidades, por vezes irreais, nesses sujeitos. Tal prática também, de nova não tem nada, vejamos a forma como as famílias de imigrantes que cultivavam seus alimentos de forma familiar, coletiva, comunitária e a partir dos conhecimentos passados de

geração em geração, passam a ser seduzidas e aliciadas por um projeto desenvolvimentista por meio do que chamamos de Revolução verde.

Quando Judith Butler reflete sobre a contradição do capitalismo com relação à discriminação que corpos trans, queer, gays sofrem e que ao mesmo tempo que são usados de forma cooptada pelo sistema para vender e as marcas aparentarem a ideia da inclusão e da diversidade, ao mesmo lado de um outdoor que vende uma determinada marca um corpo pode ser espancado e deixado agonizando na rua (BUTLER, 2021). Tais contradições sistêmicas têm correlação direta com o patriarcado e a forma dual e hierárquica que o sujeito universal determina os mandes da sociedade, usando, em uma perspectiva utilitarista, corpos que não os seus a partir de suas demandas e em seguida, e ao mesmo tempo, os descartando, pois em sua estrutural contradição, ambos sistemas capitalista e patriarcal, um sustentado no outro, a norma vem e interessa aquele que atende aos requisitos de tal sujeito.

No rural, jovens e mulheres são excluídos de inúmeros espaços, e é notório, nessa pesquisa, assim como em muitas outras aqui mencionadas e tantas outras, a utilização de tais categorias como forma de inclusão muito mais em teoria do que na prática em si. Inclusive ouvi, assim como presenciei, ao longo dessa investigação, os 30% de ocupação de cargos em diretoria do sindicato como a conhecida prática “para inglês ver”, pois como relatado por muitas dessas mulheres, os homens as convidam para compor a chapa por conta da exigência estatutária e em diversas situações as colocam em cargos com pouca atuação, as silenciam e em alguns casos até as sabotam.

A existência política de corpos femininos e da juventude na ocupação de espaços antes atribuídos apenas aos homens, ao masculino, ao universal, vem sendo sustentada, muito, por mulheres que tiveram coragem de romper com essa lógica de um espaço sem voz. Essas gritaram mais alto que aqueles que as subestimaram e com isso sustentaram o espaço e buscam a todo momento ocupar melhor e mais qualitativamente os territórios antes monocultuados.

Butler diz que o luto, o sentimento de raiva, a organização de uma reação coletiva a partir da forma como cotidianamente grupos excluídos e marginalizados são tratados é uma poderosa ferramenta de ação e de luta (BUTLER, 2021). Isso me recorda as provocações do professor Rennan Mafra na banca de qualificação onde ele propõe observar os lutos dessas mulheres e com isso compreender melhor algo presente em suas ações, o “do luto à luta”. E aqui cito o movimento em forma de ato que é a Marcha das Margaridas, que ecoa na luta dessas mulheres. Quando essas mulheres estão em Marcha com outras mulheres, se encontram com outras que estando acampadas, alojadas de forma coletiva e sem confortos, marchando debaixo de sol quente, com os corpos cansados, corpos cansados não só dessa cena em si, mas de toda

uma vida de corpos que pouco importam para as instituições patriarcais e dominantes. É nesse encontro que se dá um processo de admiração e reconhecimento nos esforços de uma mesma luta, mas que para algumas custa mais, é mais pesado que para outras. Como as mulheres passam a ver outras mulheres e a luta dessas mulheres e a solidariedade surge e expande. Essas ações como nos diz Butler (2021) tem força, é não-violento, mas tem raiva, tem solidariedade, e mais uma vez não é violento.

Nesse mundo mediado por telas, somos jogados no jogo do espelhamento, e nesse novo formato de vida, vemos nossa imagem como nunca antes. Não sei se está mais simples ou mais complexo de perceber o quanto temos “os outro” em nós. Perceber esse “outro” em mim me provoca a descobrir o que tem de mim em mim. Perceber os incômodos diretamente na minha própria imagem e aos poucos ficar em paz com o que vejo e sinto. Me faz produzir certa paz. O tanto que há de “outro” em mim, nem eu mesma dou conta de saber, afinal são tantas partes minhas ainda desconhecidas até por mim. E ademais, sem esse “outro” em mim como saberia o que é de fato meu em mim? Talvez saber o que não é meu seja um passo fundamental no caminho de saber o que é. E tudo isso se dá, do/no encontro com esse “outro”, seja como dito, mediado por telas, seja no encontro, no abraço, nas partilhas e até mesmo nos desencontros, é com esse outro que eu posso ter alguma pista de quem possa ser quem sou, afinal se não há pré-texto e eu passo a ser no encontro, esse é fundamental para que se compreenda o que sou para além dos encontros. E por mais paradoxal que possa parecer, o pensamento de Judith Butler nos auxilia a refletir, e talvez essa reflexão só chegou até aqui por sua influência, afinal foi por meio dela que pude cogitar pensar existências a partir da proposição da inversão do *Cogito, ergo sum* de René Descartes e pensar a constituição do sujeito com sua inversão, com a *ação* como centralidade, como ponto de partida para que então e só após agir se reflita sobre a ação. Temos justamente o oposto, fazemos antes de pensar, primeiro agimos para então pensarmos sobre essa ação.

EPÍLOGO

CENA FINAL – O COMEÇO DO FIM OU ENFIM O COMEÇO? UM TEXTO-EXPERIÊNCIA ATRAVESSADO POR AFETOS

Ostra feliz não faz pérola (Rubem Alves).

As próximas páginas se dedicam ao desfecho dessa experiência lida e sentida por e entre atos, e desde aqui alerto que como toda essa nossa trajetória, tal feito não poderia ter jeito de conclusão, por mais que os moldes de trabalhos acadêmicos insistam nesse nome que fecha, nunca me autorizei a fechar, tanto que a dissertação de mestrado, em suas considerações finais, o último parágrafo era inteiro com perguntas que me inquietavam. Eu não queria fechar, me recusava em “jogar fora” algo tão precioso quanto perguntas que brotam do e no encontro da pesquisa, mas como no mestrado o medo impera mais forte que a coragem de acreditar no que a própria pesquisa fala, cedi. Já, onde a liberdade criativa pôde ter espaço para arquitetar-se, o texto, como já percebido até aqui, não se finda, mas se expande é nesse encontro com quem o lê, o vive, o sente, o reflete e o partilha.

E enfim, me desloco para a finalização da escrita dessa tese, desse texto, desse afeto partilhado, em pleno inverno. Olho pela janela e vejo as camélias que florescem nessa estação gelada, aqui no sul do Brasil, e essas flores avermelhadas que colorem os dias cinzas que me fazem recordar o dia em que conheci o grupo de mulheres que no primeiro encontro mudaria toda a rota do doutorado, tanto quanto, ou mais, a trilha que escolho caminhar na própria jornada da vida concreta. Chegar aqui, olhar pela janela do escritório, na sétima morada ao longo dos cinco anos e quatro meses de doutorado, acompanhada da família felina que chegou um por um até contabilizar sete; observar tudo o que mudou com e na pesquisa; refletir profundamente acerca da pesquisadora que me torno e que escolho ser; dialogar e sonhar sobre o mundo que quero construir e partilhar; percorrer caminhos, abrindo os caminhos e acreditando que mais pessoas estão nessa construção diária; tudo isso muito, muito mais, incabíveis no processo de racionalização ou de escrita, organizam esse (in)consciente desejante de lugares mais amáveis para que possamos (re)existir, podendo acima de tudo ser.

Ao abrir esse fechamento, ilustro que passei dois anos e meio confusa e me sentindo equivocada por não ter dado seguimento ao projeto que foi qualificado. E durante todo esse tempo precisei de muita desconstrução dessa ideia de que a promessa do projeto deveria ter sido cumprida. Refletia junto de Rubem Alves, quando ele diz que promessas são formas de engaiolar futuros. Sabe o que é muito estranho nesse hábito academicista de aprisionar ideias?

No meu caso, o momento da qualificação foi justamente um acontecimento permeado de desconstrução: de mim, da pesquisa, das promessas! Naquele momento houve um descortinar dos não ditos, esses que considero o tal processo metodológico, que quando omitido causa mais angústia e mascara tudo o que poderia nos auxiliar no pensar mundo, no ato de nos pensarmos, de sonharmos e de construirmos, desconstruirmos, e até mesmo reconstruirmos.

De forma muito curiosa, ao realizar os convites para o rito de fechamento dessa etapa – longa diga-se de passagem – de minha formação doutoral, a defesa da tese – nunca gostei desse termo, que mais parece que estou sendo acusada de algo e preciso estar vestida de armadura para sair com vida desse solene, ovacionado e temido rito – consultei a professora Jacqueline Moraes Teixeira, aquela que foi fundamental para que eu compreendesse mais de Judith Butler, estava com a data comprometida e então me indicou uma colega do doutorado na UNB – Universidade de Brasília. Aí passo a conhecer Chirley Rodrigues Mendes, autora da tese de doutorado intitulada *Entre trechos de vidas: juventudes, mulheres e gerações compondo a feitura de pessoas e trajetórias*. Ao baixar seu arquivo e iniciar a leitura enquanto aguardava o aceite para compor a banca, me vejo em lágrimas, essas que revelavam para mim o quanto eu havia me sentido sozinha no percurso desse tão profundo fazer doutoral, que não é só a escrita de um texto acadêmico, ou só a entrega de um “produto” de um curso que me tornará doutora. Naquele momento eu chorei muito, sentindo um intenso alívio em cada célula do meu corpo, a mente cedeu, e eu agradei muito por ouvir minha intuição, criatura tão temida na ciência, mas que sem ela não teríamos saído das cavernas. Chirley me afetou, outro encontro onde imperou o sensível, então eu a chamo para que com um fragmento da Abertura de sua tese, em *Entre cargas e levezas: racunho-rasura-rasgo*, eu possa, por meio do que lhe transborda, emprestada de suas palavras, exprimir e desaguar o que sinto, em forma de texto.

Essa tese-vomito, tese-resto, tese-arremedo, tese-resultado-mal-feito, tese-deformação, é a tese-monstra, que toma forma aqui dia a dia, tese-matéria-incompleta-disforme que parece querer retornar ao mundo de qualquer maneira. Um sub-produto inadequado, resultado da tentativa de criação de um “produto” que correspondesse aos padrões regularmente entendidos como dignos de valor. O que pode ter a ver o “Manifesto Trav(Eco) Ciborgue”³⁶ de Araruna com o meu rascunho-rasura-rasgo que aqui toma vida? Com meu “Manifesto Tese-Monstra” que se faz existir por sua própria fora? Com o meu “Manifesto Antropóloga-Impostora”? A pulsão-performática de Araruna que ressoa em mim é a da inadequação, do doloroso, mas também transformador, “quase”, daquilo que é rotulado “insuficiente” e impróprio, do não recomendado. Do que se substantiva resto, sobra de padrões, de ideias, de expectativas, de intervenções, de disciplinamentos, de intenções e noções criadas fora de nós. Eu tentei não olhar para o pequeno monstro que gestava, fruto de vários abortos, de restos gestacionais... sempre vi as pessoas usando a metáfora gestacional para falar das elaborações de suas dissertações e teses... “a escrita da tese é um parto”! (MENDES, 2018, p. 14)

³⁶ Disponível, fragmento de 11 minutos de 11 segundos em: <https://www.youtube.com/watch?v=qwelTXFhill>



Figura 1 – gestAção-pari(A)ção

No período em que vivenciei as narrações de si de Azaleia, Margarida, Flor do Campo, Joia e Girassol, tive momentos que antes nunca ocorrera, eu desenhei. Em um dia, sem mais nem menos, em cima da mesa tinha um lápis 2B (que carreguei desde os tempos de escola e nunca entendi o porquê) e do lado tinha uma folha em branco, não sei como essa configuração se formou, talvez tenha sido “o acaso”. Sentei peguei o lápis e comecei a rabiscar na folha, poucos minutos depois era possível observar esse desenho, essa gestAção-pari(A)ção. Estranhei bastante, pois eu nunca havia feito um desenho, nunca! E aquela imagem parecia conversar comigo, fiz mais alguns e a fase passou. Guardei os desenhos... e então quando encontro Chirley em sua tese, com suas dores, em seu Manifesto Tese-Monstra, manifesto que eu também sentia sobre meu texto-experiência, senti junto seus descompassos, seus desconfortos e isso ficava ainda mais pulsante ao observar os desenhos que acompanham o processo, pois Chirley desenha, ensina desenhar. Quando vi, lembrei do meu primeiro desenho, busquei no fundo da gaveta e fiquei encarando-o, passei a ouvir, parei de querer analisar. Foi então que percebi que os arbustinhos que nele contém, que nunca me passou pela cabeça que poderiam me dizer algo, habitam o pátio da casa que passei a residir, tem menos de três meses. Arbusto seco com brotos, que parecem gotas, nas pontas e em meio aos galhos secos. Abro a janela do meu quarto e lá estão elas, magnólias em brotos que muito em breve florescerão.

[respiro]

Judith Butler em entrevista realizada por Sara Ahmed em 2014 e publicada em 2016 na Revista Sexualities – traduzida por Amin Simaika e publicada na Revista Eletrônica de Jornalismo Científico Com Ciência – logo no início quando introduz a entrevista a partir da obra *Problemas de Gênero*, responde algo inusitado:

Sempre é um pouco estranho quando tenho de responder perguntas sobre Problemas de gênero porque não lembro bem desse livro. Recordo-me mais das discussões que tive que enfrentar para explicar ou defender o livro, mas, na realidade, pouquíssimas sentenças do livro me vêm à mente. Eu nunca reli meu livro, dessa forma não é realmente possível checar o texto. De qualquer forma, a ideia de checar o texto é estranha, já que as pessoas podem voltar para ver se há evidência textual para uma interpretação, mas evidência textual não significa exatamente dados. E acabamos interpretando novamente.

Esse fragmento me toca, pois sempre reli muito meus textos na busca incessante pelos erros que certamente eu já imaginava que havia cometido, mas dessa vez eu me identifico com o fato de não ter, efetivamente, relido este texto-experiência, não pelo mesmo motivo que ela, mas pelo atravessamento temporal ao qual somos submetidas, submetides e submetidos. Nesses

momentos sempre me recordo de algo que ouvi de uma colega – ela era da arquitetura –, quando ainda fazia mestrado, que nunca terminamos os textos, os trabalhos e sim temos data para entregar, o que é muito diferente. E aqui, no meu caso, essa data, já foi por diversas vezes ultrapassada, extrapolada, expandida, remarcada, reagendada, recombinação...

[respiro]

Entendo que esse texto-experiência tem dois momentos centrais que desaguam em tensionamentos reflexivos que sequer imaginei quando iniciei a pesquisa. No início da trilha sugiro uma reflexão sobre o nosso fazer como pesquisadoras e pesquisadores, dos passos dados até aqui e do quanto as afetações perpassam todo nosso fazer investigativo. Fiz o convite para que os pormenores – que penso serem os pormenores – estejam presentes e desvelem todo o não dito. Com isso caminhamos lado a lado com as proposições de uma pesquisa que é viva, atravessamos um texto sendo provocadas e provocados a navegar por águas desconhecidas e aí, na outra centralidade – imagine um fluxo entre yin-yang, que tem dois centros em constante movimento³⁷ – temos o encontro com as narrações de si, das mulheres que, mesmo sem intencionalidade tal, desconstruíram essa pesquisa – ainda bem – com suas presenças, nesse caso sem suas ausências.

Penso que podemos fazer uma reflexão alicerçada na relação indivíduo-coletivo-indivíduo, a partir do todo aqui experienciado, no processo descrito ao longo das páginas, tanto em relação com a experiência do texto, minhas experiências como pesquisadora, das mulheres que transbordam os pensares da tese, experiências sentidas a partir das lentes de Butler, emprestando conceitualmente a ideia de gênero enquanto performance. Com a perspectiva de pensar gênero em Judith Butler, onde as mulheres passam a performar e se reconhecer em outras performances, a partir das experiências nos coletivos de mulheres aos quais fazem parte, nos provoca a pensar que esse processo é um fluxo, onde não se pontua, ou hierarquiza qual experiência, ou qual acontecimento específico provocou tanto a busca pelo reconhecimento, quanto a compreensão de si permeada por outras formas de ser mulher, conhecidas e reconhecidas no contato com o coletivo, e no retorno ao indivíduo.

O estar em grupo entre mulheres, nos encontros, nas viagens, nas formações, é uma experiência que não se separa dos caminhos percorridos e do conjunto de esferas da vida de

³⁷ Conceitos do TAO que expõe a dualidade de tudo que existe no universo, expressa em duas forças opostas e complementares. Nessa filosofia temos que, no yin contém o yang, assim como no yang contém o yin, e estes nunca estão parados, estáticos, sempre estão em constante movimento, em fluxo.

cada uma. A experiência vivida por essas mulheres, de forma coletiva, a partir das comissões de mulheres vinculadas ao sindicato rural, oportuniza uma reidentificação de um repensar sobre ser mulher, de um repensar sobre si mesmas. Essa experiência com Outras, em um ambiente de partilha e reconhecimento de outras formas possíveis de ser mulher, não necessariamente e em grande parte, está interligada com representações advindas de seus processos de vida em conjunto com outras instituições que enfatizam o lugar social esperado desse sujeito alocado fora do gênero que domina e determina.

Nesses espaços de convívio e partilhas, essas mulheres se conectam com outras possibilidades de compreensão do ser mulher como também do feminismo que não mais aquela estereotipada pelas instituições patriarcais de onde certos discursos normativos chegam até elas. Houve uma situação em especial, onde presenciei mulheres rurais, de forma coletiva e animada, dançando a dança do ventre, inclusive com uma delas vestida de odalisca, e esse momento e o pós-momento foi de grande admiração, alegria e muito envolvimento das demais, em torno de trezentas e cinquenta mulheres presentes no evento. Não só essa, mas em tantas outras ocasiões o desconforto com a palavra feminismo dava lugar à entrega e ao pertencimento a uma luta coletiva da qual elas também se identificam. E apesar de muitas delas não se denominarem como feministas, todas as que dialoguei durante a pesquisa, relataram em conversas nos intervalos, em suas narrações de si, na troca de um chimarrão e em partilhas de corredor, diversas situações delas e de outras mulheres, onde são desqualificadas, diminuídas, desvalorizadas somente pelo fato de serem mulheres.

Observei que quando as mulheres se encontravam “as portas fechadas” – quero dizer, sem a presença de homens e/ou outras pessoas, que não elas – era como se estivessem nas coxias de um teatro ou então no camarim, ou ainda em uma sala com um divã, ou se preferir, imagine qualquer lugar onde se possa estar à vontade e sem plateia, exceto um lugar como um confessionário, pois nesse momento era como se elas se sentissem autorizadas a ser, pudessem tirar os figurinos sociais, claro que nem todos, mas muitos. Presenciei muitos sapatos apertados, metaforicamente falando, sendo jogados em um canto, ou até mesmo para o alto, e uma autorização – ou seria um convite? – expressa no ar para que elas pudessem transitar nas diversas possibilidades de ser esse gênero que, para a sociedade em geral, não pode ou não deve estar confortável em apenas ser quem se é, afinal é desse lugar que se esperam determinadas formas de performar o ideal de mulher.

Percebo que um dos ensinamentos oportunizados por Judith Butler, ao menos um ponto que para mim é bastante interessante e que muda a forma como contatamos e atuamos no cotidiano, na vida em sociedade, é realocarmos a ideia de que algo precede a existência, pois

ao reconhecermos que a ação precede o pensamento sobre a ação, temos a possibilidade de reconhecer nossos corpos como materialidade que abarca possibilidades antes impensadas. Nesse sentido poderíamos pensar sujeito, pensar gênero, pensar a nós, e a nós como mulheres, como obras inacabadas. Reflito que essas mulheres me fazem perceber, por meio de suas partilhas e de seus protagonismos, na fala, no gesto, na presença, que elas são maiores que a categoria mulher, que elas são a multiplicidade, não só de roupagens sociais, mas de possibilidades em descoberta no encontro com Outras, e essa multiplicidade é habitada em seus corpos.

Preciso mencionar que, Butler quando nos faz refletir gênero como performance, não nega a categoria mulher, ela faz um tensionamento acerca do termo e seus usos, com isso é importante que eu diga aqui, que a autora enfatiza que possamos fazer a utilização do termo de forma política. Se faz necessário conhecer a categoria e suas implicações, em um processo de desconstrução e questionamento da binaridade como faz Butler, mas reconhecendo a importância de categorias que possam ajudar na luta política em pautas identitárias. Com isso, saliento a importância de conhecer e reconhecer a categoria mulher como propulsor da luta feminista.

Com a ideia de duas centralidades em fluxo, percebi que o texto nos provoca, em seu reconhecimento como performativo, a refletir, a partir do nosso encontro também com o que Judith Butler vem nos presenteando com seus escritos e contribuições teóricas, pensar os corpos. Pensar os corpos em que sentido? Pensar os corpos das mulheres em (re)apropriação de si mesmas, refletir os corpos sendo (re)apropriados por elas mesmas! E olhar para o espaço rural como corpo, como corpo que é corporificado por esses corpos que vêm, nas últimas décadas, se reconhecendo como sujeitos.

Para tal dito chamo Henri Lefebvre, sociólogo e filósofo francês, que muito inspirou o pensamento de José de Souza Martins, e tem sido amplamente estudado na geografia. Recentemente, estudos têm sido ampliados, possibilitando outras interpretações que não apenas a “noção de produção do espaço pelo caráter das relações sociais e econômicas capitalistas” esta, a partir da leitura de Lefebvre vinculado ao marxismo. Na filosofia lefebvriana, “o corpo é um dos elementos mais importantes”, que no Brasil ficou em segundo plano, pois as pesquisas envolvendo a ideia de território se centraram, majoritariamente, na esfera da produção. “Justamente os aspectos que não chamaram atenção da geografia brasileira na obra de Lefebvre, o corpo, as diferenças, a vida cotidiana, o colonialismo, o falocentrismo, inspiraram a produção das geografias feministas e também antirracistas” (SILVA; ORNAT; CHIMIN, 2019, p. 64).

“Embora todo ser humano possua um corpo, há um conjunto de sujeitos que não sente o peso da corporalidade. Os homens brancos, cis, heterossexuais, saudáveis e adultos são capazes de pensar livres das limitações de um corpo colocado em um tempo e lugar específicos”. “O uso do espaço, enquanto um produto da capacidade do corpo humano, pode ser pensado também como possibilidades de resistências às lógicas estabelecidas pelas relações hegemônicas de poder” (SILVA; ORNAT; CHIMIN, 2019, p. 76).

É com a potencialidade do pensamento de Lefebvre, possibilitando entender território como corpo, que reflito o rural para além de cenário, mas também como sujeito (como propõe Martins), território e corpo, pois assim como é produzido pelos sujeitos, produz aqueles que nele e com ele performam. Penso que quando sujeitos se reconhecem, no encontro com o Outro, passando a refletir sobre suas próprias condições de subalternidade, reapropriando-se dos próprios corpos e também do território, entendido aqui como corpo. E com isso, pode-se ter a chance de outros espaços rurais acontecerem. Aprofundar essas reflexões podem abrir outras possibilidades dentro da Extensão Rural, contribuindo para um enlace entre corpo do sujeito que habita e corpo território que é habitado.

Desde que nascemos, até mesmo antes de estarmos inseridos em um mundo que se comunica simbolicamente, que significa que, ao nos relacionarmos, ao agirmos estamos produzindo materialidades e sentidos à essas materialidades. Acontece que quando aqui, nesse planeta azul, chegamos, nossos ancestrais já tinham, ao longo da história, organizado um sistema simbólico que desde sempre é ressignificado à cada encontro e desencontro de povos e culturas. O que acontece é que quando mais alguém de nossa espécie anuncia sua chegada, a exemplo dos tempos atuais, já se inauguram as classificações produzidas pela sociedade; pois basta que o ultrassom indique o sexo do bebê que os chás de revelação de gênero, passem a ser planejados com fitas e balões azuis e rosas.

Pois bem, por que toquei nesse exemplo? Não nascemos em neutralidade, antes mesmo de nos desconectarmos biologicamente de nossas mães já somos submetidas, submetidas e/ou submetidos aos sistemas de crenças simbólicos de nossas comunidades, sejam elas mais próximas, como nosso núcleo familiar, assim como as mais amplas sejam elas a igreja, cidade, etnia, país, etc..

Me recordo quando eu estava em processo de formação no PEG (Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional) que grande parte dos e das colegas que advinham de curso de graduação da chamada “ciência dura”, com suas certezas irrefutáveis tendiam a se opor a qualquer teoria que os provocasse a pensar sobre as intencionalidades por detrás das políticas educacionais. Imaginem que sequer temos disciplinas,

salvo raríssimas exceções, nos cursos de graduação que mencionem que o processo de desenvolvimento, o desenvolvimentismo, não é algo natural da civilização e que ele é pensado, articulado e depende justamente de sua contradição interna para a própria existência, além de ser cria do sistema patriarcal. Para esses e essas colegas o desenvolvimento é o econômico e é nessa busca por uma prosperidade que a sociedade deve buscar alento, o mito de que a ciência resolveria todas as nossas mazelas está contido nessa fundamentação. Com isso como base, os debates aprofundados de como pensarmos uma educação emancipatória, inclusiva e demais demandas educacionais eram abortados. *As coisas são como são!* E isso não é “privilégio” dessa cena que cito, presenciamos esse comportamento nos corredores das universidades, nas salas não só dos cursos de graduação; chegamos a presenciar alunos e alunas de pós-graduação emitindo achismos e se recusando a refletir acerca dos textos propostos.

O que quero dizer com isso? Inspirada nos autores e autoras que reflito ao longo da tese, compreendo o que é mencionado sobre a crise paradigmática em que estamos inseridos e inseridas, nossas certezas não dão conta de responder nossas angústias, e o mundo nos convence de que, em meio a era da comunicação e da tecnologia teremos resposta para tudo. Mas, ao que parece, parafraseando Rubem Alves, estamos com excessos de ideias e com isso superaquecidos por exagero. Talvez o que eu esteja tentando dizer é que, em alguma medida, precisamos aprender a desaprender. Nos colocarmos em posição de dúvida, mas com pensamento crítico, nem ingênuo e muito menos infantilizado. Esse desenvolvimento de um pensamento crítico seria como um termômetro ao nos depararmos com os caminhos de respostas, dúvidas e até mesmo das desconstruções necessárias.

Minha apropriação de certo modo, de pensar o mundo, de se pensar sujeitos, de experienciar a vida, de fazer pesquisa, de investigar indagações pertinentes e que geralmente são silenciadas ou pouco ouvidas, foi de certa maneira tardia. O fato da Extensão Rural ser interdisciplinar, mas que dentro dela separa seu “objeto” em caixinhas pré-estabelecidas pela ciência, nos ensina a recortar o mundo, recortar os sujeitos e olhar com uma lupa o fenômeno que, por mais que grite à nossa frente, vemos esquartejado e muitas das vezes reduzidos à números. A resposta dos sujeitos é decodificada e passa a nos ajudar na análise tal qual a ideia de um sujeito médio, ou seja, em alguma medida não vemos ninguém, mesmo que estejamos dialogando com alguém que existe.

Em meio ao (des)fazer da tese, alguns temas pipocavam meu cotidiano e me atravessavam despertando muita curiosidade. O sonho, sem dúvidas, foi quem tomou conta da cena em diversos dias, além das noites. Mergulhos profundos de análises, não apenas dos meus em meio às sessões de terapia, mas também de amigos, amigas, familiares, caminhando por

entre Freud e Jung, desvelando mitos, signos e símbolos que a pouco tempo eram de um estranhamento profundo de e em mim. Por que trago esse assunto ao findar desse texto acadêmico? Muito inspirada por José de Souza Martins, em seus estudos e publicações, o sonho, o onírico e o cotidiano são presentes e nos instigam ao relatar o cotidiano e o imaginário onírico dos sujeitos.

Ele nos diz que o imaginário se difere da imaginação, a representação social (imaginário) relatado em sonhos reduz nossa imaginação, reduz a criação à submissão, reduz a coragem ao medo. José de Souza Martins em seu modo de ver nos diz que “os sonhos, ao invés de serem meras repetições deformadas do que ocorre na vigília, são também resíduos insubmissos da racionalidade e dos poderes dela derivados” (MARTINS, 1996, p. 16). Martins em 1995, na Universidade de São Paulo (USP) ministrou a disciplina *Sociologia da Vida Cotidiana* onde compilou com suas alunas e seus alunos 180 sonhos, recolhidos na região metropolitana de São Paulo. É revelado por ele e demais autores e autoras o quanto nos tiraram o direito de sonhar, o quanto nossos sonhos, pesadelos, são reflexo dos resíduos da nossa vida concreta.

Na vida cotidiana de nossa sociedade os sonhos têm – na consciência dos sonhadores – pouco a revelar. São encarados como campo do impossível. No entanto, nossa análise indica que é uma área rica de sentido para compreender que o sonho está preso nas redes da organização social. É nos sonhos que se apresentam os resíduos da vida cotidiana. Ao escapar da ameaça, mantendo sua condição de “inferioridade”, o sonhador afirma sua diferença perante a ordem vigente. Nesta afirmação é que caracteriza sua insubmissão, a rebelião possível, o desejo de salvar-se, o poder criativo de não submeter-se. Nega-se, assim, à simples reprodução desta sociedade. Em consequência, abre, reforça e percorre seus “subterrâneos” e neles quebra a banalidade do viver que se repete. [...] Os sonhos nos permitem ver que não convivemos passivamente com o outro, com este estranhamento em relação a nós mesmos (MARTINS, 1996, p. 115).

Então para que possamos criar mundos, precisamos voltar a sonhar, não podemos criar nada diferente do que já conhecemos se não reaprendermos a vislumbrar possibilidades outras, que ainda sequer existem. Quem diz isso, de forma bastante aprofundada a partir de estudos na antropologia, história, psicologia dentre outras áreas do conhecimento, é Sidarta Ribeiro, neurocientista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – mestre em Biofísica, doutor em Comportamento animal e pós doutor em Neurofisiologia –, fundador e vice-diretor do Instituto do Cérebro da UFRN. Ele é o autor do livro *O Oráculo da Noite*, cujo subtítulo, *A história e a ciência do sonho*, nos dá indícios do conteúdo que recheia as páginas dessa importante contribuição, não apenas para a neurociência, mas muito para demais áreas do conhecimento, tal qual a nossa.

No capítulo *Dormir para criar*, de seu livro já mencionado, Sidarta Ribeiro (2019, p. 233) ao nos partilhar suas reflexões acerca da importância da criatividade como ponto central para as mudanças radicais de perspectivas, onde a partir de novas combinações de ideais se geram o extraordinário, desvela o quanto a criatividade onírica foi e é sustentáculo de inúmeras contribuições científicas das quais, por vezes, sequer imaginamos. É na conexão existente entre o sonho e criatividade científica que Sidarta infere, por meio de suas pesquisas, que “a criatividade onírica ocorre mesmo quando submetida ao rigor quantitativo da ciência, desempenhando papel fundamental no seu desenvolvimento”.

Mas que conexão pode haver entre o sonho e a extensão rural? O sonho, o cotidiano, as concepções de si e em especial, a conexão entre olhar para os sonhos dentro de uma perspectiva de interpretá-los com intenção de perceber o silêncio que o discurso por meio da consciência não diz, aquilo que os olhos (talvez não acostumados) não percebiam que o corpo na cena em meio à silêncios tenta dizer, ou até diz e não é ouvido. Enfim, isso inquieta, isso está presente, não ao acaso emergem, em especial, em meio a pandemia, estudos que se voltam justamente para observar o sonho, o sonho que se sonha enquanto a consciência descansa, mas que por vezes assombra, invadido por um imenso estranhamento de si.

[respiro]

Quando Gisele me perguntou quem eu queria ser, isso me reportou diretamente para as perguntas que eu já vinha ignorando que chegavam até mim por meio de meus pensamentos. E em contato com as mulheres, em contato com as experiências ocorridas com elas e ao longo do doutorado, pude perceber que, assim como elas, que em seus casos tinham vinculação com a instituição sindical, no meu a universidade. Quem eu seria se não a tivesse adentrado? Ouvir as narrações de si mesmas dessas mulheres me oportunizou um reencontro com minha própria biografia, reencontro com fragmentos que haviam ficado perdidos no decorrer da trajetória. E, assim como essas mulheres, eu reconheço que graças a vivência acadêmica eu pude ser algo que eu não imaginava que poderia. Eu pude ser outras possibilidades, eu pude sair da trilha já traçada e por meio das experiências vividas, ressignificar, dar outros significados para muitas coisas, além de me reconhecer como sujeito e ser também reconhecida como tal.

Que outras narrativas serão possíveis se estivermos disponíveis para ouvir e falar com? Que possibilidades outras teremos se o protagonismo da fala for compartilhado? Ao recortar meu foco de análise em interesses produzidos pela lógica única, há oportunidade para o impensado? Talvez sair do pedestal acadêmico e ouvir narrativas de si, de outras mulheres,

possa nos ampliar nossa miopia crônica e nos impulsionar a percorrer outros trajetos em direção a outros horizontes inimagináveis. No exercício de pensar com, penso possíveis formas variadas, formas que talvez sejam reveladas a partir dos conteúdos e não o contrário, como nosso habitual fazer investigativo. A tentativa nesse texto-experiência foi de permitir a expressividade que a própria experiência afetiva pulsava, sem que eu pudesse determinar os ditos, sem que minhas limitadas lentes pudessem abafar as histórias contadas por vozes plurais com toda sua individualidade que importa, importa muito!

A História das Mulheres é uma história de exclusão, de apagamentos, de sabotagens, de desvalorizações. Para se atacar a luta das mulheres, que historicamente leva o nome de feminismo, é preciso que nosso protagonismo seja negado. É preciso fingir que nunca lutamos. Por isso é tão relevante conhecer a nossa história (ARONOVICH, 2019, p. 22).

Toda essa experiência recriada nesse texto-experiência ainda tem muito por decantar, talvez eu esteja em um momento que reconheço que abri os olhos para uma outra possibilidade de experienciar o mundo concreto, de fazer mundo, de me pensar no mundo e de atuar no meio acadêmico. Há um universo a ser explorado e vivido! Eu sinto que a virada afetiva, a pesquisa mediada pelos afetos e o reconhecimento do texto enquanto performance, para mim, são como a esperança do verbo esperar, lembrando dos ditos de Paulo Freire quando este difere o esperar da esperança. Me entendo esperando tudo que seja possível quando os afetos adentram a pesquisa, pois cansei de esperar!

POSFÁCIO

[...] sobre as possibilidades de uma escrita-performance: motivada e guiada por afetos, escrita-movimento, escrita-tremor, escrita feminina, escrita menor, preocupada com a sua ética e com a sua política. O que pode dizer uma escrita que se tenta fora do falocentrismo, qual é a sua voz, a sua carne, o seu rosto, qual lugar e autoridade para seus autores, que efeitos sobre seus leitores? (Jean-Luc Moriceau).

Desde que tive uma vaga ideia do que esse texto passava a ser, enquanto ainda estava em gestação, senti uma enorme necessidade de construir o rito final, um rito de abertura de outras possibilidades de parir teses e textos acadêmicos. Pensei então que, evidentemente, no meu curso, eu não poderia obter o título somente por meio de uma performance e nem mesmo tenho lá muito talento para tal, a música, o desenho, a atuação fazem parte da minha vida, mas não à ponto de construir uma performance. Mas, eu poderia construir um texto, que se assumindo performativo, poderia promover essa experiência de performance entre o levantar e baixar de cortinas, as entradas e saídas do elenco em um palco exigido e forjado pela e na academia. Pois bem, chegando no pós-final, digo que não finalizamos essa etapa e isso é muito gritante, muito embora na maioria das vezes não estejamos com ouvidos em condições de ouvir.

O que costuma acontecer nas bancas de defesas? De forma bem simplista respondo que a banca faz muitas e muitas observações, em grande parte bem-vindas e oportunas, mas essas incorporações são realizadas ao longo do texto, tirando do rito o protagonismo de quem passa a ser parte do texto. Veja só, minha ideia é que aqui, nesse espaço seja construído um texto causado, motivado, gerado, despertado, pulsado e feito vivo a partir da experiência pensada e projetada no texto.

E é por isso que eu finalizo este texto-experiência com uma página em branco. Possibilidades... impossíveis de prever...

Pega o lápis... senta comigo e em roda vamos tecer!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto. **Somos todas margaridas**: um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político. 2015. (491 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ARONOVICH, Lola. Prefácio. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. vol. 1, 5 .ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. vol. 2, 5 .ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BETTO, Janaína. **Chega de ficar de fora já chegou a hora de participar**: trajetória política do MMC/SC e o engajamento militante das dirigentes “jovens camponesas”. (Dissertação) Mestre em Extensão Rural, UFSM. Santa Maria, 2016.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRUMER, Anita. Previdência social rural e gênero. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, jan/jun 2002, p. 50-81

BRUMER, Anita. **Gênero e agricultura**: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. Rev. Estud. Fem. [online]. 2004, vol.12, n.1, pp.205-227.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019c.

CONTAG. Marcha das Margarigas 2019. Documentos. Disponível em: <http://www.contag.org.br/index.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=615&dc=1&nw=1> . Acesso em: 08 jan. 2019

COSTA, Cassiane da. Solteirice e relações de gênero na pecuária familiar: além do gado de osso e da boneca de pano. In: COSTA, Cassiane da; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua (Orgs.). **Gênero e Campesinato no Sul do Brasil**. 1. ed. Curitiba (PR): CRV, 2018.

COSTA, Cassiane da; CAMARGO, Kelly Cristina; NARVAZ, Martha Giudice. In: COSTA, Cassiane da; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua (Orgs.). **Gênero e Campesinato no Sul do Brasil**. 1. ed. Curitiba (PR): CRV, 2018.

DELPHY, Christiane. Patriarcado (teorias do). In: HERATA, Helena et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DUARTE, Eduardo. Um estatuto científico para a experiência sensível. In: PICADO, Benjamim; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; CARDOSO FILHO, Jorge. **Experiência estética e Performance**. Salvador: EDUFBA, 2014.

ENFOC. Escola Nacional de Formação da CONTAG. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/>. Acesso em: 09 de mar. 2018.

FACCIN, Rodrigo Duarte. **O trabalho de mulheres assentadas: descortinando desigualdades**. (Dissertação de Mestrado) Mestre em Extensão Rural. UFSM, Santa Maria, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

FRITZEN, Sérgio José. Mística no movimento sindical. In: ENFOC. Escola Nacional de Formação da CONTAG. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/>. Acesso em: 08 de jan. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas – o antropólogo como autor**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

GUMBRECHT, Hans U.. Nosso amplo presente. **Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo**, Ano 4, n. 1, 2012.

KAIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir: uma vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 18, n. 1, p. 161-170, 2010.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MANTOVANI, Camila Alves; PESSOA, Sônia Caldas; BOAVENTURA, Stephanie. Conhece-te a ti mesmo, enfrenta a ti mesmo: os relatos de si como ponto de partida para a produção de conhecimento. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **Afetos [recurso eletrônico]**: Pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau. Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.
- MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Jovens Mulheres Rurais: tessituras de diferenciados projetos profissionais. In: COSTA, Cassiane da; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua (Orgs.). **Gênero e Campesinato no Sul do Brasil**. 1. ed. Curitiba (PR): CRV, 2018.
- MARTINS, José de Souza Martins (org.). **(Des)figurações**: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1996.
- MARTINS, José de Souza Martins. A crise do imaginário rural brasileiro: da roça à tapera. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v.3, n.1, p. 7-23, 2014.
- MENDES, Chirley Ferreira. **Entre trechos de vidas**: juventudes, mulheres e gerações compondo a feitura de pessoas e trajetórias. 2018. 216 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- MIRANDA, Daniel. Apresentação. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- MORICEAU, Jean-Luc. Longe da distância representativa: uma pesquisa que comunica e organiza. In: Ângela Marques et al. (orgs.). **Comunicação organização**: vertentes conceituais e metodológicas. 2 vol. 1 ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017.
- MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019.
- MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela dos Santos. Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido. In: PICADO, Benjamim; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; CARDOSO FILHO, Jorge. **Experiência estética e Performance**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2016.

PIMENTEL FISCHER, M. Ler Judith Butler: sujeito, desidentificação, performatividade. Princípios: **Revista de Filosofia** (UFRN), v. 27, n. 52, p. 165-179, 31 jan. 2020.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**. v. 10, n. 1, 2002.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: A história do sonho. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

RODRIGUES, Carla. Judith Butler. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**: Mulheres na Filosofia, v.6, n.3, 2020, p.99-113. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/judith-butler/> . Acesso: 08 jan. 2021.

RODRIGUES, Carla; LOBATO, Ana Emília. Os feminismos e seus sujeitos. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 52, jan.-abr. 2020.

SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler (Pós-fácio). In: BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARMENTO, Rayza. **Das sufragistas às ativistas 2.0**: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016) (Tese de Doutorado) Doutora em Ciência Política Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. (Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife, SOS Corpo. (sd), 1991.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, Maria Joseli; ORNAT, Marcio Jose; Chimin Junior. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p.63-77, jul.-dez 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras, São Paulo, Edusp, 2000, 194 pp.

STROPASOLAS, Valmir Luiz.. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista Estudos Feministas**, CFH/UFSC, v. 12, n.1, 2004.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. A crise da sucessão geracional e suas implicações na reprodução social da agricultura familiar. In: XXIX CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA, 2013. **Anais do XXIX Congresso Latinoamericano de Sociologia**, Santiago, Chile, 2013.

TIBURI, Márcia. Quem tem medo de Simone de Beauvoir?. In: O segundo sexo 70 anos depois. Caderno especial, edição comemorativa. Editora Nova Fronteira, 2019.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. São Paulo: EDIPRO, 2015.

WOORTMANN, E. F; Gênero e geração em contextos rurais. Organizadores: Parry Scott, Rosineide Cordeiro e Marilda Menezes. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.